
J.C WILLIANS
THE LYCANS
LOBO MEU

The Lycans/ Lobo Meu – J.C WILLIANS

Capa: J.C Willians

Revisão: Lunas Editora

Diagramação Digital: J.C Willians

Imagens: Canva

Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

1ª edição – 2023 / 200 páginas

Ficção Romance Fantasia Urbana

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangíveis ou intangíveis – sem o consentimento por escrito da autora. Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Agora e Sempre

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Epílogo

Prólogo

GRÉCIA ANTIGA

Licaão era o governante do reino de Arcádia, conhecido por ser justo e bondoso com seu povo. No entanto, com o passar do tempo, permitiu que o fanatismo religioso se infiltrasse em sua mente, como um mofo corroendo aos poucos sua sanidade.

Ele construiu um grande templo em homenagem a Zeus, o deus dos deuses. Ao ver tamanha devoção, Zeus fez o reino de Arcádia prosperar. Porém, Licaão começou a oferecer sacrifícios humanos ao deus, matando qualquer forasteiro que entrasse em seu reino, quebrando assim a lei sagrada da hospitalidade.

Zeus, ao saber da crueldade cometida em seu nome, resolveu andar entre o povo de Arcádia disfarçado de forasteiro. Licaão acabou convidando o viajante para um banquete em seu castelo. Durante o jantar, um de seus conselheiros o alertou sobre a possibilidade de estarem diante de Zeus.

Por arrogância, Licaão mandou servir as entranhas que sobraram de um sacrifício para Zeus. No mesmo instante, ao ver o que tinha em seu prato, o deus dos deuses se desfez de suas vestes simples, emergindo em glória e trovões.

— Como se atreve a me desafiar! — As palavras ecoavam no salão do Palácio, fazendo a estrutura tremer e as pessoas se afastarem do deus furioso. — Dei riquezas por sua devoção, mas nunca pedi sacrifícios em troca.

— Perdão! Me perdoe, grande Zeus — Licaão gritava de joelhos, tentando ser ouvido entre os relâmpagos e trovões.

— Pelas mortes e por quebrar nossa lei mais sagrada, condeno a ti e aos teus descendentes a terem sua fera interior despertada.

Então, ao fim da sentença de Zeus, o rei Licaão foi atingido por um raio proferido pela mão direita do deus. A partir daquele dia, Arcádia viu seu rei se transformar em fera, até se tornar mais animal do que humano com o passar do tempo.

Licaão foi o primeiro alfa supremo dos lycans, governando com selvageria e espalhando o caos na Grécia antiga. Até o dia de sua morte, ele e seus descendentes não conseguiram voltar à forma humana, sendo amaldiçoados a viverem como lobos.

Com o tempo, os filhos dos filhos de Licaão adquiriram a capacidade de permanecerem na forma humana. Afinal, o mundo estava mudando, e sua espécie precisava sobreviver. Foi assim que os lycans surgiram e se espalharam pelo mundo. Esta é a história de um pequeno grupo e seu maior desafio.

Capítulo 1

Cidade de Polson. Dias atuais.

Era início da manhã, mas o centro da pequena cidade borbulhava, com todos indo para algum lugar. Miley sorria ao caminhar entre os habitantes, cumprimentando alguns com leves acenos, seguindo em direção ao ponto de parada obrigatório de todos antes do trabalho.

A notável e nada discreta lanchonete *Fengári* , pintada de vermelho e branco, ocupava grande parte da esquina da rua principal da cidade, um ponto de encontro criado por Luna, irmã de Miley. “Discrição não faz parte do vocabulário de Luna.” Brincou Drula, a loba de Miley em sua mente.

Ser um lycan lhe dá a capacidade de se comunicar com seu lobo interior, e se tinha algo que Drula amava, era criar monólogos em sua cabeça. Miley pensou nisso pouco antes de seus pensamentos serem interrompidos ao se chocar com alguém saindo da lanchonete.

— Aí, meu Deus, me desculpe, prefeita Miley, eu estava distraída.

— Tudo bem, Alison. Eu sou dura na queda — brincou Miley com a doutora da cidade, embora conseguisse sentir seu nervosismo, algo típico de um lobo. — Você está bem? Eu te machuquei? — perguntou, analisando a mulher loira à sua frente, ao mesmo tempo que a conduzia para o canto da vitrina da lanchonete.

— Não me machucou, na verdade, eu que devo desculpas. Afinal, também não vi você. — disse Alison com seus olhos azuis fixos no chão, evitando contato visual com Miley, o que acendeu um alarme de perigo na mente dela.

— Vamos, Alison. O que está acontecendo? — falou, tentando tocar o braço dela, mas a viu se esquivar de seu toque, o que aumentou suas

suspeitas de que havia algo errado.

— Desculpa, tenho que ir. — Alison disse ao se afastar mais, mas hesitou, parando no meio do caminho e encarando finalmente Miley, erguendo o olhar até se fixar nos olhos dela… — Miley, se soubesse de algo que mudaria o mundo, contaria para todos? Mesmo que, para isso, tivesse que fazer algo errado e que poderia inclusive machucar alguém? — perguntou, olhando nos olhos verdes oliva de Miley, que a estudava com interesse na calçada.

— Se é preciso fazer algo errado ou machucar alguém, então não começou do jeito certo — ponderou Miley. — Você tem que pensar se vale a pena comprometer seu caráter por algo que não tem ideia se vai mesmo mudar o mundo.

Seu instinto, além de Drula uivando em sua cabeça, diziam que não era uma pergunta qualquer. Quando se é alfa, por natureza, você aprende a interpretar os sinais ao seu redor. O calafrio repentino subindo por sua espinha e os pelos arrepiados a fizeram ter certeza de que algo estava acontecendo.

Alison apenas concordou com um gesto afirmativo de cabeça, afastando-se em seguida, mergulhada em seus pensamentos, afinal já sabia o que tinha que fazer agora.

— Alison?! — Miley tentou chamá-la novamente em vão.

“Não gostei de como ela se afastou de nós; pareceu com medo, há algo no ar.”

Miley comentou com Drula ao observar a doutora partir em seu carro em direção às montanhas.

“Vem coisa por aí! Anota o que estou te dizendo.”

Não pôde deixar de revirar os olhos para o pessimismo de sua loba, talvez estivessem exagerando, afinal, quase nada acontecia na pequena cidade cercada por florestas e montanhas. Entrou na lanchonete, sendo recebida pelos aromas de bacon, café e manteiga. Fechou os olhos por um

instante, inalando aqueles cheiros que tanto amava, um gemido de prazer escapou de seus lábios.

Foi direto para o balcão, onde Luna, sua irmã mais nova, andava de um lado para o outro enquanto atendia os clientes, além de tagarelar com todos ao seu redor.

— Bom dia! Estava pensando se ia entrar ou não. — Luna brincou ao se aproximar com uma xícara de café fumegante para ela.

— Aaah, tudo o que eu precisava — Miley disse, tomando um gole cauteloso na xícara quente antes de sentar-se em um dos bancos em frente ao balcão de madeira. — Você falou com a Alison hoje? Achou ela meio estranha?

— Ela com certeza está emanando nervosismo e medo, o que não é normal para a Alison — comentou Luna, relembrando o momento que atendeu a doutora, enquanto batia o dedo indicador nos lábios finos.

— Também achei, sem dizer que ela me fez uma pergunta bem estranha. — sussurrou, ao se inclinar um pouco sobre o balcão.

— Às vezes, ela só está em um dia ruim — Luna falou ao começar a limpar o balcão. — Não vamos ficar paranoicas.

— Certo — concordou Miley, apesar do alarme gritante em sua cabeça. — Vou escolher uma mesa, pode pedir para trazerem panquecas e mais café, por favor.

— Claro, tudo para a prefeita da cidade — brincou, tocando as mãos de Miley sobre o balcão, na tentativa de transmitir um pouco de calma para a irmã. Se havia algo que ela precisava, era paz, pois estava sempre tensa desde que se tornou alfa da alcateia do Norte.

Miley sorriu ao sentir o reconfortante toque de Luna. Mesmo naquela confusão da lanchonete, ela ainda conseguia arrumar tempo para tentar acalmar seus medos. Se afastou, indo em direção à sua mesa preferida, próxima a uma das grandes janelas, de onde podia ver uma parte da cidade que tanto amava.

Tentando esquecer o sentimento de alerta, Miley olhou ao seu redor. A Fengári estava movimentada, com pessoas comuns e lycans transitando no mesmo ambiente, vivendo em completa harmonia suas vidas, embora os humanos não tivessem ideia com quem compartilhavam o espaço. Desde a evolução da humanidade, sua espécie teve que aprender a se infiltrar e sobreviver sem chamar atenção ao longo dos séculos.

Agradeceu as panquecas quentinhas colocadas à sua frente e se permitiu saborear algumas garfadas. Enquanto comia, notou Luna espalhando sua magia, fazendo-a chegar a todos ali de alguma maneira. Um toque aqui, um toque acolá, e as pessoas que passavam por ela de alguma forma recebiam algo.

"Nossa irmã é incrível", Drula fez questão de afirmar, expressando todo o seu orgulho em palavras.

"Às vezes me pergunto se as pessoas vêm pela comida boa ou para sair com o sentimento de paz no peito", disse Miley com um sorriso na voz ao conversar com sua loba branca.

"Os dois, com certeza!"

Riram, olhando mais uma vez um morador se afastar de Luna com um sorriso genuíno no rosto.

Miley sentia orgulho de ter uma ômega na alcateia, afinal, era um dom raro entre eles. Ter a capacidade de controlar as emoções ao seu redor e senti-las não era algo corriqueiro, mas ela estava orgulhosa de ver como Luna evoluía e crescia, usando com cautela sua habilidade especial.

Seus devaneios e café da manhã foram interrompidos por um grande estrondo que fez tremer o chão por alguns instantes. Muitos se jogaram no chão em busca de abrigo embaixo das mesas, mas Miley ficou em pé, aguçando os ouvidos em busca de mais algum barulho que pudesse lhe dar alguma informação do que estava acontecendo.

Com sua audição aguçada, conseguiu identificar gritos e murmúrios vindo da rua principal. Saiu da lanchonete, disposta a descobrir o que estava acontecendo. Na calçada, avistou ao longe uma grande fumaça se elevando

até o céu, deduzindo que a explosão tinha ocorrido na área mais afastada da cidade, onde ficavam algumas fábricas e o laboratório de Alison.

A sirene dos bombeiros soou ao longe, anunciando a chegada da equipe de resgate. O grande caminhão vermelho parou próximo a Miley por um instante.

— Miley! Parece que foi uma explosão no laboratório — Bryan, o chefe dos bombeiros e beta de Miley, gritou dentro da cabine do motorista. — Alguns dos nossos já estão lá, parece que a coisa está bem feia.

— É nessas horas que vejo você no modo bombeiro, que me sinto sortuda em ser sua esposa — Luna disse, se aproximando dos dois, deixando Bryan encabulado, embora gostasse do olhar de desejo lançado por ela.

— Sério? Tem um incêndio acontecendo e vocês estão pensando em sexo? — Miley repreendeu os dois, olhando espantada de um para o outro ao perceber o desejo no ar.

— Temos que tentar ver o lado bom das coisas. E ter a chance de ver meu marido bombeiro é algo bom demais! — disse, rindo da cara da irmã. — Você vai entender quando encontrar seu destinado — sussurrou mais perto de Miley.

— Tenho um incêndio para me preocupar agora; isso é o de menos.

— Tem espaço no caminhão, por que não vem junto? — Bryan sugeriu, sabendo que sua alfa jamais deixaria de ver de perto o que estava acontecendo.

Miley não pensou duas vezes e deu a volta no caminhão, entrando pela porta do passageiro. Seu instinto dizia para estar lá, era importante para a alcateia, mesmo que o resto da cidade achasse estranho ver a prefeita, em um terno e saias, dentro do caminhão de bombeiros, rumo a um incêndio.

Bryan deu um breve aceno para Luna e partiu em direção à fumaça no horizonte. Pelo retrovisor, viu sua mulher acenar alegremente. Um sorriso surgiu em seu rosto ao constatar que nada abalava o bom humor dela, uma das coisas que mais amava nela.

Quando chegaram ao local, os outros bombeiros já haviam apagado a maior parte do fogo. O que preocupou Miley foi presenciar Denis, um dos seus lobos, tentar conter uma Alison histérica em meio à confusão.

— Denis, o que aconteceu com ela? — perguntou, descendo do caminhão, com Bryan logo atrás.

— Não temos certeza. Ela estava lá dentro quando chegamos, e depois que a resgatamos, não estava falando coisa com coisa — tentou explicar, ao mesmo tempo que segurava Alison presa ao seu corpo.

— Alison! Alison, olha para mim — disse Miley, segurando o rosto dela próximo ao seu, enquanto Denis a mantinha presa. — Você está bem, acabou! Está segura.

— Miley? — Alison tentou focar o rosto à sua frente, entre lágrimas que insistiam em escorrer por suas bochechas. — Eu nunca mais vou estar segura, você não entende. Vocês estão por toda parte — gritou, agarrando Miley pelas roupas, com o olhar de puro pânico, ao ter seus braços liberados por Denis.

— Do que está falando?

Miley tentava entender o que acontecia em meio aos gritos dos bombeiros, às sirenes e aos curiosos. Sua loba pressentia o perigo iminente, o que fazia ela sentir o formigamento da transformação surgir em sua pele. Olhando a sua volta, sabia que seus companheiros de alcateia também podiam sentir. Todos estavam em alerta.

— Vamos, Alison, me diga do que você está falando — insistiu, chacoalhando-a mais forte do que pretendia.

— Eu nunca faria mal a ninguém, mas ele sim, por isso tive que destruir tudo… eu não podia… — As palavras ficaram entaladas em sua garganta ao ver ao longe, escondido entre as árvores, um enorme lobo cinza. Ela ia contar o que estava acontecendo, Miley tinha certeza disso, então o medo tomou conta da fisionomia de Alison, que olhava algo no bosque atrás dela. Por sorte, Denis ainda estava próximo quando Alison desmaiou em seus braços.

Miley virou, encarando o bosque, buscando com seus olhos ágeis entre as árvores a ameaça.

— Bryan! — gritou, chamando a atenção de seu beta, que em uma simples troca de olhares conseguiu entender o que tinha que fazer, correndo em direção ao bosque que cercava a cidade. — Denis, leve Alison para o consultório médico e não saia do lado dela até que eu volte.

— Claro, chefe! Tomem cuidado — pediu, ajeitando a mulher desmaiada em seus braços.

— Eu sempre tomo — respondeu antes de correr na mesma direção que Bryan tinha desaparecido.

Se quisesse, Miley poderia correr muito mais rápido; porém, a saia do conjunto limitava seus movimentos. Por isso, usou seus outros sentidos para encontrar o inimigo. Parou, ofegante devido à adrenalina da caça, no meio do bosque, escutando os sons da natureza. Identificou o farfalhar da folhagem rasteira em direções opostas, o que a levou a crer que havia mais de um. O uivo de Bryan ao longe a alertou de que ele estava lutando ao leste. Sabia que seu beta poderia dar conta daquele problema, por isso seguiu ao Sul em busca do outro invasor.

Correu mais alguns metros, parando algumas vezes para farejar o ar.

“Deixa eu sair, posso encontrá-lo mais rápido que você.”

Drula rosnou para demonstrar sua frustração em estar sendo impedida de emergir por Miley.

“Não podemos arriscar que alguém nos veja; ele está muito perto das trilhas. Sem dizer que eu voltar para a cidade nua, seria, no mínimo, suspeito.”

Disse entredentes, não se importando em falar sozinha entre as árvores, quando um enorme lobo tentou atacá-la pelas costas. Miley se esquivou a tempo, saltando para longe, assumindo uma posição de ataque e encarando seu oponente. Concentrou-se na respiração, enquanto sentia o coração na boca de tão acelerado.

— Saia das minhas terras!

Sua voz saiu mais grave, e o lado animal predominava aos poucos, transformando o verde oliva de seus olhos em um azul límpido. O lobo rosnou, mostrando seus dentes afiados, desafiando-a. A postura dele entregava que Miley estava diante de outro alfa.

— Que se dane! — Miley xingou antes de deixar Drula surgir, pronta para o ataque. Se tinha uma coisa que ela sabia desde que tinha se tornado alfa era que os machos adoravam subestimar sua força. Por isso, aprendeu a usar isso a seu favor. Deixou que ele atacasse primeiro, desviando e cravando os dentes em seu pescoço. Um uivo de dor ecoou, sendo substituído por um de raiva logo em seguida. Os dois lobos rolavam no chão, se chocando contra algumas árvores entre mordidas e arranhões.

Enquanto lutava, Miley estudava os movimentos dele, o que lhe diziam que o lobo misterioso era tão experiente quanto ela na luta corpo a corpo, porém inconstante em suas emoções, o que lhe dava uma vantagem. Ela venceria; era uma questão de tempo, pensou, até que o pedido de ajuda chegou aos seus ouvidos.

“Drula! É o Bryan, ele precisa de nós.”

Miley alertou sua loba, deixando claro qual era a prioridade no momento: salvar o companheiro de Luna. Drula, a contragosto, criou uma distância entre ela e o lobo cinza, rosnando de frustração antes de sair correndo em socorro de Bryan, deixando o inimigo viver dessa vez.

Os uivos de dor aumentavam conforme avançavam. Ela conseguia sentir o vento em seus pelos e o cheiro de sangue preenchendo o ar.

“Se perdemos ele, perdemos Luna também. Mais rápido!”, Miley pedia para a loba branca, sentindo o medo se infiltrar em cada osso do seu corpo ao imaginar a dor que a morte de Bryan causaria em sua irmã.

Quando chegou, a cena não era das melhores. Drula atacou o lobo agarrado nas costas de Bryan, que apesar dos ferimentos severos, mantinha o outro sob sua pata. A luta se equilibrou, literalmente, os inimigos possuíam uma surpreendente força. Entre uivos e rosnados, a terra abaixo deles, aos poucos, era tingida de vermelho. Miley e Bryan se entreolharam, precisavam se livrar deles antes que fosse tarde, reuniram o instinto de

sobrevivência e atacaram em conjunto os adversários, dando fim à luta, saindo vitoriosos.

Voltaram à sua forma humana, nus, parte de seus corpos dilacerados. Os arranhões eram tão profundos quanto as mordidas. O sangue se misturava ao dos inimigos mortos. Encaravam os corpos igualmente nus, ofegantes, enquanto a dor irradiava.

— Reconhece algum deles? — perguntou Bryan, olhando de forma atenta os rostos.

— Com certeza não são das redondezas.

Miley observou, se agachando perto de um deles para ver a tatuagem em seu ombro.

— Isso me parece familiar, sem dizer que ambos têm a mesma tatuagem.

Constatou ao ver que o outro também tinha o contorno do lobo uivando dentro de um círculo.

— Algum tipo de seita? — Bryan se aproximar para analisar a imagem também.

— Não sei, mas estava perto de derrotar o líder deles quando seu chamado me alcançou. — reclamou frustrada ao se levantar esticando os músculos doloridos pela luta.

— Desculpa, alfa, mas eram dois contra um.

— Esquece isso; agora precisamos voltar para casa sem chamar atenção — zombou ao ver Bryan ficar vermelho por lembrar que ambos estavam nus no meio da floresta. — Vamos! — gritou pouco antes de se transformar de novo em sua loba branca, respingada de sangue. Correram por alguns minutos até chegarem aos fundos da lanchonete, onde voltaram à forma humana antes de entrarem pela porta dos fundos do estabelecimento.

Escondida na parede leste, atrás da estante de enlatados, havia uma porta que dava em um pequeno cômodo, onde tinham tudo de que precisavam para pequenas emergências, como roupas e medicamentos.

Miley e Bryan estavam se limpando quando foram surpreendidos por uma Luna furiosa.

— Eu sabia que encontraria vocês dois aqui e ainda por cima machucados — disse fechando a porta atrás de si. — Meu Deus, só não pensei que fosse tão ruim — concluiu horrorizada ao ver os dois sujos de sangue.

— Você também não está com uma boa aparência — brincou Miley ao notar o ar cansado e as olheiras em sua irmã.

— As pessoas estão afoitas e cheias de perguntas; tentei amenizar os ânimos enquanto estavam fora — Luna falava, ao mesmo tempo que examinava os ferimentos do marido. — Nunca vou me acostumar a ver vocês machucados.

— São ossos do ofício. Estou bem. — Bryan sorriu, levantando um dos ombros. Mesmo com dor, não queria deixar sua amada preocupada.

— Vai precisar de alguns pontos no ombro; vou pegar agulha e linha.

Avisou enquanto remexia na caixa de primeiros socorros.

— Enquanto você se recupera, vou até o consultório médico; quero falar com a Alison e ver se Denis sabe de mais alguma coisa.

Declarou Miley, vestida e pronta para sair.

— Irmã, não precisa de curativos?

— Cuide do seu marido; estou bem. Encontro vocês em casa.

Sorriu, saindo. Parou por alguns segundos do lado de fora do estoque, em meio a tantos aromas, suspirou tentando recuperar as forças para enfrentar mais um desafio. Quando gemidos de amantes chegaram aos seus ouvidos.

— Eu ainda estou aqui! Pelo amor, Luna, o homem está machucado.

Enquanto se afastava sorrindo, pôde ouvir as gargalhadas de sua irmã ao longe. Ficava feliz que ao menos uma delas tinha encontrado seu destinado.

“Ele está por aí; só precisamos voltar a procurar.” Lembrou Drula em sua mente.

“Teremos que esperar mais um pouco; temos um problema maior para nos preocuparmos no momento.”



Denis observa a doutora na cama improvisada no consultório da cidade. Após um sedativo forte, ela dormia de forma tranquila, ainda era possível ver algumas fuligens do incêndio nos cabelos loiros longos, o que dava um ar de desamparo nela. Eles não eram amigos, porém seu lobo tinha se afeiçoado a ela naqueles poucos minutos juntos. Ao que parecia, ele teria uma nova amiga para proteger, sorriu, pois sabia que não passaria disso, apenas amizade. Afinal, Denis tinha esperança de que seu destinado não demorasse a aparecer.

— Paula falou que ela vai dormir até amanhã; pode ir embora. Eu assumo daqui em diante. — Miley falou ao entrar no pequeno cômodo logo depois de falar com a médica. — Acho que todos precisamos descansar para encarar o que vem por aí.

— Descobriram algo? — Ele perguntou após o susto se aproximando dela perto da porta.

— Ia te fazer a mesma pergunta. — Deu um abraço rápido em seu velho amigo, um gemido de dor escapou de seus lábios quando as mãos de Denis tocaram suas costas.

— Está machucada; posso sentir o cheiro de sangue — afirmou preocupado. — Eu fico com ela, e a senhorita vai descansar — sugeriu ao perceber o semblante cansado dela.

— Nada disso. Bryan vai precisar de você para uma limpeza no bosque; enquanto isso, vou montar guarda aqui — afirmou, sentando-se na cadeira ao lado da cama com ar de desafio. — Sem dizer que quero rondas nos próximos dias; tem intrusos à espreita.

— Certo, mas me prometa que vai ligar se precisar de uma folga.

— Combinado.

Denis faz uma reverência exagerada antes de sair, trazendo um sorriso ao rosto de Miley que suspira, enfim, ao assumir seu posto de guarda-costas.

“ Espero que a doutora esteja do nosso lado; detestaria ter que machucá-la.” Drula lamentou em sua mente antes de se afastar e deixá-la com seus próprios pensamentos.

— Eu também — disse em voz alta ao observar Alison dormir.



Era fim da tarde quando Alison se remexeu na cama. Sua mente estava confusa, e seus movimentos letárgicos devido ao sedativo. Levou alguns instantes para lembrar tudo que tinha acontecido naquela manhã. Olhou ao redor ainda deitada, buscando entre as sombras do quarto, levando um susto com a mulher sentada na cadeira ao seu lado.

— Está na hora de me contar o que está havendo, Alison — Miley afirmou de forma calma, olhando nos olhos assustados dela.

— E-eu… sei o que vocês são — gaguejou. — Sempre suspeitei, desde que me mudei para cá, achava estranho o fato de a cidade ter mais lobos do que qualquer outra em que já estive. — Alison se recostou na cabeceira da cama, apesar do medo, prosseguiu a falar. — Então, tentei investigar, porém vocês sabem ser discretos.

— Talvez você tenha batido a cabeça de alguma forma em meio ao incêndio — tentou disfarçar, levantando-se. — Vou chamar a doutora para verificar se está bem.

Drula não parava de rosnar em sua mente, o que começava a lhe gerar uma dor de cabeça desnecessária. Por isso, Miley decidiu deixar Alison

sozinha até resolver o que fazer. Porém, antes que chegasse à porta, foi surpreendida mais uma vez.

— Então foi aí que ele me procurou. Ele me mostrou e contou tudo sobre vocês, lycans. — Alison falava envolta nas lembranças com o olhar distante.

“Temos um traidor!”, Drula disse o óbvio.

— Me conte o que você acha que sabe — Miley voltou a encarar Alison, dessa vez em pé, perto da cama, o que fez a doutora se sentir indefesa.

— Miley, você não entendeu. Eu estou do lado de vocês, claro que, como cientista, tenho uma curiosidade por sua espécie, porém minha intenção não é machucar ninguém.

— E do seu amigo? Qual é a intenção dele?

— Esse é o problema, lamento em dizer que ele é um perigo, com certeza — confessou, cabisbaixa.

— Prove que posso confiar em você, me conte tudo desde o começo.

Alison passou os minutos seguintes contando desde o primeiro encontro com o homem misterioso, que fez questão de se transformar em um enorme lobo cinza em sua frente, até o pedido inusitado dele em troca de deixá-la estudá-lo.

— O que ele pediu?

— Me pediu para ajudá-lo a separar o DNA lupino do humano no sangue que ele me trazia, a princípio achei que era o sangue dele, até que percebi que eram tipos sanguíneos diferentes. — Alison sentiu os olhos lacrimejarem ao pensar que estava envolvida com algo criminoso. — Então quando eu o confrontei, fui ameaçada.

— Por isso colocou fogo no laboratório, queria destruir tudo o que descobriu. Estava nos ajudando — disse tocando a mão de Alison em um gesto de gratidão, ainda era possível acreditar nas pessoas afinal. — Obrigada.

— Era o mínimo que podia fazer, mas então vi ele no bosque e agora sei que estou em perigo. Ele com certeza vai querer se vingar, esse homem vai da calmaria ao caos em segundos. Tem um Q de loucura em seus olhos.

— Não está em perigo, agora você tem amigos entre nós. Fique calma — sorriu. — Mas, Alison, esse lycan chegou a dizer o nome dele em algum momento?

— Não, ele se apresentou como Sir J. Porém uma vez o escutei dizer a um dos homens que o protegiam que todos do Sul ficariam surpresos com sua volta.

— A alcateia do Sul?

— Ele disse apenas Sul. — Alison bocejou, em seguida sentindo o cansaço voltar.

— Tudo bem, descanse mais um pouco. Vou fazer umas ligações, mas vou ficar do lado de fora *pra* não te incomodar.

Miley mal tinha terminado de falar e Alison já estava de olhos fechados. Saiu sem fazer barulho com o celular em mãos, pronta para a primeira ligação de muitas.

“Vamos ter que fazer uma visita ao Sul pelo jeito.”

Ela sabia que sua loba estava certa e isso geraria problemas com certeza, afinal nenhum alfa gosta que invadam seu território.

“Mas antes todos os outros alfas precisam saber dessa ameaça, e então poderemos pensar no próximo passo.”

“Lembro que nosso pai era amigo do alfa do Sul antes do acidente.”

A lembrança de seu pai fez Miley sentir um aperto no peito, a dor da saudade ameaçou trazer lágrimas aos olhos. Sacudiu a cabeça para apagar tais sentimentos, afinal tinha muito trabalho pela frente e precisava descobrir até onde os lobos do Sul estavam envolvidos nisso tudo.

Capítulo 2

Alcateia do Sul / Cidade YellowStone

Ele observava o desenrolar da conversa à sua frente, em pé, coluna ereta e mãos cruzadas à frente do corpo, atento a todos os gestos e reações de seu alfa. Por respeito, não utilizava sua audição aguçada para ouvir a pessoa do outro lado da linha, mas não era necessário para ter certeza de que o assunto era sério.

— Eu entendo o que está dizendo. Vocês serão muito bem-vindos se isso é o que os anciãos desejam.

Bono reparou no punho fechado de Jake, seu alfa não parecia nada feliz com aquela visita inesperada, o que significava que o maior medo deles estava se tornando realidade. Trocou o peso do corpo entre os pés, sentindo inquietação, pronto para a luta.

— Espero por vocês pela manhã, meu beta irá encontrá-los na fronteira — afirmou Jake ao trocar olhares com Bono. — E Miley, se me permite dizer, seus pais teriam orgulho de quem você se tornou.

Jake encerrou a ligação com um misto de emoções. Desde que era alfa do Sul, nunca tinha se deparado com algo assim em seus quarenta anos de reinado. Virou a cadeira para a janela, dando as costas para seu beta. Lá fora, o verde dos pinheiros dominava, chamando seu lobo para correr livre. Mas ele não podia, não enquanto um de seus filhos assumisse a posição de líder da alcateia e o outro fosse encontrado. Ouviu Bono pigarrear para chamar sua atenção.

— Preciso que traga Alex até mim ainda hoje — ordenou, olhando a paisagem e ansiando pela aposentadoria e a paz que merecia. — Está na

hora de ele saber a verdade.

— Se me permite perguntar o que fez o senhor mudar de ideia de ontem para hoje.

— Ontem a verdade não estava a poucas horas de bater à nossa porta — disse, voltando para encarar o homem parado em seu escritório, olhando-o com uma de suas sobrancelhas arqueadas. — Não me julgue, meu jovem, sei por que deixei meu filho tanto tempo na ignorância.

— Não estou julgando, alfa, apenas estou tentando entender o que vamos enfrentar e como posso realmente ajudar.

— O que vamos enfrentar? — perguntou com ironia ao se levantar, dando a volta na mesa e parando a poucos passos de Bono. — Fantasmas do passado e a verdade sobre nós mesmos.

Bono olhava o homem de meia-idade à sua frente, seu alfa e modelo, vendo as rugas e o peso da culpa em sua face. Tinha pena por ele, porém temia por seu amigo Alex ao saber toda a verdade que foi varrida para debaixo do tapete durante tantos anos.

— Traga ele, Bono, custe o que custar — sentenciou Jake, dando as costas para ele e indo em direção ao aparador de bebidas, salivando por um gole de uísque.

Bono deixou o escritório do alfa naquela tarde com a pior das missões: trazer o filho rebelde de volta ao lar antes que a bomba explodisse neles.

O som de socos ecoava pela cabana. Alex mantinha o ritmo, mesmo sentindo os punhos doloridos e a dor a cada vez que esmurrava o saco de pancadas.

“Por que você sempre tem que brigar com ele?”

“Porque eu sei que ele está escondendo alguma coisa!”

Alex respondeu ao seu lobo, sem deixar de socar. Só de recordar a noite passada, a raiva voltava com força. Como seu pai, o alfa do Sul, podia ser conhecido entre todos por ser honrado, quando ele podia sentir o cheiro de mentira toda vez que perguntava sobre seu irmão e mãe?

“Tem cheiro de ovo podre.”

Constatou para si mesmo, porém Darius, seu lobo, achou que deveria participar da conversa, afinal, era sua família também.

“ Mas tem algo mais no odor, ainda não sei bem o que é.”

Alex grunhiu, afastando-se do saco de pancadas. Darius tinha a estranha mania de tentar defender seu pai Jake. Encontrou a garrafa de água sobre a bancada da academia improvisada tomando o conteúdo em goles ávidos, quando passos leves anunciaram a chegada dela.

— Imaginei que estaria aqui depois de ontem à noite. — Maya sorriu da porta que dava para a academia.

— Precisava extravasar a energia antes de ir trabalhar — ele confessou se aproximando para dar um selinho na noiva.

— Hummmm, adoro esse seu cheiro todo suado — provocou passando uma das mãos no torso nu de Alex de forma maliciosa.

— Talvez você possa me ajudar no próximo exercício que tenho em mente — disse ao enlaçar a cintura dela.

“Depois disso vou me retirar”, Darius anunciou antes de se esconder em algum canto da mente de Alex.

Ele não entendia por que não podiam esperar a sua destinada, mas Alex sabia das consequências à sua espécie se perdesse sua outra metade e jamais iria querer aquilo.

— Eu adoraria amor, mas você tem visita. — Maya sorriu aumentando a distância entre eles. — Bono está te esperando na sala.

— Que merda! O que ele quer? — reclamou passando a mãos pelos cabelos negros, bagunçando ainda mais eles. — Eu só tenho que voltar

aquela casa semana que vem.

— Assuntos oficiais, foi o que ele disse.

— Baboseira.

— Bom, recado dado. Preciso trabalhar — Maya disse ficando nas pontas dos pés para dar um selinho na bochecha dele — Ah, trouxe sua vitamina. Percebi que não tinha tomado ainda.

Ainda perdido em perguntas, Alex aceita as pílulas oferecidas e as engole a seco mesmo. Depois disso, mal percebe quando ela sai, ao pegar uma toalha limpa para secar o suor e colocar a camisa seca que está largada na bancada também.

“Se Bono veio até nós depois de tudo que aconteceu no jantar de ontem, coisa boa não é.”

“Olha, decidiu aparecer de novo. Alex zomba já a caminho da sala pelo corredor. Só tem uma maneira de descobrir né.”

Assim que ele avistou Alex entrar na sala, se levantou, batendo a mão em punho duas vezes no peito, fazendo a saudação do Sul para seu alfa.

— Tão formal hoje — brincou Alex, ao se aproximar para um abraço em seu amigo mais antigo. — O que meu "carrasco" quer dessa vez?

— Você precisa ir comigo até lá para descobrir.

— Nem pensar — riu com desdém, ao sentar-se no sofá da sala, fazendo um gesto com a mão para que Bono fizesse o mesmo.

— É sobre o John. — Bono soltou de uma vez, e percebeu a postura relaxada de Alex se tornar tensa, com a postura ereta, olhos cravados nele e punhos fechados ao lado do corpo.

— Ele voltou?

— Seu pai está pronto para contar a verdade, por isso…

Ele não precisa ouvir mais nada, levantou-se num rompante, pegando apenas a chave da camionete, e saiu, deixando Bono para trás. Afinal, não precisa de escolta ou um guia, conhecia o caminho de cor.

Como contar a um filho que tudo o que ele acredita é mentira? Jake se questionava. Ainda sentado em sua cadeira no escritório, aguardava o confronto com seu filho caçula. Ele imaginava que talvez tudo tivesse sido mais fácil anos atrás, enquanto alisava a barba grisalha e era levado pelas lembranças do dia que mudou sua vida.

— Agatha! Agatha! — gritou ao entrar em casa, procurando a esposa.

Foi de cômodo em cômodo, e as crianças não estavam, pois ainda estavam na escola. Ele poderia confrontar sua esposa a sós. Encontrou Agatha na biblioteca, lendo um livro como se não tivesse ouvido ele chamá-la o tempo todo.

— Não me ouviu te chamar? — perguntou ao entrar no cômodo e fechar a porta.

— Claro que sim, mas pensei que me encontraria mais cedo ou mais tarde, querido — a última palavra dita com certa ironia. Ela fechou o livro e o deixou de lado.

— Como pode fazer isso? — questionou, sentindo o próprio lobo rosnar pedindo para sair.

— Calma, Jake, por que não me conta do que você está falando primeiro.

— O resultado dos meus exames chegou hoje, e o médico pediu pra me ver. Por um momento, pensei que fosse alguma doença grave — riu com ironia, andando de um lado para o outro e olhando a mulher sentada à sua frente, fingindo-se de inocente. — Imagine a minha surpresa ao saber que estava sendo envenenado com alguma substância que nem o médico sabe bem o que é.

— O que faz você achar que eu sou a responsável por isso, querido —

choramingou, tentando parecer ofendida.

— Porque junto disso tudo, meus níveis de cálcio estão elevados. Então, me lembrei que você adora me servir leite com mel para minha insônia. — Jake falou ao colocar as mãos sobre os braços da poltrona, encurralando Agatha. — E adivinha? O médico disse que o cálcio do leite ajudou meu corpo a absorver melhor a toxina quando eu o questionei sobre esse hábito.

— Quem diria, você não é tão tolo quanto pensei.

Ele viu o rosto da mulher que amava se transformar. Não havia inocência ou ternura, mas, com certeza, ódio e algo mais. Jake sentiu um arrepio subir pela coluna, como se água gelada se infiltrasse em suas veias, o impedindo de se mexer. Isso deu a chance que ela precisava para se levantar e aumentar o espaço entre eles.

— Por que me envenenar? Você é minha destinada, não deveria querer meu mal.

— Aí está o problema. Eu não sou sua destinada, nunca fui.

— O que? — as palavras saíram como um rosnado. Jake podia sentir a transformação chegando.

— A toxina vem da planta beladona que, em nós lycan, tem a capacidade de inebriar os sentidos do lobo. Eu precisava que você achasse que éramos destinados. — Agatha confessou, aproximando-se mais da porta. Talvez seus planos ainda não estivessem perdidos, só precisavam ser alterados. — Você foi apenas um meio para um fim muito maior do que essa família ridícula. Eu nunca amei você.

Ele não queria atacar, sentia os tremores e a respiração ofegante, mas aquela mulher estava zombando dele e de tudo o que tinham construído juntos. Então, quando Agatha abriu a porta e correu, seu lobo saltou, entregando-se ao instinto de caça e vingança. O homem cedeu lugar à fera.

Porém, ao entrar no corredor, pronto para rasgar a garganta da traidora, Jake sentiu seu lobo se refrear, parando a poucos metros da porta

da frente.

— Olha querido, os meninos chegaram da escola — anunciou, estampando um sorriso no rosto.

A raiva ainda borbulhava em seu ser, mas o lobo se viu preso no olhar de medo de seus próprios filhos, e ele não gostou disso. Uivando de frustração, deu a volta e saiu pela porta dos fundos para a floresta.

Jake olhou para o copo vazio em sua mão; não tinha certeza de quantos já tinha tomado, uma vantagem que seu lobo lhe proporcionava. Podia beber litros e não ficava bêbado, benefícios de ser descendente de uma linhagem tão pura. Suspirou, detestava recordar o passado e as consequências daquele dia.

Depois que voltou para casa, após horas como lobo, soube que Agatha tinha inventado uma história diferente para seus filhos. Ela mentiu, dizendo que ele a havia traído, que seu coração estava partido porque a ligação tinha sido rompida. Aquela megera tinha colorado seus filhos, crianças inocentes, contra ele.

— Ele voltou? — Alex questionou ao entrar no escritório sem bater.

— Sente, filho, temos que ter uma longa conversa — pediu, apontando a cadeira à sua frente.

Não podia acreditar no que estava ouvindo. Sua mãe, uma traidora mentirosa? Ela estava viva? Nada que seu pai dizia fazia sentido na cabeça de Alex. As unhas estavam cravadas nos braços da cadeira, sentindo o estofado ser perfurado a cada nova revelação.

— Então, desde que descobri tudo e como ela estava manipulando vocês contra mim, fingindo estar em depressão pela minha suposta traição. — Jake andava pelo escritório, desembuchando cada detalhe que fizesse

Alex entender a verdade. — Tentei reunir provas para pedir o exílio de Agatha da alcateia, mas infelizmente ela escapou antes.

— Ela se matou, pai! Eu vi o sangue na banheira. John e eu encontramos ela morta por sua causa — rosnou, levando-se para enfrentar o pai.

— Não, Alex, foi só mais uma artimanha dela — confessou, balançando a cabeça de forma negativa. — Agatha aproveitou que tive que viajar para tramar a suposta morte, o corpo nunca chegou na funerária, e eu menti para vocês.

— POR QUÊ?! POR QUE MENTIR PARA NÓS E DEFENDER UMA MULHER QUE TE FEZ TANTO MAL! — berrou cara a cara com o pai, podia ouvir os rosnados de Darius e o início da transformação em sua pele.

— Estava defendendo vocês e não nego que senti alívio quando ela partiu. Achei que tudo ficaria mais fácil, mas minha relação com John só piorou e você ergueu um muro em sua volta — lamentou.

— É claro! Eu cresci achando que minha mãe tinha se matado por sua causa. — A cabeça de Alex girava com as lembranças da mãe e do irmão, da família que era perfeita até a traição. Só que não do seu pai, mas da mulher que ele chamava de mãe.

— Alex, isso não é tudo — falou, tocando o ombro do filho para trazer sua atenção para o presente.

— Tem mais?

— Recebi uma ligação hoje de manhã da alfa do Norte; ela tem evidências de que um lobo se mostrou para uma humana e de que está tramando algo para nos revelar ao mundo.

— Acha que é a mamãe? — perguntou incrédulo.

— Acho que tem dedo dela sim, mas o lobo se denomina como Sir J.

“ Era um dos apelidos de John em nossas brincadeiras.” Darius lembrou.

— John e ela estão juntos? — Alex perguntou mais para si do que para Jake. “ Ele deve estar sendo manipulado ainda.” Pensou.

“ Um homem de trinta anos? Acho difícil de acreditar.” Zombou Darius.

“ Ele conhece só a versão dela da história, lembra que de nós John era o mais apegado a mamãe.”

“ Cara, para de chamar ela assim! ”

— Alex, isso agora não importa. Amanhã teremos lobos de fora por aqui, gostaria de ter você ao meu lado — pediu enquanto se sentavam no sofá de couro encostado na parede do escritório. — Temos que mantê-los a par do que achamos conveniente e encontrar seu irmão antes que seja tarde demais.

— Certo, eu concordo. Mas preciso pensar um pouco, esse lugar está me sufocando — declarou, tirando a regata que ainda vestia, precisava liberar Darius e correr. Isso sempre ajudava a pensar. — Como consegue viver aqui sabendo que tudo não passou de mentiras. Como?

— Porque vocês, meus filhos, não são uma mentira — Jake disse com lágrimas nos olhos, agarrando o rosto do filho entre as mãos.

Alex não conseguiu dizer mais nada; liberou seu lobo negro, curvou-se e emergiu como animal. As grandes patas não combinavam com azulejos; era sempre um desafio. Mas o cheiro de chuva lá fora chegou ao focinho dele, aumentando sua vontade de correr livre entre as árvores. De repente se viu imerso pelo som da floresta, como um pequeno roedor ou o canto alegre de um pássaro, um chamado da natureza, uma promessa de paz momentânea. As portas do fundo davam diretamente para o seu refúgio repleto de árvores. Afundou as patas na terra molhada, sentindo a alegria percorrer pelo seu sangue; em pouco tempo, seus pelos estavam encharcados pelas gotas abundantes que caiam do céu, e ele correu sem olhar para trás, onde Jake observava com pesar ele se afastar. Alex e seu lobo ainda tinham fé de que podiam salvar sua família, pelo menos uma parte dela.

Quando voltou à sua forma humana, já era noite; chegou em casa coberto de lama e nu. Estava cansado e com uma forte dor de cabeça; teve que se esgueirar pela mata até a porta dos fundos. O cheiro do jantar chegou até seu nariz, fazendo seu estômago roncar, lembrando que não comia nada desde de manhã. Caminhou até a cozinha, onde Maya mexia uma panela no fogão enquanto dançava.

— Ainda bem que chegou, o jantar está quase pronto — falou, ainda sem se virar para ele. — Amor, o Alan ligou para saber por que não apareceu para o seu turno na delegacia. Aconteceu…

Maya parou em choque ao se virar e ver o estado dele, imundo como um cão de rua.

— O que houve?

— Dia difícil. Preciso de um banho, depois ligo para o Alan e explico tudo.

— Espera! O que aconteceu? Foi seu pai? — questionou, segurando o braço dele, não se importando em se sujar.

"Não conta para ela!"

"O quê? Maya é nossa noiva, de confiança, Darius."

"Era o que pensávamos sobre nossa mãe todos esses anos. E eu nunca gostei desse noivado."

"Para de drama, temos muito mais para nos preocupar."

— Alex? — Maya chamou sua atenção, ele parecia estar em uma discussão interna e isso não era bom.

— Desculpa, não é nada para se preocupar. O mesmo de sempre, ele quer que eu assuma a alcateia e blá, blá, blá — disfarçou, afinal não precisava de um lobo contrariado em sua cabeça depois daquele dia. — Vou tomar banho e depois desço pro jantar.

Conseguiu se afastar sem mais perguntas, subindo as escadas até o quarto. Ao entrar no banheiro, apoiou as mãos na pia encarando seu reflexo no espelho. Mal se reconhecia. Seus olhos negros se destacavam em meio à

lama marrom; porém, no fundo, podia ver o brilho azul da íris de seu lobo, dando-lhe a certeza de que, assim como ele, Darius estava ansioso para começar as buscas. Alex só esperava que o povo do Norte não atrapalhasse seus planos.

Capítulo 3

O pequeno jardim era o seu lugar preferido na casa. Sentado no banco de pedra, um tanto pequeno para seu corpo, fechou os olhos e inalou o aroma das rosas. Bryan detestava ter que machucar outros lobos; isso trazia péssimas memórias, mas faria qualquer coisa para proteger sua família. Olhou a lua brilhando no céu, sorrindo ao lembrar de sua Luna. Ela tinha salvado sua vida de tantas maneiras.

— Estamos bem enrascados se você está aqui com essa cara — Luna afirmou depois de entrar no jardim no fundo da casa.

— Queria poder mentir para você e dizer que está tudo sob controle — tentou brincar, olhando para sua esposa. Sua aparência estava melhor, mas podia ver sombras de seu cansaço. Aquele dia não estava sendo fácil para nenhum deles. — Vem aqui — falou, batendo em sua coxa direita.

Luna saltitou até ele, fazendo seu vestido florido balançar. Parou na frente dele com um sorriso malicioso nos lábios carnudos. Bryan foi surpreendido quando ela se sentou em seu colo, envolvendo suas costas com as pernas. Segurou suas costas com as mãos para que não se desequilibrassem do banco.

— Você sempre faz o inesperado — riu, apesar do dia péssimo.

— Tudo por esse sorriso que eu amo — declarou, usando o polegar para contornar os lábios dele.

Bryan a beijou como se não fizesse isso há dias, amava sentir como Luna brincava com seus cabelos enquanto a devorava com a boca e os seus gemidos o levavam à beira da loucura.

— Pelo amor de Deus! Temos quartos na casa — berrou Miley ao ver os dois se agarrando no banco.

Eles parecem mais coelhos que lobos. Riu Drula.

— Desculpa, chefe — Bryan se desculpou, levantando com Luna ainda com as pernas envoltas em sua cintura. — Vida, você tem que descer — sussurrou para ela.

— Poxa, você tem um feeling para empatar a gente, irmã.

— Me desculpa, mas se usassem mais o quarto eu não seria uma empata foda — falou com as mãos na cintura na tentativa de parecer brava. No fim todos caíram na gargalhada.

— O que descobriu com a Alison? — Bryan perguntou logo em seguida, trazendo Luna para perto de si, para tranquilizar seu lobo. Ela lhe deu um sorriso rápido antes de se virar para Miley.

Nos minutos seguintes, trocaram informações na sala enquanto tomavam café. Miley contou sobre o traidor do Sul e Bryan sobre onde tinham enterrado os corpos.

— Então qual é o plano agora? — Luna perguntou apreensiva, segurando uma das mãos de Bryan, sentados lado a lado no sofá.

Miley sabia do peso que viria com a responsabilidade de ser a alfa. Aceitava bem aquilo na maior parte das vezes, mas naquele instante desejava ter com que dividir seus próprios medos. Era necessário aparentar sempre força e sensatez, ainda mais quando tantos dependiam de você.

— Bom, assim que a Alison receber alta, pedi ao Denis que a trouxesse para cá. Então, você e ele, Luna, protegem ela, enquanto nós dois — fez um gesto com a mão, indicando Bryan e a si mesma — vamos até o Sul para saber o quanto eles sabem ou estão envolvidos.

— Isso é arriscado demais! E se for uma armadilha? — perguntou Luna, temendo pela vida das duas pessoas que mais amava na vida.

— Não precisa ficar nervosa, vida — Bryan disse, acariciando as costas da esposa. — Tenho certeza de que a alfa se preveniu e, sem dizer,

que eu sou muito bom no que faço.

— Bryan está certo. Ele é ótimo em proteger, porém todos os anciãos sabem onde estaremos, e tenho que mantê-los informados, então, se desaparecermos, sabem onde procurar — garantiu, já se levantando e esticando os músculos doloridos. — Bom, agora que definimos tudo, preciso descansar antes da viagem.

Ela se despediu, deixando os dois conversando na sala. Precisava urgentemente de um bom banho quente e de sua cama.

"Isso, se você conseguir dormir, está tensa demais," afirmou Drula.

"Como não estar?"

— Miley, espera! — pediu Luna antes que ela chegasse ao fim da escada que levava para o piso superior.

— O que foi?

— Deixa eu te ajudar. Usar um pouco do meu dom para aliviar sua tensão — sugeriu com um sorriso, chacoalhando os dedos da mão direita levantada. — Uma noite de descanso merecido para você.

— A que preço? O seu cansaço? — questionou, se aproximando, mas não deixando que Luna a tocasse. — Eu jamais colocaria meu bem-estar acima do seu, prometi sempre te proteger para nossos pais. Sem dizer que gosto de ficar em alerta.

— Não é justo — choramingou.

— Nem sempre é, nós duas sabemos disso. Mas agora chega, vamos descansar. Amanhã será um dia longo — suspirou, dando um selinho rápido na bochecha da irmã, não dando tempo para que ela tentasse usar sua magia de ômega.

Haviam se passado algumas horas, e Miley ainda rolava na cama com a cabeça cheia de pensamentos. Sentia-se em um carrossel em que não conseguia descer.

"Talvez amanhã seja um dia melhor do que esperamos," comentou sua loba, tentando ser otimista.

"Com certeza deve ser melhor do que hoje."

"É assim que se fala!"

"Ah, Drula, tento ser tão otimista quanto você. Mas sinto que tem algo mais nessa história toda."

"Por que diz isso?"

"Se fosse apenas nos revelar para o mundo, ele já teria provas suficientes, não acha? Desconfio que o plano seja mais complexo."

"Não importa o que seja, vamos enfrentar juntas como sempre," encorajou Drula, trazendo um sorriso ao rosto de Miley, que ainda encarava o teto do quarto.

"Eu sei disso! Mas espero que você saiba que nossa ausência aqui me obriga a pedir para o Simon assumir a prefeitura por um tempo."

Miley não ficou surpresa ao ouvir rosnado. Se tinha alguém que Drula não gostava, era o vice-prefeito. Ela entendia o ranço, afinal, ele sempre parecia querer roubar o lugar delas até na alcateia.

"Ele detesta a gente só porque não conseguiu ser o alfa."

"Drula, temos que tolerar ele, sabe que Simon é filho de um dos anciãos e precisamos manter os ânimos calmos."

"Até ele dar o primeiro ataque, então será justificado eu machucá-lo."

"Sim, mas até lá, vamos fingir que acreditamos que ele nos aceitou como líder."

"Invejoso de merda!"

Riram juntas ao lembrar de todas as ocasiões em que Simon tinha tentado desafiá-las, seja de forma direta ou indiretamente. Isso ajudou a distrair a mulher e a loba, levando-as a adormecer faltando algumas horas para o nascer do Sol.

Como combinado na noite anterior, Miley e Bryan partiram o mais cedo possível de carro em direção à fronteira que ligava as duas alcateias. Levariam algumas horas para chegar ao destino, mas nenhum dos dois

estava com disposição para conversar. O som do rádio preenchia o silêncio com música pop que não combinava com o clima tenso.

— Quem vai estar nos esperando mesmo? — perguntou Bryan, sem desviar os olhos da estrada.

— Bono, o beta do Sul — respondeu, olhando a vista pela janela.

— Não deveríamos ir em nossa forma de lobo? Seria mais seguro, com certeza. — Afirmou, apertando o volante. Miley podia ver os nós dos dedos brancos dele de tanta força.

— Não é um confronto, lembre-se disso — disse, tocando o braço dele. — Além do mais, não seria nada legal andar por lá pelada.

Acabaram rindo da brincadeira, mas o riso morreu à medida que avançavam pelo caminho.

Ao chegarem na fronteira, atrás de uma linha imaginária, que para humanos não passava apenas de uma separação das duas cidades, um SUV preto esperava por eles. Bryan estacionou ainda do lado do Norte, onde ficaram encarando o outro carro até que um homem loiro de cabelos curtos saiu e se encostou no capô, ficando de braços cruzados.

— Pronta?!

— Eu nasci pronta — brincou antes de abrir a porta do veículo e descer.

Caminharam juntos, atentos não só ao homem à frente deles, mas também a qualquer movimentação suspeita ao redor.

— Miley Stuart?

— Sim. E você é?

— Bono, prazer. — Estendeu a mão para um breve cumprimento. — Sou beta do Sul e hoje guia de vocês.

— Esse é Bryan, meu braço direito. — Miley disse enquanto observava eles trocarem um aperto de mãos.

— Bom, apresentações feitas, vamos ao que interessa. Sigam meu carro, vamos passar pelo centro da cidade até a encosta, é onde a casa do alfa está. Eles estão esperando vocês.

— Eles? — indagou Bryan desconfiado.

— A família toda quer dar boas-vindas e esclarecer as coisas.

— Ótimo! Então não vamos perder tempo — Miley falou ansiosa para voltar para casa. Agora que estava tão próxima do confronto, sentia arrepios na coluna e, de alguma forma, sabia que era muito mais do que ansiedade.

Mais dez minutos de carro e uma passagem rápida pelo coração da cidade, que fervilhava de pessoas alheias ao perigo, e já estavam na encosta das colinas que cercavam todo o lugar.

Miley e Bryan ficaram impressionados com as pequenas cabanas e casas construídas em meio à natureza, sem destruir, mas incorporando as estruturas ao verde. Claro que estacionaram na frente da maior delas.

Até sua loba estava estranhamente quieta. A sensação de que algo está errado fazia ela sentir as mãos úmidas e a boca seca. Por fora, Miley parecia a calma em pessoa, mas por dentro, temia o que estava atrás da porta.

Viu Bono tocar a campainha e estava ciente de Bryan ao seu lado, pronto para atacar se fosse preciso. Ela também estava. Lutar era o que sempre fez, mas no momento em que a porta foi aberta e o aroma de canela a invadiu, despertando o que tinha procurado por anos.

"MEU!" Ouviu sua loba se manifestar pela primeira vez naquele dia.

— Bem-vindos! É bom dar um rosto à sua voz, Miley.

Ela sorriu e cumprimentou o homem de cabelos grisalhos. Pela forma como a tinha recebido, era o alfa Jake, com certeza. Mas não era a fonte do cheiro que fazia seu nariz coçar, pensou, enquanto observava Bryan se apresentar.

— Mas entrem, por favor. Não fiquem parados na porta — pediu Jake, dando passagem.

— Obrigada, temos muito o que conversar. — Disfarçou Miley, entrando, seguida por Bryan logo atrás.

Então, tudo se tornou um filme em câmera lenta. Drula não parava de uivar ao ter certeza de que o cheiro vinha de dentro da casa, o que atrapalhava o raciocínio de Miley. Não era possível que seu destinado tinha escolhido aquele momento para aparecer, mas Miley soube que era sim ao ver o homem de cabelos pretos como a noite pelo corredor surgir.

"MEU!" Drula afirmou.

"MERDA!" Miley disse, praguejando.



Alex não conseguia parar de bater a perna, sentado no sofá na casa de seu pai naquela manhã, esperando os lobos do Norte. Ele não conseguia deixar de pensar que estavam cometendo um erro ao trazer o inimigo para dentro. Olhou Jake do outro lado da sala, andando como um tigre enjaulado, esperando a grande chegada deles também.

— Se vocês continuarem assim, vão fazer buracos no chão. — Maya sussurrou, colocando uma das mãos na coxa dele para parar o movimento.

“ Me explica por que ela teve que vir conosco mesmo?” Darius perguntou de forma irônica, mas Alex decidiu ignorar a provocação.

— Por que estão tão nervosos com essa visita? — ela perguntou, chamando a atenção de Alex. Eles conversavam com a voz baixa.

— É apenas de praxe, nada demais.

— Alex, se vamos nos casar e eu ser a esposa do alfa, você precisa confiar em mim.

Ele travava uma batalha interna sobre contar tudo ou não, mas não houve tempo para decidir; a campainha ecoou na “cabana”, trazendo sua atenção toda para a frente.

Jake respirou fundo, trocou olhares com o filho e desapareceu no corredor para atender a porta.

De onde estavam, na sala, Alex não conseguia ver a entrada da casa, apenas ouvia murmúrios da conversa.

Sentiu Maya se levantar, e podia jurar que ela chamava por seu nome, parada ao seu lado, mas, assim que o aroma de pêssego o invadiu, dando água na boca, Alex ficou petrificado, sentado e olhando para frente.

"MINHA!"

“Alex, ela nos encontrou.”

“Impossível!”

Se levantou em um rompante, saindo do transe em que estava, ignorando Maya preocupada e Darius em euforia em sua cabeça.

Entrou no corredor e se deparou com a mulher com cheiro de pêssegos, mais baixa que ele, olhos verdes e tão espantada quanto ele. Era como se Alex pudesse ouvir seus corações se ligando e batendo no mesmo ritmo.

Sentiu Maya enlaçar seu braço e conduzir eles até o pequeno grupo.

— Bem, esse é Alex, meu filho, e Maya, sua noiva — Jake anunciou para todos.

— Noiva?

Capítulo 4

— Noiva? — Miley não conseguiu frear a pergunta indiscreta que escapou de sua boca. — Perdão, somos Miley e Bryan — emendou antes que a situação ficasse ainda mais estranha.

— Muito prazer, e sejam bem-vindos ao Sul — Maya falou sorrindo e estendendo a mão para os convidados.

Miley encarou a mão estendida, com uma das sobrancelhas arqueada. Não conseguia retribuir o gesto, o que era ridículo, afinal, não havia motivo para não gostar da ruiva estonteante à sua frente. A não ser pelo fato de ela estar pendurada no braço dele.

"É nosso, não dela," Drula reclamou, trazendo uma pontada de dor em sua cabeça.

"Ele não parece se importar muito com isso."

Miley observou seu beta assumir e cumprimentar o casal. Sua falta de educação poderia ser considerada uma afronta, e tudo poderia sair do controle.

— Me desculpem, mas podemos tratar sobre o assunto que nos trouxe até aqui? — questionou, querendo dar fim àquelas apresentações desnecessárias. — Quanto mais rápido esclarecermos tudo, mais rápido podemos voltar às nossas vidas.

— Claro! Você é tão direta quanto seu pai — Jake sorriu ao lembrar do velho amigo e ao ter um vislumbre dele em sua filha. — Vamos até meu escritório, e quem sabe podemos ter um tempo para que eu possa te contar algumas histórias sobre seu pai e eu.

— Eu adoraria ouvir.

O pequeno grupo seguiu Jake até o escritório, passando pelo corredor estreito. O anfitrião seguia na frente, com seu beta ao lado, no meio Miley e Bryan, e por último, Alex e a noiva. Os pelos da nuca estavam arrepiados. Miley podia jurar que ele tinha os olhos cravados nela. Sentiu o toque da mão de Bryan em suas costas. Seu nervosismo era notado por ele, que perguntou, movendo apenas os lábios, se estava tudo bem. Ela acenou de forma positiva, esforçando-se para dar um sorriso. Mas aqueles breves segundos, naquele corredor de paredes brancas e retratos, com possíveis inimigos e o inesperado homem de olhos negros, que emanava raiva, logo atrás dela, a faziam se sentir encurralada.

Quando chegaram ao escritório, Jake tomou seu lugar atrás da mesa, indicando as cadeiras em frente para seus convidados. Pouco antes de sentar-se, Miley notou Bono ficar em frente à porta, bloqueando a saída deles, trocou olhares com Bryan. Porém, não pôde deixar de reparar no casal sentado no sofá próxima à parede também.

— Querem beber algo? — Jake questionou, apontando para o aparador de bebidas.

— Não, obrigado — responderam juntos Miley e Bryan.

— Eu com certeza preciso de uma bem forte — Alex avisou, com a voz rouca, ao se levantar em direção às bebidas.

— Prepara um martíni para mim, amor. — A voz melosa fez Miley fechar as mãos em punhos e respirar fundo. Porém, ao soltar o ar, não pôde evitar soltar um rosnado engasgado. Tentou disfarçar com uma tosse.

— Perdão — pediu, evitando o olhar de Alex, parado à sua direita com um copo na mão e um olhar curioso. — Vamos ser honestos uns com os outros. Sabem que nossa espécie está a um passo de ser exposta, e temos evidências de que talvez um lobo do Sul seja o líder e traidor por trás de tudo isso.

— Quais evidências? — perguntou Jake, desviando o olhar de Miley ao mesmo tempo que aceitava um copo de uísque oferecido pelo filho.

— Uma testemunha que teve contato direto com o tal Sir J afirma que ele disse que ficariam surpresos com o seu retorno.

Um breve silêncio se instalou. Miley notou as trocas de olhares entre os lobos do Sul. Eles sabiam do que ela estava falando.

— Além de que um dos nossos conseguiu recuperar as imagens do laboratório atacado — afirmou Bryan ao pegar o celular do bolso da calça jeans, mostrando imagens nítidas de lobos cercando o local pouco antes da explosão. — Nossa testemunha reconheceu o lobo cinza como o líder.

Jake pegou o celular nas mãos para examinar melhor. Seu coração batia rápido, desejando que eles estivessem errados. Sentiu quando Alex ficou atrás de sua cadeira para ver o lobo tão familiar para ambos. Haviam se passado vinte anos, porém um pai reconhece seu filho.

— Parece que sabem quem é, pela expressão e energia que estão mostrando. — Miley acusou, recebendo um olhar fulminante do homem de cabelos pretos que caíam sobre a testa de uma forma desconcertantemente fofa.

— Essas imagens não nos ligam a nada — desafiou Alex, sem desviar o olhar.

— Não, mas eu apostaria que sabem quem é. — Miley não se deixou intimidar.

— Espero que goste de perder porque……

— Filho, chega! — Jake pediu, ainda encarando a imagem. Entregou o aparelho a Bryan, voltando a olhar as pessoas em seu escritório. Estava mais uma vez encarando um momento decisivo na sua vida. — Você está certa…

— Pai?

— Sente, Alex, por favor. Chega de mentiras — esperou o filho sentar-se mais uma vez ao lado da noiva, que acompanhava tudo com olhos curiosos. — Sir J, ou o lobo cinza, como o conhecem, é meu filho mais velho, John.

— Sabem o que ele planeja? Estão envolvidos? — Miley perguntava, receosa das possíveis respostas.

— Claro que não, até porque, se estivéssemos envolvidos, íamos nos declarar culpados — ironizou Alex do sofá, soltando uma risada rouca.

— Se não percebeu, estou dando a chance de se redimirem ou confessarem. Além de estar colocando em risco a minha vida e do meu beta vindo até aqui às cegas — disse Miley de forma sincera, virando pela primeira vez para olhá-lo no sofá. Porém, ver a ruiva ao lado dele revirava seu estômago.

— Parem os dois! — Jake falou, tentando estabelecer a ordem novamente. — Miley, não estamos envolvidos em qualquer que seja o plano do meu filho. Porém, creio que John esteja confuso e queira, de alguma forma, nos atingir.

— Confuso com o quê?

— Assunto de família, lobinha — rosnou Alex, entredentes.

Miley não pensou nas consequências. Antes que pudesse se frear, estava cara a cara com Alex, que, por reflexo, se levantou a tempo, rosnando um para o outro.

— Me chamou do quê? — Ela encarava os olhos pretos, e o perfume dele era tão bom que quase fazia Miley esquecer da raiva.

— Não rosne para mim, lobinha — Alex provocou, diminuindo ainda mais a distância entre eles. O clima era tenso. Miley viu, pelo canto de olho, Bryan entrar na frente do beta do Sul, que de alguma forma tentava chegar até eles. Estavam travando uma batalha de olhares para ver quem desviava o primeiro.

— Nem pense nisso. — Ouviu Bryan dizer ao bloquear o caminho de Bono.

— Basta! Temos um problema maior fora dessa sala! — Jake gritou ao se aproximar, separando o filho da alfa do Norte, quebrando a estranha magia entre eles. Se a situação fosse outra, poderia apostar que estavam se divertindo com aquilo.

— Amor, seu pai está certo. Vamos nos acalmar — pediu Maya ao puxar Alex para sentar-se novamente.

— Afff, ninguém merece — Miley reclamou, levantando as mãos para o céu ao ouvir o apelido meloso usado entre o casal. — Bryan, chega. O alfa está certo, o inimigo não somos nós. — Notou seu beta se afastar de Bono e ficar de guarda próximo a ela, enquanto Miley chegava mais perto de Jake. — E por isso vou dar um voto de confiança para vocês, porém peço o mesmo em troca.

— Como assim? — questionou Jake, cruzando os braços na defensiva.

— Quero que permitam que fiquemos aqui, para fazer nossa própria investigação. Preciso ter certeza de que não estão ajudando o traidor, mas também acho que merecem ter a chance de confrontá-lo antes que seja capturado.

— Por que você está nos ajudando? — Jake fez a pergunta que todos do Sul se faziam naquele momento.

— Porque se fosse alguém da minha família — confessou, olhando para Bryan — ia querer ter a mesma oportunidade.

— Então peço que fiquem aqui mesmo. A casa é grande, e faz tempo que não tenho companhia. — Jake sugeriu, abrindo os braços, mostrando a casa. — Enquanto Bono leva vocês para uma volta na cidade, vou pedir que arrumem um quarto.

— Dois, por favor. — Miley pediu.

— Perdão, pensei que fossem um casal — disse encabulado Jake.

— Não se preocupe, sempre acontece — brincou Miley, levando todos a rirem meio sem graça. Alex trincava os dentes na tentativa de conter um rosnado. Aquela conversa não havia saído como imaginava e estava durando mais do que o esperado.

“Eles não são um casal, deveríamos estar felizes”, Darius fez questão de evidenciar. “Isso não muda nada, amigão. Ainda não quero uma companheira.”

“Mas eu sim! E ela está bem ali.”

Ele observou o grupo à sua frente conversando alheios ao seu julgamento. Não podia negar que a alfa era linda, porém teimosa e um pouco arrogante. Olhou para Maya ao seu lado, que sorria para Alex na esperança de que ele lhe contasse o que havia de errado. Se levantou de forma tão abrupta. Precisava de ar. Podia sentir a respiração mais acelerada e o suor escorrer da testa, o que chamou a atenção do pequeno grupo, fazendo com que parassem de conversar e o encarassem.

— Já que está tudo resolvido, Maya e eu vamos indo, temos que trabalhar ainda hoje — anunciou, enquanto puxava Maya pela mão em direção à porta.

— Até breve. — Miley ouviu as palavras escaparem de seus lábios de forma esperançosa.

— Espero que não.

Alex partiu, sentindo na boca o gosto amargo das últimas palavras ditas, deixando para trás pessoas chocadas com sua atitude grosseira. Tinha certeza de que receberia uma ligação irritada de seu pai ainda naquele dia, mas o que mais o preocupava era o lobo em sua mente urrando de raiva por estar a cada passo mais longe de sua destinada.



Em algum lugar ao Norte

O corredor escuro de pedra, iluminado por poucas lâmpadas colocadas de forma improvisada na parede, cheirava a mofo e a algo mais que ele não conseguia distinguir. Caminhava de forma determinada, o eco de seus passos preenchendo o lugar, evitando pisar nas pequenas poças de água com o sapato caro. Na realidade, o lugar não combinava em nada com as roupas do homem misterioso: paletó e calça social cinza. Porém, ele tinha uma reunião importante depois daquele encontro nas sombras. Era possível ver ao fim do corredor a porta de ferro e o guarda quando seu

celular vibrou no bolso do paletó. Parou a poucos centímetros para atender a chamada.

— E então, o que você descobriu? — perguntou, sem rodeios.

— Eles sabem que você é do Sul, entretanto não tem muita ideia do que está acontecendo.

— Imaginei que não — John falou, andando de forma distraída pelo corredor sem se afastar muita da porta. — Mais alguma informação?

— A doutora talvez seja uma ameaça, eles estão protegendo-a.

— Não se preocupe, em breve eu dou um jeito nela. Continue de olho e me mantenha informado.

Desligou sem se preocupar com a resposta; estava acostumado a mandar e ser obedecido. O guarda, ao ver ele se aproximar finalmente, abriu a porta sem trocar formalidades.

O pequeno cômodo, ao contrário do corredor, era muito bem iluminado, e o cheiro de álcool dominava o lugar. Sentiu o nariz coçar. Andou calmamente, trocando olhares com os outros três guardas no recinto, todos com a atenção voltada para o homem na mesa, com os olhos grudados no microscópio.

— O seu tempo está acabando, doutor Lincoln. — John colocou a mão grande no ombro frágil do homem, que tremeu ao toque e à voz dele.

— Estou dando o meu melhor, senhor, mas aqui não é tão bem equipado quanto necessito. — O pobre homem gaguejou as palavras, com a boca seca pela sede, sendo mantido à base de pouca água e comida.

— Acredite, é mais do que o último teve. — Sorriu de forma diabólica, dando uma olhada nas anotações do cientista. — Por favor, senhor, estou trabalhando o mais rápido que posso…

— Porém, pelo que vejo, ainda não chegou nem perto do que eu quero. — John se aproximou do rosto do homem, o que fez ele se afastar, na tentativa vã de aumentar a distância entre eles, mesmo estando ainda sentado. — Eu tenho um prazo, doutor, e você também! Entretanto, lembre-se que você não é a única pessoa que posso machucar — ameaçou, se

afastando, arrumando o paletó, ignorando as súplicas do cientista para que eles não fizessem nada contra sua família.

John saiu do cômodo com um sorriso no rosto; ele adorava não ter amarras e poder fazer o que bem queria para conseguir atingir seu objetivo. Em breve, não só o Sul, mas o mundo iria presenciar do que ele era capaz. Seu celular vibrou novamente, ele olhou o nome no visor.

— Hoje eu estou popular. — Falou para o vazio antes de atender e fazer o caminho de volta em direção ao seu outro compromisso da noite.



— Que dia cansativo. — Bryan declarou enquanto massageava o pescoço, ao lado de Miley. Tinham retornado à casa do alfa do Sul e estavam no corredor que levava aos quartos.

— Cansativo e improdutivo. — Tentou zombar Miley ao pararem em frente às portas de seus quartos, que ficavam um de frente para o outro.

— Com certeza estão nos enrolando.

— Percebi isso também, mas por hoje vou deixar pensarem que conseguiram. Agora, tudo o que quero é um banho e cama. — Sorriu, prestes a virar e entrar no quarto de hóspedes preparado para ela.

— Miley, espera. — Pediu, segurando seu braço. — Está tudo bem? Não ficamos sozinhos desde que chegamos, então não pude perguntar antes, mas sinto que algo está te incomodando.

— Não se preocupe, é apenas cansaço e muitas coisas para pensar. — Mentiu, tentando disfarçar seu real estado de confusão. — Bryan, só te peço para não contar nada para a Luna. Sabe que ela ficaria preocupada e acabaria me enchendo de perguntas.

— Está me pedindo para mentir para minha mulher? — Questionou, com uma das sobrancelhas grossas levantadas. — Não gosto disso. — Você pode tentar omitir pelo menos? Apenas disfarçar. — Miley pediu, olhando

para seu beta com seu melhor olhar pidão, que não era muita coisa, afinal ela não usava esse tipo de truque com a mesma frequência que a própria irmã. Porém, viu seu amigo concordar com a cabeça de forma afirmativa.

Se despediram com um sorriso cúmplice, entrando ambos em seus respectivos aposentos.

“Ele não vai durar um minuto sem contar para Luna que você está estranha na ligação diária deles”. Sua loba fez questão de zombar da falta de capacidade de Bryan de esconder algo de Luna.

“Na ligação de telessexo deles, você quer dizer”. Miley tentou brincar, apesar do clima tenso entre elas por causa do suposto destinado.

— Bryan! — gritou colocando apenas a cabeça para fora do quarto. Quando ele apareceu, estava com cara de culpado. — Você vai acabar contando, né?

— Com certeza! Eu estava me torturando aqui antes de me chamar. — Admitiu, com um olhar de sofrimento.

— Tudo bem, pode contar. Não é justo pedir algo assim. — Disse, dando um sorriso triste. — Mas avisa que só vou falar com ela amanhã. Boa noite — declarou, fechando a porta.

Miley estava exausta, a cabeça latejava devido às discussões internas com Drula sobre os porquês sem respostas envolvendo o filho do alfa do Sul. Sem dizer o corpo, que reclamava da viagem longa de carro e da caminhada pela cidade desnecessária. Suspirou ao se aproximar da mala sobre a cama. Ainda bem que tinham vindo preparados para ficar alguns dias, pensou, ao tirar objetos de higiene e o pijama. Não chegou nem a entrar no banheiro quando batidas firmes na porta a impediram. Com um suspiro pesado, se virou e foi ver quem atrapalhava seus planos naquela hora.

— Precisamos conversar — declarou Alex, invadindo o quarto.

Miley ficou parada, segurando a porta aberta, meio atordoada, tanto pelo cheiro dele quanto pela audácia.

— Calma aí, eu sei que a casa é do seu pai — disse fechando a porta e cruzando os braços para tentar conter a vontade de agarrar a gola da camisa dele. — Mas o quarto é meu por enquanto, e não me lembro de ter te convidado.

— Acho que um convite não é necessário. Precisamos deixar claro algumas coisas.

— Tudo bem, então vamos ao que interessa logo, porque estou cansada. Afinal, o beta de vocês mostrou tudo e ao mesmo tempo nada pra gente, o que me leva a pensar que estão escondendo algo. Me senti andando em círculos. — Miley fez questão de acusar.

— Vocês também não foram completamente honestos quando meu pai perguntou se sabiam de mais alguma coisa. — Alex devolveu a acusação, se aproximando mais dela, ambos ficando no centro do quarto.

— Do que você está falando? Dizemos tudo o que sabemos, ao contrário de vocês.

— Sabe, lobinha, prefiro o seu cheiro de pêssegos ao de ovo podre — ele falou, cheirando o ar, ainda havia o doce aroma, porém a mentira estava ali também. — Meu faro nunca me engana — brincou, batendo o dedo indicador contra o próprio nariz.

— Você por acaso é um detector de mentira ambulante? — Miley disse de forma sarcástica.

— Mais ou menos isso, mas não vim aqui por isso.

— Então, por que está aqui?

— Eu não preciso de uma destinada, não preciso de você. — Ele se obrigou a dizer as palavras, que saíram meio roucas devido à recusa de Darius em falar em voz alta.

“Você está magoando-a, cara”, Darius brigou com ele.

— Nossa, não precisava ter vindo aqui pra dizer isso. Ficou bem claro quando vi a ruiva pendurada no seu braço. — Miley sentia sua loba querendo saltar, os pelos da nuca estavam eriçados, e a pele formigava. Por isso, decidiu aumentar a distância entre eles. — Falando nisso, onde ela está

que não está agarrada em você? — zombou olhando ao redor como se procurasse alguém.

— Olha, desculpa. Eu fui direto e rude demais — falou bagunçando os cabelos. Terminando o movimento, esfregou a parte de trás do pescoço. — O dia está uma bagunça, meu lobo irritado, meu irmão encrencado, e a última coisa que eu esperava era você.

— Acredite, eu também.

Ficaram se olhando por alguns segundos, compartilhando um silêncio amigável, afinal nenhum dos dois tinha planejado aquilo.

— Maya e eu estamos noivos há anos, não seria justo. Não quero magoar mais ninguém.

— Mas me magoar não parece ser um problema pra você.

— Droga, eu estou fazendo uma confusão, né? — Alex desabafou, sentando-se na beira da cama e colocando as mãos na cabeça.

— Calma, também não vamos exagerar. — Miley se sentou ao lado dele, mantendo uma distância razoável. — A ligação não provoca um amor instantâneo, não estou loucamente apaixonada por você.

Alex levantou a cabeça para olhar a mulher sentada ao seu lado; ela tinha um sorriso torto que dava um certo charme. Percebeu que Miley estava certa, ele também não estava apaixonado; era somente uma sensação de urgência que parecia se acalmar apenas quando estava perto dela.

— Então ainda temos salvação? — questionou Alex.

— A ligação é uma predestinação a amar alguém, o seu destinado. Porém, é necessário muito mais do que isso — sussurrou Miley, olhando para a frente, ao lembrar das palavras de sua mãe sobre uma das excentricidades de sua espécie. — É preciso convivência, companheirismo e intimidade. Se evitarmos tudo isso, no fim, poderemos seguir cada um o seu caminho. — Ela olhou para Alex, tentando memorizar os traços dele, para no futuro ter algo para se lembrar.

— Mas e nossos lobos?

— Para eles, seria mais complicado devido ao instinto animal, porém, ainda somos nós que comandamos — brincou ela, dando o mesmo sorriso torto e elevando um dos ombros com desdém.

— Você deveria sorrir mais. — As palavras saíram em uma espécie de murmúrio, enquanto ele encarava os lábios dela, hipnotizado por aquele sorriso.

— Melhor começarmos agora a manter distância então — Miley disse, saindo da cama, meio sem jeito pelas palavras dele. — Por isso você precisa convencer seu pai a cooperar de verdade, assim vou embora mais rápido, e no máximo, tudo isso será só uma lembrança.

— Certo, vou falar com ele ainda hoje — anunciou Alex, ao se levantar e colocar as mãos nos bolsos da calça. — Obrigado por entender e não querer me matar.

— Eu entendo, mas ainda quero te matar.

Riram juntos, se aproximando de novo sem perceber.

— Melhor eu ir embora; você precisa descansar — disse Alex, indo em direção à porta, parando com a mão na maçaneta. — Miley, sei que não deveria pedir nada, mas poderia me dizer o nome da sua loba? — pediu, virando-se para olhar nos olhos verdes dela, olhos que lembram as folhas da floresta que ele tanto ama. — Pelo meu lobo, por favor, devo isso a ele pelo menos.

— Drula. O nome dela é Drula — Miley soltou antes de perder a coragem, e viu surgir um sorriso no rosto dele. — Qual é a graça?

— O nome do meu é Darius. Eles combinam até no nome — brincou Alex. — Vou falar com meu pai para agilizar tudo. Boa noite.

Ele partiu sem esperar uma resposta. Miley ficou encarando a porta de madeira com um misto de raiva e frustração. Alex tinha a capacidade de confundir suas emoções; em um momento, era grosseiro, e no outro, chegava a beirar a fofura. Levou as mãos à cabeça, próximo ao couro cabeludo, puxando os fios, um pouco grunhindo de confusão.

— Chega! Preciso de um longo banho e dormir — Miley foi em direção ao banheiro.

Quando saiu do banho, alguns minutos depois, percebeu que o celular estava lotado de mensagens de Luna. Decidiu deixar o próximo interrogatório para o outro dia e deitou-se na cama macia. Miley abraçou um dos travesseiros e dormiu, entregando-se aos sonhos mais pecaminosos com um homem de olhos pretos.



A cabeça de Alex estava latejando; cerrava os dentes a cada pontada, mas pelo menos a conversa com o pai tinha sido produtiva. Ao raiar do dia, ele iria dar acesso total aos lobos do Norte para que investigassem e partissem o mais rápido possível.

“Queremos mesmo que ela vá embora? Alex, eu não quero outra loba!”

Alex decidiu ignorar o lobo resmungando que atrapalhava e confundia sua cabeça. Entrou pela porta de casa um pouco antes do anoitecer. Por sorte, Maya chegaria apenas mais tarde, o que dava um certo tempo para tentar organizar seus pensamentos. Ficou parado perto da porta, olhando sua casa, a sala, uma parte da cozinha e a escada que levava para o andar de cima. Anos vivendo ali e, de algum jeito, era a primeira vez que via realmente aquele lugar. Nada ali tinha sua marca. Tudo lembrava Maya, das almofadas no sofá aos armários coloridos da cozinha. Percebeu ao andar pelos cômodos, tentando ver algo que talvez tivesse sido escolhido por ele.

“Só a academia não tem dedo dela.” “ Ela cuida da gente, Darius. Maya aceitou o que éramos capazes de dar.”

“Maya ganharia também com esse casamento. Seria quase da realeza entre os do Sul.”

Alex não quis concordar com ele, mas, no fundo, sabia que ambos tinham ganhado com aquele relacionamento. Decidiu tomar um copo de

suco antes de subir para um banho. Notou um bilhete colado na geladeira.

"Amor, tome suas vitaminas. Percebi que esqueceu de manhã. Vou fazer hora extra. Te amo!"

Resolveu tomar o suco e as vitaminas no quarto. Assim, mataria dois coelhos com uma paulada só. Encontrou as cápsulas na cômoda perto da cama, engolindo duas com o suco de laranja gelado. O líquido nem chegou ao estômago e sentiu o primeiro espasmo subir. Tentou engolir de novo, mas depois de mais dois, correu para o banheiro antes que sujasse o chão do quarto. Vomitou tudo. Detestava o gosto azedo na boca. Levantou-se indo até a pia para lavar o sabor ruim.

“Que merda foi essa, Darius?!”

“Nunca gostei dessas vitaminas, não tomo mais!”

“Você parece uma criança”, brigou, encarando a própria imagem no espelho na parede, como se pudesse ver seu lobo irritante ali.

“Se não quiser vomitar todo dia, é melhor nem tomar.”

Decidiu não começar uma briga naquele momento. Tudo o que ele mais desejava era cair na cama e dormir. Mas, primeiro, um banho, pensou enquanto tirava as roupas e as largava no chão do banheiro.

Capítulo 5

Ele sabia que estava sonhando, não só porque tudo parecia meio desfocado e lento, mas também pelo aroma doce que inundava o ar ao seu redor. Alex estava em uma cama, rodeado pela escuridão da floresta, sentado de olhos fechados, deleitando-se com o perfume tão familiar que o havia atormentado nos dois últimos dias. Mãos firmes surgiram por trás, acariciando seu abdômen, subindo até seu peito; podia senti-la colada em suas costas. A mulher, não tão misteriosa, deslizava o nariz em seu pescoço, provocando arrepios que estavam ligados à sua ereção.

— Eu quero brincar — sussurrou com voz doce, mordendo o lóbulo da orelha dele. Alex sentiu o rugido surgir no peito, rompendo pela sua boca segundos antes de surpreendê-la, jogando-a na cama, prendendo Miley embaixo de seu corpo. Ela gargalhou, apesar da surpresa, e ele percebeu que aquele som nunca seria melhor que o sorriso torto dela, que esperava poder ouvir na vida real. Beijou-a, roubando aquele som e o ar. Alex devorava os lábios com ferocidade, mordiscava os cantos ao mesmo tempo que acariciava a bochecha dela com seu rosto. Começava a se tornar viciado em seu perfume.

— Minha, você sabe que é minha, né? — Alex se afastou para olhar o rosto dela, com os lábios vermelhos por causa dos seus beijos e o desejo no olhar, tornando-a magnífica. — Só minha — afirmou, prendendo com uma das mãos os braços de Miley acima da cabeça, pressionando sua ereção nela, que estava vestida demais para o gosto dele, o que fez Alex gemer em um misto de desejo e frustração.

— Então me faz sua, marrento, se conseguir. — Ela sorriu de forma maliciosa, indo de encontro aos lábios dele. Ele faria!

Alex estava sonolento, ainda com as lembranças do sonho em sua mente, quando sentiu beijos sendo traçados do seu peito até seu abdômen.

Dormir só de cueca tinha suas vantagens, pensou. Gemeu na esperança de que dessa vez o sonho fosse real.

— Você acordou animado hoje. — Maya falou, fazendo o caminho de volta, lambendo o peito de Alex antes de montar nele apenas de camisola, esfregando-se em sua ereção matinal.

No instante que o cérebro dele registrou quem era a mulher gemendo em seu ouvido, prometendo loucuras, Alex despertou, saindo de baixo de Maya.

— O que houve? Você estava gostando.

Olhou para a mulher desejosa em sua cama, com os cabelos bagunçados e respiração ofegante, não sentiu nenhum desejo. Sua ereção desapareceu ao chegar à conclusão de que era Miley que ele desejava ali com ele.

— Droga! Desculpa, eu lembrei que tenho que chegar mais cedo na delegacia — dizia sem encarar Maya, procurando suas roupas, se vestindo meio atrapalhado.

— Alex, espera. Está tudo bem? — Ela se aproximou, segurando em sua mão, tentando contato visual. — Faz dias que não me toca ou transamos.

— Estou com muita coisa na cabeça, mais tarde a gente conversa. Tudo bem? — Ela concorda com a cabeça, o que dá a Alex a chance de escapar sem mais perguntas. Ele beija a testa da noiva e vai para o banheiro se arrumar.

Ele estava na ronda, pelo menos há duas horas, dirigindo pela cidade com a viatura policial como se fosse encontrar algum criminoso. Moravam em um dos lugares mais calmos do mundo, com criminalidade quase zero; no máximo, de vez em quando, alguns adolescentes tentavam ser rebeldes e aprontavam algo. Alex suspirou. Não era por causa do trabalho, ele amava ser policial, mas porque o sonho e uma mulher que não era sua noiva não saíam de sua cabeça. O criminoso ali era ele.

“Sabe o que ajudaria? Se nós fôssemos vê-la.” Sugeriu Darius ao

ouvir sua reclamação mais uma vez.

“Não, nem pensar. Temos que manter distância.”

“Mas precisamos saber se nosso pai fez o que combinamos também.”

“Verdade! Então acho melhor confirmar, vou lá só para isso.” Era o que ele afirmou para si ao manobrar a viatura em direção à cabana do pai, uma visita rápida. Não precisava nem ver a alfa do Norte; Alex queria acreditar nisso, apesar do lobo zombando em sua mente. Alguns minutos depois, estava estacionando em frente à cabana no exato momento que Bono e Bryan saíam dela conversando.

— Bom dia, alfa — Bono cumprimentou ao vê-lo se aproximar.

— Bom dia aos dois. Estão indo a algum lugar? — Alex perguntou como quem não quer nada.

— À biblioteca de vocês; o alfa, seu pai, acha que pode ter alguma informação sobre a tatuagem usada pelos lobos traidores. — Bryan informou, observando o futuro alfa do Norte; ele parecia procurar algo atrás dele ou alguém, pensou.

— Claro, recebi a foto no celular hoje cedo. Não me recordo de já ter visto — comentou Alex, ajeitando o coldre da arma na cintura, tentando disfarçar. — A alfa de vocês não vai junto?

— Miley foi até a antiga casa do seu irmão; um novo olhar pode ajudar a encontrar pistas. Ela foi com quem mesmo, Bono?

— Max. O alfa achou melhor irem juntos.

— Max? Esse não é o cara grandão e ruivo com fama de mulherengo? — Alex gesticulava, tentando mostrar o tamanho do outro homem.

Bono apenas confirmou com a cabeça se tratar de quem ele pensava, o que fez surgir em seu estômago uma sensação de vazio, mesmo tendo tomado café da manhã, um sentimento de estar atrasado, o que o fez olhar para os lados, ignorando os homens curiosos à sua frente.

— Acho melhor ir atrás deles, afinal, Max não é muito bom com trilhas e podem acabar se perdendo. — As palavras saíam ligeiras,

tropeçando umas nas outras devido à respiração meio ofegante que surgiam em seu peito. — Então vou indo, me mantenham informado.

Bono e Bryan ficaram parados assistindo-o entrar na viatura e sair cantando pneus, como se houvesse alguém em perigo. Quando perderam o veículo de vista, olharam um para o outro, dando de ombros, e seguiram seu próprio caminho.



O dia tinha começado bem; no café da manhã, o alfa Jake tinha pedido desculpas e informado que iriam cooperar de verdade, além de contar a história completa sobre sua família, o que deixou Miley satisfeita e esperançosa de que sairia do Sul antes que fosse tarde demais. O sono da noite passada lhe dava indícios de que sua loba estava começando a nutrir algo por Alex.

S entada na varanda da cabana, esperando seu guia, ela tentava entender como tinha começado com uma investigação de traição e agora se via tentando evitar alimentar a ligação com seu destinado.

“Por que evitar? Miley, ele só está confuso.”

“Drula, pelo amor, o homem deixou bem claro que não nos quer. Tenha mais amor-próprio.”

“Ainda acho que ele não sabe bem o que quer; você ouviu o Jake e toda a história com a mãe deles.”

“Uma história bem maluca.”

Estava tão envolta em seu pensamento que levou um tempo para notar o homem ruivo chamando por seu nome na escada da varanda.

— Desculpe, sou eu, Miley. E você é?

— Prazer, sou Max. Seu guia hoje — ele sorriu, um sorriso completo, daquele tipo que faz você querer retribuir, e foi o que ela fez.

“Gostei dele”. Miley comentou com Drula enquanto apertava a mão estendida de Max.

“Nem pense nisso! Agora que encontramos nosso destinado, não quero saber de outros homens tocando a gente.”

“Sério? Por que você acha que ele não toca na noivinha dele?”

“Miley, eu juro que mordo ele!”

— Está pronta? Vamos de carro, mas depois temos uma trilha, uns dez minutos.

— Sem problema! Estou preparada para caminhar — Miley brincou, mostrando os tênis e os shorts escolhidos para aquele dia quente.

Max se mostrou um excelente companheiro de viagem, contando sobre a alcateia e seus costumes durante o percurso de carro. Na pequena caminhada, fez questão de mostrar algumas plantas e falar sobre os lagos do lugar, tudo isso sempre com um sorriso no rosto. Ele era uma pessoa leve e fez Miley se sentir menos tensa e preocupada.

— Chegamos.

A antiga casa de John não era grande; era feita de madeira e tinha uma pequena cerca. Estava situada em uma clareira onde havia mais mato do que flores. Max abriu a porta, e Miley ficou espantada com o cheiro de pinho que invadiu seu nariz.

— O alfa manda deixar tudo limpo e organizado há anos; vira e mexe, vem alguém limpar — Max comentou, ao passar o dedo indicador na lareira, que saiu limpa, sem nenhum indício de pó. — Acho que ele tinha esperança de que John voltasse algum dia.

— Só não esperava que fosse desse jeito, imagino. — Miley andava pela sala, de onde tinha uma boa vista para a cozinha toda em madeira. Quando chegou à porta, deduziu que dava acesso ao quarto. A outra era provavelmente o banheiro. Ela segurou a maçaneta, virando devagar, não sabendo o que encontraria. Imaginou qualquer coisa, menos um lugar repleto de livros.

— Uau! Ele gostava de ler. — Miley pegou um dos exemplares na estante, analisando a capa em couro e as páginas amareladas. O odor de mofo trouxe uma careta ao seu rosto. No entanto, foi o título que mais chamou a sua atenção. Confusa, ela se aproximou mais da estante, e os outros livros, tão antigos quanto o que segurava, traziam títulos semelhantes, o que a fez chegar a uma conclusão.

— Algo de errado? — Max se juntou a ela perto da estante.

— São todos sobre a origem dos Lycans, mais precisamente sobre a época de Licaão.

— A mãe deles era historiadora, não tenho certeza, na verdade.

— Isso deve significar algo, com certeza.

Deram mais uma olhada pelo lugar, mas não encontraram mais nenhuma pista significativa. Estavam do lado de fora quando Max sugeriu que ela deveria conhecer o lago da região. Miley aceitou de bom grado, o dia estava quente e a companhia era agradável.

Andaram mais alguns minutos em uma conversa descontraída. Drula deixava claro que não permitiria algo além de amizade entre eles, mas Miley desconfiava que Max não a via com olhos de desejo. Era possível avistar o grande lago da colina onde estavam. Foi impossível não ficar maravilhada com as águas esverdeadas e o pequeno píer de madeira.

Miley sentiu o vento no rosto e respirou fundo o ar puro. Foi inevitável não ter a sensação de energia renovada. Acabaram em uma competição de corrida até o píer, onde se sentaram para contemplar a bela paisagem.

— Obrigada, Max.

— Pelo quê?

— Por trazer um pouco de leveza ao meu dia. — Sorriu, olhando de lado para Max, molhando um dos pés na água do lago com os tênis esquecidos no meio entre eles.

— De nada. Confesso que também precisava de um dia sem tantas

cobranças.

— Posso me atrever e fazer uma pergunta impertinente?

— Claro, mas isso não quer dizer que eu vá responder. — O gigante ruivo brincou, com um sorriso largo.

— Você é gay?

Max voltou o rosto espantado em sua direção, por um momento ela pensou que ele não ia responder.

— É tão óbvio assim?

— Na verdade, não. Quando te vi, até pensei em dar em cima de você. — Eles riram, voltando a olhar o lago à frente. — Mas, então, notei a mesma tristeza que meu melhor amigo, Denis, tinha no olhar antes de se aceitar como ele realmente é. Tentar esconder estava consumindo-o.

— Ninguém aqui jamais me perguntou; acham que sou um galinha de marca maior. — Max levantou um dos ombros como se não importasse, mas as palavras tinham uma nota de dor, diminuindo o som à medida que saíam de seus lábios. — Aprendi a fingir que é verdade.

— Por quê?

— Meu pai é bem conservador, sem dizer que não existem muitos de nós gays por aí.

— Ou tem e, assim como você, têm medo do que as pessoas podem achar. Alguém tem que ser o primeiro a mostrar que não tem nada de errado em amar qualquer pessoa, homem ou mulher — Miley colocou uma das mãos no ombro dele, na esperança de transmitir algum conforto.

— Acho que vou esperar outra pessoa dar a cara a tapa.

— Eu entendo, mas se quiser ser livre, a alcateia do Norte está de portas abertas. Sem dizer que acho que você se daria muito bem com meu amigo Denis.

— Sério? Você mal me conhece e quer me arrumar um encontro às escuras?

— Ah, fazer o que, como diria minha irmã, a vida é curta.

Riram juntos até o som diminuir, e ambos ficaram perdidos em seus próprios pensamentos. Max amava seu pai e seu lar, mas um lugar pode ser chamado de lar se você se sente preso às vezes? E Miley contemplava que ela mesma não seria o próprio conselho. Se a vida é curta, por que não lutar pelo que é seu por direito?

— Que tal um mergulho? — sugeriu Max para quebrar o clima pesado.

— Ótima ideia!

— Nus? — Ele perguntou meio sem jeito.

— Se você prometer não me agarrar, eu não te agarro.

Max começou tirando a camisa, mostrando os músculos definidos. Ia para os botões da calça, encarando Miley em desafio. Ela sorriu, estava com as mãos na barra da própria camisa quando a voz irritada chegou aos seus ouvidos.

— Espero não estar atrapalhando?! — Alex soltou entre dentes, com as mãos cerradas ao lado do corpo, ao ver a cena no píer.

— Alfa! Aconteceu algo? — Max dizia, abotoando a calça de novo e pegando a camisa largada no chão. — Íamos dar um mergulho para refrescar.

— Percebi. Miley precisava voltar a respirar; não tinha nem soltado a camisa que ainda segurava, mas sentia uma letargia em seu corpo pela visão de Alex de uniforme. Bem que Luna dizia que uma farda faz loucuras. Ele se aproximava dos dois, e Miley não conseguiu evitar admirar aquele homem que emanava raiva. Notou Alex a examinando, e em cada lugar que os olhos dele passavam, ela sentia um calor surgir, como se ele a tocasse com as mãos.

— Preciso que você vá buscar algo para mim na cidade vizinha, na verdade, para a delegacia, Max — Alex avisou, desviando o olhar dela, que estava deslumbrantemente linda e à vontade naquele píer, com os pés

descalços e os cabelos soltos. — O xerife encomendou alguns dispositivos de comunicação, e eles deveriam estar aqui desde ontem.

— Claro, vou assim que deixá-la na cabana do alfa.

— Eu disse desde ontem, Max!

— Posso voltar sozinha, na verdade — avisou Miley para os homens que se encaravam, sem entender por que tanta hostilidade, afinal, um era noivo e o outro gay. Não conseguiu segurar uma risada, que saiu meio engasgada, chamando a atenção deles. — Desculpa, mas é uma pegadinha? Vocês homens são engraçados.

— Max, a alfa estará segura comigo. Pode ir.

— Certo. Miley, te deixo em boas mãos então. — Max sorriu, se aproximando para depositar um beijo na testa da pequena mulher que tinha conquistado sua amizade. Estava se afastando quando o rugido alertou que ele não deveria ter feito isso. Só não entendia por que o futuro alfa estava tão irritado. — Nos vemos em breve.

— Lembra do que eu te disse; se precisar de um lugar para ficar, me liga.

Max se afastou com um breve aceno e seguiu o caminho da colina, ainda sendo seguido por um olhar fulminante de Alex.

— Não preciso de companhia; consigo chegar à cabana sozinha. — Ela afirma, pegando os tênis do chão, passando perto de Alex, que a segura pelo braço.

— Achei que queria dar um mergulho. Mudou de ideia? — Alex sente a pele dela sob sua mão quente; estar tão próximo reaviva cenas de seu sonho e traz o perfume de Miley até ele.

— A atual companhia me fez perder a vontade. — Ela tentava, em vão, respirar pela boca para não sentir o cheiro de canela pinicar seu nariz, o que a fazia desejar mergulhar em seu pescoço. — Melhor me soltar; sua noiva pode não gostar se ficar sabendo.

Lembrá-lo da noiva surtiu o efeito que ela desejava, e Alex se afasta como se sua pele o queimasse de um jeito ruim. Ele se vira, admirando o

lago, mesmo sem vê-lo de fato, perdido em uma discussão interna. Alex queria ficar longe, mas também precisava estar por perto mais um tempo. Era a contradição em pessoa, zombou de si.

— Aceita minha carona, por favor. — Se virou, fazendo uma súplica silenciosa, enquanto ela calçava os tênis, antes de começar a subir a colina. — Quero saber o que descobriu na casa do meu irmão também.

— Quer saber; eu vou aceitar porque seria uma caminhada e tanto na minha forma humana, e não quero passar por isso. — Ela viu surgir um sorriso triunfante no rosto dele. — E porque você é marrento demais e ficaria me perturbando.

O uso do "apelido" do sonho fez Alex se remexer desconfortável, trocando o peso entre os pés, sem dizer que uma reação indesejada em suas partes baixas ficaria evidente se não começasse a andar logo. De preferência à frente dela, pensou assim que ultrapassou Miley.

Só voltaram a conversar quando estavam na viatura em direção à cabana do alfa. Alex foi o primeiro a falar.

— E então, encontrou algo na casa do John?

— Não muito; só achei suspeito tantos livros sobre Licaão.

— Eram da nossa mãe; ela era obcecada por essa história. — Alex enxugou as sobrancelhas ao pensar sobre o verbo no passado para se referir à mãe que não estava morta como imaginava. — Ou é ainda, não sei.

— Há quanto tempo você não os vê? — Miley observava o rosto dele enquanto tentava chegar a uma resposta.

— Nossa, a minha mãe deve fazer mais de dez anos. John sumiu alguns anos depois, então devem fazer uns cinco anos.

— Sinto muito, toda essa situação. Família é família, e machuca quando não são quem esperamos.

— Obrigado. — Alex desviou os olhos da rua por um instante para lhe dar um sorriso sincero. — E seus pais? Sei que tem uma irmã, a esposa do Bryan, né?

— Isso! Luna é uma maluquinha que conquista a todos. — Ele ouviu o sorriso na voz dela ao contar sobre a irmã. — Nossos pais morreram quando eu tinha quinze e a Luna uns doze anos.

— Como eles morreram? — Alex perguntou, mesmo sentindo que era um assunto difícil para ela. Miley evitava olhar para ele, encarando a rua pelo vidro. — Desculpa, se não quiser contar, eu entendo.

— Foi um acidente de carro idiota.

— Lamento; lembro que, quando soube que a minha mãe tinha morrido, ou pensei pelo menos, isso mudou meu mundo.

Deram um sorriso triste um para o outro até Alex ter que desviar os olhos para prestar atenção na estrada. Um silêncio confortável surgiu, até que Miley sentiu o celular vibrar com uma mensagem de Bryan, contando sobre o que encontraram na biblioteca.

— Que estranho. — Deixou escapar, ainda olhando o celular.

— Algum problema?

— O quê? Na verdade, é uma mensagem do meu beta sobre a tatuagem dos lobos desgarrados.

— E? — Alex perguntou ao estacionar a viatura em frente à cabana de Jake, virando-se um pouco para ela.

— A tatuagem é o brasão de uma seita que venera a linhagem pura de Licaão, os Kathanos.

— Os puros — Ele disse as palavras quase como um sussurro ao ouvir o nome grego.

— Você sabe grego?

— Minha mãe sabia, então acabei aprendendo algumas palavras. Essa me parece familiar.

— Tudo aponta para Licaão, não consigo deixar de pensar que estamos perdendo algo.

— Não me lembro muito da história do primeiro lycan, mas tenho certeza de que não havia uma seita nela.

— Talvez os anciãos saibam mais sobre ela e o que acreditam. — Miley sentiu-se bem ao perceber que estavam trocando informações sem implicar um com o outro. Seu coração bateu de um jeito diferente ao notar que talvez pudesse ter alguém com quem contar, afinal. Mas ela realmente tinha? — Está na hora de voltar para casa.

— O quê? Por quê? — gaguejou Alex, surpreso.

— Acredito em vocês agora. E tudo indica que precisamos retornar ao passado para tentar entender o plano do seu irmão. Tenho alguns documentos antigos em casa sobre aquela época e quero falar com a Alison de novo. — Ela expôs todos os motivos para partir, mesmo com sua loba gritando que deveriam ficar e mesmo sob o olhar de espanto de Alex. Miley abriu a porta do carro e saiu, precisava aumentar a distância entre eles, pois ficar dentro daquele lugar pequeno estava dando ideias erradas.

— Espera! Ainda vamos nos ajudar? Quero encontrar meu irmão antes que ele faça algo que o sentencie à morte. — Alex a seguiu para fora, ficando do outro lado do carro.

— Vou fazer o que puder para ajudar, mas minha prioridade é manter a minha gente segura. E se eu tiver que machucar seu irmão, vou fazer isso.

— Então espero que não precisemos chegar a tanto.

— Melhor eu entrar. Assim que o Bryan chegar, vamos nos preparar para partir amanhã. — As palavras ficaram pairando no ar entre eles enquanto se olhavam. Era possível ver a indecisão em seus olhos, mas Miley sabia que ele ainda não sabia o que queria, e ela não era do tipo que implora ou fica esperando. — Adeus, Alex.

Ele observou Miley indo em direção à porta, sem olhar para trás uma única vez, com o peito doendo. A cada passo que ela dava para longe, era uma pontada nele. Então, ela entrou e fechou a porta, e Darius uivou em sua mente. Alex teria caído de joelhos se não fosse pelo seu orgulho e pelo fato de estar se segurando na porta do carro. Os nós dos dedos estavam brancos de tanta força percebida. Por dentro, ele era um turbilhão de emoções,

queria correr em direção a ela e, ao mesmo tempo, correr o mais longe possível, porque aquilo o assustava. No entanto, para quem o visse de fora, o que Miley fazia atrás da cortina da sala, ele era só calmaria ao entrar no carro e partir.

Horas depois, Miley estava no quarto de hóspedes com as malas prontas e ao telefone com a irmã.

— Então, vocês voltam amanhã?

— Sim, agradeci a hospitalidade do alfa Jake e tivemos mais uma conversa esclarecedora sobre os Kathanos. — Miley estava sentada na beira da cama, encarando a mala do outro lado do quarto. Sua loba estava inquieta com a separação. — Sabia que esse grupo defende a ideia de uma raça pura?

— Tipo Hitler?

— Exato, eles condenam os lycans mestiços, ou seja, filhos gerados por um lycan e um humano.

— Que loucura! Mas o que isso tem a ver com tudo?

— Ainda não sei — suspirou cansada, e se jogou para trás na cama, encarando o teto branco.

— É só isso que está te perturbando? — Luna conseguia perceber na voz da irmã que algo estava errado, além do fato de que o próprio marido disse que estavam acontecendo coisas estranhamente interessantes.

— O fofoqueiro te contou o quê? — Miley brincou, tentando ganhar tempo.

— Ele está preocupado, assim como eu.

— Quando eu voltar, conversamos, pode ser? Sem dizer que você está atrasada para seu telefonema diário com o seu maridão.

— Putz! Verdade, mas não pense que vai escapar. Te amo.

— Te amo mais.

Encerrou a ligação com a certeza de que não escaparia do interrogatório no outro dia. Miley se levantou resmungando e foi ao banheiro para se preparar para a última noite na cabana.

Ao sair, alguns minutos depois, sentiu no ar que havia algo diferente. Pela janela, entrava uma brisa, balançando as cortinas brancas, e o quarto estava na penumbra; apenas a luz do abajur perto da cama tentava vencer a escuridão. Então ela viu surgir do outro lado da cama um lobo negro, tão preto que apenas os olhos eram evidentes. Miley sentiu medo no primeiro momento, mas se inclinou um pouco, pronta para a transformação.

“Drula, preciso de você!”, chamou ao não sentir os sinais que sempre antecediam a troca de mulher para lobo.

“Não! Olhe de novo.”

Miley não compreendia por que sua loba se negava a emergir, até que observou o lobo negro. Ele não estava em modo de ataque, farejava o ar e um som rouco saía de sua boca, mas não mostrava as presas.

— Darius? — Questionou o olhando melhor, o lobo uivou em êxtase ao ser reconhecido. — Shhhh, alguém vai ouvir você! O que está fazendo aqui?

Perguntou enquanto dava a volta na cama, agora que sabia que não havia perigo. Darius a observava andar até ele, se sentou nas patas traseiras e inclinou a cabeça para o lado. Miley esticou a mão direita em direção à cabeça dele, afundando-a perto dos pelos da orelha. Sorriu ao perceber o lobo se inclinar mais em direção ao seu toque; os pelos eram macios, faziam cócegas em sua palma.

— Você é muito bonito — confessou ao se ajoelhar perto do animal, fazendo carinho com as duas mãos. — Alex vai ficar furioso com você. — Ela ria olhando nos olhos dele que tentava dar lambidas em seu rosto como um cachorro feliz em ver o dono. — Pare, agora é melhor vocês irem embora.

Miley se afastou; sua loba pedia para emergir, e estava ficando difícil negar esse momento para ela. No entanto, alguém tinha que ser racional, pois se os lobos se cruzassem, seria impossível impedir a ligação.

— Sério, Darius, vai embora.

O lobo negro era tão marrento quanto o dono, deixando Miley chocada quando subiu na cama, sinalizando que não iria sair.

— Ah, você não vai ficar na minha cama — brigou indo até ele. Tentou empurrar, puxar, e até pedir, mas nada movia o lobo. — Tudo bem, mas se vai passar a noite, tem que ficar no chão.

Surpreendendo-a, o lobo saiu da cama e se deitou no chão. Miley sacudiu a cabeça sem entender nada.

— Eu volto logo, você fica aqui sem fazer barulho — ordenou com o dedo em riste na direção do lobo com cara de inocente.

Saiu atravessando a pequena distância até o quarto da frente e deu três batidas fortes. Bryan atendeu a porta meio descabelado.

— Aconteceu algo? — Olhou para o corredor tentando ver se havia algo fora do normal, além da sua alfa em pé com pijama de flanela.

— Pode me emprestar uma calça de moletom sua?

— Por quê? Isso não é confortável o suficiente — zombou apontando o pijama engraçado; ele gostava de provocá-la como um irmão mais velho.

— Muito engraçado. Pode ou não?

— Eu já volto. — Bryan saiu em busca da peça de roupa, voltando alguns segundos depois com ela nas mãos. — Aqui, cuida, é uma das que mais gosto.

— Obrigada e até amanhã.

Miley voltou para o próprio quarto sem maiores explicações, deixando Bryan sem entender nada. Quando entrou, o lobo ainda estava no mesmo lugar. Ignorou-o, dobrando a calça e deixando-a com um bilhete sobre a poltrona do quarto. Apagou a luz, deitou-se na cama e se cobriu com o lençol. Conseguia ouvir o choramingo do lobo no chão.

— Tudo bem, você pode subir na cama. — O colchão afundou pelo peso dele, que se ajeitou próximo aos pés dela, e assim Miley se rendeu ao

sono.



Alex sabia que tinha perdido o controle e Darius assumido; na verdade, tinha certeza de que isso ia acontecer no momento em que deixou ela para trás. Conseguiu trabalhar, mesmo com a dor de cabeça, até que, voltando para casa, recebeu uma ligação de Maya o convidando para uma noite romântica. Bastou ele aceitar e cogitar a possibilidade de transar com ela, Meu Deus, sua própria noiva, na tentativa de tirar um certo sorriso torto da mente e a necessidade de correr até Miley, para seu lobo forçar a transformação.

Precisou parar a viatura no meio do caminho, saindo do carro, arrancando as roupas no caminho até o bosque. Darius emergiu, e tudo se tornou uma única necessidade: encontrar sua destinada.

Ele se remexeu na cama com as lembranças da noite passada se tornando mais nítidas, xingou baixo ao ter consciência de que tinham invadido o quarto de Miley. Sentiu um braço apertar sua cintura nua e um gemido próximo ao seu pescoço; ele congelou de imediato, abrindo apenas os olhos. A cor do teto não era da sua casa, os móveis também não, porém teve certeza ao sentir o cheiro de pêssegos emanar do corpo quente colado ao seu.

Olhou para o rosto de Miley, tão próximo; ela dormia com um leve sorriso, usando seu ombro como travesseiro. Uma quentura começou em seu coração e se espalhou pelo corpo, aumentando ainda mais sua ereção. Alex fez uma pequena prece, tirando o braço com cuidado para não a acordar. Terminou quase caindo no chão, mas conseguiu sair da cama. Ficou em pé, nu em meio ao quarto, sem saber bem o que fazer. Observou ela se remexer na cama, resmungando ao perder o calor do corpo dele, e tudo o que mais queria era voltar. Se afastou, andando de costas, assustado com a imensidão de seus sentimentos, até bater na poltrona do quarto. Ao se virar, viu um bilhete e uma calça.

“Não saia nu! Não quero fofoca, marrento.”

Um sorriso chegou aos lábios, deu uma última olhada nela na cama, colocou o moletom e saiu do quarto, dando de cara com Bryan também deixando o quarto da frente.

Bryan olhava o filho do alfa do Sul, seminu, usando sua calça, sair do quarto de Miley com uma das sobrancelhas levantada em arco, fazendo uma pergunta silenciosa. Teve que segurar uma risada, o homem parecia mais sem graça que ele.

— Eu vou querer saber? — Bryan provocou.

— Não! — Alex falou curto e grosso, saindo apressado.

— Eu não, mas minha mulher com certeza. — Bryan tirou o celular da calça jeans e tirou uma foto de Alex pouco antes de ele virar o corredor, sumindo de vista. Desceu para o café da manhã rindo, sabendo que a foto deixaria Luna abismada.

Capítulo 6

Alcateia do Norte

— Chegamos! — Miley anunciou assim que cruzaram a porta de entrada de casa no outro dia. Luna surgiu no topo da escada, com um sorriso no rosto, feliz em vê-los de volta ao lar. Desceu os degraus correndo.

— Finalmente — Luna vibrou, jogando-se em cima de Bryan, enlaçando a cintura dele com as pernas. Ele teve que largar as malas no chão para segurá-la enquanto recebia o beijo ardente da mulher.

— Eu também voltei, viu. — Miley revirou os olhos ao ver a recepção exagerada da irmã, mas também achando graça. Luna, ainda agarrada em Bryan, sorriu para a irmã ao lado deles.

— Bem-vinda de volta também. — Luna desceu, dando um abraço caloroso na irmã.

— Vou levar as malas para cima. — Bryan aproveitou para escapar antes que Luna começasse o interrogatório. Viu Miley o encarar com cara de dúvida ainda abraçada a ela.

— Me conta tudo e não esconda nada — ordenou Luna ao terminar o abraço, colocando as mãos na cintura com ar sério.

— Do que você está falando? — Miley desconversou ao passar por ela indo em direção à cozinha, sentindo a boca seca.

— Ah, nem vem com essa de desentendida. Consigo sentir que tem algo diferente em você. — Luna seguiu em seu encalço.

— Tem sim, preocupação, dúvidas e estresse até demais. — Ela abriu a geladeira procurando água, mas acabou escolhendo a jarra de limonada. Foi até o armário, ignorando Luna sentada em uma das cadeiras da ilha da cozinha. Encheu o copo com calma, ainda de costas. Tomou um longo gole,

sentindo a língua travar pelo azedo do limão; faltava mais açúcar com certeza, pensou. Ao se virar, quase derrubou o copo no chão ao perceber Luna parada próxima a ela, observando seu rosto. Ia perguntar o que ela estava fazendo quando foi surpreendida mais uma vez naquele dia.

— Quem é ele? — Luna perguntou, mostrando uma foto no celular a poucos centímetros do rosto de Miley.

— O quê? — Ela estreitou os olhos para tentar ver melhor. Era claramente Alex usando as calças emprestadas. — Como você… Bryan, tirou essa foto? — As perguntas saíam meio incompletas pelo choque de que seu beta era um completo fofoqueiro. Balançou a cabeça, tentando voltar à realidade.

— Você não me respondeu.

— Tudo bem, eu vou contar o que está acontecendo. — Miley apontou as cadeiras da mesa próxima à porta de vidro da cozinha, sugerindo que se sentassem. Ela precisava ganhar tempo para organizar os pensamentos. — Mas preciso que escute tudo antes de ficar animada.

Luna concordou de forma positiva com a cabeça. Tinha perguntas, mas sabia que Miley se abrir era raro, então deixou que ela fosse no seu tempo.

— O nome dele é Alex. Ele é um dos filhos do alfa do Sul e meu destinado. — Levantou uma das mãos, pedindo que ela esperasse o fim da história, porque Luna já estava quase pulando de felicidade na cadeira. — E ele está noivo e deixou bem claro que não me quer.

— Como assim? Isso pode acontecer? — Luna segurou uma das mãos da irmã; ela podia fingir que não ligava, mas a dor estava nas palavras e na aura dela. — Você está magoada.

— Claro, depois de ver o papai e a mamãe. Você e o Bryan. Como eu poderia não desejar o mesmo tipo de ligação? — Miley limpou uma lágrima teimosa que rolou por sua bochecha. — Acho que não tive a mesma sorte.

— Então por que ele saiu seminu do seu quarto?

— É complicado, Luna. Não tem nada romântico acontecendo, até porque talvez tenhamos que lutar contra o irmão dele, e não sei que lado o Alex escolheria.

— A ligação dos destinados não é tão frágil assim, vocês não podem brigar com isso. A corda pode esticar, porém vão sentir a força querendo levá-los um ao outro de novo.

— Quando você se tornou uma mulher sábia? — brincou.

— O casamento! Tem muitos ensinamentos. — Riram juntas, aproveitando para aliviar o momento.

— Mas não posso mudar nada por enquanto, então me conta como estão as coisas por aqui.

— Bom, a Alison está bem mais calma e feliz entre nós. Inclusive, está montando um novo laboratório com a ajuda do Denis; devem estar juntos agora. — Luna se recostou na cadeira, pensando em tudo que precisava contar. — Ah, mas o pior é o Simon! Ele está se achando porque assumiu a prefeitura esses dias.

— Dê poder a alguém para saber o caráter dela!

— Sem dizer que ele quer cancelar o Festival da Abóbora.

— Ele está maluco? É uma das tradições mais antigas da cidade. — Miley esfregou as mãos no rosto, pensando na conversa que teria com Simon. — Melhor eu reassumir logo meu posto de prefeita, antes que ele invente algum decreto idiota. — Ela se levantou, determinada a ter as rédeas de uma coisa na vida, pelo menos. — Quer uma carona até a lanchonete?

— Ah, não precisa — Luna dispensou-a com um gesto de mão, ainda sentada na cadeira, olhando Miley com expectativa. — Vou mais tarde.

Miley adiou a saída só para provocar a irmã. Estava óbvio que Luna queria subir e matar a saudade do marido, apenas não disse em voz alta com medo de magoá-la, lembrando que seu próprio destinado não queria nada com ela.

— Vê se vocês não quebram nada dessa vez. — Miley saiu sorrindo, porém não conseguiu segurar a risada ao ouvir Luna tentando se defender.

— Uma vez! Isso só aconteceu uma vez!



Ele tinha sido preparado para estar naquela cadeira, deveria ser dele o comando da cidade e da alcateia. Era naqueles momentos, sentado na sala do prefeito, que Simon tinha a certeza de que o poder era a melhor coisa da vida, depois de sexo, claro. Sorriu com a ideia de talvez sexo dentro do escritório da prefeitura. Se recostou, colocando os pés sobre a mesa de madeira, fechando os olhos ao imaginar a cena.

— Está na hora de você levantar seu traseiro da minha cadeira. — Miley entrou sem ser anunciada pela secretaria, que ficou feliz em revê-la.

— Ora, ora, não esperava seu retorno tão cedo. — Simon se levantou lentamente, dando a volta na mesa para ficar mais perto dela.

“Eu detesto como ele nos olha", Drula afirmou com nojo.

Miley tinha que concordar com ela. Conhecia Simon desde o colégio, cheio de arrogância e superioridade que nem a beleza dele escondia. Ela desviou dele e se sentou em sua cadeira como uma rainha, assumindo o trono. Sabia que ele almejava seu lugar, não só na cidade, mas na alcateia também. Porém, ambos tinham que ser merecidos, e Simon jamais fez nada para isso.

— Você está dispensado agora. — Viu ele travar a mandíbula com raiva.

— E como foi no Sul? Meu pai vai querer saber. — Simon apoiou as mãos na mesa, se inclinando um pouco na direção dela.

— Ele e os outros anciãos vão receber meu relatório ainda hoje.

Travavam uma batalha de olhares. Miley não disse mais nada de propósito, sabia que ele detestava sua indiferença. Simon fervilhava de

ódio, porém disfarçou, dando uma risada sarcástica.

— Miley, Miley, eu ainda vou ver você cair. Você não merece estar na posição de nossa líder.

— Sério? E quem vai me derrubar? Você? — Miley se levantou, apoiando os punhos na mesa, também se inclinando, deixando as últimas palavras saírem como um rosnado. — Se me lembro bem, já te dei umas cinco surras antes. Pode vir!

— Eu não preciso fazer nada, sua incompetência vai fazer o trabalho por mim. E eles vão ver que nunca deviam ter deixado uma mulher assumir o comando.

Ela não pensou nas consequências. Com um rosnado, deu a volta na mesa e segurou ele pela gola da camisa, empurrando Simon até ouvir o baque das costas dele contra a porta da sala.

— Até lá, você tem que me aturar e obedecer, seu machista de merda! — Miley não gritou as palavras, mas saíram roucas, e era possível ver em seus olhos o início da transformação. Sua loba queria destroçar o desgraçado que estampava um sorriso no rosto. — E eu te imploro, Simon, me dê um pequeno motivo para acabar com você sem me sentir culpada pelo seu pai.

— Eu não sou burro, alfa. — Ele esperou Miley soltar a gola de sua camisa, sabia que ela queria mesmo era ter estrangulado sua garganta, e a viu se afastar com os punhos fechados, ainda o encarando com um olhar assassino. Só quando ela lhe deu as costas, Simon ajeitou a roupa na tentativa de parecer tranquilo, mesmo que por um instante tenha temido por sua vida. — Vamos esperar seu relatório.

Miley continuou de costas para ele até ouvir a porta bater. De olhos fechados, tentava recuperar o controle. Seus nervos andavam à flor da pele. Seu peito subia e descia com a respiração acelerada enquanto ela tentava se lembrar dos motivos pelos quais não matava o idiota. Ao sentir o coração a voltar aos batimentos normais, sentou-se em sua cadeira com um longo suspiro, ansiosa para que a paz voltasse a sua vida, mas mais ainda para que o fim do dia chegasse.

Alcateia do Sul

Maya procurava as chaves de casa na bolsa com um sorriso feliz. O dia na loja de ervas tinha sido lucrativo, os negócios só prosperaram desde que tinham assumido o noivado diante da alcateia. Finalmente começava a ser aceita por todos. Só precisava manter tudo igual.

Assim que cruzou a porta, ela viu Alex sentado no sofá da sala, cabisbaixo. Seu sorriso aumentou, pensando que teriam uma noite juntos. Porém, ele se desfez ao notar ao lado dele, no chão, uma bolsa grande. Deixou de sorrir de vez ao perceber, no olhar dele, que a conversa era séria.

— Que mala é essa? — Entrou mais na sala, apontando a evidência do início do fim entre eles.

— Maya, não podemos continuar juntos. Não seria justo com você. — Alex soltou as palavras que tinha ensaiado desde de manhã quando voltou para casa depois de seu lobo passar a noite com sua destinada, onde ele tinha perdido o controle da situação. — Droga, eu não estou sendo sincero com você há dias.

— Alex, amor, todo casal tem uma crise. — Ela se juntou a ele no sofá, com os olhos marejados. Não queria perder o status que tinha e muito menos o homem que a fazia feliz de certa forma. — Podemos resolver juntos. É só porque o casamento está perto e isso deixa a gente ansioso…… — Tentou segurar as mãos de Alex, mas o viu se afastar como se ela tivesse lhe causado dor.

— Eu encontrei a minha destinada! — Alex confessou, se levantando. Darius não gostava nem de ter Maya perto dele. — E tenho tentado agir como se não fosse nada, mas, Maya, não é algo que dá pra ignorar.

— Encontrou? Mas quem… Meus Deus! É a alfa do Norte? — Ela arregalou os olhos ao constatar o fato. — É ela, né?

— É sim! E a coisa toda é tão complicada que eu estou cansado de me sentir culpado ou que estou enganando as pessoas. — Alex tentava explicar, trazer algum sentido a tudo que borbulhava dentro dele, andando de um lado para o outro na sala. — Não quero enganar você. O que tivemos foi incrível, e eu queria construir uma vida com você.

— A gente ainda pode! — As lágrimas rolavam pela bochecha dela agora, ele não podia deixá-la. — Alex, precisamos continuar juntos. Você não entende……

— Não podemos, porque meu lobo não consegue mais. Era fácil quando ele não sabia se ela existia ou estava viva, mas como ignorar agora que se chocou contra você? Algo que faz você querer estar somente perto pelo prazer de ver a pessoa respirar?

— Você está apaixonado por ela.

— Ainda não sei, porque é tudo complicado.

— Eu não sou complicada! Nós não éramos complicados! — Maya se levantou, se aproximou e segurou o rosto de Alex nas mãos. — Você controla o lobo, ainda podemos ter uma vida fácil juntos.

— Quando você encontrar seu destinado, vai perceber que quem controla quem fica bem turvo nessa hora — Alex sentenciou, tirando as mãos dela de seu rosto com delicadeza. Se afastou, passando uma das mãos no cabelo. — Vou voltar para a casa do meu pai, você pode ficar na casa até decidirmos o que vamos fazer com ela. — Ele se inclinou, pegando a bolsa do chão. — Eu sinto muito, Maya.

Ele conseguiu dar um beijo em sua testa antes de sair, deixando Maya na sala atordoada com o que havia acontecido. A respiração dela se tornou mais rápida, sentiu os joelhos fraquejarem antes de chegar ao sofá, caindo no chão.

Ela estava perdida! Era o único pensamento que ecoava em sua mente. Ele jamais a perdoaria por falhar em sua missão.

Alguns dias depois, Festival da Abóbora

A cidade estava decorada com tons de laranja e marrom. Abóboras eram espalhadas por todos os comércios e casas. Na praça, ao redor do coreto, as barraquinhas de comida foram montadas. Os aromas de abóbora, cravo, hambúrgueres e fritura enchiam o ar, fazendo todos salivarem ao caminharem pelo local. Miley estava aproveitando o festival, assim como todos da cidade, para relaxar. Ou tentar, pelo menos. Os últimos dias tinham sido corridos e sem novidades sobre John e seu bando, mas tudo a levava a lembrar do seu destinado. Como naquele momento em que o cheiro de canela do doce que comia trouxe a lembrança de quando ela estava aninhada perto do pescoço dele, se deliciando com aquele contato. Como prefeita, ela precisava estar ali, mas tudo o que queria era ficar em casa emburrada. Até Luna tinha reclamado de seu humor instável. Miley jogou o resto do doce no lixo e se aproximou de Alison e Denis na barraca de hambúrguer.

— É bom ver você circulando por aí de novo. — Miley disse, abraçando Alison, que estava rindo.

— Vocês fazem me sentir segura.

— E você está. — Afirmou Denis, abraçando Alison com um braço apenas. Miley olhava os dois, feliz por terem se encontrado como amigos.

— Viram Bryan e Luna? — Miley procurava entre o mar de cabeças.

— Ela está obrigando o coitado do Bryan a ajudar na barraca das tortas de abóbora. — Denis contou, rindo ao lembrar a cara de desespero do beta.

— O que ela não pede sorrindo, ele não faz chorando. Vou ver se consigo salvá-lo.

Miley partiu com um sorriso no rosto, mesmo que em seu coração

uma pontada de dor a lembrava de que nunca teria o mesmo com Alex.

A festa acontecia a poucos metros do pequeno grupo de homens, todos olhavam agachados, escondidos pelo bosque, enquanto as pessoas se divertiam alheias ao que aconteceria. O plano era simples: encontrar a doutora, levá-la até o líder e então ele decidiria se ela vivia ou morria. O telefone do capitão entre eles tocou, ele atendeu já sabendo quem era. A voz de John ecoou em seus ouvidos.

— Sejam discretos dessa vez. Se for preciso, usem as passagens. Entenderam?

— Sim, senhor.

Após a ligação, o grupo se separou e adentrou o festival, disfarçados como visitantes curiosos pela festa, aproveitando a oportunidade para não serem notados como estranhos. Quando avistaram a doutora, uma mulher loira de olhos azuis, ela estava acompanhada de um homem grande que, certamente, era um lycan e seu guarda-costas. Decidiram esperar pela oportunidade de agir.

Eles estavam a alguns minutos conversando, bebendo e rindo em uma das mesas de plástico, perto das barracas de comidas. Era impossível não se sentir bem-vinda entre eles, Alison pensava ao observar o grupo ao redor da mesa. Luna, com seu bom humor e simpatia, Bryan tentando ser durão, mas sempre se derretendo pela mulher, Denis, divertido e sempre a fazendo se sentir protegida. E, claro, havia Miley, que a recebeu mesmo quando ela tinha cogitado ajudar o inimigo – tudo bem que não sabia na época, mas mesmo assim se sentia grata pela generosidade daquelas pessoas.

Miley sentia-se sendo observada; seus pelos na nuca estavam arrepiados desde o momento em que tinham se sentado para comer. No entanto, não queria preocupar os outros que estavam se divertindo tanto.

— Nossa, preciso ir ao banheiro. — Alison avisou, levantando-se.

— Vou com você.

— Não. Denis, consigo chegar ao banheiro e voltar para cá sem causar problemas.

Alison dispensou-o com um sorriso e saiu caminhando entre a multidão. Denis olhou para a alfa ao seu lado e, em uma breve troca de gestos de cabeça, ele sabia que devia ir atrás de Alison, então saiu em sua busca.

— O que está havendo? Vocês estão exagerando, Miley. Estamos entre amigos. — Luna sentia a tensão que vinha da irmã; ela podia até estar tentando se divertir, mas era uma bomba prestes a explodir com um simples empurrão.

— Tem muita gente de outras cidades. Melhor prevenir. — Miley deu de ombros, tomando um gole da sua cerveja direto do gargalo, olhando ainda na direção em que Alison e Denis tinham ido. Então viu o último voltar correndo, meio sem ar. — O que houve?

— Não encontro ela!

Todos se levantaram juntos da mesa. A mente de Miley trabalhava, pensando nas possibilidades e meios de fuga. Não tinham atacado como da última vez, expondo-se, então estavam tentando ser discretos.

— Olhem os becos próximos que levam à floresta — ordenou para Bryan e Luna, que concordaram e saíram para verificar. — Você olha pelos banheiros; ela pode ter ido a um dos mais afastados. Eu vou andar por aí.

Miley sabia que algo não estava certo, mas mesmo assim foi descuidada. A culpa já revirava seu estômago, trazendo o pouco que tinha comido de volta à sua garganta enquanto andava pelas pessoas, tentando fingir que tudo estava normal.

“Eles estão de novo em nosso território. Quero muito matá-los”. Sua loba arranhava a superfície, querendo sair e caçar, e Miley a empurrava de volta, o que exigia muito esforço, trazendo suor à sua testa.

“Vamos deixar um vivo, pelo menos. Quero saber por que estão vindo atrás dela.”

Enquanto conversa com Drula, seus olhos esquadrinhavam o lugar até que um reflexo da luz do sol sobre um cabelo loiro chamou sua atenção. Miley tinha certeza de que era Alison, e ela estava sendo conduzida por dois homens estranhos, um de cada lado, mesmo de longe, conseguia perceber

que um deles a segurava pelo braço enquanto tinha algo encostado em suas costelas.

Ela os seguiu de longe, quando entraram em um dos becos, viu sua oportunidade de agir.

— Ei! Melhor a soltarem! — anunciou ao entrar no beco. Eram dois; ela conseguia dar conta, sabia disso, mesmo não podendo liberar Drula, afinal, uma festa acontecia a poucos metros deles.

Os homens se viraram, ainda agarrados a Alison, que tinha o medo estampado no rosto. Um deles a soltou, assumindo posição de ataque, com os punhos para cima como um boxeador.

— Acaba logo com ela! — ordenou o homem que mantinha Alison presa pela faca encostada em seu pescoço, a mesma que antes estava em suas costelas.

Miley viu o homem deferir o primeiro soco, desviando por pouco. Ele era maior do que ela, com certeza seria mais rápido se deixasse sua loba lutar, mas não tinha feito aulas de lutas à toa. Aproveitou e socou a lateral dele, próximo às costelas, o que o fez resmungar, mas não durou muito, e ele voltou à posição de ataque. Ela manteve distância, estudando o adversário. Seu coração estava acelerado, e tentava inspirar pelo nariz e expirar pela boca para normalizar o ritmo.

Dessa vez, decidiu atacar primeiro com socos rápidos. Sentia a dor irradiar dos punhos para o alto dos braços devido ao contato de pele contra pele. O inimigo defendia o rosto dos golpes com os braços. Quando Miley tentou dar um chute, foi pega pela perna e ficou presa. Foi jogada contra a parede mais próxima, sentindo a dor nas costas roubar-lhe o ar, desceu escorregando, tentando recuperar o fôlego.

— Miley! — berrou Alison, ainda sob o domínio do segundo capanga, que comemorava o golpe certeiro do amigo.

Miley tinha certeza de que, ao vê-la no chão, o homem covarde tentaria lhe chutar. Então, esperou o momento certo. Quando ele levantou uma das pernas, prestes a lhe dar um golpe, ela usou as pernas para lhe dar um rasteiro, mesmo no chão. Pego de surpresa e por estar em uma perna só,

ele foi ao chão com um baque forte. Miley se levantou em um pulo, caindo sobre o homem, lhe dando golpes no rosto, parando apenas quando ele ficou inconsciente.

Ela se levantou com a adrenalina correndo a mil pelas veias, encarando o último inimigo.

— Agora é a sua vez!

— Não chegue perto, senão eu a mato. — Miley percebeu que ele tremia, por isso continuou a avançar, parando apenas quando, em um ato de desespero, o homem uivou, pedindo ajuda. Sabia que tinha pouco tempo até estarem cercados.

Com os olhos em Miley, de Alison para o pé do homem, ela deu um sinal silencioso para que sua amiga atingisse o local, dando a chance de fugirem. Foi o que Alison fez, apesar do medo, reuniu toda sua força e pisou no pé do homem, que afastou a faca do seu pescoço, tempo suficiente para Miley se jogar para frente e derrubá-lo.

Alison se viu livre, vendo a alfa rolar pelo chão com o homem que xingava e chutava seu corpo, enquanto tentavam ter o controle da faca. Até que uivos se romperam na floresta atrás deles, anunciando que o reforço do inimigo tinha chegado no exato momento que Miley conseguiu cravar a lâmina da faca na barriga dele.

Miley se levantou, limpando o sangue do canto da boca, olhando para o homem de olhos esbugalhados com a mão na região, tentando estancar o sangue. Dois lobos marrons saltaram sobre a cerca que separava a floresta do beco. Miley andou para trás, mantendo distância.

— Alison, quando eu mandar, você corre direto para o festival sem olhar para trás — ordenou, mantendo contato visual com os lobos de pelos eriçados e presas à mostra, rosnando em desafio. Ela sabia que teria apenas a chance de acertar um deles com a faca que ainda segurava, e o outro pensaria depois.

Quando o primeiro saltou na direção delas, Miley atirou a faca, que atingiu o lobo bem no peito.

— Agora! — Elas correram em direção à saída do beco. Miley sentiu as garras cravarem em um dos seus ombros, a pele rasgando como se uma faca afiada estivesse deslizando sem dificuldade, expondo sua carne. A dor e o peso do lobo a levaram ao chão, usando os braços para proteger o rosto. Conseguiu virar de frente, dando um chute certeiro no focinho do lobo, deixando o animal um pouco desnorteado. Levantou-se cambaleando, precisava correr e ter certeza de que Alison estava bem.

Alison rompeu para a festa, tombando nas pessoas até que Bryan a encontrou. Ela se jogou em seus braços, tremendo, tentando contar o que estava acontecendo. Ele a passou para a proteção de Luna, disposto a seguir o rastro da alfa quando a viu surgir na multidão, sangrando e gritando para todos correrem.

— Lobo! Lobo! Corram! — Miley precisava tirar todas aquelas pessoas inocentes da frente do animal feroz que a perseguia. Drula estava quase assumindo, a perda de sangue a deixava cada vez mais fraca, porém, se fizessem isso na frente da cidade, muitos ficariam assustados ou em choque. Afinal, nem todos eram lycans, a grande maioria era humana.

Em segundos, seus lobos, ainda em sua forma humana, estavam conduzindo as pessoas para longe. Miley sabia o exato momento em que o lobo surgiu na rua principal, pois os poucos espectadores emitiram um som de surpresa e medo em uníssono. Ela se virou, segurando o ombro ferido para enfrentá-lo.

“Acho que eles não querem mais ser discretos.”

Ela ouviu Drula dizer antes do lobo saltar sobre ela. Um grito de horror se espalhou, gerando caos e desespero; as pessoas corriam desgovernadas, impedindo que Bryan chegasse mais rápido até onde ela estava. Miley conseguiu segurar a mandíbula do lobo, usando os polegares como gancho para manter as presas longe de seu rosto. Ele rosnava, tentando se aproximar, e arranhava o asfalto com as garras afiadas.

Miley resistia, porém, manter a distância estava ficando cada vez mais difícil. Quando achou que perderia, ouviu um estalo, e o lobo em cima dela começou a tremer pelo choque, caindo segundos depois sobre ela, desmaiado. Ela respirou algumas vezes antes de tirar o corpo de cima do

seu, deparando-se com Denis em pé, estendendo uma das mãos e na outra segurando uma arma de choque.

— Eu avisei que seria útil em algum momento! — Ele a puxou para cima, ouvindo-a gemer de dor, apesar de ter pegado a mão do ombro bom.

Miley olhava o lobo no chão, ciente de que tinham que tirá-lo de vista antes que voltasse à forma humana.

— Miley. — Denis a cutucou, chamando sua atenção para o que estava à sua volta.

A cidade inteira observava a cena: a prefeita ensanguentada e um lobo selvagem no meio da rua principal. As fisionomias refletiam horror, medo, e alguns choravam. Mas um rosto na multidão chamou a atenção dela: Simon a estava olhando com um sorriso largo, mostrando todos os dentes brancos, como quem dizia: eu avisei que você cairia.

Capítulo 7

Era estranho voltar a morar com o pai depois de tanto tempo, após tantos mal-entendidos, mas também estava sendo a oportunidade de rever a relação de pai e filho perdida lá atrás. Alex estava de certa forma satisfeito; eles faziam as coisas deles durante o dia, e à noite conversavam sobre planos, o passado e até o futuro. Era uma convivência boa. No entanto, feliz ele não estava. Darius e seu coração sempre o lembravam de quem estava longe. Seus sonhos eram perturbados por olhos verdes, pêssegos e gemidos reprimidos.

Estava evitando até libertar seu lobo, mesmo que correr o acalmasse no passado; ele temia que Darius fosse até Miley no norte. Suspirou sentado na varanda; naqueles dias quentes, gostava de ficar bebendo e ponderando sobre a sua triste situação. Sorria de forma irônica quando Bono saiu pela porta da frente procurando por ele.

— Alex, pode atender? É o pessoal do Norte, eles foram atacados…

Ele não esperou o final da frase e chegou rápido até Bono, pegando o telefone de sua mão, até com certa violência, com o coração acelerado e a garganta travada.

— Alô! — A voz saiu meio estrangulada. Ele apertava tanto o telefone ao ouvido que temia quebrar o aparelho antes de saber se Miley estava bem.

— Alex?

"É ela!", Darius comemorou. Alex soltou o ar que segurava, sem perceber, com os olhos fechados, agradecendo a alguém lá em cima. Bono

observava o filho do alfa com interesse, viu seu semblante mudar de preocupado para aliviado com uma simples palavra.

— Sou eu! Você está bem? Quer dizer, estão bem? — Alex se afastou de Bono, andando até o corrimão da varanda, colocando uma das mãos para se apoiar.

— Estamos bem. Eu liguei…… Ai! Luna, o que está fazendo? — Ele ouvia atentamente Miley falar com alguém ao seu lado.

"O que você acha? Eu preciso suturar isso e você não fica quieta."

"Você tinha a mão mais leve da última vez."

— Você está machucada?! — Ele apertava tanto a madeira embaixo da sua mão que podia ouvir ela estalar.

— Quê? Sim, não é nada de mais. Só um arranhão.

— Arranhões! Que vão precisar de pelo menos uns dez pontos. — A mulher, ele suspeitava que fosse a irmã de Miley, gritou do outro lado.

— Fica quieta! — Miley brigou com ela. — Não foi por isso que liguei……

— Eu estou indo agora aí. — Alex afirmou tateando os bolsos, em busca das chaves da camionete; precisava ver com seus próprios olhos se ela estava realmente bem e, no processo, machucar lentamente quem quer que tenha tocado nela. Darius concordou com ele com um uivo.

— Alex, escuta! Eu estou bem! Eu estou bem! — Miley repetiu mais algumas vezes até a respiração dele ficar mais lenta durante a ligação; ela duvidava que Alex tinha percebido que estava ofegante. Parecia que tinha corrido uma maratona. — Mas preciso que me ajudem com algo. Os lobos

do seu irmão tentaram raptar a Alison e fizeram uma confusão por aqui. Então preciso de um enorme favor.

— Claro, pode pedir.

— Podem receber por alguns dias a Alison no Sul? As coisas estão meio hostis aqui com alguns lycans por causa dela.

— Lamento por isso — ele disse ao sentir na voz dela uma pontada de preocupação. — Podemos hospedá-la, com certeza.

— Ótimo! Pode enviar alguém daqui a dois dias? Preciso falar com ela ainda e organizar algumas coisas.

— Combinado.

O silêncio surgiu na ligação, mesmo que em suas mentes quisessem fazer mil perguntas um para o outro. Era o primeiro contato que tinham desde que Miley partiu, e ouvir a voz rouca dele trouxe uma sensação de aconchego em seu peito.

— Você está bem? — Ela decidiu ficar no óbvio, mesmo que o mundo estivesse desmoronando. Mesmo que naquele momento, enquanto Luna a costurava e ela tentava não gemer de dor, tudo o que queria saber era se ele estava bem.

— Eu que devia perguntar isso de novo. — Alex conseguiu ouvir um riso tímido dela. — Eu estou melhor agora que sei que está bem.

— A gente se cura rápido, lembra? — Miley parou de falar ao ver entrar no quarto Denis e Bryan. — Eu tenho que ir; espero seus homens daqui a dois dias.

— Eles estarão aí. Fica bem.

Ela desligou, observando os dois homens que mais confiava na vida de cabeça baixa. Derrotados, era assim que pareciam.

Luna havia terminado de suturar e cobrir o ferimento com um curativo, assim como Miley, quando olhou os dois sentiu que não viriam boas notícias. Todas as emoções estavam um caos naquele quarto; havia raiva, confusão, medo e incerteza. Isso tudo deixava Luna tonta e exausta. Agradeceu por estarem as duas sentadas na cama, não queria acrescentar mais uma preocupação a Miley se desmaiasse.

— O que aconteceu agora? — Miley questionou, vestindo uma camisa limpa que estava ao seu lado na cama, reprimindo um gemido por causa do ombro.

— Fomos até a delegacia pra interrogar o lobo desgarrado e…

— E…… — Miley os olhava aguardando que Bryan completasse a frase. Depois da confusão, tinha levado o lobo inconsciente para uma ala especial da delegacia, onde apenas lycans tinham acesso, e esperavam conseguir informações.

— E quando entramos, ele estava morto com dois tiros na cabeça. — Bryan finalizou, sentindo que tinha fracassado mais uma vez.

— Merda!! — ela berrou, jogando a bandeja com os instrumentos usados por Luna no chão, provocando incômodo aos ouvidos deles devido ao ruído do metal com a madeira. Eles se assustaram com a reação da alfa, mas entendiam que isso os levava à estaca zero de novo. — Como isso foi possível? Apenas nós temos acesso.

— Não sabemos — Denis e Bryan responderam juntos.

— Vou deixar vocês conversarem. Quero ficar com a Alison; ela deve estar apavorada ainda. — Luna avisou, mesmo que Miley não a escutasse de verdade, afinal, se encontrava perdida em pensamentos, andando de um lado para o outro. Passou por Denis e Bryan, dando-lhes um sorriso de apoio.

— Desconfio de como isso aconteceu.

— Alguém dos nossos ajudou, né? — Bryan fez a pergunta, mesmo sabendo a resposta.

— Quem? — Denis sentia estar fora de sintonia com Bryan e Miley, que pareciam estar em uma conversa silenciosa de olhares.

— Suspeitamos de alguém, Denis.

— Porém precisamos de mais do que suspeitas; precisamos de provas. — Ela completou a frase de Bryan.

Dois dias depois

Alex não conseguia ficar com a perna parada, se chacoalhava, batendo o pé no piso, mesmo sentado no carro. As mãos úmidas o obrigavam de vez em quando a limpá-las na calça jeans. Ao seu lado, Max dirigia alheio ao seu nervosismo, parecendo feliz por ter sido escolhido para acompanhar Alex até a alcateia do Norte para trazer a doutora.

" *Será que ele está assim* porque *quer ver a Miley também?* ", Darius trouxe a dúvida e a semente do ciúme para o peito de Alex. Observou Max e, por um segundo, se imaginou socando-o; e isso trouxe certo alívio.

Não demorou muito para chegarem à cidade de Polson; tudo parecia tranquilo, apesar de terem sido atacados há poucos dias. No entanto, Alex notou uma movimentação maior de guardas nas ruas; alguns eram lycans, com certeza. O caminho até a casa de Miley, onde a doutora estava sendo mantida, estava mais tranquilo, mas, mesmo assim, foram abordados uma vez por sentinelas que, ao confirmarem suas identidades, liberaram a passagem.

Desceram do carro em silêncio. Alex observava a fachada da casa em madeira, com vasos floridos espalhados pela pequena varanda e sinos que balançavam com a brisa, trazendo uma sensação de reconhecimento e conforto ao seu peito. Bryan abriu a porta antes que tivessem a chance de bater; ele viu o beta trocar informações com Max, mas se questionava por que ela não tinha vindo recebê-los.

— Entrem! Luna está ajudando a Alison a se acalmar um pouco antes de ir. — Abriu passagem para que os visitantes entrassem na casa. Alex e Max seguiram ele pelo corredor até a sala, onde tinham sofás com almofadas coloridas extremamente fofos, que afundaram com o peso deles. Mas ele se sentiu como se fosse abraçado.

— Vocês devem querer algo para beber. Suco? Cerveja? Ou água?

— Para mim pode ser um suco, estou dirigindo — Max disse, sorrindo ao final. — Alfa?

— Água, por favor.

Alex observava o lugar; tinham algumas fotos em cima da lareira. Então se aproximou para enxergar melhor. A maioria era de Bryan e uma mulher, deduziu ser sua esposa. No entanto, tinham duas onde Miley aparecia. Uma com a mesma mulher da foto com Bryan, então só podia ser

a tal de Luna, sorrindo e abraçadas. Aparentemente, era uma festa de casamento. E a outra foto era de duas menininhas de olhos verdes no meio entre um homem e uma mulher mais velhos. “Os pais dela”, constatou Darius. Acabou com os dois retratos na mão; aquela menina de olhos verdes mais intensos era Miley, não tinha dúvidas. Se pegou desejando ter estado com ela naqueles dois momentos que trouxeram sorriso tão sinceros em seu rosto.

— O suco, que é de laranja, e a água.

Colocou os retratos de volta no lugar, sob o olhar inquisidor de Bryan, mas ignorou e pegou o copo de água, agradecendo ao se sentar no sofá de novo.

— Boa tarde, desculpem por terem esperado. Eu sou Luna e essa é a Alison. — As duas mulheres estavam paradas na porta com Luna entrelaçada no braço esquerdo de uma Alison assustada que pareceu se encolher mais ainda quando os dois se levantaram do sofá para cumprimentá-las. — Alison, está tudo bem. Lembra? Eles são amigos e vão te proteger até você poder voltar pra casa. — Luna sussurrou na tentativa de acalmá-la, enquanto acariciava seu braço de forma reconfortante.

— Exato. Todos do Sul querem ajudá-la, vou garantir que nenhum mal lhe aconteça — garantiu Alex se aproximando devagar.

— Mas ele é do Sul. Como posso ter certeza de que não é uma armadilha?

— Alison, né? — Esperou ela concordar. — A única coisa que posso te dar é a minha palavra de que queremos apenas resolver tudo isso. Sem dizer que foi Miley que nos pediu pra ajudar, e ela nunca colocaria em

perigo alguém da sua alcateia. — Alex afirmou, trocando olhares com Luna e Bryan, que haviam se aproximado para tranquilizar mais Alison.

— Mas eu não sou da alcateia.

— Besteira, é claro que é!

Alison viu todos na sala concordarem com a afirmação do alfa do Sul e não conseguiu evitar explodir em seu peito a sensação de felicidade. Ela era parte de algo, de uma família que se protegiam e amavam uns aos outros.

— Se essas são todas as malas, vou levando pro carro. — Max apontou as duas malas aos pés delas, já se aproximando. — Vou esperar no carro.

— Vamos todos logo, a viagem de volta é um pouco longa. Mas antes gostaria de falar com Miley sobre algumas coisas — Alex inventou, afinal, ela que deveria estar ali recepcionando eles, era o mínimo pensou. Viu marido e mulher trocarem um olhar silencioso.

— Alison, por que não acompanha o bonitão ruivo até o carro? Temos coisas pra conversar. — Quando os dois saíram da casa trocando algumas palavras, Luna esperou até estarem longe o suficiente. — Na verdade, Miley não está, teve que se ausentar. Mas pode falar conosco.

— Como assim não está? Ela está bem? O ferimento não melhorou? — As perguntas saíam tão rápidas quanto seus batimentos, e Alex desejou ter aceitado a cerveja que tinha sido oferecida antes.

— Calma, calma! Ela está bem. — Viu Alex olhar para Bryan para ter uma segunda confirmação. — Miley está no chalé da família. Denis e ela precisavam ficar sozinhos…

— Denis? Quem é Denis? — O medo foi substituído pela raiva; as palavras saíram entre dentes. O maxilar e mandíbula estavam tão pressionados que Alex tinha certeza de que ficaria dolorido mais tarde.

— É só um amigo, cara. — Bryan afirmou, usando uma das mãos pra puxar ele mais longe de Luna, o homem estava tão transtornado que se aproximou sem perceber.

— Um grande amigo, na verdade. — Luna piscou para Bryan, que segurava o braço do outro homem, mas ainda conseguiu perguntar pra ela o que estava fazendo, sem emitir som, apenas com o movimento dos lábios.

— O chalé, onde é?

— Acho que Miley não vai gostar que você vá lá atrapalhar eles — Luna alertou, tentando parecer séria, cruzando os braços.

— Ah, mas ela vai ter que me ouvir. Sua irmã está precisando escutar umas verdades; onde já se viu, em meio a toda essa confusão, ela se isolar em um chalé. — Ele sabia que estava sendo irracional, andava pela sala pra evitar se transformar e correr até encontrá-la. Com certeza Darius conseguiria seguir o rastro do perfume de Miley, e a cada segundo que passava, Alex estava tentado a deixar isso acontecer.

— Você vai precisar de um carro; pode ir com meu jipe. — Alex olhou com dúvida para Luna, que lhe estendia as chaves de um carro, presas a inúmeros chaveiros. — Vou te dar as direções, não fica longe daqui.

Alguns minutos depois, Alex saiu em disparada pela porta em direção contrária de onde Max e Alison seguiam. Ele precisava ver com os próprios olhos o que estava acontecendo naquele maldito chalé.

Enquanto os carros iam embora, Luna olhava sorrindo, enquanto Bryan tentava entender aquele sorriso meio diabólico da esposa.

— Por que você fez isso?

— Porque, Bryan, algumas pessoas precisam de um empurrãozinho pra serem felizes. — Brincou fazendo o gesto de empurrar no ar.

— Ela vai ficar furiosa com você. — Disse balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Ou me agradecer.

— Duvido!

— Você prefere ficar aqui discutindo se eu estou certa ou você — Ela começou a andar de costas enquanto desabotoava a camisa de flanela que usava sobre o olhar atento de Bryan. — Ou prefere aproveitar a casa vazia que temos só para nós?

Luna viu o desejo surgir nos olhos do marido; suas pupilas ficaram mais pretas e maiores, pouco antes de ela terminar de tirar a camisa e jogar no rosto dele. Bryan inalou o perfume dela no tecido, coco e mel, deixando um rosnado emergir. Ela deu um gritinho antes de sair correndo pela casa com ele bem atrás.



Sede dos Kathanos

A sala estava repleta de monitores nas quatro paredes, quase do teto ao chão. Havia um painel gigante branco com botões coloridos, comandado pelos dedos ágeis de dois subordinados sentados em cadeiras pretas

acolchoadas. Eles seguiam as ordens da seita, mas, mais diretamente, da General G.

Ela observava as telas onde vigiavam as cidades mais próximas; suas ruas, praças e até alguns estabelecimentos tinham câmeras escondidas. Estavam posicionadas estrategicamente para favorecer a coleta de informações, além dos infiltrados, para o bem maior.

Foi assim que a General descobriu que um dos seus mais devotos capitães e futuro alfa estava perdendo tempo com besteiras. Ela observava, por meio de um dos monitores, John andar pelo corredor que dava acesso à sala de controles, onde ela esperava sentada em sua cadeira imponente por ele para uma breve reunião. O som da porta destrancando abafou por alguns segundos o batucar de dedos nas teclas que moviam as câmeras. John a viu de costas, ainda sentada, concentrada nas imagens à sua frente. Seus cabelos prateados longos estavam penteados em uma trança grossa. Conseguiu ver o começo do penteado, mas também os dedos comprimidos dela, com unhas compridas, batendo em um ritmo no braço da cadeira.

— Tem algo que eu deveria saber?

— Tem alguma coisa que você não sabe? — John apontou para os monitores à frente ao dizer as palavras com ironia, mesmo que ela não visse seu gesto. A General riu com escárnio.

— Lembre-se com quem está falando. — Ela se levantou, virando para encarar John pela primeira vez desde que ele entrou pela porta. Sua longa túnica preta, com o brasão de Licaão costurado em dourado na altura do peito direito, era tão longa que chegava a se arrastar no chão na parte de trás. Mas isso não fez a General perder a elegância, nem por um segundo,

ao se aproximar dele. — Por que atacar a doutora? Pensei que este assunto estava encerrado.

— Ela se uniu aos do Norte, talvez diga algo relevante a eles.

— E ela sabe de algo relevante? — Levantou uma das sobrancelhas em interrogação, dando um suspiro cansado ao ver John negar. A General levou dois dedos ao nariz, apertando no centro perto dos olhos, sentindo uma pontada. — Então foque no que nos interessa! Como vão os avanços com o novo cientista? Estão nos cobrando resultados.

— Ele está nas fases de testes agora, portanto precisamos de uma cobaia.

— Então consiga uma! — Disse, dispensando John com um gesto de mão. Ele estava quase saindo quando ouviu ela lhe dar mais uma ordem. — E não machuque seu irmão, John.

Ele sentia a raiva criar força, cerrou os dentes e fechou os punhos. De cabeça baixa, sabia que ela o observava, tentando entender o poder de suas palavras nele; a General gostava de joguinhos.

— Sim, mãe.

A última palavra saiu arrastada em meio a um suspiro, porque John sabia que tentaria cumprir o que ela ordenou até certo ponto.

Capítulo 8

— Obrigada por me fazer companhia, Denis. — Eles estavam sentados no grande sofá do chalé, aninhados em lençóis, tomando vinho tinto, com pizza de pepperoni na mesinha de centro e tentando escolher algum filme na televisão.

— Que isso, não tem que agradecer. Eu adoro ficar sem fazer nada. — Denis virou sorrindo para ela por um segundo, voltando a atenção para a televisão logo em seguida. Miley olhava para ele com a cabeça encostada na mão, com o cotovelo apoiado no encosto do sofá.

— Acha que está tudo bem em casa?

— Com certeza! Sem dizer que Luna prometeu que ligaria caso tivessem algum problema com a viagem da Alison.

— Eu sei, é só que não consigo parar de pensar se foi uma boa ideia com tudo que está acontecendo. Fora que ainda não conseguimos provas sobre a ligação de Simon com o ataque a Alison. — Miley desabafou, colocando para fora o que tornava tudo mais real, seus medos e dúvidas. Denis tinha esse efeito sobre as pessoas, conseguia fazê-las se abrirem até quando não queriam, ou era só o vinho, concluiu. — Sem dizer que… que…

— Que um certo alguém não sai da sua cabeça. — Largou o controle da televisão no braço do sofá, virando-se para olhar para sua amiga mais antiga. — Dá pra ver que você voltou diferente do Sul, além da Luna ter me contado em detalhes sobre o encontro inusitado com seu destinado e o fato de estarmos aqui isolados, quando outras vezes você já teria resolvido esse problema sem pensar duas vezes.

— Eu sei! — Escondeu o rosto no sofá, ao ter a sensação de impotência dominar seu coração. Nunca Drula tinha sido tão teimosa sobre

um assunto a ponto de desafiá-la. — Sabe do que você precisa? — Denis a viu balançar a cabeça, negando, ainda com o rosto escondido. — Mais vinho! Vamos relaxar e amanhã pensamos em todos esses problemas.

Ele saiu em direção à cozinha para abrir mais uma garrafa, conseguia ver Miley de onde estava, mesmo de costas para Denis, ela parecia perdida olhando para a televisão.

O celular no bolso vibrou, avisando que uma mensagem tinha chegado. Denis pegou o aparelho, lendo as palavras duas vezes para compreender o que Luna quis dizer.

"Olá, Só passando pra avisar que vocês vão receber a visita de um lobo bem irritado em breve." " O que você fez?"

Digitou as palavras rápido, enquanto ela ainda estava online. Com certeza Luna tinha aprontado e sobraria para ele resolver. Era assim desde o colégio.

" Você vai descobrir, mas lembre-se, só quero vê-la feliz."

Ainda encarava o celular sobre a bancada, pensando nas possibilidades quando, enquanto terminava de servir o vinho, um estalo em sua mente lhe trouxe a compreensão da situação. Luna tinha de alguma maneira conseguido fazer o lobo do Sul saber que Miley estava sozinha com outro homem. Caminhava de volta para a sala, com as taças na mão, rindo com a eminência do problema à porta.

— Quem era no celular? Aconteceu algo em casa?

— Quê? Não! Está tudo bem. Era apenas sua irmã dizendo que talvez se una a nós. — Desconversou, entregando a taça dela e tomando um gole da sua, assim que se sentou.

— Você está estranho. — Encarava Denis com os olhos cerrados, tentando captar alguma coisa.

— Impressão sua.

Miley pretendia insistir, porém, batidas firmes à porta invadiram o lugar. Eles se encaravam com olhos espantados pelo som estridente causado

pela pessoa do outro lado.

— Se for minha irmã, quero saber o que ela anda comendo. — Brincou, indo abrir a porta que chegou a tremer com mais três batidas impacientes antes que ela chegasse perto.

Apesar de tudo, estava sorrindo ao atender, mas não estava preparada para a visão do homem de cabelos pretos desgrenhados, de respiração ofegante, punhos fechados e dentes cerrados, a fulminando com o olhar.

— Alex. — Apesar de não entender o que ele fazia ali, as palavras não saíram como uma pergunta, mas espantadas, por parecer que Alex tinha sido atraído pelos seus pensamentos.

— Cadê ele? — As palavras saíram em meio a rosnados, quando ele passou por Miley, cego pela raiva.

Denis estava ao longe, observando tudo em pé próximo ao sofá, quando Alex o avistou. Não houve como controlar a raiva que estava remoendo desde que tinha saído da casa de Miley naquela manhã. Quando se deu conta, estava voando, passando pelo sofá em um pulo, caindo sobre Denis, levando ambos sobre a mesinha de centro, que se espatifou com o peso dos dois.

— Ela é minha! — gritou sobre Denis, enquanto o agarrava pela camisa, a poucos centímetros de seu rosto.

— Alex, solta ele! — Miley assistia à cena toda, boca aberta, como se fosse em câmera lenta, e, de certa forma, tentava não rir com a cena de ciúmes ridícula.

— Se ela é sua então por que eu estou aqui e não você?! — debochou, com um sorriso cínico. Denis ouviu Miley o repreender primeiro, instantes antes de ser atingido pelo primeiro soco, por reflexo, se defendeu, mesmo que fosse contra um alfa.

Miley gritava para que parassem aquela briga, que estava acontecendo em cima de cacos de vidro e pedaços de pizza. Os dois homens trocavam socos, chutes, cotoveladas e até palavrões. Precisava dar um basta, então se

jogou nas costas de Alex, na tentativa de tirá-lo de cima de Denis, e, ao conseguir afastá-los o suficiente, entrou no meio dos dois.

— Agora basta! Se quiserem continuar brigando, vão ter que passar por mim. — Ficaram os três se encarando, ajoelhados em meio à sujeira. Denis limpou o sangue no canto da boca com a manga da camisa, o que trouxe um sorriso ao rosto de Alex, que apesar de estar dolorido, estava em melhores condições que o outro.

Se levantaram, ainda em silêncio, com Miley entre eles.

— Denis, pode, por favor, esperar lá fora enquanto tento entender o que está acontecendo.

— Vou te dar trinta minutos, se ele não sair, vou entender que tenho que ir embora. — Apontou com o dedo indicador para Alex, que ainda o encarava com um olhar assassino.

— Eu não vou a lugar algum, idiota!

— Chega! — Miley frisou, olhando de uma para o outro, mantendo os dois separados, usando o próprio corpo. — Denis, por favor.

Ele não disse mais nada e saiu, batendo a sujeira da calça jeans, mordendo o lado interno da bochecha para segurar o riso. Bem que Luna tinha avisado. Denis só não esperava que seria atacado. Ao cruzar a porta, caminhou até o carro, sorrindo, enquanto ligava para a loba que tinha tramado tudo aquilo. Se conhecia bem sua amiga, tinha certeza de que ela ia querer saber das atualizações.

Enquanto isso, dentro do chalé, Alex e Miley não desviavam o olhar um do outro.

— Agora você vai me explicar o que está fazendo aqui. — Miley cruzou os braços para evitar tirar um pedaço de pepperoni que estava no ombro dele. Afinal, ela deveria estar brava e não querendo abraçá-lo.

— Eu vim buscar a Alison e então fiquei sabendo da sua escapulida romântica.

— Espera! Primeiro que se você está aqui, quem levou a Alison para o Sul em segurança? — Agora ela não estava fingindo raiva porque uma

amiga poderia estar correndo perigo.

— Ah, como se você estivesse preocupada. Porque se realmente importasse, você estaria lá para receber a gente — acusou apontado o dedo para Miley.

— Você não tem ideia do porquê não pude estar lá. Sem dizer que se não fosse a sua família, a minha cidade e pessoas com quem eu me importo não estariam em perigo. — Lembrou Miley, o que trouxe o olhar de culpa e um aperto ao peito de Alex. Ele sabia que tudo que ela havia dito era a mais pura verdade, mas o ciúme ainda corria em suas veias. — Então me conta quem está com a minha amiga, garantindo a segurança dela.

— Ela está segura com o Max. Devem estar chegando na alcateia em breve. — Ótimo, confio no Max. — Parece que você confia em muitos, menos em mim — Alex soltou, cabisbaixo. — Você não me deu motivos para confiar ainda. — Se olhavam em silêncio, querendo expor em palavras tudo o que rondavam suas mentes e corações, porém pareciam que nenhuma frase seria a certa, por isso decidiram por não dizer nada. — Vai embora, Alex, por favor, é melhor assim.

Se afastou, dando a volta no sofá, passando os dedos pelos fios de cabelos curtos, indo em direção à cozinha em busca de um copo de água. Além de precisar aumentar a distância entre eles.

Miley encheu o copo com água gelada e tomava quando ouviu os passos anunciando que Alex tinha entrado pela porta, sentia seu olhar em suas costas. Ele estava com raiva de novo, não precisava se virar para saber disso.

— Ir embora? Pra quê? Pra vocês continuarem com o fim de semana romântico? — Riu com ironia, enquanto usava as mãos para segurar o batente da entrada da cozinha na tentativa de não quebrar tudo o que tem pela frente.

— E se fosse isso, qual é o problema? Eu sou solteira, ao contrário de você que tem uma noiva — acusou do outro lado da bancada, mantendo distância dele porque ali na cozinha o cheiro de canela ameaça alcançá-la, o que deixaria Drula ainda mais instável.

— Não tenho mais.

— Não tem mais o quê? — Miley pergunta confusa.

— Noiva. Terminei com a Maya no dia que você foi embora — confessa entrando de vez na cozinha, caminhando de forma lenta para se aproximar de Miley, que olha ele confusa. Mas Alex vê sua expressão mudar e ser invadida pela indignação.

— E então veio aqui achando que eu ia me jogar nos seus braços?

— Sim, quer dizer, não. Eu queria……

— E tudo que você me disse? Acha que é fácil esquecer. Você me magoou. Feriu a minha loba. — Miley grita, andando para manter distância dele, que não percebe que continua a avançar na direção dela, como dois ímãs que se atraem mesmo sem querer.

— Desculpa, eu não queria magoar ninguém e acabei fazendo isso. Eu estava confuso e… Que cheiro é esse? — Alex inspirou mais fundo, trazendo o cheiro diferente ao redor deles. Agora que estava mais perto dela, conseguia sentir algo mais além de pêssego, com tantos aromas devido à sujeira da sala, não tinha notado antes.

— Alex, fica longe! — Pede, usando a mão para afastá-lo, que segue cheirando o ar em transe, buscando encontrar o objeto que emana o cheiro tão bom que faz sua boca salivar. Miley termina encurralada com a parede em suas costas, e ele com as duas mãos ao lado da sua cabeça.

— É você! — Aproveita que ela não o afastou para inalar o perfume direto da fonte, esfregando o nariz no pescoço de Miley. Em sua mente, Darius uiva ao constatar por que ela está cheirando tão bem. Alex sente arrepios por todo o corpo, afasta o rosto o suficiente para olhar para ela. — Você está no cio. No cio com outro homem! Eu vou matar aquele cara!

Antes que ele pudesse sair da cozinha, Miley recupera as forças, segurando seu braço.

— Escuta, Denis é apenas um grande amigo e o único homem, além do Bryan, que a Drula deixaria ficar perto de mim nesse estado. — Soltou o braço dele agora que tinha sua atenção de novo, se afastou abraçando a si

mesma com os braços, porque a cada instante que ficava perto de Alex, mais sentia as reações do cio. — Por isso vim pra cá, se fosse em outra época, os lobos machos sentiriam o cheiro e se ofereceriam. Escolhia alguém e pronto, fim de assunto. Mas por sua causa, a minha loba queria mais ferir os outros lobos do que fazer sexo com eles.

— Então me usa! Eu estou aqui. — Diz, abrindo os braços como se apontasse o óbvio.

— Bem que você ia gostar disso, né? — Miley falou ironicamente. — Não vou negar que faria esse sacrifício feliz. — Ele percebeu um levantar tímido de lábios dela, tentando evitar um sorriso. Aquilo traz um calor ao peito de Alex, ao imaginar que foi o responsável por um quase riso dela.

— Eu estou exausta demais pra discutir, sem dizer que Denis deve estar longe já. Então você pode ficar por hoje — Viu surgir um sorriso largo no rosto dele. — Melhor começar a limpar a bagunça que fez na sala porque você vai dormir no sofá-cama. — Fez um gesto para ele se afastar com a mão, passando para a sala de novo, balançando a cabeça em negação ao ver o caos na sala que, apenas alguns minutos antes, a paz reinava. — Boa sorte na limpeza.

Alex a observou entrar no que deduziu ser o quarto, com o coração palpitando rápido. Não sabia o que esperar ao ir até lá. Tinha agido por impulso, ao imaginar as mãos e a boca de outro homem em Miley. Mas agora sabia o que queria: dar uma chance para esse sentimento que começava a preencher seu coração desconfiado. Afinal, poderiam perder tudo naquela jornada, então queria poder dizer que tinha vivido algo belo em meio à guerra.

"Você está poético agora?", zombou Darius.

“Vai à merda!"

Começou a limpar a sala, em meio a brincadeiras e provocações com seu lobo.

Alcateia do Sul

O dia tinha sido longo na loja, e tudo o que Maya queria era comer algo, um banho e sua cama. Porém, ao tentar destravar a porta, notou que estava aberta. Imediatamente, calafrios percorreram seu corpo, e sentia o suor se acumular na blusa embaixo das axilas. Mesmo assim, entrou na casa, escura, com passos lentos, atenta a qualquer som. Não chegou muito longe quando a voz grossa, tão familiar, chegou aos seus ouvidos.

— Demorou bastante. — John estava sentado no sofá, com as pernas cruzadas e os braços encostados no encosto, em meio à escuridão, como se fosse dono da casa.

— Muitos turistas na loja hoje — comentou, deixando a bolsa na poltrona, acendendo a luz no caminho.

— Sabe, Maya, pensei que tínhamos um acordo. — Se levantou, caminhando até ela, que estava com as costas na parede, ainda perto do interruptor de luz. — Porém fiquei surpreso ao descobrir que meu irmãozinho não mora mais aqui.

— Eu… eu ia contar, mas tinha a esperança de conseguir reverter tudo e não precisar. — Suas mãos tremiam a cada passo lento que trazia John para perto dela. Ele parecia estar calmo, porém seus olhos cravados nela lhe diziam outra coisa.

— E por que não conseguiu? Ficar de olho nele era sua única missão. — Agora perto de Maya, ele segurou o pescoço dela com a grande mão, fazendo uma leve pressão. John amava sentir que podia exterminar a vida de qualquer pessoa tão rápido quanto esmagar uma formiga. Se forçou a soltar a garganta dela.

— Ele está irredutível. — A voz saiu falha em meio a um acesso de tosse ao tentar recuperar o fôlego. — Alex encontrou sua destinada na alfa do Norte. — Massageava o pescoço com a mão encarando as costas de John que havia se afastado de novo ao mesmo tempo que pensava em uma rota se fuga se fosse preciso, poderia ser uma lycan mas não era tola de tentar lutar contra um alfa.

— Isso é uma informação realmente interessante. — John caminhava pela sala com a mão no queixo, ansioso pelo novo plano que surgia em sua mente.

— Por quê? Arruinou seu plano inicial.

— Porém me trouxe uma nova fraqueza do meu irmão. Me avise quando ele voltar para a cidade. Soube que viajou para buscar a doutora, porém ela veio sem ele.

— Max trouxe a doutora, estão na casa do alfa.

— Isso eu já sabia. — John falou meio impaciente, segurando a maçaneta da porta, pronto para partir. — Me informe assim que ele voltar.

Saiu para a noite, abotoando o paletó, indo em direção à floresta. Ainda tinha mais uma parada, buscar uma certa encomenda, antes de voltar para casa.

Capítulo 9

Enquanto Alex arrumava a sala, Miley saiu do quarto apenas algumas vezes . Uma delas foi para ir ao banheiro tomar banho, o que quase levou ele à loucura, sabendo que ela estava tão perto, nua e cheia de espuma, a poucos metros de distância. A outra foi para entregar lençóis limpos para o sofá-cama.

Miley estava na cozinha, comendo uma maçã, quando ouviu a porta do quarto ser aberta novamente. Ela esperou Miley chegar até onde ele estava, encostado na pia.

— Alex, já que vamos ter que conviver, quero aproveitar para discutir algumas coisas com você. — Miley perdeu o fio da meada ao encontrar ele apenas de cueca em sua cozinha. Seus olhos percorreram o corpo dele, admirando os músculos, os pelos morenos que preenchiam seu peito e desciam se perdendo na cueca preta. O livro que segurava escorregou de suas mãos, e o som grave a trouxe de volta à realidade. — Por que, pelo amor de Deus, você está seminu?

— As minhas roupas estavam sujas, então lavei e estão na secadora, mas ainda não estão prontas — ele contou, terminando com um levantar de ombros como se fosse a coisa mais normal do mundo. No entanto, Miley viu em seus olhos maliciosos que Alex sabia que a visão de seu corpo a afetava.

— Você é muito cara de pau, mas não vou cair nessa. — Saiu da cozinha enquanto ele gargalhava, achando que ela tinha fugido. — Aqui, veste isso! — Miley mandou, jogando uma camisa e shorts que com certeza ficariam grandes nele. — O chalé é da família, então Bryan e Luna têm roupas no quarto também. Se veste e vamos conversar na sala.

— Sabe se eu vou ficar vestindo as roupas do seu cunhado, preciso ter uma conversa séria com ele sobre estilo — disse Alex ao voltar para a sala mostrando as roupas desproporcionais ao seu corpo, que era musculoso, mas não tão grande quanto o de Bryan. Miley se esforçou para não rir. — Que livro é esse?

— É um dos livros que minha família tem sobre Licaão. Aqui os Kathanos são citados, e acho que talvez tenha encontrado o que eles querem. — Miley virava as páginas, buscando o trecho que tinha chamado sua atenção alguns minutos atrás. — Aqui, lê e me diz o que acha.

Alex pegou o livro das mãos dela. As páginas estavam amareladas pela ação do tempo, e algumas letras estavam meio apagadas, mas ainda era possível ler o que estava escrito.

"Os seguidores de Licaão buscam a supremacia do sangue e o retorno do rei dos lycans, todos sendo regidos por uma única mão firme e determinada em trazer a ascensão dos lobos."

— Me parecem ser bem preconceituosos, isso sim — Alex afirmou, devolvendo o livro com uma careta de desgosto.

— Sim, isso já sabíamos, com toda aquela coisa de eliminar os mestiços. Porém, eles falam de um rei nesse trecho. — Alex podia jurar ouvir as engrenagens da mente dela funcionando. Miley sabia que tinha descoberto uma pista importante, e isso brilhava em seus olhos. — O único rei que tivemos foi Licaão, porém não era porque era da nobreza.

— Era por quê?

— Porque ele foi o primeiro e único alfa daquela época.

— O alfa supremo! Lembro disso. — Agora até ele estava envolvido na conversa. — Acha que querem recriar um alfa supremo? Isso não deve ser possível.

— Não sei! Mas a Alison disse que as pesquisas tinham como objetivo isolar o gene lupino no nosso sangue. — Miley começou a andar de um lado para o outro na frente dele. Estava tão animada que ficar parada se tornou impossível. — Sinto nos ossos que é o que temos que focar.

— Ok, vamos dizer que seja possível, eles teriam que eliminar todos os outros alfas e os que surgiriam. Como fariam isso?

— Não sei, não sou cientista — debochou, sentando desanimada ao lado dele no sofá. — Com certeza a Alison pode ter alguma ideia.

— Não custa tentar falar com ela de novo. E, falando nisso, enquanto você estava no quarto, fugindo de mim, liguei para o Max e eles chegaram bem. — Alex não resistiu a provocá-la.

— Eu, fugindo? Você realmente não me conhece. — Riu, meio sem graça.

— Então me deixa te conhecer. — Se aproximou, encostando suas pernas. O calor subiu percorrendo seus corpos. Alex encarava os lábios cheios dela, pensando se teriam gosto de pêssego também. Como Miley não se afastou, arriscou se aproximar seus rostos de forma lenta.

Ele dividia o olhar entre os olhos verdes e a boca dela, chegando cada vez mais próximo. Miley engoliu a seco com a respiração ofegante. Detestava se sentir como uma mulher inexperiente, mas era assim que às vezes se sentia com ele. Suas testas se encostaram, Alex soltou um suspiro com os olhos fechados, as pontas de seus narizes se tocavam. Miley não resistiu ao carinho recebido, o roçar de narizes e bochechas, uma carícia comum entre casais de lycans. Grunhido se levantou em um pulo.

— Melhor irmos dormir.

— Miley, espera — pediu, segurando sua mão. — Pare de fugir de mim. Sei que fui um idiota, mas não vou a lugar nenhum. Eu demoro para decidir algo, mas quando decido, não tem quem me faça mudar de ideia.

— Igual um burro velho, marrento e teimoso? — Brincou, olhando para ele sentado, segurando ainda sua mão.

— Mais ou menos isso. — Levantou-se, pegando a outra mão dela, entrelaçando seus dedos, ficando de frente um para o outro. — Acredita em mim, lobinha.

— Na minha vida, aprendi que as pessoas dizem o que bem entendem e poucas fazem o que se propõem. — Miley se afasta com um olhar triste,

entrando no quarto antes que ele pudesse fazê-la mudar de ideia. Se encostou na porta de madeira, fechando os olhos e pedindo forças.

Na manhã seguinte, Miley se levantou com os primeiros raios do sol. Os calores do cio e seu destinado a poucos passos não a deixaram dormir direito. Queria poder dar três tapas em Drula, que parecia esquecer tudo o que Alex tinha feito e só pensava em rolar com o lobo dele pela mata. Ela se espreguiçou e saiu do quarto. Alex ainda dormia no sofá, onde mal acomodava seu corpo. Estava com uma perna para fora, encostada no chão, dormindo de bruços, totalmente desacordado.

Ela deveria seguir para o banheiro, mas ficou admirando as costas largas e com algumas pintas negras, parecendo pequenas constelações. O pulsar no meio das pernas a fez friccionar uma na outra; o atrito trouxe um gemido aos seus lábios e uma quentura pelo corpo. Miley se afastou, indo direto ao banheiro, entrando e deixando a porta aberta, no desespero de se refrescar na pia. Jogou água no rosto e passou um pouco no pescoço, suspirando de satisfação.

— Bom dia! — Alex disse, encostado no batente da porta, admirando a camisola amarela dela com pequenas bolinhas brancas. — Tá tudo bem? — Ele ficou preocupado ao perceber que Miley o recebeu com uma fisionomia enigmática, não muito amistosa.

— Estaria melhor se a casa toda não tivesse seu cheiro e você não ficasse andando por aí sem camisa — reclamou, tentando passar por ele sem tocar em seu corpo.

— Você deve estar mais propensa a perceber essas coisas por causa da sua situação. — Por respeito e para provar que não queria provocá-la, ele vestiu a camisa que estava largada no sofá.

— Não me diga.

— Miley, por que não deixamos os lobos resolverem isso? Assim você não fica sofrendo e provo que só quero ajudar, sem receber nada em troca. Sem dizer que seria um bálsamo para nós dois, já que os dois lobos não param de reclamar; não sei a sua, mas Darius está quase me

enlouquecendo. — Ele tentou, terminando com uma brincadeira que tinha um fundo de verdade, pois seu lobo estava, de fato, quase deixando-o louco.

— Não nego que, desde que você passou pela porta ontem à noite, ela tem feito de tudo para me lembrar que poderia usar e abusar desse corpo. — Brincou, apontando para tudo aquilo na frente dela. — Mas, Alex, se nossos lobos se acasalarem, a ligação será indestrutível.

— Não vou a lugar nenhum.

Ficaram perdidos um no olhar do outro, no centro da sala. Miley decidindo se confiava no ato sincero dele e Alex torcendo para que ela desse o primeiro passo. Então o sorriso torto dela surgiu em seu rosto, trazendo ao coração de Alex a certeza de que a jornada dos dois iria começar, e ele se esforçaria para não a decepcionar.

Ainda sob o olhar dele, ela fechou os olhos e respirou fundo. Miley deixou que sua loba emergisse; a comichão na pele, os sons se amplificando e os cheiros intensificados faziam seu animal saltar de alegria. O último som que chegou aos seus ouvidos, antes de Drula assumir de vez, foi o ruído da camisola se rasgando e as patas na madeira do chalé.

Ver a transformação de sua destinada foi mágico para Alex. A mulher cedendo lugar à loba branca, tão branca como a neve, foi natural e belo, sem dor ou luta.

— Você tem pelos brancos. Linda. — Ele estendeu a mão direita para que a loba sentisse seu cheiro. Ao reconhecer seu destinado, ela uivou baixinho, aceitando o carinho em sua cabeça. — Branco e preto, realmente os opostos se atraem.

Drula começou a cutucar a perna de Alex com o focinho, impaciente para que seu destinado lobo saísse, afinal o homem teria que deixá-lo sair para acasalarem. Alex sorriu perante a impaciência explícita dela e, sem mais enrolação, se afastou o suficiente para Darius saltar e cair sobre as patas a apenas alguns centímetros do outro animal.

Os dois lobos, fêmea e macho, andaram lentamente um em direção ao outro. Cheirando e lambendo, se reconhecendo como um só. Durante todo o dia, no bosque ao redor do chalé, eles caçaram juntos, brincaram e se

acasalaram como um casal de lobos normais, em completa harmonia com a natureza ao seu redor.

Ao longe, o canto agudo e contínuo de um pássaro a despertou do sonho. Miley não queria acordar, por isso se forçou a ficar de olhos fechados, atenta ao canto. As folhas faziam cócegas em suas costas e nádegas nuas. Sentia o corpo quente sob o seu e a brisa gelada da noite arrepiava a pele exposta. Todas essas sensações se misturavam com seu sonho, por isso demorou a perceber que era real. Abriu os olhos, espantada, para o bosque escuro e sentiu os pelos negros do peito de Alex sob os dedos da sua mão, que fazia círculos de forma natural.

— Precisamos de um banho, estamos imundos. — Levantou-se, nua, recebendo um olhar demorado dele, apesar de ter a pele manchada de terra e algumas folhas no cabelo.

Andaram em silêncio pela trilha que levava ao chalé, novamente perdidos em seus pensamentos. Miley sentia a felicidade de Drula e, como sua loba estava tediosa, fazendo-a lembrar de todos os momentos felizes na floresta.

— Eu vou primeiro. — Miley anunciou ao entrarem no chalé sobre quem usaria o banheiro, mas viu seu braço ser puxado, trazendo-a de encontro ao corpo de Alex. — Tá fazendo o quê?

— Podemos tomar banho juntos? Quero mimar um pouco você, lavar seu cabelo e esfregar suas costas — pediu, tirando algumas folhas do cabelo dela que, aos olhos de Alex, pareciam formar uma coroa de fada sobre a cabeça de Miley, sorriu com o pensamento. — Só quero isso.

Ele a olhava com admiração, e isso lhe tocou o coração, porque era algo que sempre tinha ansiado durante todos aqueles anos. Então, antes que se arrependesse, concordou com a cabeça de forma afirmativa. Tinha medo de não conseguir dizer as palavras, medo de ceder o controle de seu coração.

Alex os guiou até o banheiro de mãos dadas, abriu a cortina de plástico transparente e ligou o chuveiro na água morna. Testou a

temperatura com a mão. Entraram juntos no pequeno retângulo de azulejos brancos, um de frente para o outro.

Miley andou para trás, sentindo a água morna cair sobre seu couro cabeludo, fechando os olhos e perdendo a visão dele. Alex a virou lentamente, deixando-a de costas para ele. Pegou o frasco de shampoo sobre o batente do vitrô, colocando uma boa quantidade do líquido branco, o que trouxe um leve aroma de eucalipto.

Ele a afastou da água, começando a lavar seus cabelos. Não eram grandes, mas Alex fez questão de massagear o couro cabeludo dela, arrancando um gemido de prazer. Miley amava que fizessem carinho em sua cabeça, um dos seus pontos fracos.

— Enxagua. — A voz rouca dele mostrou que aquele banho também o estava afetando. Ela obedeceu, mergulhando a cabeça embaixo da água, passando as mãos nos cabelos para tirar toda a espuma.

Quando ela terminou, Alex respirou profundamente para mais uma tarefa prazerosa, porém ao mesmo tempo torturante: ensaboar o corpo dela. Encontrou a esponja, colocando sabonete líquido, usou as mãos para fazer espuma enquanto Miley sentia o aroma de camomila invadir o banheiro que já estava embaçado pela água quente.

Ele começou pelas costas dela, não deixando de notar cicatrizes e marcas em seu corpo. Seu coração ficou apertado ao imaginar o quanto sua destinada tinha passado sozinha, lutado sem ele por perto. Virou Miley de frente para ele, e em seus olhos, Alex viu o quanto aquele gesto dele a estava afetando. Havia desejo e também medo.

— O ferimento do ombro está quase curado, só um pouco avermelhado. — Observou ao passar a esponja naquela região seguindo para os braços.

— Saramos rápido.

— Queria que você não precisasse ter que se curar rápido. — Seguia limpando o corpo dela tentando manter a maior distância possível, mas a cada palavras a cada toque se aproxima. E sua perdição foi quando Miley pediu a esponja e começou a limpar seu peitoral e abdômen. — Assim nem

o mais nobre dos homens resisti — saiu em meio a um gemido ao ver ela lamber os lábios focada em seu pelos negros subindo e descendo a mãos em meio a espuma.

— Então o que alguém não nobre faria?

Ele agarrou sua cintura, girando seu corpo para colocar as costas dela na parede. Os azulejos gelados trouxeram um arrepio a Miley, que logo foi esquecido quando seus lábios foram devorados por Alex. Suas bocas ficaram meio encaixadas, perdidos em um beijo que explorava, suas línguas duelavam enquanto revezavam entre morder e se beijar, perdendo o fôlego.

Alex precisou levantá-la para que suas bocas e seus corpos ficassem na mesma altura. Miley enlaçou o quadril dele com as pernas, sentindo sua ereção tão próxima de sua vagina. Um movimento, e ele estaria dentro dela.

Ela estava no paraíso, porém seu lado pessimista fez questão de lembrar que, poucos dias antes, ele estava noivo e a tinha rejeitado com palavras duras. Isso a trouxe para uma realidade onde Alex era instável e poderia mudar de ideia sobre tudo.

— Espera. — Pediu, tentando se afastar, enquanto ele mordiscava seu pescoço, por mais prazeroso que fosse. — Alex, para, me solta.

Em meio à neblina das sensações e do prazer de tê-la em seus braços, as palavras penetraram a mente dele. Alex se afastou, confuso, deixando que Miley descesse.

— Melhor irmos mais devagar. Você me prometeu apenas um banho e acabamos perdendo o controle. — Ela segurava os seios com um dos braços, se sentindo exposta e desejosa. Miley reparou no olhar confuso dele, e ela mesma não entendia seus sentimentos contraditórios. Precisava de espaço, distância de Alex. — Obrigada pelo banho.

Alex sabia que seria difícil conquistar a confiança dela, por culpa dele mesmo, porém ver Miley se afastar depois de terem avançado tanto em sua relação também doeu. Olhou para a ereção resmungando um palavrão, colocou o chuveiro na água gelada e mergulhou de cabeça.

Era madrugada e ele ainda encarava o teto de madeira deitado no sofá-cama. Alex estava começando a ver ou imaginar até padrões de pequenas luas nas formas distorcidas quando a porta do quarto se abriu. Olhou para Miley parada na porta.

— O que houve?

— A lenha acabou e, como passamos o dia em forma de lobo, não tem nenhuma para repor — reclamou mal-humorada, não só pelo frio que começava a entrar no chalé, mas também por não ter seu desejo satisfeito.

— Eu corto amanhã, agora tá muito escuro. — Ele viu a careta de raiva dominar aquele rosto que começava a ser um livro aberto de emoções para ele, então soube que poderia arriscar mais uma vez. — Mas se quiser deitar aqui, eu aqueço você, sabe, calor corporal e essas coisas. — Piscou sugestivamente, batendo no sofá com a mão.

Ela o encarava de olhos semicerrados, Miley sabia o que ele estava fazendo e, de um jeito egoísta, decidiu entrar na brincadeira. Caminhou até perto de onde ele estava.

— A cama é maior — Estendeu a mão para que Alex a segurasse. Surpresa passou por seu semblante, sendo substituída por um sorriso ao segurar na pequena mão.

No quarto havia apenas a cama, com lençóis vermelhos bagunçados, a lareira onde um fogo brando teimava em queimar, uma penteadeira e o guarda-roupas. Alex respirou o ar repleto do cheiro de Miley, ao mesmo tempo que tentava captar todos os detalhes que imaginava terem sido escolhidos por ela.

— Você não vem? — chamou, deitada.

— Claro, você vai descobrir que sou um ótimo travesseiro ou cobertor quentinho. — Ele brincou deitando-se no lado esquerdo da cama ao entrar embaixo das cobertas. Miley ria do senso de humor dele. Alex gostava de fazê-la sorrir.

— Por hoje, só ficar de conchinha é o suficiente.

— Sim, senhora! — Bateu continência. Miley soltou a risada mais fofa que ele tinha ouvido, era grave e com um ronco no final.

Ela deitou a cabeça no travesseiro primeiro, de costas para Alex que se aproximou, ajeitando o travesseiro embaixo da sua cabeça, descansando um dos braços fortes na cintura dela. Miley relaxou, pelo calor reconfortante, e por sentir a respiração dele em seu pescoço, onde Alex esfregava o nariz fazendo carinho. Suspirou feliz, caindo no sono tão rápido que não ouviu as últimas palavras dele.

— Eu *tô* apaixonado por você, lobinha.

Jake estava exausto e frustrado. O que mais desejava era chegar em casa, tomar um bom uísque e deitar em sua cama. Por isso, dirigia pela estrada em alta velocidade, mesmo sabendo que não havia muitos carros naquela hora da madrugada.

Depois do ataque ao Norte, havia recebido um convite, não uma intimação, para uma reunião com os anciãos. Seu maior pesadelo estava acontecendo: John, mesmo não tendo sido capturado, tinha sido julgado e condenado. Jake esfregou o rosto para afastar o cansaço e a irritação. Queria ter a chance de salvar o filho. Talvez, se ele se arrepender e pedir perdão, possam convencer o conselho. Sentiu o peito se encher de esperança.

Estacionou em frente à cabana. Alguns minutos depois, notou que a luz de seu escritório estava acesa e ficou em dúvida sobre quem poderia estar lá. Sabia que Alex ainda estava no NorteNorte, pois tinha recebido uma mensagem pelo celular. Então, lembrou que Max e a tal doutora estavam hospedados em sua casa até que voltasse e decidisse o que faria a respeito. Suspirou e olhou para o chaveiro em busca das chaves de casa.

Ao entrar, decidiu ir até o escritório, deduzindo que Max talvez estivesse procurando algo. Enquanto andava pelo corredor, ignorando a sala e a cozinha, embora seu estômago roncasse, lembrando-lhe que precisava

comer, um perfume de lavanda preenchia o ambiente. Jake parou, franzindo a testa em confusão, pois aquilo era algo novo. Continuou a andar até o cômodo de onde o cheiro parecia mais forte, encontrando a porta entreaberta. Tentou espiar lá dentro, mas não conseguia ver muito.

Empurrou a porta lentamente, que não rangeu. Na mesa, debruçada sobre papéis, dormia uma mulher loira. Seu coração deu um salto e seu ritmo acelerou. Ele tentava não fazer barulho enquanto se aproximava, atraído pela cena.

Quando chegou ao lado dela, que ressonava com um leve ronco, Jake sorriu. A mulher parecia meiga, mesmo que a cascata de cabelos loiros o impedisse de ver seu rosto… Suas mãos formigavam de desejo de tocar a maciez deles. Jake friccionou os dedos para acalmar os nervos e afastou com delicadeza as mechas que cobriam o rosto dela. Nesse exato momento, a mulher abriu os olhos azuis cristalinos, assustada.

Com o gesto, a cadeira rangeu pelo piso, aumentando a distância entre eles. Jake estava sem palavras. Seu mundo girava e sua mente estava repleta de lembranças falsas sobre destino e companheira. No entanto, dessa vez, seu lobo e corpo lhe davam a certeza de que tinham encontrado sua destinada verdadeira. Ele caiu de joelhos, abismado, sem saber ao certo qual seria o próximo passo, pois ela parecia amedrontada e ele, apesar dos anos, mal tinha conseguido curar seu próprio coração.

Capítulo 10

Miley acordou com um sorriso enorme no rosto e se espreguiçou na cama. Abriu os olhos, a luz da manhã entrava pela janela do chalé. Virou-se procurando Alex ao seu lado, preparada para mais uma piadinha ou provocação dele. No entanto, o espaço estava vazio. Ela olhou pelo quarto, sentou-se na cama, mas não havia sinal algum dele, nem mesmo o cheiro de canela.

“Ele foi embora? Por quê?” Perguntou, choramingando Drula.

“Calma, talvez esteja na cozinha.”

Tentou enganar sua loba, mas sabia no fundo do seu coração acelerado que ele não estaria lá. O chalé se encontrava em completo silêncio, e Alex era tão silencioso quanto um elefante em uma loja de porcelana. Mesmo assim, levantou-se e saiu para verificar.

— Alex? — chamou no vazio. Foi até a cozinha e banheiro, mas estava sozinha.

Miley olhou para o sofá, que estava arrumado, e viu as roupas de Bryan dobradas sobre ele, as mesmas que ele tinha emprestado. Aquilo trouxe a certeza de que ele tinha ido embora, talvez em mais uma crise de indecisão. Enquanto sua loba reclamava chorosa sem entender por que Alex faria isso, Miley decidiu pelo sentimento da raiva. Foi até a porta da frente para ter a última prova ou um fio de esperança, mas ao ver que o carro não estava estacionado, deixou a raiva sair em um rosnado, fechando a porta com um baque forte.

Ela começava a confiar nele, a acreditar que ele dizia a verdade, mas os atos dele e sua ausência naquela manhã lhe provaram que tinha confiado cedo demais. Sua cabeça latejava pelos ruídos de Drula, seus próprios

pensamentos e dúvidas. Caminhava pisando forte pela sala, atordoada, passava as mãos pelos cabelos, tentando organizar suas emoções.

Então se lembrou que poderia fazer algo para extravasar toda a raiva que estava sentindo. Saiu pela porta e foi para os fundos do chalé. Pegou o machado pendurado na parede e se dirigiu às toras de madeira empilhadas, que esperavam para serem cortadas. Colocou a primeira no centro do tronco cortado, onde havia estado uma antiga árvore que desabou em uma noite de tempestade, que servia agora como apoio para cortar lenha.

O machado desceu certeiro sobre a tora, partindo-a ao meio. Miley colocou a próxima e ergueu o machado acima da cabeça, repetindo o movimento mais algumas vezes até ter lenha suficiente. No entanto, ela continuou a cortar e cortar, mesmo sentindo fisgadas nas costas e os braços dormentes. Sua dor física era mais fácil de lidar do que o coração partido em seu peito. Miley suava, e alguns fios de cabelos colaram em seu rosto. Sua respiração estava ofegante pelo esforço, então largou o machado e decidiu entrar finalmente.

Olhou as toras espalhadas no chão e, com um suspiro cansado, começou a pegar algumas e empilhá-las.

— Merda! — Xingou ao sentir uma farpa entrar em sua mão quando pegou mais uma tora. Jogou tudo no chão, proferindo mais alguns palavrões, decidindo deixar tudo ali mesmo.

Tinha se desfeito do pijama e colocado suas roupas, calça e camiseta, quando decidiu tentar retirar a farpa que a incomodava. Sentada em uma cadeira da cozinha, com agulha e mais calma, cutucava a pele fina tentando alcançar o pedaço de madeira. O som da porta batendo a fez parar no que estava fazendo. Ela se levantou lentamente, ainda segurando a mão machucada com a sã, indo até a sala.

— Alex! — Seu coração acelerou e o frio no estômago que sentia desapareceu quando o viu na porta da frente, atrapalhado com algumas sacolas.

— Você acordou! Tentei chegar antes disso, mas acabei comprando mais do que devia. — Levantou as sacolas e caminhou até onde ela estava.

— Comprei algumas roupas pra mim na cidade e mais comida, afinal, não sei quanto tempo dura seu cio. — Parou de falar ao perceber que Miley o encarava de forma estranha. — Aconteceu algo?

— Você não foi embora, só fez compras?

— Achou que eu tinha ido embora?

— Bem, você não deixou nenhum bilhete, o carro não estava estacionado, e, vamos combinar, você é bem contraditório quando quer — enumerou, sentindo ainda o gosto ruim na boca da raiva por imaginar que ele tinha enganado ela, parecia que tinha lambido ferro ou acordado de uma bebedeira com aquela sensação de língua grossa.

— Ok, devia ter escrito um bilhete, porém achei que voltaria rápido — admitiu, largando as sacolas aos pés deles. — Eu não vou a lugar algum sem você, pelo menos enquanto me quiser por perto. — Miley se retraiu quando ele tentou segurar sua mão machucada. — O que houve?

— Uma farpa idiota entrou na minha palma. Precisei cortar lenha. — Ele examinava a mão dela, quase encostando suas cabeças. Miley segurava a vontade de rir, pois parecia que era um ferimento grave pelo rosto sério de Alex. — Estava tirando quando você chegou.

— Posso tentar? Eu sei um truque.

— Que truque? — Levantou uma das sobrancelhas, desconfiada.

— Vem comigo.

Alex a conduziu até a cozinha, onde a colocou sentada na cadeira e ajoelhou-se na frente de Miley.

— Confia em mim? — questionou ao segurar a mão machucada, com um olhar travesso. Ela confirmou com a cabeça, incentivando-o a continuar.

Ele olhava nos olhos dela ao aproximar a mão cada vez mais de seu próprio rosto, deu um sorriso segundos antes de levar o local onde a farpa estava à boca. Miley arfou de surpresa, enquanto Alex continuava dando mordidas em sua palma, sem desviar os olhos dela. Podia jurar que havia

toques suaves da língua dele também, mas estava perdida nos olhos cada vez mais pretos dele e nas sensações que se espalhavam pelo seu corpo.

Alex se afastou, cuspindo a farpa longe, e voltou a olhar, com seu sorriso triunfante de orelha a orelha. Miley, espantada, percebeu que o truque dele tinha dado certo.

— Viu, eu disse que conseguia.

Estava farta de pesar os prós e contras, de ficar na corda bamba das emoções, de querer confiar e se forçar a recuar. Miley decidiu se entregar e pensar nas consequências depois. Por isso, agarrou Alex pela camisa preta que ele vestia, trazendo-o mais perto de seus lábios e o beijou. De forma lenta, saboreando o gosto de café em sua boca. Ele gemeu em resposta, colocando as mãos na cintura dela, ainda de joelhos em meio às pernas de Miley.

— Bendita farpa — conseguiu dizer, mesmo ofegante, com um sorriso travesso.

— Cala a boca. — Voltaram a se beijar com voracidade. Miley colou seu corpo, levando os dois ao chão da cozinha, enquanto rolavam, rindo e se beijando para ver quem dominava o outro.

Miley acabou embaixo do corpo dele, não que se importasse, porque percebeu que adorava a sensação do peso de Alex sobre ela e poder arranhar as costas deles por baixo da camisa, enquanto recebia beijos e mordidas no pescoço. Estava se deliciando com os carinhos, era completamente diferente sentir o toque de seu destinado. Quando Alex se afastou, levantando-se de forma abrupta, Miley olhou confusa para ele, que estava sem fôlego como ela.

— Quarto. Nossa primeira vez precisa ser em um quarto. — Estendeu a mão para ela, que, rindo da situação, aceitou. Com um puxão, seu corpo estava colado ao dele de novo, dessa vez em pé. Miley não resistiu e acariciou bochechas e pescoço de Alex, com o nariz, inalando o seu perfume direto da fonte. — Maldosa você.

Ele a levantou no colo, segurando-a pela bunda, apertando-a com força, marcando sua pele clara… Isso fez Miley gemer, tomando a boca de

Alex enquanto era carregada até o quarto, sentindo a maciez dos cabelos dele entre os dedos, puxando um pouco os fios próximos à testa, que eram mais longos, para levantar a cabeça de Alex, dando melhor acesso aos lábios dele.

Alex temia não chegar ao quarto, ela o beijava com ardor e sentia o sexo de Miley colado a sua ereção, ainda que por baixo de suas roupas, estava levando-o à loucura… Entrou chutando a porta, colocando-a no centro da cama. Se afastou, apesar dos protestos de sua amada, para admirar a mulher de respiração ofegante, com lábios inchados por seus beijos e mordidas, e que o olhava com desejo.

Seu coração estava fora do compasso, seu sangue corria acelerado por seu corpo indo em uma única direção, Alex nunca tinha sentido seu pau tão duro quanto naquele momento. Miley fitou a protuberância na bermuda, mordendo seu lábio inferior, ansiosa para ver, tocar e beijar cada parte dele.

— Se continuar me olhando assim, vou gozar antes de estar dentro de você. — Acariciou sua ereção sobre a bermuda, soltando um gemido de prazer.

— Isso ia ser um desperdício. — Levantou-se, assumindo as carícias sobre a bermuda. A região estava tão quente que o calor chegava até a palma da mão dela. Miley mordiscou o queixo quadrado de Alex, esfregando-se nele, tentando aliviar a pressão entre as próprias pernas.

— Chega de conversa. Me faz sua, marrento.

Ela não precisou repetir, em menos de um minuto estavam na cama. Alex tinha tirado os tênis e as meias sem que Miley percebesse. Tudo que ela notava era os arrepios que percorriam sua pele a cada carícia, a cada toque úmido de sua língua, a cada cravar de dentes, deixando marcas de mordida carinhosas e excitantes em sua pele.

Alex a despiu antes de tirar qualquer peça de roupa dela; queria venerar o corpo e a alma da sua destinada e tinha medo de não conseguir lhe dar o devido prazer se estivessem ambos nus. Primeiro ela; depois ele poderia mergulhar em seu ser e entrar no paraíso.

— Você está vestido demais — reclamou, contorcendo-se embaixo dele enquanto tentava tirar a camisa de Alex. Miley teve os braços presos acima da cabeça, enquanto seu seio direito era sugado por ele, ignorando sua reclamação da qual ela nem lembrava mais, perdida nas fisgadas que cada sucção forte lhe dava em sua boceta. — Alex. — Saiu como uma prece; ela não estava acostumada a ceder, mas naquele quarto não se importou em deixá-lo no comando.

Ouvindo seu nome escapar dos lábios de Miley, sorriu satisfeito, alternando em busca do outro seio, dando a devida atenção a ele. Enquanto se deliciava com o sabor salgado da pele dela, usou a mão livre para tocar o clitóris inchado de Miley; ela estava tão molhada que seus dedos ficaram encharcados. Alex soltou um rosnado de prazer, voltando a beijá-la com força, roubando seus gemidos.

— Mais forte — suplicou com o vai e vem torturante dos dedos dele sobre seu clitóris.

— Sem pressa, temos o dia todo. E quero aproveitar. — Parou os movimentos, provocando-a, o que lhe rendeu uma careta brava de Miley, que aproveitou para enlaçar sua cintura com as pernas, dando um golpe e trocando as posições. Quando percebeu, ele estava por baixo e ela o dominava.

— Não sou muito paciente. — Rasgou a camisa de Alex, partindo o tecido ao meio, libertando a pele dele para seu deleite. Miley deslizou os dedos sobre o peitoral, acariciando os pelos escuros, perdendo-se na cócega gostosa provocada por eles em sua palma da mão.

— Era minha camisa preferida — disse meio sem fôlego, não só pelo toque dela, ou pelo fato de Miley estar sentada sobre sua ereção, mas também pelo olhar faminto que via em seu rosto.

— Compro outra para você depois.

Pararam de falar, se beijando. Miley segurava seu rosto nas mãos ao mesmo tempo que se remexia sobre a ereção dele, ainda de bermuda, sentindo o pulsar de quem estava louco para devorá-la. O tecido áspero provocava pequenos espasmos em sua barriga pelo contato com seu clitóris.

Alex percebeu pelos gemidos e movimentos mais frenéticos sobre ele que ela estava a um passo de gozar e focou a atenção no rosto de Miley, não querendo perder suas expressões ao chegar no clímax.

Quando a pressão aumentou e a sensação de urgência ficou mais latente, Miley cessou os beijos e cavalgou Alex até se desmanchar em um orgasmo, apoiando-se em seu peito sob o olhar atento dele. Alex a segurava pela cintura, concentrado na mulher de olhos fechados, rosto avermelhado e lábios entreabertos pelo prazer.

— Você é magnífica — soltou, hipnotizado pelo gozo dela e pelo sorriso satisfeito que lhe deu ao olhar nos olhos dele, ainda respirando pesadamente. Alex a colocou no colchão, aproveitando que Miley estava entregue pelo orgasmo, se livrou da bermuda e cueca, ficando finalmente nu. — O próximo vai ser comigo dentro de você.

— Então vem logo. — Miley tentava envolvê-lo com as pernas de novo, necessitando pele contra pele.

— Espera — pediu, buscando na bermuda um preservativo e o colocando sobre o pênis, sob o olhar de necessidade dela.

Voltaram a se beijar, com os olhos grudados um no outro. Quando suas peles se encontraram, soltaram um suspiro de alívio em uníssono, como se tivessem voltado para casa depois de um dia longo fora. Alex deslizou para dentro de Miley, que arfou, se ajustando ao tamanho dele. Com as testas coladas, respiravam na mesma sintonia, seus lobos uivavam em suas mentes pela união não só de seus corpos, mas de suas almas também.

Alex se mexeu, entrando e saindo, suspenso pelos olhos de safira. Miley arranhou as costas largas dele, sendo recompensada com movimentos mais rápidos de Alex. Não havia mais espaço para palavras; o quarto foi preenchido pelo som de seus corpos se encontrando em ritmos brutos e rápidos, como os dois gostavam, e seus gemidos de prazer. Juntos chegaram ao clímax com um urro do fundo da garganta de Alex e um grito agudo dela, agarrada nas nádegas dele na tentativa de trazê-lo mais fundo dentro dela.

O anoitecer se aproximava quando decidiram comer alguma coisa na cama, entre lençóis bagunçados e ainda nus. O peito de Alex doía de felicidade; um sorriso não saía de seus lábios ao ver o mesmo no rosto de Miley enquanto dividiam um pote de sorvete de morango derretido.

— Hummm, faz tempo que não comia algo tão gostoso assim — lambeu a colher de metal, com o olhar atento de Alex, que salivou ao notar uma gota escorrer do canto da boca de Miley e descer até seu queixo, fazendo um caminho pecaminoso. Ele se inclinou, lambendo do queixo até a boca, saboreando seu mais novo vício.

— Prefiro o seu sabor com morango. — Ela fez uma carícia na bochecha feliz. Alex apoiou o rosto sobre a palma dela em busca de seu toque. Ao abrir os olhos, viu um lampejo de tristeza no rosto da mulher que estava começando a amar. — O que há de errado?

— Nada, besteira minha. — Alex se remexeu, buscando o lençol para cobrir o corpo.

— Miley, sem segredos, lembra? Prometemos nessa cama, enquanto fazíamos mais do que sexo, fazíamos amor. — Pegou as mãos dela e sentou nas próprias panturrilhas. — Que não teríamos mais segredos ou dúvidas entre nós.

— Eu sei, e esse é o problema, porque quando sairmos dessa nossa bolha de felicidade. — Fez um gesto amplo mostrando o quarto. — Vamos ser bombardeados pela realidade onde seu irmão quer destruir nossas vidas e não temos ideia de como evitar. — Miley viu o sorriso dele vacilar com suas palavras. — Desculpa, não quis quebrar o clima.

Levantou, enrolada no lençol, pegando as roupas do chão. Alex sabia que Miley tinha razão, porém ela tinha esquecido algo importante.

— Pare e me escute — pegou de novo as mãos dela, largando as roupas no chão perto deles. — Você está certa, mas esqueceu de um detalhe:

estamos juntos agora. E tenho certeza de que somos imbatíveis.

— E humildes também ao que parece. — Sorriram; ele tinha conseguido trazer o clima leve de volta ao aposento. Infelizmente, o celular de Miley tocou na mesinha de cama. Ao se aproximar, o nome de Bryan brilhava na tela. — Não disse.

Enquanto ela falava com seu beta, Alex vestiu a bermuda e esperou sentado na cama. Pelo pouco que captou da conversa, Bryan tinha descoberto alguma pista importante. Tudo indicava que estavam voltando para casa naquela noite.

Casa? Repetia a palavra em sua mente, absorvendo o fato de que realmente se sentia em casa com ela ao seu lado.

Uma casa se torna um lar quando nela estão as pessoas que amamos, mesmo que não tenha paredes ou um lugar fixo.

— Você se tornou um romântico bobo, amigão. — Provocou Darius.

— Temos que voltar. — Miley deixou o lençol de lado e começou a vestir as roupas do chão. Não teriam tempo para um banho, o que ajudaria a saberem que eram um casal, afinal, o cheiro dele estava nela e vice-versa. Então estagnou com a blusa no meio do caminho ao perceber que não perguntou o óbvio a Alex. Voltou a se vestir com o coração apreensivo — Você vem comigo? Porque não quero que pense que tem que vir, se não quiser…

— Miley, você quer que eu vá? — Aproximou-se dela, que parou de tagarelar, se fazendo a mesma pergunta que ele. No fundo, Miley sabia a resposta, por isso confirmou que sim. — Então eu vou! Preciso só colocar uma das camisas novas e estou pronto para partir.

Ele lhe roubou um selinho e saiu para a sala em busca das sacolas esquecidas no chão. Miley estava certa, sua bolha de felicidade tinha sido estourada, e Alex não pôde evitar sentir uma pontada de tristeza por não terem conseguido aproveitar mais um pouco.

Capítulo 11

Assim que o casal atravessou a porta principal, Luna sentiu o cheiro de sexo que exalava deles. Sorriu, mais do que satisfeita por seu plano ter dado certo.

— Bem-vindo, cunhadinho — cumprimentou ao ir de encontro a eles, recebendo um olhar bravo de Miley. — O quê? Dá pra sentir a quilômetros o cheiro de vocês.

— Luna! — Miley a repreendeu, dando um tapa em seu braço.

— Eu gosto dela — Alex disse sorrindo e desconfiou, ao olhar para Miley, que apesar de tentar parecer brava, ela estava achando a situação engraçada.

— Não incentive ela — pediu, olhando para Alex. — Onde está seu marido, afinal?

— No seu escritório. Vimos quando vocês estacionaram, então vim recepcioná-los. Bora, que ele deve estar impaciente para te contar.

Seguiram juntos, com Luna à frente, andando meio saltitante, enquanto atrás, Miley e Bryan de mãos dadas, pressentiam que estavam cada vez mais perto de um novo confronto.

— Alfa, desculpe se atrapalhei, mas você precisava ver isso. — Eles mal tinham entrado no escritório e Bryan começou a falar sobre o que tinha descoberto. Na mesa do escritório, tinham plantas da cidade de Polson. Miley e Alex se aproximaram para olhar. — Enquanto você estava fora, uma coisa não sai da minha cabeça: por que os lobos desgarrados levaram a Alison naquele beco específico? Tinham muitos outros no caminho.

— Talvez fosse o local de encontro deles — Alex comentou, sem

entender aonde o beta queria chegar.

— Podia ser, então resolvi voltar e verificar. Foi então que percebi que o bueiro estava danificado.

— Como se alguém o levantasse com certa frequência. — Complementou Luna do outro lado, sentada em uma poltrona perto da estante de livros.

— Isso, vida! Então me levantei e entrei. Sabe o que encontrei?

— O quê? — Miley e Alex perguntaram juntos, sem piscar, esperando a grande revelação.

— Uma passagem em meio a todo o esgoto da cidade, com um túnel gigante. — Procurou em meio às plantas sobre a mesa e, ao encontrar a certa, apontou para ela. — Fui até a prefeitura e consegui essa planta, estamos sobre inúmeros túneis.

Miley se aproximou para olhar mais de perto para o papel da cidade de Polson, onde tem desenhos de túneis se entrelaçando logo abaixo de casas, comércios e até das montanhas.

— Como isso é possível?

— São antigos. Lembra que papai nos contou que a cidade cresceu por causa do transporte de minérios? — Luna questionou ao se aproximar do grupo em volta da mesa.

— Lembro, mas achei que tinham sido destruídos. Então é assim que entram e saem da cidade sem serem vistos. — Tudo fazia sentido agora na cabeça dela.

— Espera, esses túneis terminam aqui? Ou continuam? — Alex perguntou.

— Aí que está o problema, eles cercam todas as alcateias dessa região, porque fazíamos o transporte e troca entre as cidades naquela época. — Bryan contou, mostrando uma por uma as plantas das redondezas.

— Merda! Filhos da puta! — Socou a mesa ao ver entre tantos papéis o da sua cidade e o sentimento de impotência chegar ao seu peito. Eles

estavam cercados o tempo todo e nem sabiam disso.

— Alex! Calma, isso que Bryan descobriu é grande e podemos usar a nosso favor. — Tocou o braço dele na tentativa de acalmar não só Alex, mas seus próprios pensamentos. Ter ele ali era como se alimentar de uma fonte de energia, ao mesmo tempo que conseguia ter acesso mais fácil aos sentimentos dele. A ligação estava mais forte. — Só precisamos saber como. Conseguimos bloquear as passagens?

— Podemos tentar, mas são muitas alfas.

— Bem, vou preparar um café para todos nós. A noite vai ser longa pelo jeito. — Avisou Luna antes de deixar o escritório e o clima tenso; absorver todos aqueles sentimentos ruins estava fazendo mal para ela. Respirou aliviada do lado de fora e seguiu para a cozinha um pouco mais leve.

A campainha tocou alguns minutos depois, com Luna na cozinha, Miley e Bryan discutindo os próximos passos. Restou a Alex atender. O homem parado do lado de fora lhe parecia familiar, mas não se recordava de onde. O mesmo devia estar passando na cabeça dele, pois observava Alex com certo interesse.

— Bryan está? — Não houve um cumprimento formal, como se ele estivesse tendo todas as suas vontades atendidas.

— Quem gostaria? — Cruzou os braços em desafio, começava a não simpatizar com o visitante.

— Você obviamente não é daqui. Preciso falar com o beta. — Tentou passar por Alex, sendo impedido por ele, e ficaram se encarando com raiva nos olhos.

— Alex, quem é? — Miley vinha pelo corredor para verificar a demora dele em retornar ao escritório. Seu humor estava ruim, mas quando Alex se virou para responder, ela viu Simon parado à porta, e bastou essa visão para piorar ainda mais. — Simon, a que devemos a visita.

— Conhece ele? — Alex por uma fração de segundo sentiu o ciúme apontar em seu peito, mas ao perceber a tensão no rosto de Miley e sua postura defensiva, percebeu que não era um amigo. Talvez um inimigo.

— Ora, não sabia que tinha voltado da sua excursão misteriosa. — Aproximou-se, desviando de Alex. — Isso vai ser ainda melhor, trouxe algo para você.

Ainda parados próximo à entrada, Miley pegou os papéis oferecidos por Simon.

— O que é isso? — Folheava as folhas lendo os nomes escritos, podia sentir o calor de Alex ao seu lado, pronto para protegê-la. Não que precisasse de proteção, mas detestaria uma confusão àquela hora.

— Um abaixo-assinado pedindo seu afastamento da prefeitura, depois de toda aquela confusão no festival, finalmente as pessoas estão vendo o que eu sempre soube. — Ele sorria em euforia; o primeiro passo para ter o poder de Polson tinha sido dado. — Eu te disse, você vai cair e essa é a primeira evidência. — Levantou um dos dedos para dar ênfase em sua fala, recebendo um rosnado feroz do homem misterioso ao lado de Miley, que parecia querer avançar nele, sendo impedido por ela ao colocar o braço, parando seu avanço.

— Então eu lhe devo os parabéns por ser o prefeito interino. — Se aproximou de Simon querendo muito socar e quebrar o nariz empinado dele, porém Miley se controlou. — Mas agora pega isso e dá o fora da minha casa. — Jogou a papelada no peito dele, o empurrando em direção à saída. Simon cambaleava, andando de ré, mas não perdia o sorriso petulante.

— A visita valeu muito a pena — riu — Pode ficar, como um lembrete. — Foi embora, gargalhando, ao devolver os papéis jogando no chão aos pés dela.

Alex observou a cena, sem querer se intrometer, afinal, ela era a alfa e forte o suficiente para lidar com um idiota, mas suas mãos em punhos tremiam ao lado do seu corpo. Ele queria muito socar algo. Observou as costas de Miley, que encarava a porta, eretas, tão firmes quanto aço.

Respirou algumas vezes, normalizando seus batimentos cardíacos; ela precisava dele.

— Você está bem? — Colocou as mãos nos ombros dela, que se assustou por um momento, relaxando logo em seguida, ao ouvir a voz de Alex perto de seu ouvido. Improvisou uma massagem nos ombros tensos.

— Vou ficar, temos coisas mais importantes para nos preocupar do que meu cargo na prefeitura. — Se recostou nele, recebendo a massagem com bom grado. — Só preciso de um minuto.

Se afastou, sem olhar em seus olhos, e se isso não bastasse para achar que algo estava errado, viu Miley ignorar a irmã, carregando uma bandeja com guloseimas, e ir se esconder na cozinha. Luna lhe deu um olhar de interrogação, sem entender nada. Alex seguiu no encalço dela, fazendo um gesto para Luna seguir para o escritório.

Ao entrar, a encontrou com as mãos apoiadas na pia, cabeça abaixada, respirando devagar. Se aproximou com cautela, se encostando na pia ao seu lado.

— Fala comigo.

— É que estou cansada de sentir que sempre tenho que provar algo, que estou sempre em teste. — Se endireitou, ficando ereta ao lado dele, ambos olhando para os armários azuis do outro lado da cozinha. Era mais fácil se abrir sem se perder nos olhos negros dele. — Desde que decidi que queria ser a líder, mesmo sendo a primogênita de um alfa, eu tive que mostrar ser capaz só por ser mulher. Sabe quantas vezes fui desafiada antes de assumir?

— Não. Quantas? — questionou, ainda olhando para frente, mesmo sentindo nas palavras dela a dor.

— Chegou um momento que parei de contar — riu com ironia. — Mas com certeza foram mais de dez. Aposto que quando você decidir assumir o Sul vai ser de bandeja. Ou alguém questionou sua posição?

— Nunca, pelo contrário, estão sempre me incentivando a ser o alfa.

— Exato! Me lembro que um dia, depois de mais um duelo, cheguei em casa cansada e machucada. E a Luna me questionou por que eu ainda insistia nisso tudo.

— E o que você respondeu? — Virou-se pela primeira vez para olhá-la. Miley parecia perdida na lembrança.

— Porque era meu direito. Eu nem deveria ter que lutar para ter o que era meu por herança.

— Eu sinto tanto. — Ficou na frente dela, segurando seu rosto entre as mãos, na necessidade de tirá-la daquelas memórias ruins, trazer Miley de volta ao presente. — Você é uma alfa mil vezes melhor do que eu seria.

— Eu sei disso. — Ela lhe deu o sorriso torto que ele tanto amava. — Na lista não tinha um nome sequer de um lycan. Eram todos humanos.

— Sua alcateia é leal a você.

— A maioria, pelo menos.

— Eu sou leal a você. — Ainda a segurava pelo rosto, usando os polegares para acariciar as bochechas dela.

— Você é da minha alcateia agora? — Brincou, colocando as mãos na cintura de Alex, trazendo-o mais perto.

— Agora e sempre.

O beijo começou lento e provocante, com Alex insinuando a língua nos lábios dela, pedindo passagem. Miley colocou as mãos embaixo da camisa dele, subindo por suas costas largas, descendo arranhando. Ele grunhiu, a pegando pela cintura, colocando-a sobre a beirada da pia, colando sua ereção em sua buceta, que emanava calor sobre suas roupas.

— Vocês deviam ir para o quarto. — Luna tinha esperado anos para dizer aquelas palavras e não pôde segurar o riso ao ver os dois enamorados se afastarem, no susto, meio encabulados.

— Dá para vocês dois pararem de rir — pediu, vendo Alex se unir à sua irmã na risada.

— Desculpa, me lembrou a época que meu pai me pegava no flagra com alguma garota pela casa. — Ele tentou explicar em meio ao riso.

— Seu galinha! — disse, dando um soco no braço dele, que reclamou, segurando o local dolorido.

— Tá bom! Apesar de estar grata ao cosmo por me proporcionar minha vingança, precisamos continuar a reunião. — Luna interrompeu, lembrando a eles que precisavam voltar e traçar um novo plano. — E o que Simon estava fazendo aqui?

— Conto tudo no escritório.



O livro não estava conseguindo distrair Miley; sua mente girava em todas as direções, tentando ter certeza de que tinham traçado o plano certo. Na manhã seguinte, iriam começar a bloquear as entradas das passagens que levavam à alcateia e informar os outros alfas para fazerem o mesmo. Mais trabalho. Suspirou, soltando o livro ao lado na cama. Alex entrou de toalha na cintura, secando os cabelos com outra ao sair do banheiro do quarto.

Com certeza, a imagem do peito dele nu, com algumas gotas de água, a distraiu mais do que qualquer romance de banca.

— Gosto do jeito que você me olha. — Chegou mais perto da cama onde Miley estava encostada nos travesseiros com as pernas nuas, vestindo apenas uma camisola de alças finas, evidenciando os bicos dos seios enrijecidos, mostrando que ela estava tão necessitada quanto ele. — Mas prefiro quando me toca.

Miley foi até a beirada da cama, enquanto ele ficava parado à sua frente, com sua ereção provocando uma pequena barraca na toalha. Ela sorriu, com a certeza de que Alex a desejava. Percorreu o peito dele com as duas mãos, para cima e para baixo, ouvindo os gemidos contidos de Alex, que observava cada sorriso de canto dela pelas sensações que lhe causava.

Ele a segurou pelo queixo, fazendo-a ficar em pé, beijando seus lábios, usando a outra mão para colar seus corpos. Juntos deixaram escapar um gemido sofrido ao sentirem o calor do corpo um do outro. Alex a virou, unindo suas costas nele, segurando seus seios com as mãos, apertando os mamilos por cima do tecido, provocando gritinhos de prazer em Miley, que rebolava seu traseiro em sua ereção.

— Quero você de quatro hoje — avisou, mordendo o lóbulo da orelha dela. — Preservativo?

— Na mesinha. — Alex a ouviu resmungar quando ele se afastou para pegar o pacote na gaveta. Ao se voltar para Miley, ficou parado em êxtase, ela o esperava de quatro, a camisola levantada até a cintura, proporcionando a ele uma visão privilegiada e obscena, deliciosa. A boceta molhada implorava por Alex. Rosnou, entregando-se à vontade primitiva que explodiu em seu peito, precisava provar o mel que saía daquela mulher por sua causa.

Ele se ajoelhou no chão, devorando a boceta de Miley. O tesão a fez agarrar os lençóis, gemendo pela língua atrevida que invadia seu ser e o sugava em seu clitóris, levando-a à loucura. Seu orgasmo veio rápido, com o nome de Alex escapando várias e várias vezes por seus lábios.

Miley queria desabar na cama e respirar até seu coração desacelerar, porém sua cintura foi agarrada por mãos firmes e sua boceta preenchida em uma estocada, a fazendo arfar com surpresa. Alex precisava fazê-la sua, sentir ela gozar em sua boca, quase o fez a penetrar sem camisinha, de tão alucinado. Começou a socar forte, usando as mãos para ajudar Miley no movimento de vai e vem, enquanto ia ao encontro do corpo dela também.

— Alex! Alex!

Ouvir ela gritar seu nome incendiava ainda mais seu corpo e seu animal que queriam marcar Miley como sua para que todos soubessem. Queria viver ali, ver seu sorriso, seus orgasmos e provocá-la até a loucura. Usou uma das mãos para agarrar os cabelos, forçando um pouco a coluna de Miley, mantendo a sob seu controle. E então se entregou ao seu próprio

gozo, urrando, dando uma estocada final. Desabaram juntos na cama, Alex rolando para o lado para não a esmagar com seu peso.

— Preciso de outro banho — constatou com um sorriso no rosto, com a respiração ainda acelerada.

— Somos dois.

Riram, agarrados sobre a cama, esquecendo por alguns minutos os problemas que os cercavam.

Capítulo 12

Na manhã seguinte, não demorou para os problemas alcançarem eles. Na primeira ligação do dia, que foi para o pai de Alex, descobriram que o alfa do leste tinha desaparecido, e os lobos da alcateia estavam debandando pela região. Miley e Alex partiram para o Sul, enquanto Bryan, com Denis, coordenava a operação que fecharia as entradas dos túneis que levavam à cidade deles. Estavam, naquele momento, reunidos com Jake e Alison na sala de estar da cabana, discutindo o que fazer com a situação atual.

— Por que o beta do leste não avisou assim que o alfa desapareceu? — Alex perguntou, sentado ao lado de Miley, colocando uma das mãos na coxa dela sobre a calça jeans surrada. Ele não conseguia manter suas mãos afastadas, ainda mais quando falavam sobre algo que poderia colocá-los em perigo.

— Ele pensou que conseguiria encontrá-lo. Droga, conheço Leon há tanto tempo quanto conhecia seu pai, Miley, ele jamais abandonaria a alcateia.

— Então ele foi sequestrado. — Miley enfatizou o que ninguém queria dizer em alto e bom tom. Viu Alison se encolher na poltrona do outro lado da sala e Jake lhe lançar um olhar atento, quase protetor. Guardou essa informação para analisar mais tarde. — Alison, depois da nossa última conversa, acha que é possível criar um lobo supremo geneticamente?

— Cientificamente falando, seria impossível. Mas até alguns meses atrás, eu pensava que lobisomens não existiam. — Deu uma risada meio sem graça, torcendo os dedos da mão.

— Lycans! Preferimos esse termo. — Ela encarou Jake com seus imensos olhos azuis pela surpresa. Desde que tinham se encontrado naquela noite, ele evitava ficar mais de cinco minutos no mesmo lugar que ela.

— Desculpa. — Chacoalhou a cabeça para analisar melhor as informações que tinham recebido naquela manhã, voltando ao assunto em questão. — Mas mesmo que fosse possível, por que sequestrar um alfa? Seu irmão é um, não é? — Alex concordou com a cabeça, não querendo atrapalhar o raciocínio da doutora. — Eu estava separando o gene lupino no laboratório, o lado mais primitivo de vocês. Talvez ele queira testar algo no alfa.

— Algum tipo de droga, claro! Se os alfas forem afetados de alguma maneira, os lobos vão seguir o mais forte entre eles. — Miley começou a andar pela sala, pensando nas engrenagens do plano dos Kathanos. — E com certeza Jonh vai querer que seja ele.

— Um alfa supremo por consequência? — Jake acariciou a barba grisalha, sabendo que só tinha acontecido uma vez, mas não era impossível.

A conversa acontecia acalorada na sala, até Alison participava fazendo comentários mais práticos ou científicos. Alex escutava tudo, e a cada nova constatação, a dura verdade atingia seu coração, deixando-o mais apreensivo. Será que John ainda teria salvação? Ou um confronto se tornava inevitável?

Seu celular vibrou. Ele pegou no bolso da calça, clicando na notificação da mensagem.

"Preciso conversar com você. Urgente. Me deve isso, Alex."

Não tinha tido notícias de Maya desde o término do noivado, portanto ficou surpreso com a mensagem estranha. Ainda encarava o celular sem saber o que responder quando Miley se sentou ao seu lado.

— Mais alguma bomba? — Tinha sentido, mesmo de longe, o exato momento em que Alex ficou tenso ao olhar no celular. Por isso aproveitou que Jake e Alison haviam saído para buscar comida para se aproximar. Ele a olhou com um olhar meio perdido.

— Mensagem da Maya, dizendo que precisa conversar comigo urgente. — Com certeza, Miley não tinha gostado de ouvir sobre a ex-noiva, pois a postura carinhosa foi substituída por uma mais carrancuda. —

Acho que preciso ter essa conversa, talvez seja sobre vender a casa ou outro assunto, mas devo isso a ela. Você vai ficar chateada se eu for lá rapidinho?

— Não vou fingir que gosto da ideia. Porém é algo que precisa resolver. Só me avisa quando estiver voltando.

— Obrigado, volto rápido. — Antes de levantar-se, deu um beijo lento em seus lábios. Alex ansiava sempre por cada novo beijo, pois sempre tinham um sabor diferente. Esse vinha com companheirismo e preocupação.

Alex deixou a casa ansioso pelo retorno, avisando Maya que estava a caminho.

Minutos depois, Miley, ainda na sala, ouviu Jake e Alison entrarem pela porta, rindo. Ao que parecia, o mal-estar entre eles tinha sumido, carregados de sacolas de comida do restaurante local. O aroma de frutos-do-mar e açafrão preencheu o ar, mas ela não sentiu fome alguma. Mais uma vez, seu sexto sentido dizia que algo estava errado.

— Cadê o Alex? — Jake parou de rir ao avistá-la sozinha no sofá, com o pensamento longe.

— Precisou ir resolver algo — sorriu. — O cheiro está ótimo — mentiu, apontando para as sacolas.

— Tem um ótimo restaurante italiano na cidade, trouxemos paella para um batalhão. — Alison informou.

— Então vamos arrumar tudo, ele não deve demorar. — Todos seguiram para a cozinha para organizar a mesa após a ordem de Jake. Miley tentou participar da conversa descontraída durante a arrumação, mas seu pensamento sempre se voltava para Alex e o que estava acontecendo na casa da ex.

Alex chegou em sua antiga casa, e tudo parecia igual, em perfeita ordem. Parou para observar da calçada. Porém, ele tinha mudado, e aquele

lugar que tinha trazido momentos felizes no passado lhe causava arrepios no presente. Soltou o ar e chacoalhou os braços, como um boxeador antes da luta.

— Obrigada por vir. Entra. — Maya abriu a porta ao primeiro toque, dando passagem para ele.

— Não posso demorar, então vamos direto ao assunto. O que quer me dizer? — Entrou indo para a sala, ficando em pé.

— Nossa, calma. Alex, éramos amigos antes, lembra? Vou preparar um drink e conversamos — indicou o sofá com a mão, indo em direção ao bar improvisado sem esperar a resposta dele.

Ele queria ir embora, porém se forçou a sentar e esperar, esfregava as mãos uma na outra. Alex olhava ao redor, como se houvesse algo à espreita; seu lobo também sentia isso.

— Uísque com duas pedras de gelo, como você gosta — entregou o copo, sorrindo, sentando-se ao lado dele no sofá. Alex se afastou, aumentando a distância. Tomou um gole da bebida.

— E então? — Tomou mais do uísque, incentivando-a a começar a falar.

— Alex, quero mais uma chance com você. Nós funcionamos bem juntos… …

— Maya, por favor, não começa. — Tomou o resto da bebida, colocando o copo na mesinha ao se levantar. — Não tem como funcionar mais. Eu fui honesto com você no momento em que percebi isso.

— Mas, Alex, comigo você estaria seguro. Eu jamais o deixaria te machucar. Se a gente voltar, tudo fica bem. — Alex ouvia as palavras atropeladas saindo da boca de Maya, que tinha se aproximado. Agarrava sua camisa, tentando ter a atenção dele, mas sua cabeça girava, e a visão embaçada deixava tudo meio turvo.

— Do que você está falando? Maya, o que colocou na minha bebida? — Cambaleando, tentava se afastar. Suas pernas pareciam pesadas como blocos de cimento, e a língua grossa parecia seca.

— Se voltarmos antes de ele chegar aqui, então vai ficar tudo bem, por favor, Alex.

Em sua mente, apesar de atordoada, a imagem de Miley rondava a todo instante. Eles na cabana, o seu sorriso torto, seu cheiro e todos os momentos que tinham vivido até ali. Alex tropeçou indo ao chão, o grito assustado de Maya se infiltrou em seus ouvidos. Ela tentou levantá-lo em vão.

— Ajude ele a voltar para o sofá. — A voz lhe parecia tão familiar e ecoava em sua cabeça confusa. Alex estava com o rosto perto de sapatos pretos brilhantes, e ao levantar o olhar aos poucos, quase se engasgou com o nome preso em sua garganta.

— John? — Alex perdeu os sentidos, sendo o sorriso diabólico do irmão sua última visão.

Estavam ainda na mesa de jantar, jogando conversa fora e esperando Alex ou alguma mensagem, quando uma pontada no coração a deixou sem ar. Miley levou a mão ao meio do peito na tentativa de conter a dor . Jake se aproximou, ficando ao seu lado, preocupado, mas ela não conseguia falar, só sentir o medo se infiltrar em suas veias como água gelada.

Alex!", Drula repetia sem parar.

— Miley, o que tem de errado? — questionou, vendo o quanto ela estava pálida. Alison se aproximou para checar seu pulso.

— Está bem acelerado.

— Alex, tem algo de errado com ele.

Ela estava prestes a se levantar, apesar da letargia que sentia, pronta para revirar a cidade inteira, quando passos acelerados anunciaram que alguém estava com pressa. Max e Bono invadiram a cozinha com a respiração ofegante, correndo até a casa do alfa.

— Alfa, temos um problema. Alguns dos guardas acham que viram John nas redondezas com um capanga.

— Como assim? — Jake teve tempo apenas para fazer uma pergunta, pois, logo em seguida, ao ouvir que John estava entre eles, Alison desabou em um ataque de pânico.

Ela se recostou na parede, deslizando até o chão e abraçando as próprias pernas, dizendo que eles vieram atrás dela e que a matariam. Era o que ela acreditava. Jake se aproximou para evitar que Alison se machucasse na parede com um balançar perturbador, como se estivesse em uma cadeira de balanço desgovernada.

— Onde eles o viram? — Miley tomou a frente da situação.

— No centro — Max respondeu ao perceber que Bono estava observando o alfa cuidando da doutora. — Há cerca de duas horas, mais ou menos.

— Alex saiu para encontrar a ex-noiva mais ou menos nesse mesmo tempo. Não tenho um bom pressentimento. Quero que me levem até lá e estejam preparados para enfrentar o que encontrarmos pela frente. — Jake se levantou, derrubando a cadeira com pressa.

— Sim, alfa! — responderam juntos ao ouvir a ordem.

— Eu fico com a Alison até que ela se acalme. E, Miley — Jake esperou até que ela olhasse para ele. — Traga meu filho de volta.

Miley confirmou e deixou a cabana com a certeza de que não voltaria para casa sem Alex. Não apenas porque Jake pediu, mas também porque o mundo não estava preparado para ela sem ele.

Seus pés se arrastavam pela folhagem, e seus braços estavam em volta do pescoço de duas pessoas que o carregavam. Apesar de grogue, Alex conseguia perceber que uma delas era Maya, e que havia uma terceira

pessoa à frente que conduzia o grupo. Então, lembrou-se de quem era e semi-abriu os olhos. Estava escuro no bosque, mas tinha certeza de que o homem de costas era John. Seu coração acelerou de adrenalina, e sua cabeça confusa não permitia que Darius assumisse o controle. Não sabia o que havia na bebida, mas também havia afetado seu animal interior.

Decidiu apelar pelo último vestígio de força que lhe restava, colocando todo o seu peso sobre Maya e jogando os dois ao chão. Ele correu, ou pelo menos tentou, ouvindo o riso de John ao longe.

Eles haviam chegado à casa e não encontraram nenhum sinal de Alex, mas havia outros cheiros além do de canela. Isso aumentou suas suspeitas sobre uma armadilha. Miley usou sua ligação com Alex para rastrear seu perfume, mesmo que fraco, e acabaram indo parar no bosque. Ainda em forma humana, eles andavam sem fazer barulho quando uma risada sinistra chegou até eles. Então, os três correram.

Alex sentiu o impacto nas costas ao ser atingido por um golpe de John que o levou ao chão.

— Pare, por favor! John! — Maya histérica gritava enquanto era segurada por um capanga.

— Acho que você conquistou o coração dela, irmãozinho. — John sussurrou no ouvido de Alex, puxando seu cabelo para trás e aproximando-o do chão com o joelho.

— Solta ele agora! — Miley disse entredentes, pronta para lutar, sentindo sua loba rosnar, assim como os dois homens atrás dela.

Ouvir a voz de Miley trouxe uma nova energia a Alex. John ficou surpreso, afrouxando o aperto. Alex se aproveitou da vulnerabilidade e virou, dando um soco certeiro no rosto de seu irmão. Eles inverteram as posições, socando o irmão que se defendia com os braços. Alex sabia que seus socos não estavam com a potência máxima, mas continuou sem parar.

Ao redor deles, a confusão estava instalada também. Alex podia ver Drula lutando com a loba de Maya e não sentiu pena da sua ex-noiva naquele momento, que com certeza não teria chance contra a loba branca.

Seu coração se encheu de orgulho. Os outros lobos lutavam com o desgarrado trazido por John.

Alex trouxe o rosto do irmão mais próximo ao seu, mesmo não enxergando direito, tinha certeza de que ele sangrava em meio à sua risada histérica.

— Pare, irmão, chega! Nada vale a pena perder a família. — Ele sacudiu o irmão pela lapela do paletó, que estava sujo naquela altura, gritando as palavras para ser ouvido em meio aos rosnados de lutas e gritos ao seu redor. — Ela mentiu! Era uma mentirosa.

— Acha que eu não sei? Mas eu desejo o que ela pode me dar, irmãozinho. Pelo poder, tudo vale a pena. — Ele reverteu as posições ao ver Alex hesitar em continuar a luta. John precisava provar à mãe que era a aposta certa para conduzi-los à vitória, mesmo que para isso tivesse que matar o irmão.

Bono havia voltado à forma humana após matar o capanga de John com a ajuda de Max. Ofegante, olhou ao redor. A luta os levou um pouco para longe, mas ele viu John sobre Alex de novo, estrangulando-o. Ao longe, ouviu o último uivo de Maya, e soube que a alfa não chegaria a tempo para ajudar.

Então correu, deixando Max para trás para cuidar do corpo. Saltou sobre John, separando-o de Alex, que estava no chão, tentando recuperar o fôlego e tossindo. Rolou com John sobre a grama, parando sobre ele e desferindo um soco certeiro na lateral da cabeça, deixando-o zonzo.

— Max, aqui! — Levantou-se, dando um chute nas costelas de John para afastá-lo. Avistou Max se aproximando para imobilizá-lo. Enquanto caminhava até onde Alex estava no chão, sua mente se perguntava por que John não se transformou. — E aí, amigo? Pronto para outra? — brincou, ajudando Alex a se levantar.

— Só me dá uns minutos, e pode mandar.

Alex estava com as duas mãos apoiadas no ombro do amigo, enquanto Bono o mantinha em pé também, segurando-o pelos ombros. Quando o som do disparo, grave e ensurdecedor, ecoou pelo ambiente, o

sangue espirrou em seu rosto, formando uma espécie de máscara sinistra em sua pele. Alex tentou segurar o corpo de Bono, indo ao chão com ele. Em sua cabeça, ainda ouvia o disparo, enquanto todos os outros sons da natureza se silenciavam aos seus ouvidos. Viu John se afastar, deixando-o em choque sobre o corpo do amigo com um tiro na cabeça.

Miley observava o corpo inerte de Maya, com o pescoço quebrado, quando o barulho do tiro ecoou pelo bosque. Ela se virou na direção do som, correndo, inicialmente em forma humana, trocando para loba no meio do caminho ao ouvir o segundo disparo. Drula soltou um rosnado triste, afundando ainda mais as patas na terra a cada impulso para chegar mais rápido ao destino.

Em meio às árvores derrubadas pela luta, Miley assumiu o controle de novo e correu em direção a Alex, que estava no chão, enquanto Max tentava afastá-lo do corpo de Bono, usando apenas um braço, já que o outro escorria sangue devido a um ferimento. Seu coração doeu quando percebeu que era Bono que estava estendido no chão, com um buraco na cabeça, em meio ao sangue que tingia a relva de vermelho.

— Alex! Alex! — Ela se juntou a Max na tentativa de afastá-lo do amigo, segurando o rosto de Alex para chamar sua atenção. Os olhos dele, em meio ao sangue em seu rosto, pareciam não focar nela, apenas tentavam encontrar a imagem atrás dela. — Ele se foi! Lamento, marrento, mas ele se foi.

— Miley, eu falhei com ele. — Alex se agarrou à cintura dela, afundando o rosto em seu peito, entregando-se à dor da perda de um grande amigo. E ele chorou, sentindo os cabelos serem acariciados por ela, que murmurava palavras de conforto. Suas lágrimas só cessaram depois que ele desmaiou pela segunda vez naquele dia.

— Vá buscar ajuda e cuidar desse ferimento — ordenou, segurando Alex apertado contra si e olhando para Max, que estava sentado ao lado deles, pressionando o ferimento em seu braço.

— Ele pode voltar; o alfa vai mandar reforços. Vou ficar aqui até lá.

— John não vai voltar; assim como nós, ele precisa lamber as feridas antes de atacar de novo. Vá!

Max se levantou, deixando escapar um gemido de dor. O ferimento queimava, assim como a culpa em seu peito por ter levado um golpe de John e deixado o caminho livre para que ele matasse o beta. Pelo menos ele evitou que o futuro alfa seguisse pelo mesmo caminho. Max voltou correndo em busca de ajuda; afinal, teriam um funeral para planejar.

Capítulo 13

Trincou os dentes para não deixar escapar um gemido de dor. O médico apertava as bandagens em torno das costelas na tentativa de imobilizar a região.

— Desculpe, senhor, mas precisa ficar bem firme.

— Apenas termine logo — John ordenou, sentado na maca da pequena enfermaria, em um dos esconderijos dos Kathanos. O que mais o irritava não era a dor, mas o fato de terem fracassado, perdido para Alex e a loba do Norte. Nada havia saído como planejado, e agora haviam perdido um dos seus. Um sorriso surgiu em seus lábios ao recordar que os do Sul deviam estar planejando um funeral naquele momento.

O médico havia terminado o curativo. John vestia a camisa, deixando de lado o paletó arruinado, quando a General G entrou no local.

— Deixe-nos a sós — ordenou ao médico, que baixou a cabeça e saiu sem dizer nenhuma palavra. — Pensei que fosse mais inteligente, John. Não disse para deixar seu irmão em paz?

John abotoava a camisa social azul, tentando fazer movimentos lentos para evitar as fisgadas na costela trincada. Ele olhava a mulher que chamava de mãe em sua máscara de calma e superioridade. Tentou se lembrar da última vez em que a viu sorrir ou lhe dar algum gesto de carinho, mas não conseguiu recordar.

— Alex e sua "destinada" estão investigando. Talvez fosse melhor nos livrarmos de uma vez de um peso morto. Ele jamais vai se unir a nós.

— Se focasse seus esforços em seguir o plano e não em tentar provar ser melhor que ele, teríamos a droga pronta. — Ela se aproximou, analisando os machucados no rosto de John. Com certeza um olho roxo

surgiria, e o corte no lábio inferior e no supercílio a faziam questionar se estava investindo no lobo certo. — Seu irmão fez tudo isso? Mesmo dopado? — Ela gesticulou em direção a ele, mostrando da cabeça até seus sapatos imundos.

— Ele teve ajuda. — John se afastou, dando as costas para ela. — E você não precisa se preocupar porque o teste foi um sucesso com o alfa do leste. Portanto, a droga está pronta. Só precisamos produzi-la em uma escala maior.

— Uma notícia boa pelo menos. — A General se aproximou dele, ficando a poucos centímetros de suas costas. — John, você precisa entender que, se sou dura, é porque preciso ter certeza de que estou apostando no lutador mais forte.

— Eu sou sua melhor aposta. Pode acreditar. — John se virou para encarar os olhos inquisidores da mãe.

— Então por que usar uma arma de fogo? As notícias correm pelos corredores, filho. Lycans não usam armas, mas sim suas garras. — Ela segurava o rosto dele nas mãos, mais para impedir que ele desviasse o olhar do que por um gesto de amor.

— Eu não estava a fim de estragar meu terno. — Ele levantou os ombros com desdém, tirando as mãos dela de seu rosto. Em vez da sensação acolhedora de calor e amor, John só sentia o gelo que corria pelas veias dela. — E se alguém duvidar da minha força ou habilidade, pode me desafiar a qualquer hora.

— Um líder tem que impor respeito, mas a lealdade não se ganha pelo medo. — Ele a olhava confuso; seus enigmas não faziam sentido e pareciam sempre dizer que ele estava errado. — Sabe, filho, um bom apostador jamais coloca todas as suas fichas em um único número.

Com a última palavra, a General saiu da enfermaria, deixando John sozinho, sentindo crescer em seu ser a ânsia de provar que ela estava errada em não apostar apenas nele.

Miley observava o subir e descer do peito de Alex, que ainda continuava desacordado. O médico da alcateia havia sido chamado e examinado. Tudo parecia normal; era apenas questão de tempo até Alex acordar. Mesmo assim, ela não tinha saído do lado dele, colocando uma cadeira perto da cama e não soltando sua mão desde que havia voltado para a cabana. Ela se ausentou apenas alguns minutos para um banho rápido e voltou coberta por um roupão felpudo.

— Ele está bem. — Alison lembrou-a ao entrar no quarto, trazendo uma bandeja com uma xícara de chá e biscoitos. O cheiro embrulhava o estômago de Miley. Porque, por mais que as pessoas dissessem isso, ela só acreditaria ao ver os olhos negros de Alex novamente. — O médico ficou espantado com o fato de ele ter aguentado tanta coisa antes de desmaiar. — Ela colocou a bandeja no baú ao pé da cama e lançou um sorriso a Miley.

— Ele disse que tipo de droga foi? — Miley questionou sem desviar os olhos do rosto de Alex, não queria perder o momento em que os olhos se abrissem.

— Tudo indica que era um "boa noite, Cinderela", mas Jake pediu que fossem feitos mais exames. Acho que ele suspeita de algo.

— Entendo. — Miley balançou a cabeça, concordando com a decisão de Jake. Então, uma ideia surgiu em sua mente. — Alison, preciso que faça algo por mim.

— Claro, o que quiser.

— Quero que faça uma lista de todos os equipamentos que usava no laboratório ou que são necessários para produzir uma droga. — Enquanto falava, Miley afastou alguns fios de cabelos da testa de Alex. — Se eles estão produzindo algo, teriam que comprar ou roubar de algum lugar.

— Faz sentido.

— Depois que tiver a lista, envie-a para Denis. Talvez ele e nossos hackers consigam descobrir onde estão escondidos, rastreando o equipamento.

— Vou fazer isso agora. — Alison estava prestes a sair, mas lembrou-se de algo. — E você tente tomar o chá, pelo menos. Não comeu nada desde que voltaram.

— Vou fazer um esforço. Obrigada.

Ela nem chegou perto da bandeja; Drula estava tão ansiosa quanto Miley. Podia sentir sua loba rondar sua mente, impaciente e questionando por que Alex não acordava. Afinal, se o humano não está bem, seu animal interior também.

Miley usou as duas mãos para trazer a mão de Alex perto de sua boca, beijando-a de olhos fechados e fazendo uma oração. Ela se culpava no fundo por tê-lo deixado para trás, indo caçar Maya quando ficou cega de raiva.

— Ei, marrento, preciso que volte para mim. Está entendendo? Eu não vou conseguir controlar Drula por muito tempo, então vamos evitar uma catástrofe. — Lágrimas nublaram sua visão, e ela virou o rosto para o lado oposto. Não estava acostumada a se deixar levar pelas emoções, e naquele momento seu coração espremido no peito ameaçava tirar seu ar.

— Miley — Alex sussurrou, abrindo os olhos pesados e sentindo a garganta arranhar de tão seca. Parecia que não bebia água há dias.

— Eu estou aqui! — Ela apertou sua mão ao se virar. Alex seguiu o som da voz e a encontrou sentada ao seu lado, com lágrimas no rosto.

— Está tudo bem? Espera… Bono? — As lembranças invadiram sua mente como águas turbulentas que ameaçavam afogá-lo, deixando Alex agitado na cama. Ele levou as mãos ao rosto, ao sentar-se de supetão, assustando Miley. Na urgência de limpar o sangue que imaginou ainda cobrir sua face.

— Calma, Alex, calma — pediu, levantando-se e segurando as mãos dele longe de seu rosto. — Nós limpamos tudo antes de colocar você na

cama.

Os olhos negros que tanto amava a encaravam em um misto de pânico e dúvida. Miley podia apostar que ele havia revivido os acontecimentos daquela noite em uma fração de segundos. Ela queria ter o poder de trazer a alegria de volta ao olhar dele.

— Foi culpa minha. Minha culpa ele ter morrido. — Alex repetia sem parar, segurando as mãos dela. Ela estava agora sentada na cama, de frente para ele, como um náufrago se agarra a uma boia. — Se eu não tivesse hesitado em matar o John, meu melhor amigo ainda estaria aqui.

— Não se culpe por algo que foi decisão de outra pessoa. Alex, como você não iria hesitar? Há anos não via seu irmão, tenho certeza de que isso lhe trouxe lembranças e a esperança de que ele pudesse se redimir.

— Pensei de verdade, e ainda acreditava, até que vi ele se afastar com um sorriso no rosto depois de atirar na cabeça do nosso amigo. — A raiva corria em seu corpo agora, tomando cada célula e assumindo o controle, espantando qualquer outro sentimento que tinha sobre John. — Eu te garanto que não vou hesitar da próxima vez. Não vou deixá-lo me tirar mais ninguém!

— Alex — disse, acariciando a ruga que se formou entre as sobrancelhas dele devido à expressão de ódio ao lembrar do inimigo. Isso trouxe preocupação ao coração de Miley. — A vingança é tão corrosiva quanto ácido. Não quero ver você se perder por isso. Temos que buscar a justiça e nada mais.

— Você está certa, mas saber disso não diminui a dor aqui — Alex massageou o centro do peito, na tentativa vã de fazer passar o sentimento de impotência que ainda reinava ali dentro.

— Sinto muito, o que posso fazer para tentar ajudar?

— Ficando aqui comigo mais um pouco. Não estou pronto para enfrentar todo mundo ainda — pediu, arrumando um espaço ao seu lado na cama para que Miley se deitasse com ele. Ela se aconchegou nos braços de Alex, repousando a cabeça em seu peito enquanto ele fazia carícias em suas

costas, subindo e descendo os dedos ao longo da espinha, mesmo através do roupão.

Ficaram em silêncio por um tempo, encontrando conforto na presença um do outro, ao mesmo tempo que conseguiam ouvir a agitação no andar de baixo da cabana. Isso fez Alex lembrar de algo importante.

— Quando vai ser o…… — A palavra parecia pesada demais para sair de seus lábios, e não dizia que trazia o gosto azedo à sua língua. Porém, ele não precisou terminar a frase; Miley sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Amanhã de manhã. Queríamos que você estivesse bem para poder participar do enterro.

Alex concordou com um gesto de cabeça, e ambos mergulharam no silêncio novamente, esperando que o sono pudesse vencer, sem mais perdas, o próximo obstáculo.

A cidade de Yellowstone tinha um cemitério cercado por muros de tijolos vermelhos desgastados pelo tempo e um portão de ferro que rangia, cujo som trazia arrepios a quem o ouvia. Ele ficava afastado do centro, construído após uma das colinas que rodeavam o lugar.

Miley detestava enterros. Não que alguém gostasse deles, mas sempre traziam lembranças do dia em que teve que dizer adeus a seus próprios pais, e assim uma angústia se instalava em seu peito, temendo perder mais alguém que amasse. Nesse momento, ela olhou para Alex ao seu lado, vestido de preto, encarando o padre que recitava algum versículo da Bíblia em homenagem a Bono. Ela sentia sua dor, pois ele se esforçava para não chorar. Ela sabia disso porque Alex apertava sua mão com força sempre que as lágrimas ameaçavam brotar em seus olhos.

A maioria das pessoas na cerimônia era de lycans, mas ela percebeu alguns humanos entre eles, além de Alison. Isso fez um sorriso surgir, pensando que o beta do Sul era amado não apenas entre sua espécie. A tristeza voltou a atingi-la ao constatar que aquelas pessoas jamais saberiam a verdade: que Bono havia morrido salvando a vida de um amigo, porque tiveram que contar outra versão da história.

Durante toda a cerimônia, Alex segurou sua mão. Quando uma chuva fina começou a cair e o caixão atingiu o fundo, sendo coberto pela terra jogada pelos presentes, as pessoas começaram a se dispersar. Até que só restassem lycans sobre a chuva, todos olhavam para o alfa Jake, aguardando seu sinal. Ao notar o último humano desaparecer atrás da colina, Jake autorizou que todos dessem o uivo da despedida.

Ainda em suas formas humanas, todos ergueram seus rostos para o céu, recebendo as gotas de água fria com prazer, soltando em uníssono um uivo dolorido pela perda da alcateia. O som ecoou em lamento até a cidade, por todos que ali viviam.

Capítulo 14

Os dias passaram, e Alex e Miley se revezaram entre permanecer na alcateia do Sul e do Norte, enquanto esperavam por qualquer indício da localização dos Kathanos através dos hackers. Nenhum outro ataque ocorreu. Miley tentava ver isso como algo positivo, mas seu lado realista lhe dizia que o inimigo provavelmente estava se reagrupando para voltar com força total.

“Ou estão tremendo de medo da gente”, Drula falou com confiança.

“Às vezes eu fico chocada com a confiança sua e do Alex.”

Miley sabia que sua loba estava tentando ser engraçada para aliviar o peso em seu coração, por isso entrou na brincadeira enquanto terminava sua xícara de café na cozinha da cabana de Jake. Ainda era cedo, e a casa estava em silêncio. Sentada em um dos bancos perto da ilha que dividia a cozinha, ela inspirou o aroma fresco que saía da xícara fumegante em suas mãos, soltando um suspiro de satisfação com o cheiro reconfortante.

— Esse som me dá algumas ideias bem interessantes — disse Alex, vestindo apenas uma calça de moletom e exibindo o abdômen nu, encostado no batente da porta com cabelos bagunçados e olhar meio sonolento. Miley lhe deu um sorriso pela visão fofa de onde estava.

— Você não estava na cama, isso e o cheiro de café me fizeram acordar.

— Mais minha ausência ou o café? — provocou enquanto ele se aproximava, lhe dando um selinho de bom dia e surrupiava a xícara de suas mãos. — Ei! Ladrãozinho.

— Seu ladrãozinho, lembre-se disso — piscou para Miley, tomando um gole generoso da xícara. — Vou fazer ovos e bacon pro café da manhã, me ajuda?

— Claro.

Miley foi até a geladeira pegar os ingredientes, enquanto ele se ocupou com as frigideiras. Quando ela recebeu uma mensagem no celular, que estava abandonado ali perto na bancada, o vibrar alcançou os ouvidos aguçados deles. Ela deixou os alimentos de lado e foi até o aparelho. Ao terminar de ler a mensagem, sentia a adrenalina correr em seu sangue, indo direto ao seu coração e acelerando seu ritmo.

— É do Bryan — disse ao ver o olhar questionador de Alex, que estava atento a todos os movimentos dela. — Eles estão vindo pra cá.

— Droga, lá se foi meu apetite. — Alex podia afirmar que as paredes de seu estômago colaram uma na outra pela notícia de que Bryan estava a caminho. Isso só poderia significar que haviam encontrado o esconderijo do inimigo. — Vou acordar meu pai antes que eles cheguem.

— Ok, vou arrumar as coisas aqui e fazer mais café, cafeína nunca é demais — brincou, mesmo vendo nos olhos dele a preocupação pelo novo confronto. Miley queria afastar de Alex a sina de ter que lutar contra o próprio irmão. Ele lhe deu um sorriso amarelo, que não chegou aos seus olhos, e saiu para acordar o restante da casa.

Algumas horas depois, estavam todos juntos na entrada, trocando cumprimentos. Luna e Denis fizeram um alvoroço ao reencontrar Alison.

— Ai meu Deus! Tem algo de diferente em você — analisou Luna, olhando sua amiga da cabeça aos pés, sua aura estava meio rosada, como se escondesse algo. Alison ficou encabulada pela análise, mas por sorte, os outros estavam em uma conversa mais à frente, alheios a elas. Apenas Denis se aproximou para provocá-la também.

— O seu cheiro também está estranho. — Ele deu uma boa cheirada perto dela, e ela se afastou, dando um tapa em seu ombro, pedindo que parassem. Os três riram, felizes pelo reencontro, mesmo que em circunstâncias ruins.

— Vamos até a cozinha, assim conversamos mais à vontade e tomamos o café delicioso que minha nora fez.

Surgiu um sorriso em seu rosto ao ouvir o tom de orgulho de Jake ao falar sobre Miley. Era gratificante ter uma relação de harmonia com seu pai e ainda ver as duas pessoas que amava se darem bem. Alex ficou em choque com suas próprias palavras; ele a amava, sabia disso naquele momento enquanto observava Miley dar seu sorriso torto para seu pai em uma espécie de agradecimento tímido. Ou em como ela revirou os olhos para Luna e Denis quando os dois fizeram alguma piada por ela ter sido chamada de nora instantes antes de todos se afastarem dele e irem para a cozinha.

Alex precisou de alguns segundos para voltar ao presente, seu coração e lobo saltavam de euforia, roubando o seu ar e fincando seus pés no chão, pela constatação de que ele a amava.

— Alex, você vem? — Ele a avistou, ainda com sua respiração meio agitada, no fim do corredor, encarando com olhos preocupados.

— Sim, desculpa.

Deu uma pequena corrida até onde Miley estava, agora sorrindo para ele, pegando sua mão e entrelaçando seus dedos. Ambos se olhando, ignorando o falatório a poucos metros deles, memorizando os traços um do outro. Alex sabia que faria qualquer coisa para mantê-la segura, e Miley também tinha a mesma certeza.



A General G estava de volta à sala de vigilância, tamborilando os dedos nos braços de sua cadeira imponente no meio da sala. Todos estavam agitados com as notícias recentes sobre os bloqueios de muitos túneis que usavam de acesso. Ela mais uma vez se questionou se não tinha subestimado o inimigo.

— General, as câmeras nos mostram que está ocorrendo uma espécie de reunião no Sul com participação dos lobos do Norte — um dos soldados se aproximou, batendo continência sem olhar diretamente em seu rosto. —

Também suspeito que o laboratório tenha sido descoberto. Vimos um drone sobrevoando o local, e não era um dos nossos.

— Quando o drone foi avistado?

— Ontem de manhã. Talvez devêssemos informar o capitão sobre um possível ataque. — A General lhe dirigiu um olhar mortal, mas o homem manteve a pose firme, apesar de temer ter dito as palavras erradas.

— Vamos continuar a observar de longe. Quero ver o desenrolar dessa história. Porém, deixe tudo a postos caso tenhamos que recuar. — O dispensou com um aceno de mão, voltando seu olhar para o monitor onde tinha a imagem do laboratório. Era possível ver John e seu grupo trabalhando. — Vamos descobrir se eu apostei no cavalo certo.



— Então nos conte o que temos. — Jake pediu quando todos estavam sentados ao redor da mesa, com xícaras de café e ansiosos pelas novidades.

— Denis, é com você. — Bryan instruiu, ao ver todos os olhos atentos a ele. Ele não entendia muito de tecnologia e preferiu deixar a explicação para Denis.

— Certo. Deixa só eu pegar isso. — Tirou o laptop da mochila preta que descansava no encosto da cadeira, ligando o aparelho, sentindo os olhos sobre ele. O clima estava tenso, e Denis sussurrava a palavra "vamos" como se isso fizesse o computador ligar mais rápido. — Pronto, vamos lá. O que fizemos foi pegar a lista que a Alison fez e buscar por compras ou roubos recentes. E conseguimos cruzar os dados para a região. — Virou o laptop para que todos pudessem ver as imagens na tela. — Muitos foram entregues entre estabelecimentos que ficam em nossas alcateias, porém, ao invadir o sistema de satélite, notamos que foram realocados para cá. — Apertou a tecla *enter* do teclado trocando para a foto seguinte.

— É a fábrica de ferro abandonada — Alex observou, ao se inclinar para chegar mais perto da tela.

— Não tão abandonada — Denis apertou mais uma vez a tecla, mudando para fotos aéreas do local. — Com um drone, conseguimos captar movimentações suspeitas de caminhões, porém, nenhum indício do seu irmão.

— Suspeitamos que eles usem os túneis subterrâneos como entrada e saída do pessoal. — Bryan se pronunciou, pois ele entendia disso.

— Então é provavelmente o lugar onde estão produzindo o que acreditam que vai revolucionar o mundo? — Perguntou Miley, apontando para a tela do laptop, vendo Bryan e Denis concordarem com a cabeça ao mesmo tempo depois de uma troca de olhares entre eles.

— Só tem uma maneira de confirmar isso. — Jake se levantou e andou pela cozinha, coçando a barba grisalha, pensando sobre o que os próximos passos trariam até eles. — Teríamos que ir até lá para ter certeza. Destruir tudo e……

— E matar John e o bando dele.

Um silêncio se instalou enquanto Alex e Jake se fitavam sérios. Os outros olhavam de um ao outro, depois que o elefante branco foi exposto. Alex tinha dito o que ninguém havia tido coragem, era óbvio que precisavam matar John, mas complicado expressar isso sendo que ele era parente do outro lado da família. Afinal, com a união de Alex e Miley, todos se tornavam cada vez mais uma família.

— Por que não damos um passo de cada vez? — Miley quebrou o silêncio, trazendo a atenção para si. — Primeiro precisamos destruir o laboratório, isso é com você, Denis.

— Pode deixar! Imaginei que fôssemos precisar de algo grande, então trouxe meus dispositivos, estão no porta-malas. — Afirmou orgulhoso.

— Ótimo, mas antes de mandar tudo pelos ares, temos que ter certeza de que não há inocentes lá dentro.

Começaram a traçar a melhor estratégia para a emboscada, escolhendo avançar cobertos pelo véu da escuridão naquela noite.

— Vocês sabem que hoje à noite é de lua cheia, né? — Luna os lembrou, enquanto servia mais café para todos. Miley nem tinha percebido o momento em que ela levantou e assumiu a cozinha. Agora que tinha notado, sabia que sua irmã estava fazendo mais do que servir as xícaras; podia sentir sua magia agindo entre eles.

— Espera, a lua afeta vocês? Como nos filmes? — Alison se mantinha meio afastada do grupo de lobos na mesa, tentando não atrapalhar. Seu coração estava apertado pelo perigo que seus novos amigos corriam.

— Não! A lua não nos deixa insanos e descontrolados — riu Bryan, respondendo à doutora com olhos arregalados.

— Mas com certeza deixa nossos lobos mais fortes — afirmou Denis.

— Assim como o deles também.

— Alex está certo, portanto vamos precisar de mais ajuda. Vou ligar para Max e o doutor da cidade; é melhor montarmos um local para receber os feridos aqui em casa. Alison pode me ajudar com o que vamos precisar?

Ela concordou com um gesto de cabeça ao pedido de Jake, que se aproximou, estendendo a mão para que Alison a aceitasse. Saíram sob o olhar curioso dos outros na mesa. Alex nunca tinha visto seu pai com um sorriso tão largo no rosto como no momento em que ela segurou sua mão.

— É impressão minha ou está rolando um clima entre eles? — Comentou Luna.

— Com certeza! — Todos responderam juntos, caindo em uma risada coletiva que morreu aos poucos quando perceberam que esse novo casal talvez não tivesse a chance de se tornar realidade, já que estavam prestes a ir para a batalha.

Eles se olharam, sentindo como o tempo era curto até o confronto. Cresceu neles a necessidade de ter a oportunidade de não lutar para permanecerem juntos.

— Vida, vamos desfazer as malas? Quero descansar um pouco antes de irmos.

— Claro! — Luna pulou da cadeira em que estava sentada, indo até Bryan com um sorriso, envolvendo o braço dele. Saíram trocando sussurros secretos.

— Descansar, sei — bufou Denis, não acreditando nem por um segundo na desculpa esfarrapada. — Eles vão é transar feito loucos.

— Denis! — Miley chutou ele por baixo da mesa.

— Ai! O quê? Eu falei a verdade! — Massageou a canela para aliviar a dor com cara feia para Miley, que tentava segurar o riso. Percebeu que Alex não estava brincando, pois estava absorto em seu rosto. Isso o fez perceber que estava segurando vela, além de desejar receber esse tipo de olhar um dia.

— Bem, melhor ir conferir o equipamento que eu trouxe — anunciou, levantando meio sem jeito.

— Eu te ajudo. — Miley se ofereceu ao levantar-se da cadeira, sendo impedida de ir até Denis pela mão firme de Alex em seu braço.

— Que foi?

— Não preciso de ajuda. Acho que antes vou dar uma volta pelos arredores e, quem sabe, mais tarde.

Ele não esperou nenhuma confirmação e saiu da cozinha apressado, meio sem rumo, mas decidido a explorar a floresta do Sul, dando aos casais tempo.

— Melhor então começar a arrumar essa bagunça na cozinha. — Miley soltou o braço dele, juntando pratos e xícaras que estavam espalhados pela mesa, evitando olhar no rosto de Alex. Ela não gostava do clima de despedida que se instalara na casa.

— Miley, pare — pediu ao se levantar, segurando suas mãos, virando-a de frente para ele. Miley olhava suas mãos juntas. — Olha para mim. — Ela negou com a cabeça, agora de olhos fechados. — Vamos, lobinha, olhe para mim.

— Não, porque me recuso a transformar tudo isso em uma despedida. Ninguém vai morrer esta noite! — explodiu, soltando as palavras que

queimavam sua garganta, como se ela tivesse comido pimenta. Ela se afastou dele e foi para o lado oposto da mesa. Bastou ver o rosto de Alex, cheio de amor e um traço de sorriso, para se ver desarmada. — Vamos todos voltar para casa — afirmou, mesmo com a voz embargada.

— Acha que todos estão se despedindo? — Viu ela confirmar com a cabeça ao se aproximar novamente, de forma lenta, como alguém que tenta se aproximar de um animal ferido. — Não, lobinha, eles só querem ter mais lembranças com as mulheres que amam, para servir como motivação na hora da batalha. Saber para o que se está lutando faz com que sigamos em frente, mesmo que o caminho seja tumultuado. — Segurou o rosto dela com uma das mãos, fazendo uma carícia com o polegar, o que fez Miley se inclinar sobre sua palma. — Eu também quero passar um tempo com a mulher que eu amo.

— O quê? — Levantou os olhos verdes-oliva, espantados para Alex.

— Eu ainda não tinha dito, né? — Brincou com um ar divertido ao espanto dela. Amar estava tão certo e incrustado em seu peito que saiu de forma natural. — Eu amo você, Miley.

— Também te amo. — Era tão bom dizer essas palavras, um alívio em meio ao caos, que seu sorriso tomou conta do rosto dela.

— Cara, eu amo esse sorriso de lado seu — se inclinou e beijou o canto da boca dela levemente, provocando arrepios. — Amo a cor dos seus olhos, que lembram tanto o meu lar. Por mim, a gente pintava a cabana inteira de verde para combinar com você.

— Melhor esperar para fazer isso quando tivermos nossa casa. — Aproximou-se, enlaçando a cintura dele, aproximando seus corpos, prendendo Alex em seus braços.

— Gostei disso: nossa casa. — Inclinou o rosto, unindo seus lábios em um beijo terno, saboreando o gosto único de Miley. Ela ficou nas pontas dos pés para aprofundar o beijo. Alex afastou seus lábios ouvindo um gemido de frustração, mas ainda a manteve cativa em seus braços. — Tenho uma ideia, que tal um mergulho no lago? Voltamos antes do anoitecer e encontramos os outros.

— Gostei da ideia, da última vez nem consegui entrar na água por sua causa.

— Ei, eu te convidei para entrar comigo e você recusou.

— Naquela época eu não gostava de você. — Brincou com ele, dando um selinho na ponta do nariz.

— E agora, gosta?

— Eu amo!

Capítulo 15

Chegaram rapidamente ao lago que refletia a luz do sol em suas águas, que ondulavam com uma brisa leve. O dia estava quente, e suas peles estavam suadas da caminhada, tornando tudo perfeito para um mergulho. Miley havia se esforçado durante todo o caminho para que sua mente traiçoeira não a levasse a pensar no confronto iminente. Ela queria aproveitar cada momento ao lado de Alex, que estava radiante com o passeio. Ele parecia uma criança feliz ao receber uma caixa de chocolates, apenas por estar com ela. Como não se sentir amada? Pensou, vendo-o correr até o píer de madeira e tirar a camisa azul num único movimento, ficando apenas de bermuda.

— Vem! A água está morna — avisou, abaixando-se para sentir a temperatura com a mão, aproveitando para jogar um pouco de água no rosto e no pescoço.

Quando se levantou para entender o motivo da demora de Miley em se juntar a ele, ficou sem palavras. Ela caminhava pelo pequeno píer, usando apenas sutiã e calcinha brancos, percorrendo o corpo de Alex com um olhar faminto, um desejo cru que ele entendia perfeitamente. Foi um grande esforço para não avançar e deitá-la na relva ali mesmo.

Ele esperou, e quando Miley estava perto o suficiente, ele deslizou os dedos do abdômen até o meio do peito de Alex, como se estivessem desfilando lentamente em uma passarela. Alex observou a língua dela umedecer os próprios lábios.

— A ideia era nadar primeiro, mas se continuar fazendo isso, não prometo nada.

Miley sorriu com malícia, adorando o poder que tinha sobre o desejo dele, o quanto Alex estava se controlando para não se render à paixão.

Amava provocá-lo, então tentou parecer inocente enquanto deslizava a mão pelo peito dele, sentindo a pele esquentar à medida que avançava. Chegando perto das costelas, deslizou a mão até as costas de Alex.

— Não estou fazendo nada de mais — disse, aproximando seus corpos e encostando os lábios no peito dele em um beijo terno e lento. Ela podia sentir os batimentos do seu amado através da pele dos lábios. Ao ouvi-lo gemer de prazer, Miley aproveitou para arranhar suas costas com a mão.

Aquilo foi o estopim. Ele a agarrou pelas nádegas, aproximando ainda mais seus corpos e pressionando-a sobre sua ereção. Roubou os lábios dela em um beijo profundo, punindo-a com mordidas por tê-lo torturado.

— Eu devia te chamar de diabinha em vez de lobinha — provocou, ao separar seus lábios, não sem antes puxar o lábio inferior dela entre os dentes.

Miley não respondeu, apenas se afastou e trocou de posição com ele, ficando de costas para o lago. Então, mais uma vez, surpreendeu-o. Andando de costas, ela se jogou na água com determinação, ressurgindo instantes depois com um sorriso no rosto.

— Como eu amo essa mulher, meu Deus!

Disse para si antes de saltar no lago com um grande tchibum.

Nadaram, brincaram e se beijaram por minutos, parecendo adolescentes apaixonados, permitindo-se esquecer o mundo ao seu redor por um tempo. Depois que o cansaço bateu, deitaram-se na relva, com Miley descansando a cabeça no ombro de Alex e a mão perto do coração dele. Miley vestia apenas a camisa dele, enquanto ele usava cueca boxer, fazendo círculos preguiçosos nas costas dela.

Sob o calor do sol, enquanto esperavam as roupas secarem um pouco, eles compartilhavam um silêncio confortável.

— Temos que voltar em breve — Alex lembrou, mesmo querendo adiar ao máximo o retorno à realidade de que, em algumas horas, estariam lutando por sua espécie. Ele sentiu Miley ficar tensa em seus braços.

— Eu normalmente não diria isso, mas estou com medo — admitiu, apoiando o queixo no ombro dele para poder enxergar o rosto dele, que também mostrava preocupação. — Há tantas pessoas que posso perder hoje que nem consigo mensurar o estrago que isso me causaria.

— Ei, nenhum de nós vai morrer hoje! — Segurou o rosto dela com a mão direita, apoiando o polegar em sua bochecha para que Miley visse a determinação em seus olhos. Ninguém mais do Sul ou do Norte será perdido. — Juntos somos imbatíveis, lembra?

Ela concordou com um sorriso, voltando a sentir no coração a esperança de que ele estivesse certo e que pudessem finalmente começar a viver uma vida a dois após tudo isso. Alex a beijou, começando lentamente, mas se perdeu em seus lábios quando ela o puxou para mais perto.

Seu lado mais primitivo falou mais alto quando percebeu que estava sobre ela, invadindo a camisa em busca de seus seios que se encaixavam de forma perfeita em sua mão. O gemido de prazer de Miley saiu de sua boca, ecoando dentro da dele, quando Alex apertou seu mamilo. Ele não queria ter pressa, mas precisava tomá-la ali, em meio à natureza, com os sons selvagens ao redor. Mesmo assim, conseguiu se controlar o suficiente para penetrá-la com um dedo primeiro, a fim de ter certeza de que Miley estava pronta para ele.

— Tão, tão molhada para mim. — As palavras vieram entre cortadas, devido ao esforço de se segurar e dar prazer a ela antes. Miley arfava e soltava gemidos manhosos, devido ao vai e vem, agora com os dois dedos dele, em sua boceta.

— Alex, por favor.

Ele sabia pelo que ela estava implorando e, sem prolongar mais a tortura, Alex abaixou a cueca apenas o suficiente para que seu membro saltasse ansiosamente. Em seguida, ele a penetrou com uma estocada forte, que roubou o ar de ambos por alguns instantes. Juntos, em sincronia, voltaram a se mover de encontro aos seus corpos, cada vez mais rápido, em busca da liberação de seu prazer. De repente, os sons da floresta haviam se

calado para ouvir os amantes se entregarem ao clímax juntos, urrando de puro prazer.



Denis sabia que havia chegado a hora de dar adeus ao passeio pela floresta ao escutar o urro que se espalhou com o vento. Ele estava mexendo no porta-malas do SUV preto, ainda rindo ao tentar descobrir qual dos casais apaixonados poderiam ser. Bryan e Luna tinham ido para o quarto, dificilmente mudariam de lugar. Sabia que Alison e Jake ainda estavam se conhecendo, o que não os levaria para o meio do mato. Então, só restava Alex e Miley, e não conseguiu segurar a risada ao perceber que nunca tinha pensado que sua amiga era escandalosa na hora do sexo. Estava rindo tanto que não ouviu alguém se aproximar.

— O que é tão engraçado?

Ele se virou subitamente ao ser surpreendido pela voz grave. Denis levou uma mão ao peito, não pelo susto, mas sim pelo belo homem ruivo e musculoso que estava parado à sua frente, com as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Peço desculpas, não quis te assustar. O alfa me chamou, e eu vim no horário combinado. Me chamo Max. — Denis o viu estender a mão em sua direção, mas levou alguns minutos para reagir. Sentia-se letárgico, mas aceitou finalmente o cumprimento. Foi nesse momento que a letargia deu lugar à euforia em seu peito com o simples toque de suas mãos.

— Prazer, eu sou Denis. — Soltou a mão, usando a própria calça para tentar tirar de sua palma a sensação da pele dele sobre a sua. Viu Max voltar a esconder as mãos nos bolsos. — Sou um dos lobos do Norte.

— Imaginei.

Ficaram se olhando, sem jeito um para o outro.

— Quer ajuda? — Max apontou para o porta-malas cheio de

equipamentos.

— Claro! Estou separando o que vamos precisar.

Max se aproximou, ficaram lado a lado, olhando o conteúdo no carro. Ele não tinha a menor ideia do que era a maior parte daquilo tudo, apenas reconheceu as armas de choque e algumas bananas de dinamite.

— Parece que você está pronto para a guerra.

— Gosto de ser prevenido. E você?

Viraram seus rostos, Denis era apenas alguns centímetros mais baixo que ele, mas isso não impediu que olhasse fundo dentro dos olhos mais azuis que já vira na vida. Ele reconheceu um traço de tristeza neles. O ar entre eles tinha uma mistura de atração e tensão, que foi quebrado pelos risos do casal que saía da floresta, abraçados.

— Max! — Miley gritou ao ver o lobo ruivo, recebendo um abraço apertado ao se aproximar, com Alex que resmungou, puxando-a de volta para seu lado pela demora de Max em soltá-la. — Fico feliz que vai poder nos ajudar. Vamos entrar, precisamos discutir os últimos detalhes antes que a noite chegue. — Max concordou, e ela notou que Denis não tinha feito nenhuma gracinha depois de ver eles saírem da floresta. — Denis, está tudo bem?

— Claro! Vão à frente, vou só terminar isso e encontro vocês.

Todos concordaram, se afastando e deixando Denis sozinho com seus pensamentos tumultuados sobre o homem ruivo que instantes antes parecia prestes a beijá-lo, mesmo com dúvida em seu olhar.

A noite chegou mais rapidamente do que Miley desejava. Se pudesse escolher, teria esperado mais alguns dias para estudar todas as variantes do confronto. No entanto, não tinham tempo a perder, pois suspeitavam que o inimigo já havia alcançado seus objetivos e estava prestes a desencadear o caos no mundo. A antiga fábrica ficava a apenas alguns minutos de carro, cercada por árvores e cascalho de pedra, além da cerca elétrica desativada. Tudo parecia abandonado sob a luz da lua, mas eles sabiam que era apenas

uma fachada. Estavam escondidos, analisando a melhor maneira de entrar sem acionar alarmes.

— Com certeza a maior atividade está no subsolo. Existem alguns guardas e caminhões, mas não vejo mais nada. — Denis afirmou, tirando os binóculos com visão noturna do rosto. — Lá embaixo, vocês estarão às cegas em relação à quantidade deles.

— Vamos dar um jeito. Todos se lembram do que precisam fazer? — Miley viu todas as pessoas à sua volta concordarem.

— Eu e o grandão aqui, — Denis deu um tapinha no ombro de Max, que estava agachado ao seu lado, assim como todos — vamos cuidar dos guardas e instalar os dispositivos explosivos. Isso é comigo.

— Alex, Bryan e eu vamos atrás de John e seus capangas no laboratório. — Jake trocou olhares com seus companheiros de missão. Fazia anos que não lutava corpo a corpo, mas recentemente tinha mais um motivo para viver. Uma certa mulher loira o aguardava ansiosamente em sua cabana.

— Isso, perfeito. Luna e eu vamos verificar se há humanos em perigo e entraremos em contato caso necessitem de ajuda.

— Pessoal, depois de acionar os dispositivos, terão apenas trinta minutos para sair.

Embora não fosse o tempo ideal, os lycans lutavam rápido e corriam ainda melhor. Precisavam apenas se transformar em suas formas animais para sair rapidamente. O som de pneus no cascalho fez todos se abaixarem ainda mais, mantendo o silêncio, enquanto observavam um carro branco estacionar do lado de fora. Simon saiu do veículo, ostentando seu ar de superioridade, jogando as chaves a um dos guardas como se fosse um manobrista à sua disposição.

— Desgraçado! — Miley cravou as unhas no solo sob seus pés, desejando ter o pescoço de Simon em suas mãos.

— Isso é a prova que queríamos.

Ela desviou o olhar para Denis, que tirava fotos do carro, focando na placa do veículo. Se Simon saísse vivo daquela noite, não haveria dúvida de sua traição.

— Melhor começarmos, não? Preciso me aproximar para captar vibrações de medo, caso haja pessoas em perigo. Isso deve acontecer antes que o caos se instale. — Luna, notavelmente concentrada, lembrou todos do momento decisivo. Tinham quase certeza de que um cientista e sua família estavam sendo mantidos em cativeiro no local, e precisavam ajudá-los.

— Lembrem-se de que hoje somos uma única alcateia. E o que uma alcateia faz? — Perguntou Miley, olhando nos olhos de todos os presentes. Mesmo diante do perigo, eles lhe deram um sorriso e responderam sua pergunta em uníssono.

— Caçam juntos. — As palavras foram sussurradas, mas o poder e seu significado foram sentidos por todos, pois, apesar de terem três alfas entre eles, naquele lugar eram todas peças de um quebra-cabeça, unidos na busca por saírem dali da melhor maneira possível e vivos.

E assim, os grupos partiram, cada um com seu objetivo em mente. Continuavam vestidos com sua pele humana, mas em seus olhos e gestos, seus lobos se mostravam ferozes e prontos para o combate.

Capítulo **16**

Tudo estava ocorrendo conforme o planejado; John observava a movimentação ao seu redor com um sorriso estampado no rosto. Estava sentado em um dos bancos giratórios do laboratório, vestido, como sempre, de forma impecável com mais um de seus ternos, captando, com olhos rápidos, parte de seus soldados desmontando tudo e a outra parte embalando as drogas que seriam enviadas aos aliados da Kathanos. Seu sorriso aumentou ao sentir a adrenalina correndo em suas veias, e a presença de seu lobo, com a certeza de que estava cada vez mais próximo de dominar o mundo e de que seria o escolhido para liderar a todos. Sentiu o perfume barato, que embrulhou seu estômago, instantes antes de Simon entrar em seu campo de visão. John deixou escapar um grunhido de escárnio; estava cansado do mauricinho.

— O que está acontecendo aqui? — questionou ao ver todos agitados passando por ele, ignorando sua presença.

— O que você acha? — John girou no banco com os braços abertos mostrando o lugar, respondendo a Simon com outra pergunta carregada de ironia.

— Estão de saída? — Os olhos se arregalaram quando ele sentiu o pânico se infiltrando em sua espinha. — Não podem ir! Temos um acordo e vocês ainda não cumpriram sua parte!

Antes que mais alguma palavra de reclamação saísse de sua boca, John se levantou tão rapidamente que Simon mal teve tempo de engolir em seco com a repentina proximidade dele, deixando-os cara a cara.

— Você esqueceu quem manda aqui? — Simon sentiu a aura de alfa pulsando em sua direção em cada célula de seu corpo; era pura raiva, e qualquer movimento brusco poderia ser seu último. Por isso, negou com a

cabeça, respondendo à pergunta de John. — Que bom! Espero que não volte a esquecer que você não passa de mais um peão no tabuleiro sob o meu comando — deixou claro cutucando com o dedo indicador no meio do peito dele, impondo a quantidade de força necessária para que ele desse alguns passos para trás enquanto o outro avançava.

— Capitão, temos um problema — John desviou sua atenção para o soldado que se aproximava com um tablet na mão, notou gotas de suor escorrendo pela lateral de seu rosto.

— O que foi dessa vez?

O soldado esticou o braço que segurava o aparelho o suficiente para que ele tivesse uma boa visão da tela, mantendo uma distância segura entre eles.

— Temos invasores, estão prestes a entrar nas instalações — informou, correndo o dedo na tela mostrando as diferentes câmeras de segurança onde os intrusos se encontravam naquele momento. — Não entendo por que a central não nos informou.

— Eu imagino o porquê! — soltou entre dentes, estava cansado de todos aqueles testes da General. Estava na hora de provar quem merecia ser o alfa supremo no final das contas. — Preparem-se para o confronto e soem o alarme daqui a vinte minutos, vamos deixá-los achar que estão passando despercebidos até estarmos prontos.

Simon observou o soldado se afastar apressadamente, sabendo que precisava sair dali antes que alguém do Norte tivesse consciência de sua presença. Isso, é claro, se não fosse tarde demais, pensou com desânimo, tendo sua mente invadida por todas as consequências que sofreria ao ser acusado de traição. Estava prestes a recuar e fugir como um covarde quando seu caminho foi bloqueado por John.

— E quanto a você, está na hora de provar sua lealdade — afirmou, sem desviar o olhar, ao mesmo tempo que esticou o braço para a caixa sobre a mesa próxima a eles. John conhecia o conteúdo e não demorou a retirar uma seringa metálica, com um líquido viscoso prateado exposto pela única parte transparente. Era um aparelho usado em cirurgias para aplicação de

sedação, portanto serviria para o fim desejado. — Ou pelo menos fazer algo por si. Use na alfa do Norte, você viu onde encontrá-la. — Empurrou a seringa sobre o peito de Simon, que a pegou por reflexo com olhos espantados, antes de se afastar, sentindo o sangue correr mais rápido pela eminência do combate.

Alguns minutos antes…

Miley seguia a irmã pelo subsolo; haviam enfrentado certa dificuldade para entrar pela entrada mais próxima, onde Luna sentia a maior vibração de medo. Haviam chegado até ali sem encontrar nenhum guarda, o que confirmava que estavam se mudando. O lugar em si parecia abandonado, com luzes piscando com certa frequência, um chão com aspecto molhado, o que a fazia questionar que tipo de líquido seria, afinal. Não parecia ser água. Um arrepio de nojo percorreu seu corpo, o que a fez sacudir a cabeça e os braços na tentativa de afastar esses pensamentos. Sem mencionar que o ar era excessivamente úmido, o que causava coceiras em suas narinas. Ela olhou para as costas de Luna, que parecia alheia a todas essas coisas, concentrada em seguir a onda de sentimentos que preenchia o lugar. Estavam chegando ao fim do corredor, que terminava em uma bifurcação à esquerda, quando quase esbarrou nela, que parou abruptamente.

— Tem outra vibração mais à frente que está se misturando com as dos reféns. Impaciência? — De olhos fechados, Luna tentava entender a nova emoção que chegava até seus sentidos de ômega. Movia a cabeça de um lado para o outro tentando captar algo a mais, como uma antena de rádio. — Dois guardas, com certeza, virando à esquerda.

— Não ouço nada.

— Estou sentindo as emoções deles, estão com raiva e impacientes. — Comunicavam-se por sussurros em uma distância que sabiam que os homens à frente não escutariam, mesmo sendo lycans.

— Vamos ter que atacar juntas ao mesmo tempo — declarou, olhando para Luna, que parecia um pouco fraca por ter usado seu poder para chegar até ali.

— Não se preocupe, eu aguento. Sem dizer que Bryan me ensinou alguns golpes esses dias. — Brincou, mesmo desejando em seu íntimo uma banheira quente e sua cama macia.

— Tenho uma ideia que pode funcionar até estarmos perto o suficiente deles. — Inclinaram-se na direção uma da outra para trocar mais detalhes.

Os guardas em frente à grande porta de ferro não conversavam entre si ou se entreolhavam. Encaravam o vazio à sua frente, parados com os pés firmes, guardando os reféns do outro lado, embora ambos não entendessem por que ainda precisavam ficar ali. Afinal, em breve tudo seria descartado, inclusive aquelas pessoas nas celas. Então, duas figuras surgiram no corredor, mulheres, perceberam. E pela primeira vez em horas, trocaram olhares sem entender o que estava acontecendo.

— Ajudem aqui! Esta foi pega tentando invadir o lugar — declarou Miley, caminhando pelo corredor e carregando uma suposta Luna desacordada usando os ombros como apoio. O plano era fingir ser uma deles para que, no último instante, pudesse dar um golpe surpresa. Só esperavam que eles fossem tolos o suficiente.

Miley percebeu um dos guardas dar de ombros para o outro, que parecia estar mais desconfiado, enquanto se aproximava para ajudá-la… Assim que ele estava próximo o bastante, jogou Luna em seus braços, como haviam combinado, deixando de fingir estar desacordada para acertar a garganta do guarda com um soco certeiro, roubando seu ar ao quebrar sua traqueia. Caindo aos pés dela, segurando o pescoço como se pudesse resolver o problema, ela viu o momento em que ele entendeu, em seus olhos e na cor avermelhada de sua face, que não havia solução para sua morte. Enquanto isso, Miley se jogou sobre o segundo guarda para evitar sua transformação, chocando seus corpos no piso úmido e duro. Ficando por cima, conseguiu agarrar as laterais da cabeça dele, usando os fios de seus cabelos negros como apoio, golpeando o crânio repetidamente até que perdesse a consciência. Levantou-se com a respiração pesada, ainda olhando o homem inconsciente entre suas pernas, notando que ele ainda respirava, embora de forma mais lenta.

— Poder feminino em ação! — Miley se virou para encontrar a irmã com a mão direita levantada, esperando um high-five para comemorar a pequena vitória. Ignorou, balançando a cabeça, não acreditando no que via.

— As chaves, vasculhe os bolsos, não temos tempo.

— Você continua sendo uma estraga-prazeres, sabia? — reclamou, mas mesmo assim começou a procurar nos bolsos do guarda que nocauteou, enquanto Miley fazia o mesmo com o segundo homem.

Não demorou muito, e o molho de chaves foi encontrado. Abriram a porta principal, que levou a um corredor repleto de celas que pareciam mais com as solitárias de uma prisão, onde apenas se viam quatro portas de ferro com pequenas aberturas em cima para olhar dentro e outra mais abaixo, provavelmente para passar a comida sem precisar de maior contato. Seguiram, abrindo as portinholas superiores, para verificar onde a família do cientista estava, além de querer ter certeza de que não havia mais ninguém em perigo.

— Ei! Aqui, viemos ajudar vocês — anunciou Miley pela abertura da porta dois. Estava escuro dentro da cela, mas com sua visão lupina, conseguiu distinguir três silhuetas. — Vocês estão machucados?

— Meu marido foi espancado e apagou. Minha filha está fraca, assim como eu, pois não nos alimentam há dois dias — a voz era quase um sussurro, além de falhar em alguns momentos. Miley praguejou.

— Luna, preciso das chaves rápido. — Quando não teve uma resposta, virou-se para procurar pela irmã. Ela estava paralisada em frente a outra porta escancarada, sem mexer um músculo, olhando para dentro. Miley se aproximou para verificar o que havia de errado.

Ela parecia apenas em choque, como se as emoções vivenciadas dentro daquelas paredes a tivessem atingido ao abrir a porta, escapando com o novo fluxo de ar que entrava. Espiou dentro do recinto, dando um passo para dentro. No chão gelado, havia um grande lobo cinza, familiar para Miley, e nas paredes, inúmeros rastros de garras cravados no cimento.

— É o alfa do leste. Ele está morto — sentenciou, ao tentar sentir o pulso na jugular do animal e não encontrar nenhum sinal.

— Então, por que ele não voltou à forma humana?

— Eu não sei.

Elas não tiveram tempo para questionar mais nada ou sentir a perda de um da sua espécie, pois um alarme soou, alertando-as de que a presença delas tinha sido descoberta. Saíram em disparada para a cela dois, a fim de libertar os últimos reféns. O plano era sair o mais rápido possível, mas o cientista estava desacordado e com o pulso fraco, o que forçou Miley a carregá-lo nas costas, enquanto Luna amparava a mãe e a filha. Isso tornou o ritmo lento e tortuoso, pela possibilidade de serem interceptadas a qualquer momento.

— Luna? — Miley chamou, ao vê-la dar passos vacilantes logo à sua frente. Sabia que toda aquela confusão devia estar bombardeando os sentidos dela em um nível que não podia imaginar. Então, as três mulheres foram ao chão. Ela depositou o homem na parede mais próxima e foi ao encontro da irmã.

— O que você está sentindo?

— Não é nada. Só preciso de um minuto. — De olhos fechados, transpirando e com a cabeça latejando, Luna tentava respirar fundo, usando a sensação gelada da parede às suas costas para mantê-la no presente.

— A senhora acha que consegue continuar sozinha? — Miley viu a mulher do cientista concordar positivamente com a cabeça. — Ótimo! Então use os ombros para apoiar sua filha, e eu me encarrego dos dois. Vamos, Luna, segure-se em mim.

Luna abriu os olhos, com o início de um sorriso ameaçando surgir, pelo fato de que sua irmã queria dar uma de durona, mesmo estando tão exausta quanto ela. Mas não teve chance de curtir aquele sentimento bobo, pois, mesmo estando sentada no chão e com Miley em pé à sua frente, ela pôde ver Simon se aproximar sorrateiramente com algo em punho.

— Miley, cuidado! — O aviso não foi rápido o suficiente; ela teve tempo apenas de virar para não ser atingida pelas costas. A seringa se cravou no ombro esquerdo de Miley, o líquido prateado entrando, queimando em sua corrente sanguínea. Olhou para Simon, que sorria de

forma diabólica, como se apenas ele soubesse um segredo, e lhe deu um empurrão para aumentar a distância entre eles, tirando a seringa de forma abrupta.

— Luna, consegue levar todos para fora? — Não arriscava desviar o olhar do homem à sua frente, que dava sinais de que pretendia libertar seu lobo.

— Consigo!

— Então vão, alcanço vocês em breve.

— Miley…… — a palavra saiu receosa. Não que duvidasse da força da irmã, porém podia ver que a mão que segurava a seringa apresentava tremores. Em seu íntimo, temia que aquilo não fosse algo bom.

— Vão agora! — berrou, olhando, por um breve segundo, por cima do ombro para Luna, que concordou relutante. — Agora somos só você e eu!

Jogou a seringa para longe, saltando em seguida, ao mesmo tempo que Simon realizava o mesmo movimento. Então, dois lobos emergiram rosnando, com seus dentes afiados, um para o outro. Rodeando na espera do melhor momento para o primeiro golpe, apenas um sairia vivo daquela luta, e Miley sabia que seria ela.

Capítulo 17

Alex

Quando o alarme soou pelos corredores subterrâneos estavam tentando se localizar, porém naquele momento, liberaram seus lobos com o uivo de comando de Alex, avançando enquanto desmembravam qualquer lycans que cruzasse o caminho deles. Juntos, Bryan, Alex, Jake e Max se tornaram uma máquina em perfeita harmonia, deixando para trás rastros de sangue e corpos, sempre protegendo a retaguarda um do outro.

Alex sabia que não tinham muito tempo para chegar ao objetivo final, pois Denis estava naquele instante cuidando dos guardas que protegiam os caminhões acima de suas cabeças e instalando explosivos. Mas mesmo assim não conseguia sentir o cheiro de John ou algo que o levasse até ele.

“Cadê nosso pai?”, observou Darius ao notar que o lobo com pelos grisalhos não estava perto do bando, logo depois do último confronto deles com um grupo pequeno de soldados.

“Não vejo ele também. Será que sentiu o rastro de John?”

“Pelo menos agora temos um rastro para seguir”, o lobo farejou o ar, sentindo o perfume amadeirado de carvalho do campo, do pai de ambos.

Alex deu um último comando, uivando uma ordem para os dois lobos ao seu lado, e saiu no encalço de Jake, temendo que ele hesitasse em fazer o que tinham combinado. Se isso acontecesse, poderiam voltar com um a menos para casa. Sentiu seu coração apertado e usou essa sensação para dar mais impulso em suas patas, correndo com um novo objetivo: salvar seu pai.

Seu lobo demorou para reconhecer o cheiro em meio a todo o caos e aromas, mas um pai sempre conhece um filho. Por isso, na primeira oportunidade, deixou Alex e os outros para trás, seguindo o rastro tênue. Voltou à forma humana segundos antes de entrar no cômodo branco, com cheiro de álcool, caixas e bancadas abandonadas. E no centro, sentado em um banco, como se não estivesse acontecendo uma guerra a poucos corredores dali, John se mantinha sereno ao ver a figura nua do pai cruzar a porta do laboratório.

— Droga! Eu estava torcendo para ser o Alex a me encontrar primeiro.

— Você deveria estar grato por ter sido eu e não ele a chegar aqui antes. — Andava tentando se aproximar de onde ele estava, porém, receoso com a calma que John tentava passar. Percebeu que essa calmaria não estava em seus olhos, que pareciam frenéticos com uma loucura evidente.

— Por quê? — Inclinou a cabeça para o lado, ainda sentado, estudando os gestos do homem que não via há anos. — Vai tentar me convencer a mudar de lado? A voltar para casa? — Riu com escárnio.

— Filho……

— Não me chame assim! — Explodiu ao ouvir a palavra que lhe causava tanto desespero para provar seu valor. Sacou a arma escondida em suas costas, apontando para o peito de Jake ao levantar-se. — Eu detesto essa palavra!

— Porque só quis ouvir da única pessoa que jamais soube o significado verdadeiro dela.

— Você nunca me entendeu, não tem ideia de quem eu sou.

— Sei que, apesar de tudo, é meu filho…

Jake alimentava a esperança de que o filho pudesse voltar à razão, até aquele momento, quando o som do disparo invadiu seus ouvidos antes da dor e o impacto da bala em seu joelho. Caiu no chão gelado do laboratório, trincando os dentes ao segurar o local do ferimento com as mãos; o sangue começava a formar uma pequena poça ao lado da perna.

— Avisei para não me chamar assim — declarou ao se aproximar, tendo a cabeça de Jake em sua mira.

Não havia nenhum outro sentimento nos olhos dele além de raiva, loucura e maldade ao encarar o pai aos seus pés, à sua mercê. Isso fez John presenciar crescer em seu ser o sentimento de triunfo, algo que não sentia há muito tempo.

— Ouça os sons ao seu redor, John, vocês estão perdendo. Sua gente está morrendo. — Apesar do latejar no joelho que teimava em se espalhar pela perna, Jake tentava manter a consciência arfando para controlar a dor.

— Como se eu me importasse com eles… — Deu de ombros, voltando a mirar na cabeça de Jake que estava espantado pela frieza do próprio filho. — Acho que hoje é sua aposentadoria, pai.

Alex chegou no momento exato em que John, sorrindo diabolicamente, voltava a mira para o pai deles. No desespero, lançou-se sobre ele em sua forma animal, mordendo a mão que segurava a arma, cravando os dentes fundo na carne. O sabor ferroso do sangue inundou sua boca.

John soltou a arma com um rosnado grave, socando repetidamente o focinho do lobo negro. Quando conseguiu se livrar do aperto do animal, segurou o braço junto ao peito furioso, olhando o que demonstrava estar desNorteado pelos golpes.

Darius estava tonto pelos socos, chacoalhava a cabeça na tentativa vã de que isso ajudasse a voltar para o eixo. Notou que a arma estava agora sobre a posse de Jake, que havia se afastado ao se encostar na parede mais próxima. Então o lobo voltou sua atenção para o outro humano e partiu para o ataque, mirando o pescoço, mas John foi mais rápido, usando sua força para lançar o animal para longe. As garras se afundaram no chão, deixando

marcas pelo caminho, freando o corpo antes de se chocar com a parede às suas costas.

— Você quer brincar, irmãozinho? Então vamos brincar — disse as palavras, desabotoando o paletó e jogando-o no chão com raiva, sem desviar os olhos do lobo rosnando e com pelos eriçados nas costas.

Alex esperava que seu irmão libertasse seu lobo, numa luta justa entre eles. Porém, percebeu que a transformação de John estava diferente de tudo o que havia visto: seus ossos estalavam, um depois do outro, fazendo-o contorcer-se para recolocá-los em seus devidos lugares. O tecido das roupas rasgava, conforme as pernas e os braços se esticavam ao extremo, deixando Alex paralisado, assistindo à cena, que mais parecia tirada de um filme de terror, sem acreditar na criatura que surgia diante de seus olhos.

John continuava a se transformar, gemendo enquanto duplicava de tamanho. Surgiu focinho com presas, pelos em todo o corpo, orelhas pontiagudas e mãos com garras afiadas, tornando-se uma mistura de homem e animal. Terminou com um uivo grave em direção ao lobo negro, que perto dele se tornava pequeno.

— Contemple a evolução da nossa espécie. — A voz saiu rouca, com o timbre arranhado como se estivesse sendo amplificada por caixas de som potentes.

Mesmo assim, Darius investiu contra o lobo modificado, usando dentes e garras contra a pele grossa do animal, causando pequenos arranhões, apesar de estar usando toda a sua força. Ao fundo, em meio à luta, tinha consciência de ouvir a voz de Jake gritando por ele, temendo por sua vida. Sentia o cansaço começar a dominá-lo, tornando seus movimentos mais lentos e previsíveis, o que facilitou para que John conseguisse dar um golpe certeiro, lançando Darius ao longe. Ele bateu na parede de concreto, tendo o ar roubado de seus pulmões. Isso, somado à fadiga, fez o lobo dar lugar ao homem, e Alex voltou tossindo na tentativa de trazer oxigênio de volta aos seus pulmões.

Passos pesados, com garras tão longas que tilintavam no chão, o alertaram de que John se aproximava, portanto era preciso se recompor o

mais rápido possível.

— Eu sou o mais forte. Vou me tornar o supremo e provar meu valor. — As palavras soavam animalescas. — E quanto a você, vai morrer aqui sozinho. Uma pena que não vai me ver reinar. — Deu uma gargalhada rouca de satisfação.

— É nisso que você se engana. — Alex se levantou com dificuldade, mesmo sentindo que as pernas poderiam ceder, conseguindo ficar de pé. Ele manteve a atenção de John em si e não no que acontecia às suas costas. — Eu faço parte de uma alcateia, irmão, e sabe o que fazemos?

John não entendia como ele ainda podia estar de pé, olhando-o com altivez, mesmo com a derrota iminente. Fitava o irmão, que tinha um sorriso cansado nos lábios, com os olhos cerrados, tentando entender o que estava acontecendo. Foi quando notou mais dois lobos no laboratório. Um deles tinha pelos ruivos, e o outro era da cor caramelo. Eles cercavam John, mostrando as presas à espera da ordem do seu líder.

— Nós caçamos juntos!

Alex transformou-se, arremessando seu corpo sobre John, usando as quatro patas sobre seu peito, derrubando-o no chão. Os outros dois lobos se uniram ao ataque, cravando os dentes nos braços e pernas. O ambiente foi preenchido pelos rosnados de fúria dos três animais que, agarrados ainda à pele de John, puxavam e chacoalhavam as cabeças, tentando rasgar a carne.

John gritava de dor, lutando para sobreviver; seu braço esquerdo foi deslocado pela força aplicada. Temia que fosse arrancado de seu corpo, enquanto usava o outro para manter Darius afastado de sua jugular. Conseguiu chutar o lobo agarrado a sua coxa, sentindo sua perna rasgar e o líquido quente e vermelho jorrar dela. Seu pescoço foi o próximo alvo, ao ver o braço, que mantinha o lobo preto afastado, ceder o suficiente para ele cravar os dentes. Tudo se tornou dor, não havia mais nenhuma centelha de vontade de lutar em John ao contemplar o teto do laboratório, enquanto sentia seu corpo ser mastigado pelos outros. Seu último pensamento antes da escuridão dominar foi: espero que ela sinta orgulho de mim. Então se entregou à morte com um leve sorriso.

Darius só soltou o pescoço de John quando parou de ouvir os batimentos em seu peito. Os pelos tingidos de vermelho, o animal se afastou do corpo inerte. Olhando ao redor, avistou Max próximo a Jake, examinando os danos em sua perna, e Bryan verificando o local. Tudo indicava que tinham vencido. Então voltou a sua forma humana.

— Eu carrego o senhor pai. — Disse, parado próximo a Max, que terminava de fazer um torniquete improvisado em Jake, com tiras das roupas destruídas de John.

— Filho, você está bem? — A pergunta era desnecessária. Ele sabia o quanto aquilo devia estar afetando Alex. Era isso que queria ter evitado ao ir ali sozinho: impedir que um irmão matasse o outro.

— Depois conversamos sobre isso. Agora precisamos sair antes que tudo vá pelos ares. — Ele não queria analisar ou sentir nada naquele momento. Deixaria tudo para depois, quando tivesse certeza de que todos que amam estavam seguros de fato. Então colocou o braço esquerdo de Jake sobre seus ombros e seguiram para a saída, escoltados por Bryan e Max em forma de lobos, pois ainda poderia haver algum inimigo por perto.

Ela sabia que tinha algo de errado. O local onde a seringa havia perfurado latejava, as pernas estavam pesadas, como se tivessem pesos amarrados em seus tornozelos. Cada passo era um esforço.

Drula tinha demorado mais do que esperava para matar Simon. Durante a luta, perdeu a concentração algumas vezes devido a sensações fora do comum, como seus batimentos erráticos, a boca seca e a língua grossa. Isso lhe rendeu alguns ferimentos desnecessários. Quando chegou ao fim, estava ofegante, e voltar à sua forma humana tinha sido a pior parte. Parecia que o animal não queria ceder o controle; a voz de sua loba tinha sumido, e em sua mente, apenas uivos e rosnados eram ouvidos.

Agora seguia no automático para a saída, se arrastando, usando as paredes como apoio. Olhou a ferida no ombro, onde veias proeminentes, com uma coloração estranha, irradiavam para todos os lados, ganhando cada vez mais espaço em seu corpo. Isso lhe dava a certeza de que estava com sérios problemas. Além disso, desde que tinha voltado a ser humana, não tinha conseguido se comunicar com Drula, que apenas a torturava com seus rosnados. Queria parar por um segundo e implorar para ela parar de arranhar sua mente, mas sabia que não tinha tempo. Era necessário sair daquele lugar, precisava de ar fresco e encontrar os seus. Talvez juntos soubessem o que começava a dominar o seu íntimo.



— Ela tem que sair em menos de três minutos. — A tensão imperava entre os três homens que encaravam a estrutura prestes a explodir. Sabiam que Miley ainda estava lá dentro. Depois que Luna e Max levaram os feridos para a sede, decidiram dar alguns minutos para ver se ela apareceria, enquanto se vestiam caso algum forasteiro aparecesse pela confusão.

Alex ouvia os batimentos em seu peito e os protestos de seu lobo; algo estava muito errado. Conhecia a mulher que amava; dar cabo de Simon seria fácil para ela, então por que não estava ali fora com eles?

— Chega de esperar, vou entrar de novo. — Avisou, tirando a camisa pela cabeça. Seria mais rápido encontrá-la se farejasse seu cheiro. Miley ficaria furiosa com ele, sabia que ela é capaz de se defender sozinha, mas queria ter certeza de que estava bem.

— Alfa, é ela!

Sua transformação não chegou a acontecer; Bryan apontava para a lateral da fábrica, de onde surgia Miley. O alívio fez Alex suspirar; os ombros caíram, relaxando diante da imagem dela, feliz em vê-la. No entanto, a felicidade não durou. Ele estreitou os olhos, assim como os outros à sua volta, percebendo que ela cambaleava, desnorteada.

Ele disparou em sua direção, com o coração acelerado, as batidas travando sua garganta, o nome dela saindo estrangulado pela boca. Alex a alcançou antes dela vir ao chão, pegando-a em seus braços nus instantes antes da fábrica explodir com os dispositivos de Denis. Usou o próprio corpo para diminuir o impacto sobre ela, mesmo assim, os dois foram arremessados alguns metros à frente.

Alex ficou desnorteado; um apito alto ecoava em seus ouvidos, abafando os outros sons. Tudo parecia estar em câmera lenta. Ele via Denis e Bryan correndo na direção dos dois. Alex engatinhava pelo cascalho, buscando chegar perto de Miley, que se contorcia no chão. Os gritos de dor dela foram o primeiro som que o trouxe de volta.

— Eu estou aqui! — Repetia várias vezes, segurando-a em seus braços, procurando ferimentos por seu corpo. Não conseguia enxergar nada, a não ser a mancha prateada em seu ombro. No entanto, Miley parecia estar sofrendo por algo invisível aos seus olhos.

— Alex! Faz. Parar. Queima. — A frase saiu entre cortadas. Ela cerrava os dentes para não gritar de dor, que lhe dava a impressão de estar tendo a pele rasgada. No entanto, seus olhos estavam cheios de desespero pela impotência da situação.

A cena era iluminada pelas labaredas que queimavam na fábrica destruída, e ainda era possível ouvir pequenas explosões ao fundo.

— O que está acontecendo? — Bryan perguntou, ao se aproximar com Denis.

— Não sei. Ela está com dor, mas não tem ferimento nenhum. — Queria poder arrancar a dor dela e transferi-la para si. Sabia que Miley estava se contendo para não a deixar extravasar, mas sua tentativa de disfarçar era em vão. Ela tremia em seus braços. — Denis, vai buscar o carro; temos que sair antes que os bombeiros e policiais da cidade cheguem aqui.

Denis se afastou correndo. O veículo estava a poucos metros. Ele conhecia sua amiga suficientemente bem para saber que algo não estava certo. A breve troca de olhares entre eles lhe despertou um alarme na

cabeça. Precisavam levar ela o mais rápido possível para Alison e o médico do Sul.

Miley não aguentava mais prender sua loba, isso estava a esgotando e beirando a loucura. Precisava deixar ela se libertar. No entanto, temia pela segurança de Alex, que estava tão perto. Não conseguia mais expressar em palavras para ele se afastar.

— Calma, fica quietinha. Denis, já está voltando. — Pediu, tentando mantê-la em seus braços. Ela se desviava, empurrando-o. — Bryan, me ajuda a contê-la.

— Alex, acho melhor soltá-la.

Quando olhou para o beta ao seu lado, notou que ele parecia apreensivo, com o olhar fixo em Miley. Podia jurar que até com um certo medo. Isso não fazia sentido na cabeça de Alex. Ele estava tão impressionado com a reação de Bryan que afrouxou o abraço, dando à loba a chance que ela precisava para se afastar. Fez menção de agarrá-la de novo, mas foi impedido pelo beta, que o levantou, segurando seus braços para trás.

— Está maluco? Me solta!

— Espera, Alex.

Miley se arrastava pelo cascalho, ignorando a dor causada pelas pequenas pedras em sua pele. As vozes de Bryan e Alex ficavam distantes, abafadas pelos rosnados cada vez mais altos de sua loba. A sensação de que suas costas estavam sendo abertas ao meio por algo afiado fez escapar um grito de dor que estava segurando, um som grave, sofrido. Não podia mais ser contido diante da transformação que se iniciava.

Alex parou de tentar se livrar do aperto do beta, assim que o grito rompeu do interior dela. Parou em choque, assim como o homem ao seu lado. Assistiram à mulher ceder pela exaustão ao seu animal interior. A loba surgiu desNorteada, com suas presas à mostra e uma espuma esbranquiçada borbulhando nos cantos da boca. Em seguida, sentiu o cheiro dos dois à sua frente. Virou-se para encará-los, pronta para atacar.

— Calma, garota — pediu, dando passos excitantes para trás, usando um dos braços esticados para manter uma distância entre eles. De canto de olho, percebeu que Bryan também fazia o mesmo. — Sou eu, Alex. Se lembra de mim, Drula?

A loba se aproximava, rosnando, dividindo a atenção entre os dois. Analisava quem atacar primeiro, mesmo que eles não demonstrassem perigo. Seus sentidos estavam confusos, e seu instinto era se proteger. Uma brisa trouxe o cheiro do alfa até seu focinho. Então, o animal sabia quem atacar primeiro, sem aviso, se lançou, almejando o pescoço de Alex. No entanto, ainda no ar, sentiu duas fisgadas na barriga, instantes antes de seu corpo ser tomado por espasmos causados por uma corrente elétrica que a levou ao chão, inconsciente.

— Que merda você fez? — Brigou Alex, ao se levantar do chão. Tinha caído na tentativa de se proteger do ataque de Drula, com Denis ainda empunhando a arma de choque e olhando para a loba desacordada à sua frente.

— O que foi necessário — disse sem se intimidar ao ser confrontado pelo alfa que o encarava a poucos centímetros de seu rosto, furioso. — Se ela te machucasse, iria se culpar para sempre, e estava evidente que você ia preferir se machucar a tocá-la.

Apontava o óbvio ao usar um gesto de cabeça para indicar a loba. Alex queria socar alguém. Os punhos fechados ao lado do corpo, apenas não encontraram o rosto mais próximo, que seria de Denis, porque, no fundo, sabia que ele estava certo. No entanto, isso não impediu que o fulminasse com os olhos, até que sirenes foram ouvidas, quebrando a tensão do momento.

— Temos que ir, eles vão chegar em breve aqui — Bryan avisou, separando os dois. Em segundos, estavam dentro do carro. Denis no volante, Bryan como passageiro, e Alex atrás com a cabeça de Drula sobre sua coxa. O corpo esticado ocupava o resto dos bancos traseiros. Acariciava a pelagem, vendo como sua mão morena ia e voltava, em contraste com o branco. Em sua cabeça, tentava entender o que estava acontecendo com sua destinada.

— Ela não deveria ter voltado à forma humana? — Evidenciou Bryan, olhando para o banco traseiro.

— Tem algo muito errado com ela — acariciava a loba em seu colo, atento a cada movimento involuntário dela. Mesmo desmaiada, espasmos das patas e pálpebras tremulantes lhe diziam que a mente dela estava inquieta. — Alison talvez consiga ajudar. Mais rápido. Nenhuma outra palavra foi dita. Todos tinham em seus corações a crescente sensação de que uma nova provação estava por vir. Temiam não ter com eles o mais forte entre a alcateia.

Capítulo 18

Ela presenciou, uma a uma, as câmeras desligarem e o chiado da estática preenchendo a sala de vigilância, que estava em completo silêncio diante dos acontecimentos. Tinham perdido o capitão deles, o seu filho. Os soldados esperavam por suas ordens, dando-lhe tempo para assimilar o luto. O que eles nem imaginavam era que o sentimento maior que dominava seu peito, naquele momento, era de fracasso. A General se recriminava por ter apostado no lobo errado e como isso estava colocando os planos em risco.

— Recolham tudo que for relevante e destruam o resto. Estamos de saída.

— Sim, general!

Responderam em uníssono enquanto ela se retirava da sala com um novo plano em mente. Talvez nem tudo estivesse perdido. Talvez pudesse tentar uma cartada final. Se não funcionasse, ainda poderiam seguir com as novas drogas e na busca pelo supremo.

Seria mais difícil controlar alguém que não fosse de seu sangue. Porém, o que torna um general bom é sua capacidade de se adaptar diante dos infortúnios de uma batalha, pensou ao entrar no carro preto que a esperava estacionado do lado de fora do prédio. Com um leve aceno de cabeça trocado com o motorista, pelo retrovisor do veículo, deu a ordem silenciosa para que fosse levada à sede dos Kathanos. Por sorte, não teria apenas más notícias para reportar naquela noite; afinal, atrás de seu carro, um caminhão carregado com as novas drogas os seguia com o mesmo destino.

— Ainda seguimos firmes. — Sorria ao ver o veículo pelo vidro traseiro. Por fim, se acomodou no banco, fechando os olhos. A pontada de

uma dor de cabeça ameaçava perturbar sua mente, e pretendia estar recuperada para falar com os líderes. A madrugada seria longa.



Alex invadiu a sala de primeiros socorros, que tinha sido improvisada naquele mesmo dia no porão da cabana, com Drula em seus braços ardendo em febre. O estado dela tinha piorado durante o trajeto; ele suava frio, conseguia sentir as gotas de suor deslizarem por sua têmpora, sem ter ideia de como aliviar a dor de sua destinada.

— Alison, rápido.

Alison deu um pequeno salto de susto ao ter o lugar invadido pelos três homens lycans. Aquela noite estava sendo exaustiva de muitas maneiras e estava descansando apenas poucos minutos em uma das cadeiras duras do local quando foi interrompida. Mas a adrenalina voltou a seu sangue ao notar a loba branca desacordada; ela sabia quem era antes mesmo de Luna surgir atrás deles correndo com um olhar de desamparo.

— Coloquem-na na maca — ordenou em seu modo médica ativado. Estava acostumada a tratar algumas pessoas antes de optar pela especialidade de citopatologia, mas aquele dia estava lhe provando que é difícil cuidar daqueles com quem se importa.

Mal tinha conseguido ajudar o outro médico a tratar Jake quando ele chegou ferido.

— Denis, preciso do doutor Marlon, ele está em um dos quartos descansando — pediu sem parar de examinar o corpo da loba em busca de ferimentos. Percebeu o amigo se afastar para cumprir seu pedido, ao mesmo tempo que sentia três cabeças pairando sobre ela. — Preciso que vocês me deem espaço.

— Não vou sair daqui até ter certeza que ela está bem.

— Olha sei que você é o alfa e o quanto Miley significa — se virou para encarar Alex, que estava tão sujo quanto os outros dois — mas não vejo nenhum ferimento evidente, o que quer dizer que vou ter que fazer exames mais específicos e não quero ter que fazer isso com você ou qualquer outro rosnando no meu ouvido por achar que estou machucando-a.

— Não percebi que estava fazendo isso. — Confessou.

— Você não era o único — olhou para Luna e Bryan, que estavam mais atrás, observando-os. — Precisam me deixar trabalhar.

Eles concordaram relutantes e saíram assim que o outro médico entrou na sala, deixando-os para fazer o que fosse preciso para salvar Miley. O pequeno consultório tinha sido montado às pressas, mas tinham tudo o que precisavam, até mesmo para pequenas cirurgias, como se mostrou necessário com Jake mais cedo.

Decidiram esperar por notícias na sala de estar, onde seria mais difícil ouvir a interação entre os médicos. Alex quase voltou a invadir o lugar ao ouvir a loba gemer de dor ao ser sedada por eles. Agora, mesmo não conseguindo ouvir mais nada, sentado no sofá, sua mente se via atormentada por tudo que poderia estar acontecendo lá embaixo.

— Luna ou Denis, quero saber sobre os outros, isso vai me ajudar a não enlouquecer aqui. — Remexia e apertava as mãos. A leve dor ajudava a se manter sob controle, principalmente Darius, que queria ficar ao lado de sua loba.

— Seu pai precisou de cirurgia para retirar a bala do joelho, ainda não acordou. A mulher e filha do cientista estavam em choque, então precisaram ser sedadas, nem meu dom conseguiu acalmar elas. — Percebeu que Luna relatava tudo com o olhar perdido no chão de madeira, envolta em um abraço desajeitado dado por Bryan, que estava sentado ao seu lado, tentando fazer ela parar de tremer.

— E o cientista? — perguntou com raiva, dentes cerrados, ao imaginar que ele tinha sido o responsável por criar o que quer que fosse que estava no sangue de Miley naquele momento.

— Ele não resistiu. — Foi a vez de Denis responder.

Alex não chegou a pronunciar, mas achou bom que o homem estava morto. Mesmo sendo possivelmente uma vítima dos Kathanos, seu lobo não teria piedade caso Miley não voltasse para eles.

Assim, apenas acenava a cada informação dada por Denis até que todos ficaram perdidos no silêncio vendo os minutos se arrastarem enquanto os médicos trabalhavam. Mesmo sujos, cansados e famintos, sentiam como se todas as suas necessidades estivessem paralisadas diante da mais importante delas: saber se a alfa deles sobreviveria.

Era madrugada quando Alison subiu para relatar o que tinha descoberto. Assim que entrou na sala, todos se levantaram apreensivos por suas palavras.

— Ela está viva — um suspiro coletivo preencheu o cômodo, mostrando alívio — mas tem algo de errado, com certeza, e lamento dizer que não tenho ideia do que seja.

— Por que diz isso? — A tensão voltou como uma névoa traiçoeira se infiltrando entre eles, causando calafrios ao ouvirem Alex perguntar o que nenhum deles tivera coragem.

— Bem, o mais óbvio é que ela ainda está na forma de loba. Conseguimos controlar a febre, mas isso parece que trouxe um sono turbulento, então tive que sedá-la — se sentou na cadeira oferecida por Denis, ao ver o cansaço estampado no rosto dela em enormes olheiras. Sorriu agradecendo o gesto antes de continuar. — Coletamos sangue e fizemos alguns testes, e nada no hemograma fez sentido.

— O que deu nos resultados? — Apesar de todos estarem atentos, a conversa se desenrolava apenas entre Alex e Alison.

— O sangue está com alta concentração de testosterona, prata e mercúrio. É como se a Miley tivesse sido intoxicada.

— A droga perfeita anti-lycan. — Provavelmente era nisso que John estava trabalhando com o cientista, além da que deixou ele um lycan bombado. — Denis disse entrando na conversa.

— Não sei como a combinação desses elementos vai agir na espécie de vocês, seria mais útil se tivéssemos as anotações do cientista ou ele tivesse sobrevivido.

— Acho que talvez eu saiba — as palavras saíram tão baixas dos lábios de Luna que demorou para que entendessem o que ela tinha dito, mas ao compreenderem a atenção de todos estava na mulher de olhos marejados e face pálida. Parecia que ela estava vivenciando um pesadelo em sua mente. — Quando estávamos na fábrica, em uma das celas, encontramos o corpo do lobo do leste. Ele também não tinha voltado à forma humana, as paredes estavam repletas de arranhões feitos por garras afiadas, e pude sentir a loucura e dor emanar daquele lugar. Porém, eram sentimentos vindo do animal, não do homem.

— Isso não seria possível, né? Separar nossa essência animal? — Denis proferiu as palavras meio rindo. Seria impossível tal crueldade, mas deixou o riso morrer ao notar as caras pensativas a sua volta.

— Temos que esperar até amanhã para descobrir, o sedativo que demos era bem potente. Talvez por precaução precisamos colocar a loba em uma cela ou jaula.

— Ela não é um animal! — Alex rompeu em disparada em direção de Alison, sua cabeça latejava com todas as informações, e em seu peito um turbilhão de emoções roubava seu fôlego e sanidade.

Se Bryan não tivesse sido rápido e entrado em seu caminho, talvez ele tivesse machucado a médica, mas a cada segundo estava mais difícil controlar seu lobo. Cerrou os dentes e fechou os punhos.

— Alfa, ela só está sendo prática. Temos que pensar na segurança de todos que estão na casa e na de Drula também. — Bryan e Denis mantinham ele longe de Alison, que tinha se escondido atrás de Luna.

— Me desculpe, ela é minha amiga e não quis ofender. Mas para saber o real efeito da droga, vamos ter que deixá-la despertar e não sabemos o que pode acontecer. — Mesmo amedrontada, Alison não deixou de dizer o que era preciso. Não sabia se era a convivência com eles, mas se sentia confiante a cada dia de que os verdadeiros monstros eram outros.

— Ela tentou atacar você na fábrica, não custa nada ser cauteloso agora. — Alex direcionou um rosnado para o beta do Norte ao ser lembrado daquele momento. Sabia que estava sendo irracional, mas manter Darius sob controle estava sendo árduo.

Seu lobo desejava apenas ficar ao lado dela e esquecer todo o resto. Porém, como era o único alfa entre eles, sem estar machucado ou inconsciente, sabia que tinha decisões a tomar. Então respirou fundo algumas vezes, levando mais oxigênio para seus pulmões e cérebro, recobrando a calma.

— Me desculpe, Alison, vocês estão certos — pediu, olhando os rostos à sua volta, tão familiares depois de tantas coisas que estavam vivendo juntos. — Temos muito que fazer amanhã, então é melhor tentarmos descansar, mas antes vou ligar para o Max ir até a delegacia e trazer uma jaula apreendida no ano passado com alguns caçadores.

— Eu espero por ele e ajudo com o resto. Você precisa descansar também, alfa.

— Obrigado, Denis, seria perfeito, mas quero dar uma olhada em Drula antes. — Se aproximou de Bryan, colocando sua mão no ombro do homem, que começava a ver como um amigo. — Melhor levar sua esposa para descansar também, talvez as habilidades dela sejam necessárias pela manhã.

Bryan se afastou, concordando com um gesto de cabeça, e foi até Luna, que estava sentada no sofá, ainda perdida em pensamentos. Seu coração estava apreensivo por sua esposa. Ele sabia que, por ela ser uma ômega, tudo era triplicado ao seu redor e sugava sua energia. Ajudou-a a se levantar, amparando-a em seus braços e deixando um beijo leve em sua cabeça. Luna sentiu o leve toque em seus cabelos, um carinho inesperado em meio ao seu caos mental. Olhando para o homem que a segurava, presenteou-o com um sorriso tímido e saíram da sala, deixando que outros lidassem com o que precisava ser feito.

Alex assistiu o casal se retirar, entrelaçado, com uma pontada de inveja, pois naquela noite fria eles encontrariam o conforto nos braços um

do outro.

— Alison, você também precisa descansar.

— Sim, só vou dar uma olhada no seu pai antes. Quero ter certeza de que está tudo bem. — Saiu com uma breve despedida. Tudo doía, desde seu couro cabeludo até a unha do pé, agora que a adrenalina tinha passado. Porém, seu coração continuava inquieto desde que tinha sido obrigada a deixar Jake sozinho no quarto para atender os outros feridos. Sorriu subindo a escada ao pensar que talvez pudesse descansar um pouco ao lado dele antes de ir para o próprio quarto.

Denis aguardava enquanto o alfa fazia o telefonema para Max. Ele parecia centrado, mas seus olhos atentos notaram que suas mãos com frequência se contraiam, como se Alex desejasse socar alguém. Fora as inúmeras vezes em que bagunçou os cabelos ao passar as mãos neles. Sinais claros de que o alfa estava ansioso e nervoso.

Por fim, se aproximou com cautela ao notar que a ligação tinha sido encerrada.

— Por que não vai ficar com ela? Eu fico e espero o ruivão pra ajudar a descarregar as coisas.

— Isso seria de grande ajuda — concordou ao notar, pela primeira vez, que não estava sozinho na sala. Tinha certeza de que tinha dispensado a todos, mas ficou grato por Denis ter se oferecido. Assim, poderia ficar mais alguns minutos com Miley antes da difícil tarefa de tê-la que colocar em uma jaula. Isso partiria seu coração, mesmo sendo necessário.

Então saiu para o porão, agradecendo a Denis antes de deixá-lo na sala. Era poucos passos até lá, que Alex percorreu ouvindo cada batida de seu coração, com a garganta seca e o suor escorrendo pelas costas. Abriu a porta, sendo invadido pelo cheiro de pêssegos, tão familiar que vinha preenchendo seus dias.

O lugar estava bem iluminado, com suas cores neutras, e, em meio a toda aquela falta de calor, em uma maca fria, ligada a fios e a um soro, ainda desacordada, a sua amada loba branca. Seus pés o conduziram até ela, hipnotizado. Ele desejava confortá-la, puxou um dos bancos de metal para

ficar junto à maca, enquanto alisava a pelagem branca, atento ao subir e descer da barriga dela.

— Eu estou aqui, lobinha. — Seus olhos marejados atrapalhavam a visão dela, mas ele não conseguiu impedir, nem quando as lágrimas começaram a inundar seu rosto. — Eu estou aqui e não vou a lugar nenhum, está me ouvindo? Vou cuidar de tudo, deixar você orgulhosa quando voltar pra mim. Eu te prometo que vou pegar cada um deles que machucaram você.

Alex encostou a testa sobre a da loba, fechando os olhos, inalando seu cheiro, enquanto acariciava atrás de sua orelha. Deixando que o sentimento de gratidão preenchesse seu peito, porque ela ainda estava viva, entre eles, quando o celular em sua calça começou a tocar. Atendeu sem deixar de tocar Drula, mesmo achando estranho ser uma chamada de um número desconhecido.

— Alô? Quem é?

— Espero que ainda se lembre da minha voz, filho.

Ele lembrava. Alex, ficou mudo ao ter a mente invadida por lembranças do passado, onde sua mãe era a protagonista de cada cena. Recordações que lhe deram a certeza de que a mulher do outro lado da linha não sabia o que era ser mãe, pois tudo o que via eram recriminações e exigências, nenhum gesto de carinho ou amor.

— É muita audácia me ligar e ainda me chamar de filho. — Apertava o celular, tentando conter a raiva que o golpeou, fazendo-o ficar alerta de novo. — O que você quer?

— Quero fazer uma oferta. — Ela mantinha a voz neutra, sem nenhuma emoção do outro lado.

— A única coisa que me interessaria é se me oferecer o antídoto para a droga que produziram.

— Querido, por que produziríamos algum antídoto? Isso não faria sentido. — Alex deixou escapar um palavrão ao ouvir uma das coisas que temia. — Claro, sua namoradinha foi infectada hoje. Como ela está?

Infelizmente não posso ajudar com isso. Porém quero oferecer a chance de se unir a nós, Alex, você precisa estar do lado certo dessa guerra.

— Lado certo? Besteira! Se você acha que o seu lado é o certo, fazendo irmão lutar contra irmão, raptando inocentes, separando famílias, envenenando as pessoas e seguindo ordens de um bando de gente preconceituosa e nazistas, então está bem louca. Escuta bem: eu nunca vou ser um de vocês e vou caçar cada um dessa sua seita ridícula.

— É uma pena que você seja tão cego quanto o seu pai.

— Obrigado, ele me criou bem. — A risada irônica atingiu o tímpano dele, aumentando sua irritação com aquela ligação sem sentido. — Sentiu alguma coisa ao descobrir que John morreu? Você sente alguma coisa? — Perguntou, mesmo sabendo que a resposta iria deixá-lo ainda mais decepcionado. Se afastou da maca, andando para longe de Miley. Não queria que ela sentisse a tensão que começava a subir por sua espinha.

— Sim, eu sinto, Alex. E a maior de todas é a ambição.

— Eu lamento que meu irmão tenha se deixado enredar por suas ideias, mas te garanto que, mesmo que leve a minha vida inteira, vou destruir todos os Kathanos.

— Boa sorte com isso, querido.

E assim a chamada foi encerrada, sem mais explicações ou provocações. Alex não tinha dito as palavras em vão. Vinha, desde o momento em que tinha entrado em casa, planejando cada passo para dar início ao fim dos Kathanos. No entanto, aquela ligação estava lhe causando calafrios. Não fazia sentido algum, e o cansaço não estava deixando-o descobrir o real motivo daquilo. Esfregou os olhos, que ardiam pelo sono, e voltou para o lado da loba. Iria se concentrar em um problema de cada vez, decidiu, voltando a acariciar os pelos brancos.

Capítulo 19

Alex deixou o porão assim que Max entrou, avisando que iriam trazer a jaula. Não conseguiria vê-la enjaulada, mesmo que fosse para a segurança de todos. Por isso, decidiu esperar na sala enquanto eles faziam o trabalho sujo. Viu de relance a luz do corredor refletindo no metal, atraindo a atenção dos seus olhos, mesmo estando sentado no sofá. Denis e Max carregaram a jaula, tão apreensivos quanto ele, seus semblantes pensativos. Afinal, teriam que enjaular um dos seus como um animal selvagem. Ser um lycan não tinha nada a ver com selvageria, mas sim com a comunhão entre homem e animal. Xingou, bagunçando os cabelos e enterrando os dedos nos fios, agarrando-se à leve dor em seu couro cabeludo causada pela força de suas mãos. Estava frustrado por mais uma vez não ter o controle daquela situação.

Depois de um tempo, decidiu que não adiantaria ficar parado lamentando. Era preciso verificar os outros feridos, mandar um relatório para os anciões e assumir o seu lugar na alcateia. Alex se manteria ocupado até o dia raiar. Por isso, buscou refúgio no escritório do pai e depois de visitá-lo, onde poderia se dedicar ao que era preciso sem distrações.

Eventualmente, acabou sendo vencido pelo sono, capotando sobre a mesa após algumas horas de trabalho. Não foi a luz da manhã teimosa se infiltrando pela cortina meio aberta da janela que o despertou, mas sim vozes alteradas, rosnados e o som de algo mais que não pôde identificar. Levantou o tronco da mesa em alerta, aguçando os ouvidos para entender o que estava acontecendo.

"Nossa destinada!", disse Darius ao perceberem que a origem de tudo parecia vir de debaixo deles, do porão. Isso fez Alex levantar-se e passar pelo corredor, descendo os degraus da escada de dois em dois.

Ao entrar, todos estavam lá, discutindo meio assustados, sem saber o que fazer. Ao que parecia, não quiseram acordá-lo e decidiram lidar com Drula sem ele. A loba estava furiosa, espremida na pequena jaula, demonstrando sua raiva por meio de rosnados e se debatendo nas grades. Bryan e Max tentavam manter a jaula instável no chão, apesar dos golpes da loba branca, mesmo ela tentando mordê-los.

— Ela vai se machucar assim! — Luna avisou, assistindo à cena com o peito golpeado por seu coração acelerado. Não conseguia se concentrar em mudar as emoções de Drula, já que não podia controlar as suas próprias.

— O que está acontecendo aqui?

— Alfa, ela acordou alguns minutos atrás. Tentamos nos comunicar, mas ela só rosna e morde. — Foi a vez de Bryan explicar o que tinha acontecido.

— Pelo amor de Deus, Alison, seda ela de novo — pediu Alex, ao perceber surgir na testa da loba a cor vermelha, gritante no branco, de um corte.

— Não consigo aplicar com ela tão agitada. Preciso me aproximar para fazer isso.

Mais uma vez, estavam sem saber o que fazer. Alex observava todos ao seu redor, Luna tentando se recompor, respirando fundo a poucos passos deles, e Alison acuada, mais próxima da parede, com medo estampado em seu rosto. Os dois homens tentavam conter o animal na jaula, apesar de ela tentar machucá-los também.

Então percebeu Denis perto dos armários, de costas para tudo aquilo. Ele parecia mexer em algo. Alex não tinha ideia do que poderia ser mais importante do que acalmar Drula, até que observou quando ele virou com uma arma na mão e disparou contra a barriga da loba, um tiro certeiro que passou pelas grades e cravou um dardo na pele.

Alex avançou contra ele, segurando-o pela camisa e jogando o corpo de Denis contra o armário, que envergou pelo impacto.

— Você continua atirando na minha mulher — cuspiu as palavras

entre dentes, cara a cara com Denis.

— É só um tranquilizante — indicou, com os olhos, a jaula, onde Drula cambaleava sonolenta. — E mais uma vez eu fiz o que ninguém queria fazer.

Alex grunhiu, soltando a camisa de Denis e se afastando do lobo insolente do Norte. Olhou para a loba mais calma, sua respiração estava mais leve, e parecia que lutava para se manter acordada. Provavelmente o tranquilizante não duraria muito tempo.

— Todos para o escritório agora! Menos você, Max, fique aqui com ela. — Ralhou, saindo e ouvindo os passos atrás de si. Abriu a porta com violência e, em seguida, girou para esperar que todos estivessem dentro do cômodo. — Não podemos ficar atirando ou mantendo ela dopada o tempo todo. Isso não vai funcionar.

— Com certeza faria mal para o organismo dela a longo prazo, porém ela parece estar em estado de frenesi ainda.

— Eu não diria isso, Alison. Para mim, Drula está agindo como uma loba comum. Um animal selvagem. — Denis recebeu olhares de raiva. — O quê? Vocês ouviram também.

— Se a droga está afetando-a dessa maneira, então mantê-la presa pode levá-la à loucura, como o alfa do leste. — Luna relembrou a todos do que aconteceu no laboratório dos Kathanos.

— Temos que libertá-la — murmurou Alex, chamando a atenção para si em meio à discussão que ocorria. — Pelo menos até Alison descobrir uma maneira de ajudá-la. Precisamos garantir que ela não se afaste muito e fique em segurança.

— É provável que ela siga para o Norte, por instinto. Lobos são territoriais. Posso ficar de olho, afinal, preciso levar as provas da traição de Simon e manter a alcateia unida até que Miley volte.

— Ótimo, também vou voltar com vocês, Bryan.

— Não acho uma boa ideia, Alex. Agora você tem que ser o alfa de duas alcateias, acalmar os ânimos e liderar as buscas. — Bryan lembrou-lhe

de suas novas obrigações, o que fez Alex resmungar, sabendo que não poderia seguir com eles.

— Eu posso ficar com a Drula, na minha forma de lycan, para garantir que ela esteja a salvo.

— O quê?! — Foi a exclamação geral de todos os presentes no escritório diante da sugestão de Luna.

— Ela não tentaria me machucar. Nossa ligação de irmãs é forte, e além disso, meu dom vai ajudar.

— Vida, isso é arriscado. Não sabemos se ela vai continuar instável mesmo solta na floresta. — Bryan viu a determinação nos olhos da esposa, segurando suas mãos, tentando fazê-la perceber os riscos que estaria correndo. Ele sabia que não poderia estar lá para ajudar.

— Bryan, ela sempre me protegeu e ajudou. Está na hora de retribuir, de fazer algo pela minha irmã. — Trocaram olhares, ainda de mãos dadas, em uma conversa silenciosa. Anos juntos faziam com que apenas um olhar dissesse tudo o que precisavam dizer um ao outro.

— Então está decidido por enquanto. Luna fica com a Drula. Bryan volta para o Norte e verifica se há mais infiltrados entre nós. Denis e eu vamos fazer o mesmo por aqui. — Todos ouviram as orientações do alfa, concordando com a cabeça. — Alison, se precisar de mais amostras, é melhor pegá-las agora antes de libertarmos ela.

Alison concordou e saiu do escritório, sentindo o peso da responsabilidade de descobrir uma cura. Ela temia não ser capaz de ajudar Miley, como todos pareciam ter certeza de que era. No entanto, daria o seu melhor, até mesmo a sua vida, por sua nova família.

Alguns minutos depois, Alex carregava a loba branca, ainda desacordada, em seus braços pela floresta, seguido por um pequeno grupo de aliados. Seus pés descalços não faziam barulho sobre a folhagem úmida espalhada pelo chão, e a chuva fina não o incomodava tanto quanto o fato de que teria que deixar a sua destinada ir e ficar para trás.

Ele encontrou uma pequena clareira onde a colocou. Os pelos brancos

começavam a ficar molhados, apesar da garoa.

— É só por um tempo, lobinha. — Ele acariciava os pelos, sentado ao lado dela, ignorando os outros logo atrás, até que o farfalhar de roupas penetrou seus ouvidos, o alertando de que Luna começaria sua transformação. Ele levou a mão ao centro do peito na tentativa de conter a pontada de dor que o atravessou com a separação iminente.

Quando a loba cinza surgiu ao seu lado, de cabeça baixa, demonstrando respeito, ele soube que não poderia mais adiar.

— Cuida dela para mim, por favor — pediu, encarando olhos verdes de uma tonalidade diferente da mulher que amava. A loba deu um uivo baixo em concordância.

Alex se levantou, afastando-se delas, olhando Drula, que começava a dar indícios de que despertaria em breve. Bryan passou ao seu lado, ajoelhando-se junto à loba de Luna, acariciando suas orelhas ao unir suas testas em uma despedida dolorosa.

Por fim, o grupo assistiu, de longe e escondido pelas árvores e contra o vento, até Drula despertar agitada, olhando tudo ao seu redor e, em seguida, se acalmar. Não sabiam se era graças ao dom de Luna ou por estar livre, mas a loba branca reconheceu a cinza e juntas adentraram mais a floresta, indo em direção ao Norte.

Quatro meses depois:

— Como estão as coisas no Norte? — Alex perguntou a Bryan, sentado à sua frente no escritório da cabana, em mais uma reunião mensal que faziam desde os últimos acontecimentos. Denis estava ao lado do beta, tomando um copo de uísque com um sorriso no rosto.

— Mais calmas. Alguns lycans viram Drula correndo pela floresta, então acreditaram na nossa meia verdade de que ela está caçando o inimigo. Por isso, preferiu ficar afastada da alcateia. — Bryan explicou, bebericando a limonada gelada. Ele tinha recusado o uísque oferecido por Alex. — Luna consegue me visitar de vez em quando para relatar como as duas estão indo…

— Relatar? Sei, vocês devem é matar a saudade… Ai! — Denis reclamou ao levar um soco no braço de Bryan, que o olhava de cara feia. Alex sorriu, mesmo que de forma breve, pela interação entre eles.

— De qualquer forma, estão seguras. Luna disse que vivem em uma gruta como lobas. Miley nenhuma vez voltou desde então. Alex ficou cabisbaixo com a notícia, preferindo beber o uísque que dizer qualquer coisa. Quanto mais tempo passava, mais Darius se tornava instável, vinha evitando libertar seu lobo, pois ele sempre parecia correr para o Norte. — E vocês? Como estão por aqui?

— Bom, encontramos alguns traidores por aqui graças as minhas habilidades com tecnologia — brincou Denis tentando suavizar o clima que ficou tenso por um momento. — Também estou no controle total das câmeras em nossa alcateia, Norte e Sul, ninguém entra se não saber o código que codifiquei. Estamos seguros. — Fez jóinha com as duas mãos para descontrair, levando a todos a rirem.

— Max também está liderando um grupo que vem invadindo os esconderijos dos Kathanos que temos descoberto. Ele tem ficado longe de casa por muito tempo, parece que quer fugir de algo.

— Eu diria de alguém. — Bryan afirmou, olhando Denis, que fingia não escutar a conversa entre ele e o alfa sobre o lycan ruivo.

— Como assim? Não entendi.

— Não é nada, alfa. Bryan deve estar confuso pela ausência de Luna. Ele fica vendo coisas onde não tem.

Alex não captou o que acontecia à sua frente, mas percebeu que Bryan zombava de Denis apenas com o olhar, enquanto ele o fuzilava em resposta. Era a primeira vez que presenciava o outro perder a pose insolente e ficar sem palavras.

Apesar de tudo, eles haviam se tornado amigos. As reuniões sempre terminavam em conversas descontraídas, e eles conseguiam até arrancar alguns risos dele.

— Bryan! Bryan!

Estavam ainda discutindo por que Denis estava tão bravo quando o chamado, vindo de fora, fez com que se calassem. Os três ficaram quietos, esperando para verificar se tinham escutado direito quando, mais uma vez, alguém chamou pelo beta do Norte.

— Luna? É minha Luna. — Bryan saltou da cadeira, correndo para fora em alerta, seguido por Alex e Denis, sem escutar nada além dos sons de seus corações batendo rápido e o chamado desesperado da esposa.

O som vinha dos fundos da cabana, onde se tinha acesso à floresta. Em segundos, eles chegaram ao local. Luna corria, ainda nua, em direção a Bryan, que seguia em sua direção com passos acelerados, examinando o corpo dela para verificar se havia algum ferimento. Terminaram se encontrando em um abraço apertado. Ele sabia que ferida ela não estava, mas tremia em seus braços.

— Me diz que ela está aqui? — Luna perguntou assim que se separaram, esquadrinhando com olhos ágeis o lugar em busca de Miley, sendo contida pelas mãos de Bryan nas suas.

— Miley? Como assim? — Com os cantos dos olhos, notou os outros se aproximarem, o que o fez tirar a própria camisa para vestir Luna, ocultando sua nudez. Mesmo sendo algo natural entre os lycans, isso não impedia que sentisse ciúmes dela.

— Sim! Hoje acordei na gruta, e ela tinha desaparecido…

— Você a perdeu!

— Alfa, não sei o que aconteceu, mas segui o rastro dela. O cheiro vinha para o Sul, deduzi que estava vindo para cá. — Se não bastasse estar se sentindo mal pela situação, o olhar mortal que recebia de Alex não estava ajudando também. Ele baixou os olhos, envergonhado. Bryan envolveu os ombros dela em um gesto protetor.

— Ela pode ter ido para qualquer lugar. — Alex olhava as árvores que os cercavam com um aperto no coração. Sempre tinha amado aquele verde, mas naquele momento, aquilo tudo lhe dava a certeza de que teriam que procurar uma agulha em um palheiro. Seria demorado e inútil se Miley não quisesse ser encontrada.

“Me deixa sair, consigo encontrar elas.” Implorou seu lobo, arranhando sua mente, querendo emergir, desejando se unir de novo a sua destinada. Mas Alex sabia que antes disso era preciso resolver alguns pontos finais.

— O que vamos fazer? — A voz de Denis trouxe-o de volta ao presente.

— Vamos montar uma equipe de busca. Ainda tenho algumas roupas de Miley. Assim, todos vão saber que rastro seguir.

— Alfa, acho que não vai precisar. — Denis apontou para as árvores no lado direito deles, de onde saiu aos tropeços, atrapalhada com os próprios pés que não eram usados há tanto tempo, uma Miley de respiração ofegante e pele brilhando de suor.

Antes que atingisse o chão de novo, Alex estava junto dela, segurando-a em seus braços sobre seu colo enquanto estava sentado no chão. Miley parecia fraca, lutava para manter os olhos abertos e tinha alguns arranhões pelo corpo. Ele a examinou com olhos de esperança, tirando os cabelos revoltos do rosto suado dela, com um sorriso tolo no próprio rosto. Seu coração não parava de cantar, com batidas aceleradas, porque ela estava em seus braços de novo.

A dor ainda percorria seu corpo. Desde o dia da invasão, ela nunca tinha ido embora, tornando-se uma presença constante e suportável se ficasse em sua forma animal. No entanto, Miley precisava dizer a todos algo importante, e por isso vinha treinando seu corpo para voltar à sua forma humana, apesar da dor que aumentava toda vez que assumia o controle. O esforço a deixou esgotada, mas sorriu ao ver que quem a segurava era Alex. Além da visão embaçada, era impossível não reconhecer o homem que amava. Fora o cheiro de canela que a cercava, aquecendo não apenas seu corpo, mas também sua alma.

— Oi, lobinha. Você voltou. — Lágrimas corriam por seu rosto ao rever o sorriso torto e os olhos verdes que tanto amava e via em seus sonhos nos últimos tempos. Mas o sorriso desapareceu, fazendo Miley se retrair quando uma onda de dor a atravessou. Ela sabia que não tinha muito tempo.

Tentou focar em Alex, ignorando os outros ao redor deles que observavam tudo.

— Não. Você. Precisa. Me. Ouvir. — Ela conseguia dizer apenas uma palavra de cada vez, entre dentes, por causa da dor, que a deixou rouca por não falar há dias.

— O que você quer me falar?

— Luna. Tem. Que. Ficar.

— O quê? Não! Vamos voltar juntas.

Luna protestou sem entender por que estava sendo descartada, afinal suas lobas estavam vivendo bem em harmonia na floresta.

— Sintam. O cheiro. Está diferente. — Todos esperavam pelas palavras com ansiedade, que vinham de forma lenta e com esforço. Então farejaram o ar, todos arregalando os olhos ao sentirem o aroma peculiar que Luna emanava. — Ela. Não. Pode. Se transformar.

— Do que ela está falando? — Luna olhava entre eles, sem entender o que a irmã queria dizer, não se sentia diferente.

— Vida, vamos ter um bebê. — Bryan a prendeu em seu olhar, enquanto uma mão tocava sua barriga, com o coração explodindo de felicidade.

— O quê?

— Não vai poder se transformar durante a gravidez, é arriscado pro bebê. — Denis afirmou, entrando na conversa.

— Mas, então, quem vai ficar com a Miley? — disse, apreensiva em ter que se separar da irmã naquele momento, mesmo que por algo que Bryan e ela tanto ansiavam. Mas as circunstâncias traziam, além de alegria, medo em seu peito.

— Ninguém. Vou. Ficar. Sozinha.

— Não acho uma boa ideia…

— Alex, me escuta — pediu, respirando profundamente algumas vezes antes de continuar. — Quando chegar o momento. Deixa Darius chamar por ela. Drula vai vir se ele chamar. Mesmo. Que. Por curiosidade.

— Ok, agora fica quietinha. Vamos te levar pra dentro. — Tentava se levantar com ela nos braços, mas Miley negava com a cabeça, os dentes rangendo.

— Vocês precisam se afastar. Agora, Alex! — Havia urgência nas palavras dela. Já podia sentir sua loba retomar o controle, e tantos cheiros diferentes ao seu redor a deixavam nervosa, pronta para atacar.

— Não, não — pedia, tentando mantê-la ainda presa em seus braços. — Eu sinto tanto sua falta. Fica só mais um pouco, por favor.

— Eu amo você, mas precisa me soltar agora. — Miley tocou a bochecha dele, que se recostou mais em sua palma, buscando seu calor, com a mão trêmula e com lágrimas deslizando por seu rosto pela separação inevitável. — Agora. Marrento!

— Não!

— Denis. — Miley sabia que bastaria seu olhar para seu amigo, que ele saberia exatamente o que fazer, o que era necessário naquele instante, afinal nem ela tinha forças para se separar de seu destinado sem ajuda.

— Vamos, alfa! — Alex teve seus braços contidos enquanto era levantado e afastado de Miley por mãos fortes. Mesmo querendo lutar, ele não fez, pois sabia que cada minuto que ela estava ali entre eles era uma agonia. E a dor de sua destinada era sua própria dor.

Ainda no chão, sob olhares de todos, ela finalmente se permitiu libertar sua loba. A transformação vinha sendo dolorosa, Miley se contorcia e rolava para longe, seu animal interior parecia rasgar sua pele, mesmo que estivesse cedendo. Em certo momento, pés e cabeça tocaram o chão, enquanto sua coluna fazia um arco perfeito. Ao mesmo tempo, um grito de dor rasgou o ar, e Drula saltou enfurecida. Olhou ao longe, os quatro humanos que observavam o animal rosnando como aviso para que ninguém a seguisse, correndo floresta adentro.

Capítulo 20

Ficaram mais alguns minutos em silêncio, observando o local onde a loba tinha desaparecido. Alex sabia que aquilo tinha sido necessário, mas isso não evitava que cada respiração longe dela fosse como uma facada em seus pulmões, tirando seu ar e tornando a próxima mais difícil. Respirou fundo, de olhos fechados, sentindo o Sol em seu rosto, e forçou um sorriso. Afinal, nem tudo eram más notícias naquele dia.

— Meus parabéns ao casal pelo bebê, — Apoiou uma mão no ombro de Bryan ao se aproximar deles. Seu amigo estava feliz, abraçando sua esposa pelos ombros. Alex não pôde deixar de sentir uma pontada de inveja.

— Me desculpe, alfa, eu deveria ter ajudado a protegê-la e agora…

— Luna, você fez muito até agora — Alex não permitiu que ela terminasse de falar. A última coisa que queria era que sua cunhada se sentisse culpada por algo. — E, além do mais, vocês estão trazendo um novo membro para a alcateia. E, se depender das habilidades dos pais, tenho certeza de que ele será muito valioso entre nós. — Luna sorriu para ele, agradecendo por suas palavras. Ele retribuiu o sorriso e partiu, voltando para a cabana, sem dizer mais nada.

— Ora, ora. Olha aí os resultados dos relatórios de vocês dois — Denis brincou, andando até eles, rindo. Mas perdeu o fôlego com um soco de Luna em sua barriga. Os três riram, entrando na brincadeira dele. — Melhor eu entrar e ver o que ele vai aprontar — apontou para a cabana. Sabia, pelo olhar que tinha visto no rosto do alfa, que alguma ideia tinha sido plantada em sua mente. Por isso, decidiu seguir em seu encalço, deixando os novos papais sozinhos para comemorar à sua maneira a boa notícia.

— Você não parece feliz com a notícia — ele segurava o rosto de Luna entre as mãos, forçando-a a olhar em seus olhos, agora que estavam a sós.

— Não é isso. Só não sei se é justo me permitir felicidade enquanto outros estão sofrendo — admitiu com os olhos marejados e o nariz fungando. Bryan não pôde deixar de achar fofo, apesar do assunto sério. — Eu quero minha irmã comigo. Nós sempre dizíamos que estaríamos juntas na gravidez uma da outra. Cuidando e ajudando.

— Ah, vida. Não percebe? A Miley já está fazendo isso, cuidando de vocês dois — Tocou de novo a barriga lisa sob o linho da camisa, ansioso pelo momento em que ela estaria arredondada, mostrando ao mundo que seu filhote estava ali. Sorriu com o pensamento. — Nosso bebê é mais um motivo para ela lutar e voltar para casa mais cedo.

— Você está certo. Estou sendo boba — cobriu a mão dele que ainda estava em sua barriga, percebendo, pela primeira vez, as proporções de estar grávida. — Meu Deus, vamos ser pais!

Bryan deixou escapar uma risada, leve e rouca, ao ver a esposa com um olhar assustado, mas ao mesmo tempo maravilhado.

— Vamos ser uns dos melhores! — Enlaçou os ombros dela de novo, depositando um beijo no topo de sua cabeça, enquanto voltavam para a cabana. Bryan desejava começar os preparativos para voltar o mais rápido possível ao Norte.

O que ninguém sabia era que estavam sendo observados. A alguns metros dali, um drone pairava, escondido perto da cabana. E do outro lado da câmera, a General estava atenta a cada detalhe. Desde a conversa com Alex, muita coisa havia mudado entre eles e sua credibilidade entre os Kathanos. Afinal, seu filho liderava uma caçada contra eles. Agora ela, com alguns soldados leais à sua causa, estava agindo sozinha, buscando mostrar

que estavam certos e que poderiam criar um alfa supremo. Ela sorria, com o tablet na mão, sentada em uma cadeira simples de madeira e nada confortável, observando a loba branca correr, sendo seguida por outro drone. A resposta para todos os seus problemas estava no sangue daquele animal. Sua chance de voltar a ser vista com bons olhos pelos líderes e deixar aquele esconderijo decadente onde a poeira e as teias de aranha se acumulavam nos cantos.

— Por que ela não ficou louca como a outra cobaia? — O soldado que controlava o drone perguntou, ao notar que o animal agia de forma normal.

— É isso que quero descobrir. — Sua mente trabalhava a todo vapor, traçando uma maneira de obter o que desejava. — Não a perca de vista!

Assim que entrou no porão, seu pai se levantou, afastando-se de Alison. Mesmo tendo assumido que agora estavam em um relacionamento, os dois costumavam ser discretos perto dos outros. O lugar agora parecia mais um laboratório, com microscópios, tubos e béqueres, do que a antiga clínica.

— Calma, não estou atrapalhando a pesquisa. Queria ter certeza de que ela ia almoçar direito — com as mãos para o alto, num gesto de rendição, Jake tentou brincar com o filho, que vinha acompanhando as pesquisas de Alison com mão firme. Demorou a notar que Alex estava com o olhar determinado, além de ansioso. — O que houve?

— Eu vou me unir a ela. As alcateias estão instáveis e os Kathanos recuaram. Tudo leva a crer que não vão atacar de novo — andava de um lado para o outro, deixando as palavras saírem atropeladas. Os lábios não eram rápidos o suficiente para acompanhar seu raciocínio frenético. — Então, posso me unir a Drula como Darius e……

— Espera, filho, o que você está falando?

— Besteira, senhor, é isso que ele está falando — Denis chegou, pegando a conversa pela metade. Porém, não deixou de entender o que estava acontecendo. Ignorou o olhar de ódio de Alex, aproximando-se dele, cruzando os braços em retribuição à sua cara de raiva. — Você sabe muito bem que ela não quer isso.

— Não se meta nisso — cuspiu as palavras no rosto de Denis, cansado de tantas regras. De sempre ter que pensar em todos antes de si.

— Espera, Miley voltou? — Alison questionou, tentando entender o que se passava diante dela.

— Por alguns minutos, mas o suficiente para deixar clara a sua vontade — Denis falou, sem desviar o olhar de Alex, que rosnou frustrado.

— Filho, não sei o que aconteceu, mas de uma coisa tenho certeza — Jake chegou mais perto dos dois homens que ainda se encaravam, tocando no ombro de Alex, chamando sua atenção. — Se você sumir agora, sendo alfa de duas alcateias, vamos ter o caos instalado. Lobos lutando contra lobos até um novo alfa surgir, uma nova guerra.

— Droga! Por que tem que ser tudo tão difícil? — Alex praguejou, afastando-se com as mãos na cabeça. — Eu só quero estar com ela, mesmo que seja como meu outro eu.

— Alex, talvez isso esteja mais perto do que você imagina — todos olharam para Alison, que procurava na mesa, entre suas anotações, pelos últimos resultados.

— Como assim?

— Se Miley conseguiu voltar, mesmo que por pouco tempo, então seu corpo está lutando contra a toxina mais do que eu imaginava. — Ela encontrou o que procurava, passando os olhos pela letra desleixada rabiscada no papel, com um sorriso. Virou-se para olhar os três homens ansiosos atrás dela. — Eu só preciso ajudar o corpo dela a eliminar tudo mais rápido — chacoalhou os papéis que estavam em sua mão direita.

— Quanto tempo mais você precisava?

— Pelo menos mais três meses. Preciso fazer testes…

— Não, é muito tempo — Alex balançava a cabeça, desanimado, mas após alguns minutos, ele havia sentido o alívio percorrer seu corpo. No entanto, agora a angústia voltava, pois ainda havia um longo caminho a percorrer. — No máximo dois meses. É o que consigo suportar. Depois disso, libero Darius e me junto a elas, e aí você terá todo o tempo do mundo se não conseguir até lá.

— Filho…

— Dois meses. Nem mais, nem menos.

— Eu consigo! — Alison disse determinada, antes que uma nova discussão começasse. Eles não tinham tempo a perder, e agora que sabiam o que fazer, desejavam dar início a tudo o mais rápido. — Agora saiam, cada minuto vai contar para que eu cumpra o prazo.

Alex agradeceu mais uma vez pela dedicação dela, deixando a sala mais calmo, com as mãos no bolso, meio cabisbaixo, pela perspectiva de que os próximos meses seriam penosos, com Darius reclamando em sua mente. Denis fez questão de contar as boas novas sobre a gravidez de Luna antes de seguir atrás de Alex, para mantê-lo na linha, caso precisasse.

— Vou deixar você trabalhar, mas não exagere — Jake beijou a testa de Alison e acariciou a sua bochecha, ao se afastar. — Volto mais tarde para fazermos um lanche juntos.

— Combinado.

Alison ficou parada enquanto Jake se afastava, a deixando sozinha, consumida por pensamentos sobre como sua vida tinha mudado tanto em tão pouco tempo. Havia descoberto uma espécie nova, os lycans, tinha sido perseguida e ameaçada. Protegida por eles, encontrado uma nova família e ainda encontrado o amor.

Tinha tanto a agradecer às pessoas que a rodeavam e faria isso se pudesse ajudar sua amiga a voltar para o meio deles. Daqueles que a amavam. E com esses pensamentos, começou a trabalhar.

59 dias, 10 horas e 25 minutos depois:

— Você vai ficar o dia todo colado em mim? — Alex não levantou os olhos dos papéis que assinava, ou fingia ler, ao questionar Denis, que estava parado em frente à porta do escritório, com os pés fincados no chão sem mover um músculo.

— Quero apenas ter certeza de que vai cumprir o prazo. Até meia-noite, vou ser sua sombra.

— Então o dia vai ser longo para nós dois. — Se recostou na poltrona, olhando para ele. Ambos sabiam que, quando o relógio marcasse o fim daquele dia, nada o impediria de se unir a Drula como seu lobo. Um sorriso preencheu seu rosto, pois em breve seu martírio terminaria. Deixou escapar um suspiro de alívio, enquanto aliviava o peso em seus ombros.

Voltou a atenção para os papéis de novo. Tudo estava encaminhado para quando partisse. Mas queria garantir que nada faltaria quando Jake assumisse de novo. Sabia que seu pai provavelmente enfrentaria resistência de alguns membros da alcateia ao voltar, devido ao seu relacionamento com Alison, uma humana, que não estava sendo bem-visto. No Norte, Bryan e Luna mantinham tudo em ordem. Não havia muitos questionamentos sobre onde a alfa estava, e, enquanto nenhum outro líder surgisse, podiam ficar tranquilos.

Estava tão absorto em seus pensamentos que demorou a perceber que Denis e ele não estavam mais sozinhos. Alison, ofegante, olhava para ele, com olheiras e um coque alto meio desgrenhado. O sorriso no rosto dela trouxe um frio ao estômago, porque temia estar entendendo errado os sinais. E isso roubou as palavras de sua boca, deixando-o mudo.

— Consegui! Eu consegui, alfa. — Ela colocou os papéis sobre a mesa, que se misturavam aos outros, como se fossem apenas algo comum. Mas, para ele, aqueles eram únicos. Os únicos que poderiam trazer sua destinada de volta para si.

— Como? Vai funcionar? — As fórmulas e resultados no papel branco pareciam outra língua para ele, mas a alegria que saía com as palavras de Alison fazia nascer a esperança em seu peito. Viu também nos olhos de Denis, que estava perto deles, calado, o mesmo sentimento.

— Os resultados indicam que sim. Fiz testes usando o ácido DMSA, como um agente quelante…

— Espera, o que é isso? — Alex estava tão confuso quanto Denis, mas foi o outro que perguntou, ao ouvir o termo estranho, sentando-se para ficar mais confortável.

— Certo, desculpa, eu esqueço que não estou no meio de médicos. Basicamente, um componente quelante se liga a moléculas de outros elementos e ajuda o corpo a eliminá-los. Estava testando vários e esse ácido se mostrou eficaz com o mercúrio e a prata no sangue da Miley.

— Então isso vai ajudar a eliminar os metais tóxicos por completo?

— Sim, porém ela vai precisar de transfusão depois do tratamento para garantir que não fique anêmica.

— Isso são ótimas notícias! — Alex se levantou eufórico, indo até a médica e dando um abraço apertado. Alison demorou a retribuir devido à surpresa do gesto. — Obrigado! Sei que tenho sido insuportável esses dias. — Se afastou, ainda a segurando pelos ombros, para olhar nos olhos dela. — Obrigado.

— De nada, fico feliz por poder ajudar.

— Insuportável, você sempre foi — zombou Denis, ao chegar mais perto deles. Alex estava tão feliz que decidiu ignorar a provocação. — Mas, então, como vamos fazer? Vamos até o Norte ou atraímos Drula até aqui?

— Tudo que preciso para começar o tratamento está aqui. Seria melhor trazer ela até nós.

— Preciso avisar Luna e Bryan. Eles vão querer estar aqui, sem mencionar que ela deve saber qual o tipo sanguíneo de Miley — pegou o celular no bolso traseiro do jeans e teclou o botão de discagem rápida. — Vamos nos preparar para receber todos, e Denis, veja quem da alcateia pode doar sangue — ordenou, enquanto aguardava ser atendido.

Denis e Alison saíram para cumprir as ordens do alfa, enquanto ele aguardava ser atendido, não conseguia parar de sorrir. Estariam juntos de novo.

— Temos boas notícias — disse ao ouvir a voz de Bryan do outro lado da linha.

Capítulo 21

O plano era simples. Darius iria até o Norte e atrairia a loba de Miley, conduzindo-a até o Sul, onde os outros esperavam. Num primeiro momento, teriam que sedar Drula de novo, mas se tudo desse certo, seria a última vez…

Darius chegou ao Norte ao anoitecer. Farejou o ar em busca do rastro de sua destinada. Uma coruja ao longe observava o grande animal caminhar sem fazer barulho, hipnotizada pelo lobo negro que estava tão silencioso quanto a floresta naquela noite. Era como se todos os outros bichos estivessem se escondendo de um grande predador, mas ele não via nenhum perigo iminente, mesmo sentindo em seus ossos e pelos uma ameaça invisível.

Chegou próximo à gruta que Luna tinha indicado como o esconderijo preferido de Drula. Parou próximo à entrada, o cheiro de pêssegos era mais forte ali, trazido por alguma corrente de ar. Soltou um rugido baixo que entrou pela abertura, ecoando pelas paredes da pequena caverna. Não demorou muito para que um par de olhos verdes animalescos surgisse na escuridão. Logo em seguida, as presas brancas se destacaram com o rosnado de aviso. Darius recuava sem desviar os olhos da loba branca que avançava em sua direção, ainda rosnando, não reconhecendo o próprio companheiro, seguindo seu instinto primitivo de marcar território.

Ele sabia e contava com isso, mas não conseguiu deixar de sentir uma pontada de tristeza pelo olhar que recebia da loba que amava. Quando notou que ela estava pronta para atacar, provocou saltando em sua direção, errando de propósito a mordida que deveria acertar a garganta dela. Isso deixou Drula mais irritada, então o lobo negro virou e correu pela floresta, sentindo o vento provocar em suas orelhas um zumbido cortante enquanto desviava das árvores em direção à fronteira com a loba em seu encalço.

Apesar da situação, Darius estava feliz por poder correr junto dela novamente. Uivou para avisar a todos que estavam quase chegando ao ponto de encontro.

Olhou mais uma vez para trás para verificar se ainda estava sendo seguido, derrubou pelo chão, levantando um pouco de poeira e folhas ao notar que a loba não estava mais em seu encalço. Darius girava cheirando o ar, procurando algum indício de onde ela estava, quando Drula saltou sobre suas costas. Por reflexo, ele se esquivou, ficando frente a frente. A loba avançava, e ele recuava, não querendo incitar nenhum novo ataque, mas sim tentar mostrar que era amigo. Darius emitiu gemidos, com o olhar baixo, se curvando a sua destinada para mostrar submissão.

Drula parou de rosnar ao ver o gesto, e naquele instante o vento mudou de direção, trazendo o cheiro de canela. Seu focinho pinicou com o perfume, o que a fez olhar melhor para o animal. Não sentia mais a necessidade de atacar, e uma voz feminina, fraca e quase inaudível, lhe dizia para parar. O animal não sabia o que fazer enquanto se encaravam a uma distância segura. Seu olhar captou algo reluzindo pela luz da lua que se infiltrava pelas copas das árvores. Avançou alguns passos, o que fez o outro recuar.

A imagem do lobo negro machucado tomou a mente dela, fazendo com que uma nova carga de adrenalina percorresse seu corpo. Não desejando atacá-lo, mas protegê-lo, saltou sobre ele, que acompanhou o corpo passar sobre sua cabeça como se estivesse em câmera lenta, sem entender o que estava acontecendo, até ela aterrissar com um uivo de dor. Nesse momento, Darius percebeu a armadilha presa à pata de Drula, onde já se acumulava sangue. Quanto mais ela se remexia, parecia piorar a situação. Sabia que não conseguiria ajudar em sua forma animal, por isso cedeu lugar a Alex, que já reivindicava voltar.

— Calma, eu estou aqui. Você precisa parar de se mexer — ordenou a ela, que não parava quieta, tentando mover a pata da armadilha. — Eu vou ter que forçar para abrir…

— Ou você pode deixar que nós façamos isso.

O frio percorreu sua coluna, apesar da noite fresca, ao ouvir a voz feminina às suas costas. Virou o rosto de forma lenta, seu corpo entrou em alerta, ao ver sua mãe e mais dois lycans em seu território. Drula, apesar da dor, rosnou para eles.

— Ela é durona, agora entendi por que você gosta dela.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Alex se levantou, ficando entre Drula e o grupo invasor, dividindo o olhar entre sua mãe e os homens próximos a ela. Notou que eles não traziam armas de fogo com eles.

— Eu preciso de algo dela — apontou para a loba atrás dele, que ainda rosnava em sua direção, mostrando as presas afiadas. — Mais precisamente o sangue dela.

— Vocês só vão tocá-la se passarem por mim primeiro. — Alex se curvou, ficando em posição de ataque e com a respiração acelerada pelo início da transformação. Seu lobo queria brigar pela ousadia daqueles que pensavam poder machucar sua destinada.

— Como sempre, teimoso como seu pai. — A General revirou os olhos, cansada demais para tentar argumentar com ele. Estava farta de sempre ter que provar que os Kathanos eram o futuro. Se Alex não via isso, então que morresse com os fracos, pensou sem sentir remorso em seu coração. — Ataquem!

Os dois homens se transformaram assim que a ordem foi dada, assumindo suas formas de lobos. Alex, já transformado, se manteve perto de Drula, vendo os lobos inimigos rodearem eles em busca de uma brecha para atacar. O primeiro ataque veio da direita, derrubando-o e arrastando terra pelo caminho, até suas costas se chocarem contra o tronco da árvore mais próxima, a alguns metros da loba ainda presa na armadilha. Ele se levantou, para se deparar cercado por eles, que evitavam com que Darius voltasse para perto dela.

Dois contra um era uma luta injusta, mesmo para um alfa, mas ele estava mais do que disposto a morrer para proteger Drula. Mesmo imobilizada, ela tentava chegar até ele para lutar ao seu lado. Quando os dois lobos investiram novamente sobre ele, saltou para frente, deixando que

se chocassem entre si, aproveitando o momento para cravar os dentes na cauda de sua esquerda, arremessando-a para o alto. Pôde ouvir os ossos se quebrando com o choque do corpo do lobo ao aterrissar no chão com força.

Darius focou sua atenção no lobo que faltava. Mesmo não deixando de notar a General que assistia a tudo de longe, encostada em uma árvore de braços cruzados. Dessa vez, ele deu o primeiro golpe, queria acabar logo com o confronto, por isso investiu sobre o outro, ficando sobre as patas traseiras, usando garras e dentes sobre ele.

Ao longe, a mãe de Alex aplaudia eufórica o espetáculo à sua frente. Era hipnotizante presenciar dois animais lutando. Os sons graves de rosnados e os agudos de dor se misturavam em uma sinfonia que preenchia a floresta a sua volta. Ela sabia que seu lobo, um mero soldado, não aguentaria muito tempo contra um alfa. Por isso, se esforçou em desviar o olhar e fazer o que era preciso. Ela se aproximou sorrateiramente da loba branca, necessitando de uma amostra generosa de seu sangue. Mas o animal estava tão arisco quanto antes, tentando pular sobre a armadilha, puxando sua pata e causando ainda mais dor.

— Você devia saber a hora de parar de lutar, garota — tirou a pistola com tranquilizante que trazia das costas, mirando na barriga de Drula. Sorriu de forma diabólica ao imaginar que estava a um passo de conseguir o que desejava.

— Ei! Fica longe da minha amiga — Denis conseguiu dizer, apesar do pouco fôlego por ter corrido até ali em sua forma humana. Sem perder tempo, deixou seu lobo assumir e se lançou sobre a mão que ainda segurava a pistola, cravando os dentes na carne macia. Sua boca foi inundada pelo sangue viscoso, deixando seu lobo ainda mais voraz para derrotar o inimigo.

Quando Alex voltou, depois de matar o lobo inimigo quebrando seu pescoço, estava entre amigos de novo. Bryan e Alison tinham imobilizado a pata de Drula, que parecia dormir. Com certeza, tinham aplicado algum sedativo nela, estava cansado de sempre alguém atirar em sua mulher, pensou. Se aproximava deles, avaliando seus próprios machucados que não

passavam de meros arranhões, quando sua mente se voltou para onde estava a General?

Olhou em volta, tentando normalizar sua respiração, buscando pela mulher que um dia havia chamado de mãe. Avistou ao longe, Denis de costas, tão ofegante quanto ele, olhando algo no chão perto de si. Se aproximou, de forma lenta, com as batidas de seu coração descompassadas. Não saberia dizer se foi o som de seus passos ou seus batimentos que chamavam a atenção dele que se virou, limpando o sangue que escorria por sua boca com as costas da mão, dando-lhe uma visão melhor do que estava sobre o chão.

Alex parou, perdido nas emoções contraditórias que bombardearam seu peito, com a imagem da mãe nua com olhos esbugalhados, sem qualquer luz de vida, e com a garganta estraçalhada.

— Perdão, alfa, perdi o controle quando a vi ameaçar Drula. — Denis pediu cabisbaixo entendendo errado o olhar vidrado de Alex para o corpo inerte.

— Essa é a primeira vez que vou te agradecer por fazer o que era necessário — se aproximou de Denis, que o encarava confuso por suas palavras. — Obrigado — agradeceu de forma sincera, tocando o ombro do outro, pois temia ter aquela morte em suas costas também; afinal, apenas ele sabia da culpa que carregava pela morte do irmão. — Vamos para casa.

Denis concordou, e ambos voltaram para perto de Bryan e Alison, que aguardavam ansiosos com a loba branca inconsciente. Alex a pegou nos braços, sentindo os pelos pinicarem sua pele e o cheiro que amava invadir seu nariz, acalmando sua alma. Então todos seguiram juntos, em silêncio, pela floresta, que voltava ao seu ritmo normal, com o piar de uma coruja e sua calmaria, como se não tivessem presenciado uma luta feroz pela vida momentos antes.

Mais uma vez, sua própria sala se tornava sua maior tortura. Alex, agora limpo e vestido, com os outros, aguardava Alison e Luna retornarem com notícias.

— Quanto tempo o procedimento vai levar? — Denis perguntou a ninguém em específico, desejando apenas quebrar o silêncio mortal na sala.

— Talvez algumas horas? Ou dias? — O pai de Alex não tinha certeza, assim como todos ali, mas ansiava poder trazer alguma paz ao filho. — Talvez ser um lycan ajude a acelerar o processo, afinal.

— Ser um lycan foi o que causou tudo isso — sussurrou Alex, massageando o próprio pescoço na tentativa vã de aliviar a tensão ao dar-se conta de que foi, de forma indireta, culpado por toda aquela situação. Afinal, não tinha sido parte de sua família que causou tudo aquilo? — Merda! Merda!

Ele se levantou, exaltado, proferindo ainda mais palavrões e andando de um lado para o outro, seguido por olhares arregalados de todos na sala. Precisava extravasar todo aquele sentimento de impotência de alguma forma. A parede bege da cabana parecia reluzir aos seus olhos, e todos os outros sons ficaram abafados. Apenas sua respiração acelerada chegava até seus ouvidos. Caminhou de punhos fechados em direção à parede, até estar perto o suficiente para proferir socos, manchando-a de vermelho sangue. Bryan e Denis correram até ele, afastando-o da parede, sendo seguidos por Jake, que prendeu a atenção de Alex, segurando seu rosto nas mãos.

— Você precisa se acalmar, filho, para quando sua destinada voltar, possa ajudá-la no que precisar. — Era difícil manter o olhar de Alex nele, que o evitava, sabendo que tinha exagerado e se deixado levar pelo impulso. — Respira, filho, respira.

— Desculpa, eu…… eu…

— Pessoal. — Bryan indicou com a cabeça, enquanto ainda segurava Alex, alguém que havia entrado na sala, chamando sua atenção e a de Denis, que estava de frente para a entrada.

Alex desviou os olhos do rosto do pai, focando na mulher às suas costas, após o aviso do beta do Norte. Ela contorcia as mãos, notou lágrimas

rolarem por seu rosto. Alex se afastou de todos, que estavam paralisados, sem saber como agir, e se aproximou de Alison, mesmo sentindo que suas pernas tremiam tanto quanto gelatina.

— Ela… ela… não pensei que fosse possível.

Ele não quis mais ouvir, simplesmente correu em direção ao porão, com seu coração ameaçando se partir. Poderia jurar que conseguia escutar o som como um papel sendo rasgado aos poucos, sem pressa e de forma cruel. Em sua mente, sua própria voz e de seu lobo pareciam única, fundidas, em uma única prece para que não fosse o pior.

Abriu a porta em um rompante, seus olhos ardendo por tentar segurar as lágrimas, e seu coração pareceu parar por um milésimo de segundo, voltando a bater com força total com a imagem de Luna em pé sorrindo, próxima à maca, onde Miley estava. Em sua forma humana finalmente. Seus pés o levaram até elas, olhou para o rosto da mulher que amava, tranquilo e corado, sem deixar de notar sua respiração contínua.

— Ela voltou. — Luna declarou, sem deixar de sorrir, enquanto usava um pano úmido para limpar o rosto e o corpo da irmã que dormia. Olhou para Alex, que parecia em choque, como se estivesse vendo um fantasma. Notou a mão dele tremer antes de tocar o rosto de Miley.

— Desculpa, alfa, não quis assustar vocês. — Alison foi surpreendida pelo abraço apertado de Alex, assim que terminou de falar, ao entrar no local junto com Denis, Bryan e Jake.

— Obrigado! Obrigado, nunca vou ter como te agradecer por isso. — Segurou ela pelos braços, agradecendo mais uma vez, sem deixar de sorrir e sentir o coração leve.

— Não precisa agradecer. Admito que tive medo de não poder fazer o que tinha me proposto.

— Eu nunca duvidei de você. — Alison sorriu para Jake ao ouvir suas palavras. Eles começavam a demonstrar que estavam cada vez mais juntos, e ela não conseguia evitar o sentimento que crescia em seu peito.

— Quero levá-la para o quarto, uma cama macia e quente. — Notaram que Alex havia voltado para perto de Miley, acariciando seus

cabelos com veneração.

— Alex, por mais que ela tenha voltado à forma humana, ainda não sabemos como ela vai reagir ao acordar. Sem dizer que ainda precisamos da transfusão de sangue e preciso monitorá-la.

— Você pode fazer tudo isso no meu quarto. Quero que ela acorde confortável, se sentindo em casa. — Ele acariciou a bochecha de Miley, ansioso para poder vê-la acordada, agora que notava seu semblante tranquilo sem dor. — Olhem para ela — pediu a todos à sua volta. — Ela não está mais sofrendo, você conseguiu, doutora. — Ele sorria para os rostos aliviados que admiravam o milagre entre eles. — Luna, quando terminar, me avise que vou levá-la até o quarto. Enquanto isso, vou arrumar tudo.

Ele estava prestes a sair, ainda com um sorriso tolo no rosto, quando algo surgiu em sua mente, fazendo-o parar e voltar para olhar sua nova família antes de cruzar a porta.

— E não esqueçam de anunciar que a destinada do alfa voltou. Quero ouvir uivos de comemoração hoje à noite.

Capítulo 22

Os uivos a acordaram, não eram de forma contínua, mas alternados, o que lhe dizia que eram de lycans diferentes. A mensagem transmitida pelo som e levada pelo vento era de que a alfa destinada estava entre eles; isso a fez sorrir ainda de olhos fechados. Segundos depois, Miley se deu conta de que a dor tinha desaparecido. Seu corpo ficou tenso de imediato, temendo que fosse passageira aquela nova sensação, respirou fundo algumas vezes, se preparando para o momento em que a dor voltaria.

De olhos fechados, ainda respirando de forma lenta, aguçou seus outros sentidos buscando entender onde estava. Seu corpo, apesar de dolorido, estava sobre algo macio, não áspero como a relva. O ar não estava úmido, nem com cheiro de terra, mas carregado com o perfume de lenços limpos. A realidade de onde estava atingiu sua mente como um relâmpago em meio a tempestade, repentino e trazendo luz em meio à escuridão. Miley abriu os olhos, encarando o teto, levando apenas segundos para reconhecer de quem era o quarto. Levantou os braços, apesar de senti-los pesados, levando as mãos próximo ao rosto. Sorriu com a visão de seus dedos e com a certeza de que era humana de novo.

Ouviu o som de passos no corredor e murmúrios de uma conversa acalorada. Notou que eram Alex e Alison falando sobre ela. Tentou escutar mais, porém sua audição lupina não estava funcionando como devia percebeu; isso fez seu coração disparar, porque não era a única coisa que não estava normal.

“Drula?!”, chamou hesitante em sua mente, tendo como resposta o eco da própria voz e o silêncio de sua loba. “Drula!”

Quando o medo se instalou em seu peito, por mais uma vez o silêncio reinar, tentou sentar-se na cama, o que provocou uma dor aguda em sua perna esquerda. Cerrou os dentes para não gritar. Se arrastou com cuidado,

de costas, até o encosto da cama, onde levantou o lençol azul que a cobria da barriga pra baixo, notando a bota preta que imobilizava parte de sua perna. Dessa vez o palavrão saiu tão alto que chamou a atenção de Alex e Alison, que ainda estavam no corredor discutindo sobre a irresponsabilidade que talvez tenha sido trazê-la para o quarto tão cedo.

— Você acordou! — Alex disse, ainda da porta, meio sem saber o que fazer, olhando para sua destinada. Mas sua insegurança durou pouco, deixando de existir no instante que percebeu os olhos marejados dela.

— Alex, eu não tô ouvindo-a. — Desabou entre lágrimas e tremores quando viu nos olhos dele seu porto seguro. Alex entenderia, sabia disso. — Não tô ouvindo nada.

Alex chegou à cama em instantes, abraçando-a, acalentando suas costas com suas mãos grandes enquanto Miley chorava em seu peito. Alison os deixou a sós ao notar que não havia perigo.

— Shhh, calma. Talvez ela só esteja muito cansada — continuou acariciando-a, tanto para acalmá-la quanto seu próprio coração que ainda não acreditava que Miley estava de volta.

“Sinto minha destinada, ela ainda está lá”, Darius se pronunciou em sua mente, afastando seus temores.

— Darius sente ela, ele me disse — notou o choro diminuir com suas palavras se tornando pequenas fungadas fofas. — Consegue sentir ela? Mesmo não a ouvindo.

Miley se afastou de seus braços, mesmo sem saber muito bem o que fazer, fechou os olhos, concentrando-se. O toque de suas mãos com Alex e sua presença ajudaram a diminuir as batidas de seu coração. Havia sim um pequeno farfalhar, como o bater de asas de uma borboleta, inquieto em sua mente. Sutil, pode notar, agora que tinha se acalmado.

— Ela está aqui ainda — confirmou, abrindo os olhos, perdendo o fôlego por um instante com o sorriso tolo no rosto de Alex. Seu próprio sorriso, meio torto, surgiu.

— Vocês duas estão aqui. — Aproximou suas testas, segurando o rosto de Miley com as duas mãos, uma de cada lado de suas bochechas.

Soltou um suspiro pesado. — Finalmente.

— Acabou, né? Tudo foi resolvido? — Miley não tinha certeza dos fatos, as lembranças se apresentavam nubladas em sua mente, precisava que ele lhe confirmasse que tudo estava bem por isso o encarava ansiosa.

— Sim, lobinha, agora tudo acabou.

— Me conta o que aconteceu enquanto estava ausente, por favor.

— Claro, mas antes…… — se desviou dela apenas por alguns segundos para ficar mais confortável na cama. Sentado de costas, abriu os braços para recebê-la, para que Miley pudesse fazer de seu peito seu travesseiro. Ela riu ao perceber o que ele queria. — Vem aqui primeiro. — Alex não precisou repetir, com cuidado por causa da perna imobilizada, ela se aproximou de forma lenta. Deitou a cabeça sobre seu peito, se aconchegando, sendo recebida por um abraço apertado e um beijo no topo da cabeça.

O calor do corpo dele mais sua voz tranquila enquanto lhe contava os últimos acontecimentos estavam deixando-a de certa forma relaxada. Era bom se sentir segura, saber que tinha alguém para ajudá-la. Alguém que tinha vindo para somar em sua vida.

— Meu Deus! — A lembrança de uma notícia surgiu com forma, fazendo-a levantar a cabeça para olhar nos olhos de Alex, que não entendia o porquê daquele rompante. — Eu vou ser tia! — disse sorrindo.

— Vai, e eu, titio.

Eles riram abraçados de novo, apesar de tudo que haviam passado, a vida conseguiu trazer algo bom para todos de alguma forma.

— Nós podemos entrar? Ou vocês estão tentando recuperar o tempo perdido? — A voz receosa de Luna surgiu detrás da porta.

— Vida, que isso, ela ainda tá se recuperando. Não estão namorando. — Eles sorriram ouvindo Bryan repreender a esposa, seus amigos estavam todos no corredor, ao que parecia ansiosos para revê-la. Miley fez um gesto de confirmação para Alex, passando a mensagem de que deveriam deixar que todos entrassem.

— Entrem logo — pediram juntos.



— Bem, o osso trincado se recuperou bem mais rápido do que o esperado. — Alison confirmou ao olhar o raio-x naquela manhã no consultório da cidade.

— Vantagens de ser um lycan — brincou Miley olhando a perna agora sem a bota imobilizadora, um pouco mais branca que o normal. — Alex vai ficar feliz em me ver sem aquele troço; a gente estava tendo que ser criativo para transar esses dias.

— Ai Jesus! Não quero saber da sua vida sexual com meu enteado, por favor. — Alison brincou, tampando os ouvidos e se afastando da maca onde Miley ria da sua cara avermelhada de vergonha. — Falando nele, por que não veio com você? Ele não desgrudava de você esses dias todos.

— Acabou que seu namorado, meu sogro amado, convocou ele para uma reunião hoje. — Desceu da maca com cuidado, testando a perna no chão, fez uma careta ao sentir uma pequena fisgada. — Denis me trouxe e vai me levar de volta de qualquer maneira.

— Ei, não force muito essa perna — avisou enquanto terminava de prescrever os remédios para dor. — Aqui, toma direitinho e não esquece de voltar na semana que vem para começar o outro tratamento com o doutor Carter.

— Pode deixar, doutora. — Miley bateu continência para descontrair; não gostava de lembrar que, apesar da perna estar melhor, tinha outra parte sua que não havia melhorado ainda.

Havia se passado dias, e nada de Drula reaparecer. Sem dizer que só de imaginar ter que se transformar causava calafrios nela; tudo indicava que tinha ficado com uma sequela psicológica. Pelo menos era o que o doutor Carter, o psicólogo que dividia o prédio com Alison, havia dito a ela. Miley se despediu, sorrindo, tentando disfarçar seus anseios para a amiga. Assim

que cruzou a porta, viu Denis a esperando na recepção do pequeno consultório médico.

— Melhor a gente se apressar, antes que Alex comece a ligar preocupado com você.

Saíram do local meio abraçados, brincando um com outro. Denis havia decidido ficar junto com ela na alcateia do Sul para ajudar no que fosse preciso, mas principalmente porque era para ele que Miley contava seus maiores medos na calada da noite.

Não demoraram para chegar à cabana. Miley entrou feliz, sabendo que tinha boas notícias para Alex naquele dia, por isso foi direto para o escritório, enquanto Denis optou pela cozinha, em busca de algo para comer.

Ela ainda estava sorrindo por causa da última piada sem graça e sem sentido contada pelo amigo quando a porta entreaberta do escritório deixou as palavras flutuarem até seus ouvidos. Parou do lado de fora, atenta à conversa que se desenrolava lá dentro.

— Não sei o que eles querem mais de mim. Eu faço tudo pela alcateia, só estou pedindo um tempo. — Alex desabafou, meio jogado na cadeira em frente à mesa do escritório, onde Jake estava sentado atrás, tão frustrado quanto ele.

— Os anciões estão sendo cautelosos. Não gosto disso também, mas precisamos que você mostre que quer ser o alfa do Sul de verdade. — Inclinou-se, apoiando os braços na mesa.

— Depois de tudo o que fiz? Pai, nós resolvemos a crise dos Kathanos sozinhos! Eles nem se ofereceram para ajudar.

— Não é isso que estão questionando, você sabe disso.

Ela conseguiu sentir a tensão no escritório aumentar e pôde ouvir que Alex mudou de posição na cadeira, apenas pelo farfalhar de suas roupas.

— Eu não vou abrir mão da Miley — avisou, cerrando a mandíbula e os punhos. — Você abriria mão da Alison?

Miley ficou paralisada, o frio se infiltrou em sua pele, embora a tarde estivesse ensolarada naquele dia.

— Filho, eu não sou o alfa, não estou em evidência. E mesmo assim, minha destinada e eu sofremos preconceitos.

— Miley é uma de nós, eles sabem disso.

— Ela conseguiu se transformar?

— Não podia tentar por causa da bota imobilizadora, mas vamos trabalhar nisso — Levou as mãos ao rosto, esfregando com força, na tentativa de organizar seus pensamentos e não despejar sobre seu pai a raiva que estava sentindo em relação aos anciões e suas exigências.

— Tenho Miley não só como minha nora, mas como uma filha também. Por isso, me preocupo se o resto da alcateia souber que ela não consegue se transformar. — Levantou a mão, pedindo que Alex esperasse, ao perceber um protesto prestes a sair da boca dele, que terminasse de falar. — Ainda não temos um novo beta, e ter a autoridade de vocês como alfa questionada levaria a confrontos físicos.

— Não tenho medo de uma boa luta, pai.

— Mas não pode lutar por elas. — Notou o exato momento em que ele comprometeu suas palavras, pois a expressão de desdém se transformou em tristeza. — Isso seria menosprezar a mulher ao seu lado.

Miley se afastou da porta, com os pensamentos tumultuados, mas com a certeza do que precisava ser feito naquele momento, porque, por mais que doesse ter ouvido o que Jake disse, sabia que era verdade.

A conversa tinha demorado mais do que o esperado. Alex saiu do escritório com a cabeça latejando, mas eles haviam chegado a um acordo para esperar mais um tempo. Assim que cruzou a porta, o fraco aroma de pêssego chegou até ele, indicando que Miley estava em casa. Subiu a escada que levava ao andar dos quartos de dois em dois degraus, com um sorriso malicioso no rosto, ao lembrar que ela estaria livre da bota naquela tarde.

Encontrou Miley em pé, próxima à cama, arrumando algo que ele não conseguia ver do batente da porta. Ele a enlaçou pela cintura, colando seus

corpos, aproveitando para dar um beijo em seu longo pescoço.

— Quando você chegou? Por que não me chamou? — Ele estava de olhos fechados, deliciando-se com o cheiro da mulher que amava, quando sentiu que ela ficou tensa em seus braços. Isso lhe enviou um alerta para o seu cérebro, fazendo-o abrir os olhos. Demorou um pouco para notar a mala sobre a cama. — A gente vai viajar e eu não estou sabendo?

— Eu vou voltar para o Norte hoje. — Foi a vez de Miley sentir a tensão dele com suas palavras, apesar de o aperto em sua cintura ter se afrouxado. Estavam tão ligados que era como se suas emoções vibrassem na direção um do outro.

— Do que você está falando? — Ele a virou para que pudesse olhar em seu rosto, na esperança de entender por que aquela decisão havia surgido do nada.

— Alex, eu escutei sem querer, a princípio, a sua conversa com seu pai…

— Isso é besteira…

— Me deixa terminar, por favor — ela pediu, puxando-o pela mão para que se sentassem na cama. Ela deu um longo suspiro, ainda encarando suas mãos juntas sobre o colo dela. — Ele está certo. Não quero que você seja desafiado a todo momento por minha causa, por algo que é seu direito. Alex, você é um líder nato, mas sempre tem um idiota que adora ter uma desculpa para contestar. — Alex ouvia o que ela dizia, sentia a dor dela em ter que colocar para fora aquelas duras palavras. — Não quero ter que ver você machucado por minha causa.

— Eu me machucaria e me remendaria mil vezes por você. — Miley tocou seu rosto, acariciando levemente, com um sorriso triste em seus lábios. Não era o sorriso que ele tanto amava, o que causou um aperto em seu peito.

— Sei disso, e esse é o meu medo. Tenta me entender, por favor, preciso saber quem vou ser daqui para frente. Só assim vou ter certeza de qual será o meu lugar ao seu lado e na alcateia.

— Eu entendo, mas é difícil aceitar — ele encostou mais uma vez suas testas, a ponta do nariz deles se tocava de tão próximos que estavam. — Quando acho que ficaremos juntos, a vida vem e me mostra que estava errado. — Uma risada irônica saiu de seus lábios.

— Estamos juntos, vão ser apenas alguns metros de distância até o dia em que eu conseguir arrastar a Drula de volta para a superfície. — Foi a vez de ela segurar o rosto dele em suas mãos, seus olhos pretos se perderam nos verdes dela. — Nem que seja na porrada, eu a trarei de volta. Você duvida?

— Jamais duvidaria de vocês — ele roubou um selinho dos lábios tensos dela. — Mas se demorar muito, vou ser obrigado a ir até vocês e que se exploda o resto.

— Não vai precisar de tanto. E o senhor me ligue todos os dias e se comporte — ela cutucou o peito dele com o indicador, tentando soar séria.

Sorriram por um breve momento até que a separação se tornou ainda mais presente em suas mentes e corações. Então seus lábios se encontraram no meio do caminho, com as mãos ansiosas que buscavam memorizar cada parte de seus corpos. Miley sentou em seu colo, enroscando seus dedos nos cabelos dele, sem deixar de beijá-lo, enquanto Alex apertava seu traseiro. Estavam tão envolvidos em si que levaram um tempo para perceber a buzina irritante do lado de fora.

— É o Denis, deve estar tudo pronto — Miley conseguiu dizer, mesmo com a respiração entrecortada e o calor que insistia em aumentar, desnorteando seus pensamentos ao sentir a ereção de Alex abaixo dela.

— Às vezes, eu ainda quero estrangulá-lo, sabia? Este é um desses momentos. — Mesmo querendo terminar o que tinham começado, ele a tirou de seu colo, relutante com si e com seu lobo. Ele se levantou para aumentar a distância, respirando fundo, tentando pensar em qualquer coisa menos na mulher na cama tão insatisfeita quanto ele. — Me dá só uns minutos para acalmar as coisas.

Ele cometeu o erro de se virar para olhar para Miley e xingou baixo ao perceber que ela encarava sua ereção com olhar faminto, como quem tinha na sua frente seu doce preferido. Então a buzina soou novamente.

— EU VOU MATÁ-LO! — Alex saiu do quarto, disposto a extravasar toda a energia socando a cara de Denis. Miley terminou de arrumar a mala, rindo, enquanto ouvia os dois brigando como irmãos na frente da casa.

Capítulo 23

— Nossa, não acredito que perdi a viagem.

— Que nada, ela deve estar chegando. Miley diz que correr ajuda a sentir a Drula; ela quase se transformou nesses dias. — Luna serviu mais limonada no copo vazio de Alison que estava sobre a mesa de centro da casa delas.

— Interessante, talvez a adrenalina ou emoções fortes desencadeiam a transformação, no fim das contas — agradeceu pegando o copo para tomar um gole bem gelado, o que caía bem naquela manhã quente. Notou Luna se abanando enquanto alisava a barriga de quatro meses, pequena, mas visível no corpo esguio dela. — Em breve vai dar para saber o sexo do bebê, nervosa?

— Eu estou bem, sinto que vai ser um menino. Bryan que está ansioso.

— Imagino.

Luna sorriu para a amiga, fingindo não notar que ela remexia na barra da saia florida que usava. Desde a gravidez, foi como se seu dom tivesse sofrido uma grande transformação, talvez por causa dos hormônios, mas agora conseguia até ver algumas cores em certas emoções. E naquele instante, Alison emanava um azul que pulsava ao seu redor, lhe dizendo que ela estava hesitando em falar algo.

— Por que não me diz o que quer saber logo?

— O quê?

— Vamos lá, pode falar, antes que eu sinta fome ou alguém chegue.

— Tudo bem, mas não me leve a mal. — Alison se remexeu no sofá ao mesmo tempo em que a outra esticava os pés inchados sobre a mesinha, ficando mais confortável. — Lembro que ouvi que a mãe de vocês não era uma lycan, e que foi transformada. Como isso é possível? Minha mente de cientista não consegue entender como? Se bem que nem entendo metade das coisas que vocês fazem — jogou os braços para o alto, frustrada.

— Tem coisas que é melhor não tentar entender, apenas acredite na magia — gargalhou ao ver a cara de interrogação da amiga com sua resposta. — Mas sim, nossa mãe era humana até encontrar nosso pai. Por isso somos consideradas mestiças por alguns da alcateia.

— E como foi a transformação? — O interesse brilhou nos olhos azuis dela, e ela se inclinou, apoiando os braços nas pernas para escutar melhor, como se estivesse compartilhando um segredo.

— Por que está interessada? Jake está te cobrando para se transformar?

— Não! — Chacoalhou as mãos em frente ao corpo, em um gesto de negação. — Ele nem toca nesse assunto, é um fofo. Mas quando ele solta seu lobo, fico ouvindo seus uivos e sinto que estou negando algo ao animal. Faz sentido?

— Amiga, o lobo ama você tanto quanto o homem. Mas não vou mentir, ele deve sentir falta de sua destinada na forma animal.

Alison afundou no sofá, meio cabisbaixa por ter suas suspeitas confirmadas.

— E dói ser transformada?

— Olha, nossa mãe dizia que a primeira foi estranha, mas não dolorosa — mudou de assento, indo para o lado de Alison, segurando uma de suas mãos. — Lembro que ela amava se transformar — sorriu com a lembrança. — É incrível ter seus sentidos ampliados quando você está correndo em meio à floresta, é impossível não se sentir parte do todo nesse momento.

— Parece ser algo mágico.

— Com certeza é, mas uma coisa é fato: os lobos que são transformados não têm uma consciência à parte de seus humanos — declarou, pensando melhor a respeito, com o dedo indicador batendo nos lábios.

— Como assim? Eles não escutam seus lobos na mente?

— Exato, nós, nascidos, temos personalidades e até vozes diferentes de nossos lobos. Minha mãe ficava feliz em não ter essa habilidade.

— Também vou ficar, já bastam as vozes que eu tenho na minha mente. — Riram juntas da brincadeira.

— Então decidiu passar pela cerimônia de transformação?

— Ainda não sei, mas nossa conversa me ajudou muito. Pelo menos esclareceu algumas ideias. Obrigada.

— De nada. Mas se quiser me agradecer de verdade, quero sua ajuda em um teste quando a Miley voltar. — Luna tinha um olhar travesso.

— Claro, qual é o seu plano?

A regata preta estava colada em seu corpo de tanto suor; ela tinha perdido a noção do tempo enquanto corria pelo bosque, porque sempre que sentia Drula se insinuar, aumentava o passo, na esperança de que se libertasse. Mesmo cansada, com sede e dificuldade para engolir a própria saliva, Miley estava feliz quando entrou em casa, porque tinha quase conseguido trazer sua loba umas cinco vezes naquele dia.

— Voltei, família! — Anunciou, fechando a porta atrás de si.

— Já era hora, quase que não pega sua visita. — Luna surgiu no corredor com Alison atrás dela.

— Alison! — Miley se aproximou com um largo sorriso; estava prestes a abraçar a amiga quando lembrou que estava suada. — Desculpa, se soubesse que vinha, teria chegado mais cedo.

— Não precisa se desculpar, eu que vim sem avisar. — Sorriu. — Mas agora é melhor eu ir andando, não quero me atrasar para o grande

anúncio do Alex. — Alison ignorou a testa enrugada de Miley e se virou para se despedir de Luna com beijos rápidos em sua bochecha.

— Anúncio? Que anúncio?

— Nossa, é hoje? Eu esqueci completamente. — Elas ignoravam Miley de propósito, soltando pequenas informações sem revelar grandes coisas.

— Que anúncio? Falei com Alex esta manhã e ele não me contou nada.

— Ah, deve ter sido porque ele achou que você ficaria chateada por causa da Kate. — Nesse momento, os olhos de Miley saltaram da órbita, e suas mãos se fecharam ao lado do corpo. No fundo, Luna sentia a pontada da vitória.

— Verdade, até porque o anúncio tem a ver com a Kate e ele. — Alison disse, entrando na brincadeira.

— O quê?! Quem é Kate?!

"Também quero saber!", sua loba explodiu em sua mente, trazendo insegurança em seu coração. E se ele tivesse cansado de esperar? E se encontrou uma lycan capaz de se transformar? As perguntas giravam e a atormentavam tanto que levou as mãos à cabeça, tentando parar o caos.

— Miley? Você está bem? — Luna se aproximou, colocando a mão em seu ombro, a pele dela parecia ferro quente. — Drula voltou?

— Ah, com certeza! E ela está furiosa, tanto quanto eu.

As palavras saíram roucas, pelo animal que assumia o controle. Os olhos verdes brilhavam pela transformação, e sua respiração se tornou entrecortada. Miley não queria segurá-la, então deixou fluir. A loba branca rompeu, fazendo as duas mulheres se afastarem, admiradas. Seu plano tinha dado certo; elas só esperavam que Drula não machucasse muito Alex.

A porta da frente abriu; Bryan estava chegando em casa quando foi surpreendido pela enorme loba branca que corria em sua direção. Ele a

reconheceu segundos antes de desviar e dar passagem para ela, que corria livre em direção às árvores.

— Ela voltou? Quando?

— Ele ainda segurava a maçaneta da porta, encostado sobre ela. Olhou para a esposa e Alison sorrindo, trocando olhares cúmplices entre si. — O que vocês aprontaram? — Endireitou-se.

— Vou deixar sua esposa te explicar; vou voltar para casa agora. Fiquei muito tempo fora. — Passou por ele, dando tapinhas em seu ombro, em meio a uma despedida.

Assim que Alison partiu, Bryan fechou a porta e olhou para a mulher redondamente graciosa à sua frente. Tentou parecer sério.

— O que você aprontou?

— Só acabei de ajudar a minha irmã, um leve empurrãozinho. — Ela sabia que ele não estava bravo de verdade, por isso ignorou a cara azeda e se concentrou na sacola nas mãos de Bryan. — O que tem aí? — Apontou com a cabeça ao se aproximando.

— Sorvete de chocolate com pedaços de amêndoas, seu preferido. Só não sei se você está merecendo esse mimo.

— Claro que sim! Eu acabei de libertar uma loba e unir um casal — mostrou nos dedos os motivos pelos quais merecia o sorvete. Ela notou que Bryan tentava não sorrir, mesmo estando de braços cruzados, então jogou a cartada final. — Ah, sem mencionar que estou carregando nosso filho. — O beicinho que ela fez o desarmou de uma vez.

— Ok, ok, você venceu. Leva para a sala, vou pegar uma colher para você comer enquanto faço uma massagem nos seus pés.

— Ah, você é o melhor marido do mundo — roubou um selinho dele, pegando a sacola de sua mão.

— Eu sei!

Alex tinha conseguido reunir membros importantes da alcateia, incluindo seu pai, naquele dia. Estavam todos reunidos na mesa da cozinha, esperando pela grande notícia. Ele estava na cabeceira da mesa, encarando os homens à sua frente, revezando seu olhar sobre eles. O único homem que evitava olhar por muito tempo era Jake, que, com sua perspicácia, sabia que o filho estava tramando algo.

Resolveu que estava na hora de acabar com o suspense, pigarreou chamando a atenção para si, ao notar que alguns deles encaravam a mulher à sua direita, Kate, com cara de poucos amigos. Notou ela se remexer inquieta; sabia que iria colocar um grande peso sobre suas costas, mas estaria atento caso precisasse de sua ajuda. Em um gesto de solidariedade, tocou a mão dela, que estava sobre a mesa, quando todos foram surpreendidos pelo baque da porta da frente sendo derrubada. Imediatamente, se levantaram, prontos para enfrentar o que invadia seu território.

Era o que Alex imaginava, até ver a loba branca entrar na cozinha com pelos eriçados e presas à mostra. Seu lobo vibrou de alegria.

— Ninguém se transforma. É a minha mulher — ordenou ao perceber que alguns começavam a se transformar, e se isso acontecesse, as coisas sairiam do controle. Afinal, algo tinha deixado Drula brava, pois ela não parava de rosnar em sua direção. — Saiam todos bem devagar.

— Filho, tem certeza? — Viu Alex confirmar com a cabeça, sem desviar os olhos da loba.

— Alfa, melhor eu ficar. — Kate se aproximou das costas dele para sussurrar, o que causou um rosnado ainda maior de Drula. Isso fez Alex se dar conta de que a loba estava com ciúmes. Não pôde evitar o sorriso que surgiu.

— Kate, você também deve ir. Devagar e não olha nos olhos dela.

Ela obedeceu, deixando Alex na cozinha com a loba que continuava a avançar de forma lenta na direção dele.

— Drula, estou feliz em te ver. Você nem imagina o quanto — declarou, mantendo um braço de distância entre ele e a loba que andava em sua direção. Permitiu-se olhar rapidamente para trás e percebeu que em breve não teria mais espaço, a parede se aproximava. — Mas agora preciso da Miley, ok? Para que eu entenda o que está acontecendo.

Foi mais fácil controlar o animal agora que estavam sozinhos. Mesmo sendo a vontade de Drula sair à caça da mulher que tinha ousado chegar perto do destinado delas. Em uma fração de segundos, a loba foi embora, deixando a mulher nua, ajoelhada sobre o piso de madeira. Miley se levantou devagar, sendo admirada pelos olhos negros dele, o que a deixou furiosa por sua ousadia em admiti-la assim naquele momento. Vestiu uma jaqueta preta que estava no encosto de uma das cadeiras para esconder o corpo do olhar faminto dele. Ao se cobrir, o cheiro de canela se insinuou até suas narinas, confirmando que a peça de roupa era dele.

— Você conseguiu, lobinha — avançou em direção a ela, feliz, parando antes de alcançá-la por causa do olhar mortal que lhe foi lançado.

— Como você ousa fazer isso de novo?

— Fazer o quê?

— Ia anunciar o quê? Outra noiva? — As perguntas eram disparadas em meio a cutucões ferreiros no peito dele, que andava de costas, tentando evitar o próximo. — Me trocar por aquela mulher? Ela não hesitou em deixar você aqui com uma loba enfurecida, pronta para agarrar você pela garganta.

— Espera, está falando da Kate?

— Isso!

Chegaram à parede, mesmo estando encurralado. Ele não estava com medo; pelo contrário, em seu coração, o orgulho ressoava porque sua mulher estava ali para marcar seu território sobre ele.

— Com ciúmes, lobinha? Quer saber o que a Kate significa pra mim? — Não pôde deixar de provocá-la. Miley bufou de raiva, queria estrangulá-lo e, ao mesmo tempo, beijar aquela boca que mostrava seu sorriso irônico. Se afastou, frustrada.

— Ela é a nova beta do Sul.

— O quê? — Virou-se espantada.

— Era isso que eu estava prestes a dizer a todos, que tínhamos uma beta entre nós. — Ele aproveitou que tinha conseguido sua atenção e se aproximou. — Também ia dizer que estava de mudança — pegou as mãos delas nas dele, entrelaçando seus dedos, ficando a poucos centímetros de distância.

— Pra onde? — Mesmo imaginando a resposta, Miley queria ouvi-lo dizer em voz alta.

— Pro Norte, onde a minha mulher estava — aproximou o rosto na lateral do dela, usando o nariz para inalar o perfume frutado da pele do seu pescoço, subindo e descendo em um movimento torturante para Miley. — Eu ia dar um jeito de trazer Drula pra fora, nem que fosse à marra — sussurrou em seu ouvido, mordendo o lóbulo da orelha no fim. — Saudade de você, lobinha.

Então, seus lábios se encontraram em um beijo sofrido, cheio de saudades e carinho. Em segundos, Miley foi carregada até a mesa da cozinha por Alex. A jaqueta deslizou por seus ombros ao mesmo tempo em que ele beijava o local, arrancando suspiros, deixando a nua sobre a madeira, como um banquete feito apenas para si. As mãos ansiosas dela foram direto para o botão e zíper da calça jeans, mesmo achando que Alex estava vestido demais. Miley ansiava por ele dentro dela logo, afinal, estavam dias sem se verem.

— Agora, marrento, por favor.

— Seu pedido é uma ordem. — Com as calças e cueca abaixadas, ele guiou sua ereção na entrada molhada dela, sentindo deslizar com facilidade, e o calor de pele com pele fez os dois gemerem de deleite.

Miley foi a primeira a se mexer para mudar a posição na mesa, dando melhor acesso ao seu interior. Ele segurou em seu quadril e começou a estocar, o som de seus corpos preenchendo o lugar. Alex trincava os dentes para não chegar ao clímax tão rápido, com a visão dela apoiada sobre os cotovelos, cabeça para trás e aberta sem reservas para ele. Então mergulhou nos seios dela, arrancando gemidos a cada sugada e mordida na pele branca, desejando marcá-la. Miley prendeu suas pernas na cintura dele, trazendo-o mais fundo, dando o sinal para que Alex fosse mais bruto, pois estava prestes a gozar. Bastou mais algumas estocadas para um grito surdo de prazer ficar preso em sua garganta, e ele urrar em êxtase, gozando dentro dela também. Miley caiu para trás, com Alex deitado sobre ela, ofegantes e suados.

— Droga, nunca mais vou conseguir comer nessa mesa sem pensar em você. — Ele conseguiu falar, mesmo que sufocando com as palavras, arrancando uma gargalhada gostosa da mulher que amava.

Epílogo

Um ano depois

Tudo estava mais do que perfeito naquela manhã; o quintal dos fundos da cabana tinha sido decorado com primor. Havia arranjos de mesa com a flor preferida da noiva, copos de leite; cascatas de flores de mosquitinhos preenchiam a pérgola de madeira onde a cerimônia de união seria realizada, e um caminho de pétalas brancas tinha sido feito em direção à floresta que servia de plano de fundo. Denis observava tudo perto da mesa de doces. Alguns convidados, todos lycans, começavam a chegar e ocupar as cadeiras dispostas sobre a grama. No convite, os noivos tinham deixado claro que o branco era a cor escolhida; por isso, ele usava calças e camisa de linho, nada muito chique, casual como a maioria. Desviou os olhos para os pés descalços, sorriu; era uma tradição que não se usassem sapatos em uma cerimônia de casamento, para que a ligação com a natureza fosse sentida através da terra.

Avistou Luna e Bryan correndo atrás do pequeno Noah; soltou uma risada ao pensar que ele não ficaria com as roupas brancas por muito tempo. Estava feliz, pelo menos a maior parte do tempo, concluiu soltando um suspiro penoso enquanto o sorriso morria em seus lábios. Deu as costas para os convidados, focando a atenção na mesa repleta de doces, camafeus e trufas de chocolate, além do bolo de três andares decorado com dois lobos no topo, um branco e outro negro, entrelaçados, lembrando o da lenda do yin e yang.

A dor da saudade, por algo que nunca teve e talvez jamais teria, espremeu seu coração. Se repreendeu por ter pensamentos pessimistas e decidiu se presentear com um doce; isso ajudaria a fazer surgir um sorriso em seu rosto. Então, olhou em volta para garantir que não seria pego.

Roubou uma trufa, dando uma mordida generosa. Gemeu de deleite com o chocolate belga derretendo em sua língua e o licor de cereja.

— Você acabou de roubar um doce antes da festa. — Denis congelou com a outra metade a meio caminho da boca; reconhecia a voz, mas se recusava a acreditar que era ele.

Se virou, ainda incrédulo, mas lá estava o objeto de seus temores vestido de branco, assim como ele, o que destacava ainda mais os cabelos ruivos e suas fofas sardas no nariz.

— E ainda não sabe se livrar das evidências. — Max chegou mais perto; sabia que seria um erro, mesmo assim não resistiu e roubou o pedaço de trufa esquecido dos dedos dele. Levou-o até a própria boca, lambendo os dedos sujos de chocolate derretido, notou Denis engolir seco.

— Quando você voltou? — Enfiou as mãos nos bolsos da calça para evitar agarrá-lo pelo pescoço e beijar a boca dele.

— Bom, fui convidado pro casamento também; na verdade, voltei há algumas semanas.

— Semanas? Estava se escondendo de mim?

— Não, quer dizer……

— Você estava. — Ele não negou de novo; Denis percebeu e ainda coçou o pescoço sem graça, o que lhe confirmava o que já sabia. — Sabe, Max, eu já fiz isso. Me escondia de todo mundo e o pior de mim mesmo. — Chegou mais perto dele, o que fez ele olhar em seus olhos. — Sabe o que ganhei com isso?

— O quê?

— Solidão, tristeza e uma bela úlcera. — O riso de ironia saiu rouco. — Então, se quiser continuar se escondendo, tudo bem, mas eu prometi pra mim que jamais faria isso de novo. Nem mesmo pelo meu destinado.

Ficaram em silêncio com a verdade entre eles, sem saber o que mais dizer um ao outro.

— Denis, a noiva está te chamando. — Luna se aproximou deles, parando ao sentir a onda de sentimentos que pairava ao redor. — Está tudo bem?

— Está sim. Vamos ver a Miley.

Passou, dando um encontrão no ombro de Max, sem se despedir de verdade, pegando Luna pela mão antes que ela pudesse questionar qualquer outra coisa, e saiu pisando duro, concentrado na sensação da grama nos pés descalços, áspera e meio úmida, que o ajudava a se concentrar em algo a mais que seu coração partido.



— Está tudo bem? — Miley tinha o braço encaixado no de Denis, por isso conseguia sentir que os músculos estavam tensos pelo tecido fino da camisa. Ela também estava nervosa, mas era pela visão do homem a esperando no altar. No entanto, tinha certeza de que não era o mesmo motivo que o amigo ao seu lado.

— Não é nada, não se preocupe comigo agora. — Sorriu para a amiga que estava radiante com flores no cabelo trançado; notou que eram margaridas, porém olhando com evidente preocupação. — Melhor eu levar você ao altar antes que ele venha aqui por estarmos demorando tanto. — Denis indicou com a cabeça Alex, o fulminando com o olhar do altar.

Miley decidiu deixá-lo escapar daquela vez, afinal tinha um casamento acontecendo. Meu Deus, seu casamento, pensou, sentindo borboletas no estômago. Caminharam juntos, sobre pétalas no chão, entre as fileiras de cadeiras e todos os convidados, mas ela só tinha olhos para o homem de branco que tinha um sorriso de orelha a orelha esperando por ela.

Um filme começou em sua cabeça, tudo que tinham passado até ali. Todas as provações, medos e incertezas. E isso lhe deu a certeza de que tinha o companheiro certo, pois não só tinham superado tudo como se fortaleceram juntos.

— Por que estava demorando tanto? — Ralhou com Denis quando chegaram no altar.

— Estava tentando convencê-la a fugir — brincou, desviando-se do soco que Alex tentou lhe dar no braço. Miley impediu que ele perseguisse Denis, que foi ocupar seu lugar na fileira da frente ao lado de Alison, provocando risadas de todos os presentes.

— Ok, ok, vamos começar pessoal. — Jake pediu silêncio para que pudesse dar início à cerimônia. — Hoje, com grande alegria, tenho o privilégio de unir não apenas essas duas almas, destinados antes do nascimento, mas também suas alcateias. — Todos ficaram em silêncio, escutando as palavras calorosas do antigo alfa, enquanto os noivos de mãos dadas, de frente um para o outro, trocavam olhares apaixonados. — Aqui, com parte de suas alcateias como testemunhas e a natureza também, vocês devem jurar ser fiéis um ao outro. Vocês juram?

— Juramos! — responderam juntos, enquanto Luna e Bryan, os padrinhos de ambos, rodeavam o casal com o laço da união.

— Juram ser leais?

— Juramos! — A cada novo juramento, mais o laço era apertado, aproximando os.

— Juram ser verdadeiros um com outro?

— Juramos! — Estavam próximos o suficiente para que as pontas de seus narizes estivessem coladas um no outro, eles não deixavam de sorrir.

— Agora vem a parte divertida da coisa. — Jake esfregava as mãos uma na outra, animado pelo próximo passo. — Alex, você precisa conseguir pegar sua mulher.

Gritos de incentivo estouraram entre os convidados. Miley deu um sorriso travesso, soltando sua loba, o laço caiu aos pés de Alex enquanto ele assistia ela correr livre para a floresta, seu coração disparava de felicidade por finalmente estarem casados. Sentia-se sortudo por ela tê-lo aceitado.

— Filho! Corre, garoto. — Alex voltou à realidade de que precisava alcançá-la, senão a cerimônia não estava completa, o que incitou seu lobo a

sair à caça.

Em instantes, Darius estava em seu rastro, em meio aos uivos dos convidados. Suas patas agiam por instinto, correndo cada vez mais rápido, e o aroma de pêssegos dela incitava o animal nele. Então ele a encontrou em pé no alto de uma das colinas, em sua forma humana, cabelos soltos ao vento, olhando a paisagem à frente.

— Algum problema? — Uniu-se a ela no topo, entrelaçando suas mãos, ficando ao seu lado. O vento acariciava seus corpos nus, mas o frio era a última coisa que ele sentia, olhando para a mulher com algumas margaridas perdidas em meio ao cabelo bagunçado.

— Não, só estou feliz. — O sorriso torto estampou seu rosto ao olhar o homem que chamaria de marido para toda a vida.

Alex a segurou pela cintura, de frente um para o outro e de testas coladas, respirava em sintonia, sentindo como sua ligação estava ainda mais forte.

— Às vezes eu nem acredito que você está em meus braços, ao meu lado — admitiu Alex.

— Sempre. Eu estou bem aqui.

— Agora e sempre? — Ele viu a determinação reluzir no verde dos olhos dela.

— Agora e sempre!

Agradecimentos

Agradeço a você, leitor, que chegou até aqui e deu uma chance para essa história que habitou em mim durante anos. Espero que meus lobinhos tenham deixado você com um sorriso no rosto no final e a sensação de acalento no coração.

Obrigada e até a próxima aventura.